BOOK CARD

Please keep this card in
book pocket

ARTAS-DA-AFRICA, 1K

THE LIBRARY OF THE
UNIVERSITY OF
NORTH CAROLINA

LUX
LIBERTAS

ENDOWED BY THE
DIALECTIC AND PHILANTHROPIC
SOCIETIES

DT12
.K66

MANUEL KOPKE

Cartas da África

Ao serão, contam-se histórias de roda do fogo...

Kopke, I

1895—1915

CARTAS DA ÁFRICA

THE CELLAR BOOK SHOP
18090 WYOMING

IMPRENSA MODERNA
R. da Fábrica, 80 — PORTO

1895—1915

DT 12
.K66

CARTAS DA ÁFRICA

Trechos de cartas e de cadernos de apontamentos de um Sertanejo, respigados ao acaso

POR

M. KOPKE.

LIBRARY
UNIVERSITY OF NORTH CAROLINA
CHAPEL HILL

3

Á MEMÓRIA

DO

Conselheiro Doutor Ernesto Kopke da Fonseca e Gouveia

† em 7 de Março de 1915.

3253 153

AOS QUERIDOS AMIGOS

Dr. Américo Herculano de Azevedo Campos

e

Capitão-Tenente Ernesto de Lencastre

Pôrto, 1926.

M. KOPKE.

Caro Ernesto:

Aínda te lembras daquêle nosso antigo companheiro, condiscípulo e amigo, o M..., que um belo dia, aí por 1895, nos surpreendeu com a embasbacante declaração, de que ia para a África?...

Passado o primeiro e natural espanto, logo nos lembrou que era uma das suas costumadas «Bôlhas»; *e convencidos realmente que de* «bôlha» *se tratava, rimos-lhe nas barbas (por tal sinal aínda ausentes então nas nossas caras), e êle riu connosco e de tão bom grado o fez, que de todo nos convencemos que em tal não pensava... pelo menos a sério.*

Pois era sério, e se bem o disse, melhor o fez!

Num belo dia dêsse Julho abrazador, que foi o de 1895, abalou sem deixar de rir, sem se despedir e sem nos dizer onde, a que ou porque ia!...

Creio mesmo que nunca o disse a ninguém e ninguém também o adivinhou... quem sabe?...

Ora um dia, já lá vai tanto tempo, recebi entre outro correio uma carta da África, que, como é natural, me chamou a atenção. Era de M..., datada nem já sei de quando e escrita nem sei onde...

O mesmo sempre; não escrevia, conversava e o caso é, que as suas cartas, umas longas, outras curtíssimas; umas escritas com muito vagar, outras mesmo a lápis e sôbre o joelho; com intervalos enormes umas e sucedendo-se em curto praso outras, mas sempre interessantes, foram-me chegando dos mais variados pontos daquela enorme África, durante vinte anos consecutivos!...

Depois... nunca o correio me tornou a trazer carta sua...

Remexendo agora desordenada papelada, deparam-se-me as cartas; reli muitas delas ao acaso, sem olhar a datas e deram-me ganas de transcrever algumas, ou melhor, trechos delas e de alguns apontamentos, que me pareceram mais interessantes, ao acaso também, sem seguir ordem cronológica ou qualquer outra e sem também lhes mudar uma vírgula.

A ti, estou certo, que tendo-o conhecido, sendo dos amigos mais queridos do M..., e tendo demais andado como andaste por essas terras, "por onde Deus nunca andou„, vai interessar a sua leitura; e se a mais alguém eu conseguir interessar nela por uns momentos, considerar-me hei, pela minha parte, generosamente pago do insignificante trabalho que me propuz.

Resta-me, porem, saber (e como o saberei eu?), se a boa intenção com que o faço, será de molde a fazer perdoar o meu procedimento, infringindo a recomendação bastas vezes repetida nas cartas do desaparecido sertanejo:

— "Nunca te esqueças que só para ti escrevo e... por isso escrevo.„

Pôrto.

M. Kopke.

Quem escreve, não pode contentar a todos; e não fará pouco, se de poucos fôr taxado, que todos querem emendar e mui poucos escrever.

GARCIA DE REZENDE.

POUCAS PALAVRAS

Afim de tornar fàcilmente compreensíveis alguns termos e passagens que se encontram no decorrer das «cartas e apontamentos» que se seguem, nos quais o autor emprega palavras, nomes gentílicos ou termos de menos fácil compreensão, tentamos coligir as notas explicativas que ao diante se podem ver em apenso.

Para elas recorremos às próprias explicações, que umas vezes a nosso pedido, outras expontaneamente, o próprio autor nos forneceu em tantas outras cartas que seria impossível publicar na íntegra.

Só com tal auxílio pudemos elaborar as notas, «sem meter foice em seara alheia» e sem correrm̃os o risco de, pela ignorância das matérias versadas, que confessamos sem rebuço, sermos forçados logo de começo a desistir da «empresa»...

Julgamos com essas notas proporcionar um interessante auxiliar a qualquer leitor das «cartas e apontamentos»...

Se nos enganamos, que a boa intenção nos faça perdoar o êrro.

M. K.

UM GATUNO...

(TRISTE FIM DE UM LEÃO)

UM GATUNO...

Muito pertinho de Caconda, quási fazendo parte da povoação, havia ao tempo um lugar, que geralmente era conhecido em português, pelo nome de «Péssinha». Êste nome tem a sua origem na palavra N'bunda, Éssinha ou Qu'éssinha, que significa a margem oposta (de rio ou regato), áquela em que estamos; de forma que tanto pode ser a direita como a esquerda. A «Péssinha» de Caconda estava realmente *do outro lado*, isto é, na margem direita de um regato, relativamente à povoação que se estendia pela margem oposta e daí a razão de ser do seu nome.

Dava-se, porém, o caso, que os da Péssinha (gentios) estando lá, se referiam a Caconda, dizendo também qu'éssinha, do outro lado. E tinham razão, porque Caconda era tanto Péssinha para êles, como êles para Caconda tendo em vista o verdadeiro significado da palavra.

Mas deixemos os habitantes pretos e mulatos de Caconda e Péssinha, tirarem-se de embaraços como puderem, quando de tal baptizado lhes advenham mal-entendidos. Pela minha parte e para evitar confusões, prometo só empregar a palavra «Péssinha» como nome próprio daquêle lugar e portanto com maiúscula.

Posto isto voltemos ao nosso caso, que por acaso é uma verídica história passada na dita Péssinha e cujos

protagonistas, embora mortos há já bastantes anos, decerto terão ainda viva algures, descendência sua. Natural é, também, que haja ainda vivas pessoas que, como eu, sejam contemporâneas do facto que pretendo recordar e tenham mesmo conhecido pessoalmente o seu principal figurante.

Ora, como ia dizendo, havia ao tempo e é provável que ainda haja, defronte mesmo de Caconda, *da outra banda*, quási na nascente do Candjabela, um pequeno lugar com cêrca de uma dúzia de palhotas, que dava geralmente pelo nome de «Péssinha».

Gentes variadas em côres, costumes, génios e línguas, para ali viviam em palhotas mais ou menos amplas, umas com certo ar arranjadinho, outras a desmantelar-se, ameaçando acabar de cair com o primeiro encontrão do mau tempo. Todos ali viviam em paz e boa camaradagem, gentes, porcos, galinhas e algumas cabras, sem embargo do que, grossas zaragatas se desencadeavam de quando em vez, não passando, felizmente, na mór parte dos casos, de torrencial palanfrório e gritaria infernal, que raro levava os pacíficos péssinhenses, êles ou elas, a vias de facto. Tanto assim que, nunca o *risonho bairro* precisou policiamento, prescindindo até as suas *ruas*, de qualquer iluminação, que não fosse a da Lua, quando a havia, tão morigerados e honestos eram seus moradores.

Em uma das habitações, que pela sua maior amplidão e o luxo de alguma janela (olhando às suas dimensões não deviam levar a mal que lhe chamasse postigo), logo chamava a atenção do problemático transeúnte, morava então o Sr. Joaquim Tomé, creio que era assim a sua graça, mais conhecido por Joaquim Camarada, ou simplesmente, o velho Joaquim. Homem de bastante idade, rijo ainda, não obstante os seus cabelos brancos, honesto e trabalhador, lá ia amanhando o seu bocado de terra,

plantando a sua horta e mesmo fazendo o seu bocado de aguardente de cará, com que fazia face às suas resumidas necessidades de homem desambicioso, que daquilo fizera a sua terra, onde esperava sossegadamente morrer de velho, como realmente morreu.

Quem há que tendo vivido ou passado com alguma demora por Caconda, aí pelos fins do século passado, não tenha conhecido aínda tôdas essas figuras, inseparáveis do nome de Caconda, que são por assim dizer a sua heráldica e que davam pelos nomes de Joaquim Camarada, Leandro, o caçador, Inocêncio, o amputado, Barreira, o do pavilhão chinês (que todos os oficiais do Sámacáca conheceram), Conceição, Zé Maria, Joaquim Batata, Casimiro, o das Pedras Negras, Caningue França e tantos outros, sem falar, já se vê, das legítimas celebridades, como Rafael, Lança, o cego, Vinte e dois, vulgarmente o Zé da Silva, Domingos Martins, Jordão, e quantos outros que nunca acabaria de nomear?

Todos teem a sua história e muitas histórias mesmo cada um, mas essas deixo-as de bom grado à proficiência dos seus biógrafos ou a quem um dia faça a história cómico-picaresca de Caconda, podendo garantir-lhes que, quem tal se propuzer fazer, com a precisa meticulosidade, será uma nova Nau Catrinêta... terá muito que contar.

No nosso caso e mesmo para mim, ao menos por agora, só o velho Camarada interessa e portanto voltemos a êle quanto antes, que já basta de transviamentos.

Era homem de poucas carnes e mediana estatura; criatura modesta e de boas contas, sendo prestável para todos e de todos estimado. A tôdas as portas parava para dar dois dedos de cavaco e alguma receita se calhava, não recusando mesmo um copito se lho ofereciam, que comprado não, quando adregava de sair do seu buraco e atravessar a povoação, arrastando as grandes e velhas

botas de cano, com cujo pêso, as suas cansadas pernas já mal se conformavam.

Tivera em novo certa aura de valentão e seus quês, segundo parece, com a justiça lá da terra.

—Nada de vexante! Rapaziadas... coisas de bordoada! Agora, tomara quem o deixasse com as suas batatas, mail'a bicharia que o entretinha...

Criava os seus bácoros e belas galinhas, quási tôdas da raça böer. No quintalório tinha por isso várias dependências, afora as palhotas dos seus apaniguados, que poucas eram, destinadas a porcos, cabras e galinhas; estas, na sua maior parte por lá dormiam como é velho costume, encarrapitadas por onde lhes puxava a fantazia ou anichadas pelos cantos, as menos moinantes. Não que êle gostasse de as ver assim por lá ao Deus dará, mas se ninguém as apanhava?! Eram bravias como bichos do mato.

Pelo tempo, andava êle a fazer de par c'o limoeiro, que é saudável, mesmo abaixo da sua habitação, quási pegado, um casinhoto maior e seguro, para ver se ao menos os melhores bicos se habituavam a dormir naquêle abrigo. —Que o Diabo às vezes também as tece...—Para isso, a casa que estava já coberta a côlmo, tinha uma porta por onde podia entrar uma pessoa e uma janelita pequena no alto, para elas entrarem e sairem por lá sem ser preciso deixar a porta aberta; lá estava o limoeiro para ajudar a subida.

Estava quási pronta, faltando apenas pôr barro nas paredes. Até já tinha posta a porta, com sua fechadura e tranqueta...

Tudo corria naquela santa paz, quando um belo dia o velho Camarada, começou de notar que as suas ricas galinhinhas, que êle nem comia por tanto lhes querer, se iam sumindo pouco a pouco, sem lhes atinar com o sumiço. Hoje era a pedrês; amanhã aquela amarelaça, tão boa

poedeira; além, eram duas das melhores gorduchas do rancho e assim, um pouco uma, logo duas, se ia desmanchando aquela tropa cacarejante, que tanta freima dava ao pobre Camarada. O homem nem andava em si de desgostoso...

— Nan qu'êle, até pareciam artes do Diabo... t'arrenégo!

Primeiro foi a cobra quem pagou com a fama... mas quê? A cobra mataria, mas comer galinhas que eram como patos?... e tantas!? Não! Isso não entrava na cabeça de um cristão. Demais a Cuiba (Nája), que é das cobras a que mais gosta de rondar as casas e as capoeiras, é tôda maldade e destruição; cospe a sua baba e cega ou pica e mata, que em galinhas então a morte é fulminante... Mas comer não, que para ali fica tudo estatelado, a arroxear-se logo na podridão do seu veneno.

Depois culparam o gato bravo (o Chissué), mas êsse deixa penas, deixa rasto... e nada aparecia por aquelas redondezas tôdas, que o pobre velho tinha esquadrinhado, vasculhando tudo dias seguidos sem qualquer resultado.

Aos vizinhos algumas tinham faltado também; mas essas nem valiam a crista da mais sòmenos do tio Joaquim e como poucas tinham, traziam-nas debaixo de ôlho e logo ao entardecer as metiam dentro de quindas ou panelas em casa, só as soltando no outro dia, sol alto. Da outra bicharia, só um borreguito do Chipandéca, que por desleixo ficara amarrado numa noite ao cercadito do tabaco, levara sumiço como as galinhas, sendo baldados todos os esforços para topar com qualquer rasto.

Dessa feita foi Caningue o culpado, embora ninguém désse razão de o ouvir por ali há muito tempo. Já mesmo ninguém pensava em tal. Camarada é que não se conformava com aquela razia, nem descansava se não descobrisse o seu autor. Era demais. O homem nem andava em

si de tanto matutar; até parecia outro e um dia que uma vizinha lhe disse:

—Isso são as almas do outro mundo, angála Camarada!

Êle resmoneou por entre dentes:

—Ná! se são almas, são dêste mundo, que as do outro não comem galinha.

E é que já lhe tinha vindo aquela ideia e nunca mais lhe passou; aquilo era gente; por ali andava gatuno.

E nunca mais deixou de magicar da mesma sorte.

—É gatuno!

Começou de percorrer com desusada freqüência, durante o dia, as diversas lojas da terra, *às vozes,* a ver se alguma coisa pescava que lhe desse um indício do gatuno, mas nada adiantava. De noite escutava, vigiava e mal dormia, com aquela ância de surpreender o suposto gatuno, que era agora o seu verdadeiro Cabrion, mas nada... As noites corriam em parte luarentas aínda, embora a Lua se findasse já, sendo por certo mais propícias para o esculca, que para o ladrão.

Talvez por isso, durante os últimos dias nada de anormal se passara; as noites só eram desassossegadas para o velho Joaquim que as levava de vela, emquanto lá fora tudo era paz. E de manhã lá ia varificar, que nenhuma outra galinha faltava à chamada... Se com isso tinha prazer, por outro lado todo se abespinhava intimamente por o ladrão não voltar e assim se diminuirem as esperanças que tinha de o caçar.

Que êle não lhe queria fazer mal, nem disso era capaz, mas tão sòmente ter o prazer de o apanhar, conhecê-lo e dar-lhe duas taponas, que aquilo até era fazer pouco dêle por ser velho.

Finalmente certa noite, em que já sôbre a madrugada mestre Joaquim Camarada, cansada a cabeça de

tanto matutar, adormecera vestido e calçado sôbre a mutála que mal aquentara aínda com o corpo estafado de tanta vigília e noites mal dormidas, algum ruído no quintal o despertou em sobressalto. Lesto se sentou e escutando, depressa se convenceu que ouvira bem... Fora, ao rés da porta alguém passou, com passo leve e cauteloso. Nos bicos dos pés, como moço, mais que como velho, acercou-se da janela que deixara entreaberta e mirou no escuro piscando os olhos, com o coração a trambulhar no peito, a ver se descobria qualquer sombra ou ouvia novamente algum ruído.

A noite estava escura e nada viu. O tio Joaquim, apesar dos anos, aínda não era pêco nem medroso e demais, aquela raiva que trazia consigo, a roê-lo há tantos dias, nem o deixava considerar em nada. Pé ante pé, com todo o geito para que nenhum ruído o descobrisse, suspendendo quási a respiração, abriu a porta mal cerrada e saiu para o quintal. Prescrutou as sombras, esfregando os olhos para ver melhor e um pouco avançando lentamente, ouvido à escuta, outro pouco agachando-se para melhor prescrutar a treva, ficava imóvel, para perceber sem ser percebido.

Assim se ia esgueirando, procurando as partes mais sombrias do quintal, para mais fàcilmente surpreender o nocturno visitante... se é que o havia. Passavam-se minutos que pareciam quartos de hora e nada aínda; nem o estalido de uma fôlha sêca denunciara a presença do que quer que fôsse. Teria o intruso, homem ou animal, percebido que o espiavam e por sua vez espiasse também de qualquer recanto mais escuro, onde tivera tempo de se acoitar sem ser presentido ou teria sido enganado o ouvido, já naturalmente um pouco duro do velho Camarada, pelo voejar pesado de qualquer *chihuculo* que passara e fôra sempre seu caminho de vagabundo nocturno?

Nesta altura, acocoradon uma sombra, quási defronte da palhota que andava a construir para as galinhas e a cinco passos do limoeiro, Joaquim Camarada já quási desanimado, fazia talvez com os seus botões, considerações análogas. Estava a ponto de se levantar e recolher a casa com mais aquêle desapontamento (e quantos já tinha tido) quando à sua vista já bem habituada à escuridão, pareceu descobrir um vulto imóvel, mesmo ali a poucos passos na sua frente, em meio do terreirito que ficava entre si e a casa das galinhas. Não havia a menor dúvida, alguém ali estava... Cautelosamente, engatinhando com mil precauções para não ser pressentido, não fosse com um minuto de precipitação perder tanto tempo de trabalho e espantar o gatuno, que agora tinha a certeza que o era e tinha-o ali quási na mão, foi-se chegando. Quando a proximidade lhe permitiu distinguir bem o vulto, dando-lhe os seus olhos a certeza de que realmente se tratava de um homem, a recordação saudosa das suas ricas galinhas, que iam ser vingadas finalmente, deu-lhe alma nova e remoçado ergueu-se de um salto; em menos tempo do que eu levo a dizê-lo, uma formidável bofetada desabava sôbre o atrevido ratoneiro, emquanto Camarada exclamava triunfante:

—Ah! ladrão que te apanhei!

Um urro formidável, um autêntico e tonitroante urro de um autêntico e respeitável leão reboou pelos ares, acordando num susto todos os pacíficos péssinhenses e fazendo tremer as palhotas, como se as sacudisse um terramoto.

Era a resposta ao insulto!

O velho Joaquim Tomé, vulgarmente conhecido por Joaquim Camarada, tinha esbofeteado um leão!!!

Foi com certeza o primeiro homem e naturalmente será o último, que possa gabar-se de tal proeza.

Ao receber em pleno rosto e à queima-roupa, aquêle inesperado e nauseabundo bafo, com o medonho acompanhamento daquela atroadora trombeta, que com certa razão julgou ser a do juízo final, mestre Joaquim não teve mais do que o tempo preciso para se precipitar para dentro da cubata em construção, visto que o leão seguindo-o, nem um minuto lhe deu para pensar. Em vista da *caça* se ter arvorado agora em *caçador*, não teve o ex-caçador outro remédio senão aceitar o papel que lhe era distribuido *(de caça)* e como tal defender-se fugindo, visto que de outros meios de defeza não dispunha. Assim, emquanto o leão entrava pela porta, Camarada saía pelo postigo, por onde o leão não caberia, com uma ligeireza de que o julgaríamos incapaz e de que realmente nunca mais deu provas.

Descendo com o auxílio dos ramos do limoeiro, que como dissemos se encostavam ao casinhoto, correu, podem crer, correu (pois se o medo até dá ásas) à porta que fechou ràpidamente, correndo a tranqueta e barricando-a o melhor que pôde, emquanto o leão lá dentro, pensava talvez na forma mais prática de passar o corpanzil também pelo postigo, para o caçar... Já então acorriam os vizinhos aos gritos de Camarada, a quem a aventura tinha rejuvenescido milagrosamente, sem excluir os pulmões, pois berrara sempre como um possesso, durante tôdas as evoluções.

Reconhecia a situação do engaiolado, que começava a mostrar o seu desagrado rosnando surdamente, emquanto uns asseguravam o barricamento da porta, outros, os armados com armas de fogo, rompiam o bombardeamento... Pelos interstícios dos paus que formavam as paredes, não barreadas aínda, introduziam as pontas dos canos e... fogo. Recuava-se para carregar e novamente se voltava a carga, sendo constantemente engrossado o

número dos atiradores com os que de novo iam chegando, atraídos pelo constante tiroteio.

Quantos tiros se deram decerto ninguém sabe, mas o que posso garantir é que foram os bastantes para alarmar Caconda tôda, que acordou sobressaltada aos gritos de:

— Os cuhanhamas! os cuhanhamas!

Felizmente o dia vinha rompendo, pondo termo ao tiroteio e... aos sustos. Pôde então verificar-se que o leão jazia (naturalmente há muito tempo) num lago de sangue, crivado de balas e zagalotes, (e nem tudo tinha acertado) quási negro de pólvora e morto, muitas vezes morto.

Joaquim Camarada estava salvo...

Quando clareou completamente o dia, pôde constatar-se que se tratava de um pobre leão vèlhíssimo, quási pelado, presas gastas, dentes escalavrados, unhas encravadas e rombas, emfim, uma verdadeira ruína de leão...

Assim se explica que impossibilitado de caçar, trôpego, esfomeado e desarmado, se sujeitasse, oh! humilhação das humilhações! a caçar galinhas... Só assim se compreende que tendo recebido a bofetada, a não retribuisse com a prontidão que exigia a sua dignidade de leão.

Pobre leão! recebeu-a como gatuno e gatuno de galinhas!

Mas Joaquim Camarada tinha vingado as suas galinhas...

Capele, 19...

MORTO DE SUSTO?

(A PESTE)

MORTO DE SUSTO?

(A PESTE)

Parecia que um vento de maldição, varria não só Angola, mas a maior parte do continente negro. Pairava o veneno no ar, chegando a tôda a parte, atravessando rios, passando vales, galgando montes, penetrando matas, cortando plainos, sem conhecer obstáculos, sem haver barreira que lhe atrazasse a marcha, nem fôrça humana que pudesse gritar-lhe:—Pára! Não havia canto por mais afastado ou escondido, por mais isolado e inacessível em que se refugiasse ou existisse gado, onde não penetrasse o veneno maldito, aquêle ar de morte e podridão. Pois se o vento o levava ou era êle o próprio vento?! E onde é que não vai o vento? Ás entranhas da terra, talvez? E como poderia descer o pobre gado às entranhas da terra, para lá buscar a salvação que debalde procuraria na sua superfície? E mesmo... francamente... nem sei... E morriam, morriam às centenas, aos milhares dia a dia, hora a hora, por tôda a parte, até nos lugares onde nunca penetrara alma humana. Aos montes; caiam aos montes uns sôbre os outros, os pobres bichos. Sem que tenham já a menor noção de distância entre viver e morrer, para ali se conservam numa promiscuidade horrorosa, os vivos de mistura com os mortos, cadáveres já frios em decomposição

amparando os vivos aínda mas já contaminados, em meio daquela podridão monstruosa.

Os vermes transitam livremente sôbre aquêles montes de carne, já meio putrefacta em vida. De sôbre aquelas montanhas de podridão semi-viva, levanta-se um nevoeiro de peste, um cheiro nauseabundo que mal se suporta... A pouca altura torna-se nuvem, adensa-se, anima-se, fervilha por assim dizer e um zumbido descomunal, ininterrupto, enervante, faz-se ouvir... São varejeiras; milhões, biliões de varejeiras, em que se transforma constantemente aquela nuvem, aquêle cheiro pestilento que ininterruptamente, como um vapor, se ergue dêsse montão de carne em decomposição.

E tornam a descer a semear o verme, que se produz, cresce miraculosamente e no mesmo instante envelhece, morre, vindo juntar a sua podridão nojenta a tôda aquela asquerosidade. E aquela nuvem sempre a subir em vapores de morte e a fazer-se vida em milhões de môscas, que descem novamente em escura nuvem de reflexo metálico-azulado, zumbidora, tremenda, horripilante, a pousar, a semear novos milhões de vidas, que são vermes, que são morte revivida... E tudo a desfazer-se em escorrências inqualificáveis, viscosidades de côres que ninguém nunca pintou; vómito monstruoso, vómito horrível de guela descomunal. E aquêle zumbido, côro de gemidos, vai aumentando sempre, como se me aproximasse de longínqua cataracta.

Aquela nuvem cada vez mais densa, cada vez maior, ameaçava cobrir a terra tôda, esconder o sol. Já eu estava na sua sombra... Ouvia mesmo fervilhar nas carnes miríades de vermes e aquelas escorrências inqualificáveis ameaçavam alagar-me. Já sentia na fronte o vento produzido por aquêles triliões de ásas, que se agitavam com uma velocidade louca, produzindo sempre aquêle zumbido

que eu ouvia como um dobre de finados, que centenares de sinos afastados espalhassem pelo ar...

Já uma, dez, milhares delas me pousavam! Horrôr! Não é nuvem, é uma mortalha; é o próprio manto da morte, é a morte mesma... Vão pousar tôdas, vão cobrir-nos de vermes, transmitir-nos talvez a podridão que é o seu próprio ser... e cada vez sinto mais de perto êsse vento empestado, essa mesma peste, de que são as portadoras, lambusar-me a cara!

Sinto-o bem; é frio, gelado mesmo e... vão cair sôbre mim as desalmadas.....
.....
.....

—Então, como vai isso?

—Leva a riba!

Foram aquela pregunta e esta exclamação, espécie de voz de comando, que saudaram o meu despertar... Porque eu estava a dormir e bem ferrado, embora o sôno fosse desassossegado e cortado de sonhos e pesadelos. O sôno pesado da febre. Era portanto dormindo que pela minha pobre cabeça, dorida e atordoada aínda de uma valente sezão, passava tôda aquela complicadíssima moxinifida, que serve de *intróito* a esta carta e de que certamente nada perceberias, sem a precisa explicação.

O sonho ou sonhos, aparentemente disparatados e absurdos que procurei aproximadamente reproduzir, no caso presente teem sua razão de ser, ou antes, teem racional explicação.

Como deves saber, pois creio ter-to dito já em carta anterior, a peste bubónica honra-nos com a sua porca visita. Da África do sul saiu, parece e com tal rapidez alastrou, que tendo dizimado formidàvelmente já todos êsses enormes sertões, intermédios entrou em Angola e pode dizer-se que ao presente, já raro é o canto desta província onde

não penetrasse tal peste e fizesse o seu destrôço, que é quási total por onde passa.

Como e por onde veio, não sei. Pelo ar, pelo chão, com o vento ou com a môsca? ... A quem competir que averigue. Pela minha parte contento-me em constatar o facto consumado, que, infelizmente, está mais que tristemente constatado.

É uma razia medonha, quási geral. Nem tu podes fazer uma leve ideia. É simplesmente horroroso, desolador.

E a vacina?, preguntarás ...

— ?!

Vamos ficar quási sem gado e para muito tempo; mas em uma terra como esta, podemos ter a esperança de (valha-nos isso) o ver reproduzido sem qualquer esfôrço estranho, só com os recursos próprios e numa abundância relativa, em praso relativamente curto.

Ora não admira, que, andando há tempos, quási diàriamente no meio dessa mortandade enorme, indescritível mesmo e suas naturais mas monstruosas conseqüências, à minha cabeça apetecesse aproveitar o sôno agitado de uma febre, para transplantar para sonhos e pesadelos, algo macábros, o que em dias consecutivos me vinha impressionando a retina, a pituitária e porque não ... os nervos. E ... para que a tua curiosidade me não obrigue amanhã a descer a minúcias descritivas sôbre tanto horror e porcaria, desde já te digo ... que te contentes com o sonho.

Já que nisto falamos, vou contar-te uma partida que nesse mesmo dia, hora e meia talvez depois de despertar, presenciei e que tem com o sonho certa relação.

Contada por mim vai perder cinqüenta por cento, mas tu lhe restituirás o cómico todo, se a contares a terceiro.

Voltemos pois, ao ponto em que despertei ou foi

interrompido o meu sonho, quando me acordaram. Eram cêrca de duas e meia da tarde. Estavamos em um improvisado acampamento, na sombra de algumas árvores frondosas, que se debruçam sempre-verdes sôbre um minúsculo regato, que vai tornar-se lá para baixo, num dos maiores rios de Angola.

Digo estavamos, porque eramos três os europeus, e outros tantos pretos. Além de mim e do meu companheiro e amigo Duarte, que tínhamos saido juntos de casa, estava também um bem ilustre e conhecido missionário francês, da Missão do Polente, cujo nome não faz para o caso, que encontramos de caminho e que seguindo quási o mesmo destino, tivera a amabilidade de aceitar a nossa companhia.

Como a viagem não era longa, cinqùenta e tantos quilómetros apenas e contavamos além disso com pousada amiga para pernoitar, saimos de casa ao amanhecer, levando apenas farnel para, emquanto se passava a hora de maior calma e os animais tomavam folgo, manducarmos à laia de almôço. Tomára-me no caminho violenta febre, que fôra *curtindo* (1) o melhor possível, emquanto o animal ia fazendo a sua obrigação: seguir os companheiros. Aproveitando o «alto», feito no improvisado acampamento, emquanto os meus companheiros faziam as honras ao nosso almôço frio, eu contentei-me com café e fui deitar-me na relva o mais còmodamente possível, fazendo travesseiro do selim, para acabar de *tremer* a sezão.

Ao cabo veio a reacção e com ela o sôno que se lhe costuma seguir acompanhado de abundante transpiração e que marca o fim das simpáticas companheiras de África. Era portanto ao despertar dêsse sôno que se me dirigiam

(1) Termos geralmente usados entre africanistas: «tremer uma sezão» ou «curtir uma febre» (esperar que passem). N. do A.

os dois companheiros, ou por outra, eram êles que me acordavam, por serem horas de continuar a marcha.

Realmente eram bem horas de nos pôrmos novamente a caminho, para alcançarmos antes da noite os nossos destinos. Com a cabeça muito fora da ordem aínda e a boca a saber a trapos, lá fui cavalgando como os outros e... vamos embora.

Aproximavamo-nos de um outro ribeiro, quando ao sair de uma volta do caminho os dois cavalos que iam à frente estacaram, obrigando o meu a fazer o mesmo. A princípio não percebi de que se tratava; mas vendo apear ràpidamente o missionário que soltava do arção a sua arma, antes de pronunciar qualquer palavra olhei para Duarte, que, conservando-se a cavalo, segurava já as rédeas da montada do outro cavaleiro, interrogando-o com a cabeça.

A resposta foi indicar-me uma ponta de mato, que muito próxima do ribeiro se estendia à nossa esquerda. Realmente olhando para lá, distingui alguns vultos deitados e um em pé. Era caça; uma manada talvez numerosa, em parte encoberta pelo mato e da qual algumas peças se deixavam ver fora do mesmo. Afirmando-me melhor, distingui mesmo a enorme cabeça e a fortíssima e fechada armação de um búfalo que se conservava em pé, junto dos companheiros deitados. Entretanto S. Rev.ma já na posse da sua 303, tinha-se sentado e apontava demorada e cuidadosamente. O búfalo fez um pequeno movimento com a cabeça e S. Rev.ma que era bastante nervoso, fez por sua vez um movimento com a arma, emquanto uma leve sacudidela do alvo capacete, indicava o seu desagrado ou impaciência por aquela irreverência da vítima... Nós estavamos suspensos, como é costume em tais casos. O animal voltara à sua imobilidade de estátua; por mais que o fixasse, não fôra aínda capaz de descobrir o menor

movimento seu nem tão pouco de qualquer dos companheiros. Nem o característico e compassado pendular da cauda para enxotar as môscas. E não era por não as haver ali, pois os nossos animais e nós mesmos estavamos fartos delas.

Tudo isso me parecia um tanto extraordinário, mas... S. Rev.ma achegava melhor a arma à cara e novamente apontava com cuidado...

Nós fixavamos a caça, a fazer doer os olhos, esperando em cada segundo ouvir a detonação e vermos o efeito da bala. Positivamente o caçador tinha hipnotizado a caça ou ela era de uma condescendência estranha, pois nem sequer reparava na batina e capacete branco bastante berrantes e bem visíveis mesmo de longe.

Nisto o búfalo, que se tinha conservado imóvel até então, caiu como uma massa inerte, repentinamente. Todos exclamamos à uma:

— Morreu! Morreu!

S. Rev.ma que se levantara de um pulo, gritava, voltando-se para nós como quem se desculpa:

— Mas eu não atirei!...

E a certificar-nos do que dizia, abriu a culatra de onde saltou o cartucho intacto, que apanhou, mostrando-o nas pontas dos dedos:

— Mas eu não disparei! Não cheguei a atirar! O cartucho está aqui... dizia sempre.

— Então morreu de susto, observou um.

— E morreram todos, disse outro, visto que nenhum se mexe, apesar do barulho que vamos fazendo...

Pasmo geral!...

Olhavamos uns para os outros sem atinar com a explicação do que se passava. Nenhum de nós tinha reflectido, ao ver cair o búfalo, que o tiro não chegara a partir, visto ninguém ter ouvido a detonação... Descrever a

expressão, mixto de espanto e protesto, do bom missionário, olhando-nos por forma que todo o seu rosto formava um vivo ponto de interrogação, seria impossível.

Ninguém à primeira vista percebia a razão daquela morte fantástica e que, demais a mais, parecia ter-se propagado à manada tôda. Dos pretos, nem falar. Imóveis, olhavam apalermados o padre, mordendo o dedo (1) e abanando a cabeça ao mesmo tempo, sinal de maior espanto.

— Étchi ó hánga (é feitiço!), murmuravam.

Passado o primeiro momento, que isto tudo não durou mais que dois momentos, picamos os cavalos direitos à manada enigmática, resmungando entretanto:

— Positivamente aquilo são bois de carro...

Em quatro galões tinhamos atingido a orla da mata, estacando a uma dúzia de metros da manada. Nada se movia naquela massa negra e confusa em que mal se distinguiam as formas dos animais. Fomo-nos aproximando a passo, já então em companhia do padre, que saltando sôbre o seu *Dakar,* nos alcançara fàcilmente.

Primeiro, um zumbido forte e continuado feriu o nosso ouvido, anunciando a presença de grande quantidade de môscas, e pouco depois um gemer abafado, deu-nos a certeza de haver ali animais vivos; mas quando iamos avançar mais, já muito perto, um barulho forte e repentino fez estacar sùbitamente os cavalos, que de narinas dilatadas, sorvendo com fôrça o ar e orelhas fitas, caminhavam desconfiados, avançando de má vontade. Eram alguns abutres que surpreendidos com a nossa aproximação, batiam pesadamente as grandes àsas, levantando com

(1) Morder o indicador, abanando a cabeça ao mesmo tempo, é o gesto de maior espanto entre o gentio. — *N. do A.*

dificuldade vôo, para irem logo pousar, mirando-nos com os seus longos pescoços nus, muito estendidos, no alto de uma *nocheira* ali próxima.

Os antipáticos vulturidas, por quem sempre tive especial aversão, distrairam por um momento a nossa atenção. Com a sua farpela de saragoça esfarrapada, as grandes àsas, que por não poderem fechar completamente devido à sua enorme envergadura, parecem capa velha de mendigo pendente dos ombros ossudos, o seu longo pescoço depenado, da gravata que o cinge na base para cima e a sua cabeça achatada, onde fulguram dois carbúnculos ardentes, terminada pelo longo bico forte e recurvo de condôr, êstes feios e grandes bichos, tão abundantes em África, não podem ser mais repelentes. Dos grandes bicos pendiam aínda farrapos da prêsa, que seguramente disputavam entre si quando voaram e que acabavam de devorar sossegadamente lá no alto, auxiliando-se com uma das patas de garras aduncas, que levavam delicadamente ao bico.

Não restava dúvida: se havia vivos, também havia mortos e disso nos dava absoluta certeza a presença dos abutres, que são a hiena dos ares. É espantosa a acuidade dos seus sentidos, que lhe permite adivinhar a morte a muitas léguas de distância, descobrir o cadáver mesmo no mais cerrado dos bosques e cair sôbre êle e devorá-lo em pouco tempo.

Avançamos no entanto à descoberta. Um espectáculo que estavamos longe de esperar, ofereceu-se aos nossos olhos, em tôda a sua hediondez. Massa informe e negra, estendia-se por aquela entrada de mato.

Um bafo môrno, de cheiro nauseabundo fez-nos parar, emquanto uma nuvem cerrada de môscas de todos os tamanhos e feitios se levantava na nossa frente, para descer novamente sôbre aquêle estendal de carne a apodrecer

já e a gemer aínda... Era uma manada de cêrca de três dúzias de búfalos que gemiam, agonizavam e apodreciam deitados ou caidos uns sôbre os outros. Perto de nós, caido há momentos, o nosso búfalo, um magnífico touro que nos olhava sem vêr com olhos amortecidos e embaciados, donde tinha fugido já tôda a ferocidade, gemendo dolorosamente gemidos de alma cristã, podem crêr, capazes de fazer dó, ofegante, respirando com suprema dificuldade...

Foi então que percebemos que não tinha morrido de susto e explicada ficava também tanta mansidão e condescendência, da parte de bichos tão pouco sociáveis e nada dados a... amabilidades e condescendências, que nem com o Rei das Selvas costumam ter. Só então nos lembrou que sendo os búfalos bovídeos, estão tão sujeitos aos efeitos da peste bubónica, como o nosso pobre gado; e assim, aquela manada em que o touro que vimos em pé fôra provàvelmente o último atacado, tinha-se vindo arrastando, impelida pela sêde da febre produzida pela moléstia, até junto daquêle ribeiro, onde pela última vez beberam e o primeiro caiu...

Como entre os animais que vivem em manadas, a fraternidade é muito mais cultivada que nas *manadas humanas,* de ao pé do companheiro caido para sempre nenhum arredou pé e assim foram ali caindo todos, uns após outros, a morrerem-se aos bocados... O nosso touro, a quem por um triz seriam poupadas horas de sofrimento pela bala certeira do Santo Missionário, que agora lamentava o bicho mui sinceramente, seria provàvelmente o último a morrer naquela tragédia sem gritos e sem póses, que um acaso nos fez presencear.

E quantas assim por êsse sertão?...

Nascente do Quanza, 19...

PELOS ACAMPAMENTOS

(CASOS, COISAS E CONTOS)

Chegada de um avestruz a êste mundo...

PELOS ACAMPAMENTOS

(CASOS, COISAS E CONTOS)

A tua impressão sôbre o que deverá ser o entardecer e princípio da noite nos acampamentos do interior, muitas e muitas vezes, para não dizer na maioria dos casos, em lugares desertos ou pelo menos isolados, não é totalmente errada.

As noites africanas são extremamente longas, de maneira que bem agradável seria, sendo possível, encurtá-las, seroando um pouco.

Mas não havendo na maioria dos casos luz, a não ser a das fogueiras, visto que difícil se torna transportar qualquer espécie iluminante, como velas, petróleo ou acetilene, em quantidade suficiente para os longos meses que duram as peregrinações pelos sertões do interior e não havendo a menor possibilidade de reabastecimento, em que poderíamos entreter os serões, às escuras ou só à luz das fogueiras?

Ler, não; escrever, pior.

Mesmo dado o caso de haver luz, que poderíamos ler?

Pouquíssimos livros cabem na resumida bagagem do sertanejo, principalmente quando viaja com carregadores e êsses poucos, ao fim de muito pouco tempo estarão lidos, relidos e aborrecidos.

Escrever seria o melhor recurso, desde que não faltasse o papel e... houvesse luz.

Sem ela ficamos reduzidos a rezar o têrço, se temos contas e devoção ou pensar; mas pensar é o que mais fazemos, porque é para o que temos mais tempo dia e noite, e é exactamente o que mais moderadamente deviamos fazer.

Se na solidão é por vezes grande lenitivo, na mór parte dos casos são nossos piores inimigos, o pensamento e a recordação.

Exactamente o que maior falta nos faz, por êste Gehêna fora, é a distracção que absolutamente falha a quem se não adapte ao meio e dele não saiba tirar o maior partido possível.

O interior da África, bem contra o que muita gente julga e mesmo contrâriamente a muita coisa que se tem escrito é de uma monotonia atrós.

Quem o negar é porque nunca se internou no verdadeiro coração de África, não tendo certamente ultrapassado as regiões regularmente povoadas e cultivadas...

Não conhece seguramente o horror da travessia dos pântanos intermináveis do Liambae, as planuras intransitáveis do Lobale e baixo Cubango, nem as medonhas solidões das enormes *ariundas* impenetráveis e desertas, quem tal contestar.

Resta aínda como último recurso, para entreter os serões sem luz: dormir...

Bemaventurados os que o podem aproveitar!

As noites são tamanhas...

Há também, dizes tu, a conversa que muitas vezes faz voar o tempo e a cujo seguimento não é indispensável a luz.

Como te enganas, meu velho!

A verve é inimiga figadal da escuridão, como o amor, segundo Camilo, é inimigo da fome.

Experimenta: numa sala ou no canto mais agradável de um jardim, sol-pôsto, reune um grupo palrador; à medida que fôr escurecendo, as conversas irão morrendo; os silêncios serão cada vez mais freqüentes e mais prolongados, até que caindo totalmente a noite, tudo cairá involuntàriamente num silêncio, que debalde algum mais corajoso procurará quebrar.

Só nos namorados, que eu saiba, o escurecer actua de maneira diversa.

Êsses, ao contrário de tôda a gente, não se sentem oprimidos com o descer da noite, na sala ou no jardim, desde que juntos um do outro se sintam isolados, porque os namorados, mesmo calados e às escuras, sabem dizer-se imensas coisas...

Venha a luz; a todos volverá a alegria momentaneamente perdida, todos sentirão um verdadeiro alívio, como se lhes tirassem um pêso de cima da cabeça e as conversas retomarão seus rumos, fluentes, alegres e animadas... emquanto os nossos namorados olham a luz com certo ar desapontado.

É que a escuridão coloca-nos numa espécie de isolamento, a noite tem paredes; sentimo-nos sós porque não vemos, concentramo-nos e aí tens a cabeça a trabalhar, o pensamento à solta, e...

Não! Não pode haver boa conversa sem luz.

Aínda se há luar...

De dia, à luz do sol, mesmo desacompanhados, sentimos muito menos o nosso isolamento.

Ao pôr do sol é diferente: uma fôrça imensa arrasta-nos para longe, para muito longe; há não sei quê que nos dilata estranhamente o peito; o coração palpita com mais fôrça e muitas vezes, quando o astro avermelhado se vai a sumir no horizonte, sentimos os olhos razos de lágrimas...

Num momento a noite desce silenciosa e triste, como só a noite do sertão o sabe ser e então...

Dizias tu que aínda tínhamos o recurso da conversa para fazer mais breves essas compridíssimas horas que na nossa terra são as horas do serão.

Não pensaste que viajo pelo interior e que por lá me fico meses sem conta, salvo raríssimas excepções, só, quero dizer, sem outro europeu.

A quási todos sucede o mesmo; portanto, conversar com quem?...

Só se fôr com os carregadores que nos acompanham, porque, *va muéne féca* ou *va béne chihute*, mesmo que os haja na vizinhança do Chirômbo, costumam abandoná-lo ao pôr do sol e só ali voltam no dia seguinte sol-nado.

De noite, em parte alguma do interior a gente da terra vem ao acampamento do Chêndo, nem os viajantes vão à Libata, salvo casos muito excepcionais de amizade ou obséquio que nos queira fazer, vindo dançar e tocar durante tôda ou parte da noite em nossa presença.

De noite, só os gatunos *(chimunos* ou *caminhos)* freqüentam à sucapa os chirômbos dos viandantes e essas mesmas visitas são pouco de recear, a não ser nas regiões povoadas por *lobales* ou *luénas,* que são uma e a mesma gente e especialíssimos ladrões.

Há casos isolados entre os *nhêmbas* ou *gongeiros,* mas nas outras terras, raro se registam roubos nos acampamentos. Á primeira análise se compreende, que difícil será entreter conversa com qualquer carregador, pretos boçais na sua totalidade, que viajando connosco, percorrendo o mesmo caminho, vivendo a mesma vida, sofrendo as mesmas inclemências, assistindo ou sendo compartes nas mesmas peripécias e lidando com a mesma gente, com custo poderão arranjar, ao fim de quinze dias de viajem, assunto para conversar mesmo entre si.

Deve além de tudo ter-se em vista, que raro é o europeu que chega a ter de uma língua daqui o conhecimento preciso para compreender e sustentar uma conversa seguida sôbre o primeiro assunto que se ofereça e muito mais raro aínda, quási ávis-rara, o europeu que fale correcta e correntemente e compreenda com a correspondente facilidade, dois, três, quatro, cinco dêstes idiomas, por forma a poder trocar perfeitamente impressões em qualquer região onde se encontre, com os seus habitadores, obtendo possìvelmente assim novos elementos de conversação.

Em todo o caso, mesmo tratando-se de um compatrióta nosso bacharelado em *Línguas Pretas,* o problema da conversação, à noite nos acampamentos, ficava sem solução, por falta de assunto bastante variado para garantir o passatempo quotidiano.

É tudo isto que me leva a dizer, que mal precatado virá para as terras do interior, quem não se sinta capaz de adaptar-se ao meio, tirando todo o partido possível dos mais insignificantes casos e coisas.

Por falta desta indispensável disposição ou resolução, já tenho conhecido vários europeus, que dominados pelo desânimo produzido pelo isolamento em que se sentem nestas viagens, teem voltado em meio do caminho, preferindo antes arrostar com prejuizos inevitáveis e por vezes avultados, do que com a solidão do interior.

Outros aínda, incomparàvelmente mais enérgicos, a muito custo se desempenham da missão que se haviam imposto em paragens mais afastadas, regressando precipitadamente ao litoral mal se julgam desobrigados, jurando aos deuses do Olympo e do Averno nunca mais se meterem noutra...

Um conheci, que deixando-se dominar por êsse *spleen* do acampamento, começou de ver tudo negro (o que não

admira visto estarmos no continente negro) vendo conseqüentemente em tudo maus olhados, agouros e sinais certos de desgraça...

Não voltou no caminho, porque o seu regresso acarretaria a seu irmão, que era também seu sócio, prejuizos de que só a muito custo se poderiam salvar.

Só no caminho reparou (!!!) que o cavalo que montava era cego de um ôlho; que uma rapariga de Benguela que o acompanhava, também o era e que por sua vez um cão que ela tinha e que a seguia... o era igualmente!!!

Havia também um carregador zanaga e um côxo!...

Como vês, não podia deixar de lhe suceder mal!

No Camuiri esteve muito doente com uma biliosa; foi convalescer no meu acampamento da t'Chiminga, onde, na minha ausência, comendo um prato de tortulhos, ingeriu alguns venenosos, que, por não conhecer, a sua preta apanhara, cozinhando-os como bons e comendo também.

Ambos tiveram os primeiros sintomas de envenenamento, mas conhecida a causa, com algum azeite vomitaram, ficando bons.

Também ficou perfeitamente curado da biliosa.

Não sucedeu o mesmo ao pobre cavalo que, apesar de considerado enguiço, foi atacado de *horse-sikness*, morrendo, o que aliás sucede quási sempre aos cavalos com esta doença.

Fez o seu negócio bem e sem novidade de maior, regressando a Benguela antes que os maus agouros se realizassem.

Ali, foi um bródio pegado tôda a noite: comeu-se, bebeu-se e dançou-se até de manhã, em acção ds graças por ter escapado ao agouro dos três pitosgas...

Dois, coitados dêles, tinham morrido: o cão e o cavalo!!!

No dia seguinte sentiu-se mal, e ao terceiro morreu de uma nova biliosa...

Não podia deixar de ser, com tanto enguiço!!!

De manso e alegre que era, tinha-se tornado uma criatura intratável, perfeito maníaco, irascível, um autêntico bilioso. De todos e de tudo suspeitava e em tudo via ameaças, perigos, motivos para se desesperar e afligir constantemente.

É a doença do acampamento, conseqüência fatal do isolamento em que se vê um homem, que não tem a quem transmita seus pensamentos durante dias e dias consecutivos; com nada entretem o espírito, com nada se distrai e nada compreendendo do que se diz em tôrno de si, isola-se, limitando-se a andar, comer, dormir, fumar e pensar...

É isto que o mata.

Por isso eu insisto no meu conselho: que se deixe estar nos povoados do litoral e planalto, quem se não sinta com fôrças para vencer o pior inimigo do viajante no interior da África: o *spleen,* o tédio dos acampamentos.

Êsse é que é o fantasma!

Para o vencer temos que nos adaptar, já o disse, ao meio em que somos obrigados a viver, tirando o melhor partido possível de tudo que possa servir de distracção.

A ociosidade é uma péssima companheira de viagem, tanto para nós como para os carregadores; devemos por isso bani-la por todos os meios imagináveis.

Essa *senhora* é sempre acolitada por companheiros da pior espécie: desmoralização, saudades, desânimo, fugas, intrigas, eu sei lá!...

Um acampamento silencioso à hora do serão, é acampamento de mau agouro.

A comitiva que ali acampa, está extenuada, esfo-

meada, desmoralizada ou qualquer dessas muitas coisas em ADA!

Nunca me enganei (depois de adquirida a precisa prática) no conhecimento das disposições de qualquer comitiva. minha ou doutrem, pela sua observação às primeiras horas da noite, no acampamento.

O *chivango* de esfomeados cai em silêncio logo depois do anoitecer, mas é um silêncio soturno, um verdadeiro silêncio de hospital, e nós, se velamos, ficamos horrorizados com aquêle silêncio cortado de gemidos e respirações estertorosas, que nos transporta a um campo de moribundos.

O cansaço excessivo de um dia trabalhoso em demasia, prostra os acampados num sôno quási repentino e pesado, que deixa morrer os fogos até de madrugada; mas o princípio da noite, se há que comer, é buliçoso, animado mesmo; há conversas, risos, piadas, emquanto se preparam as camas e os fogos da noite; chama-se êste, faz-se uma recomendação, recorda-se um passo patusco da jornada e depois, quási ao mesmo tempo, tudo se cala para dormir.

Onde entrou desalento, discórdia, desmoralização, indisciplina ou quejandos, fala-se sim, mas em voz baixa e por grupos; há conciliábulos, exclamações aparentemente insignificativas, tudo se recolhe cedo, mas... adormece tarde.

Os fogos não se apagam durante a noite.

Cautela branco! não durmas demasiado, que podes acordar abandonado ou pelo menos com falta de um trôço de carregadores e talvez roubado...

Nos acampamentos de comitiva que segue bem disposta, bem unida, disciplinada e principalmente onde se não deixou entrar o cancro da ociosidade, sucede precisamente o contrário do que vimos nos anteriores.

Nas primeiras horas da noite generaliza-se a conversa; não obstante quási tudo recolher cedo às barracas, continua-se falando de umas para as outras, prolongando-se o serão, conforme a marcha do dia foi mais ou menos extenuante e a pitança deu para encher melhor ou pior os estômagos.

O silêncio vai caindo por gradações.

O próprio gentio é o primeiro a reconhecer a imprescindível necessidade de levantar o moral, distraindo-se por tôdas as formas antes de adormecer nos acampamentos:

— Sánga tu uáfa ó bitima, diz o gentio.

O que literalmente traduzido, dá:

— Senão morremos do coração. (Desanimamos, esmorecemos).

Ora se o europeu se isola no acampamento normal (chamemos assim ao último apontado), que fará nos outros em que fica isolado, mesmo contra sua vontade?

Não pode ser! Será vencido infalìvelmente, quando êle é que deve vencer ou não tentar a experiência, repito.

Acho portanto interessantíssimo, ia mesmo dizer, indispensável, que o europeu que propõe internar-se, saiba bem falar e compreender ao menos um dos grandes dialectos africanos. Êsse já o ajudará a compreender um pouco e com mais facilidade aprender alguns dos outros.

Sem isso, sentir-se há fatalmente ensimesmado em meio dos seus carregadores que não compreende e que procuram distrair-se o melhor que podem; sem meios próprios de defeza (como leitura, escrita ou qualquer outro passatempo) contra a sensação pavorosa de tristeza e solidão, breve será tomado por ela todo o seu ser, que transformará profundamente, começando por lhe tirar tôda a energia e fôrça moral e acabando por lhe roer o físico também, fazendo-o sucumbir fatalmente.

Porém, conhecendo pelo menos a língua falada pelos

seus carregadores, não terá mais que tomar parte, interessando-se, nos diversos passatempos que êles usam para matar o tempo e espalhar saudades, acrescentando-os mesmo com alguns de sua invenção, o que, não sendo totalmente falto de engenho, fàcilmente realizará.

Conseguindo assim distrair-se e conseqüentemente encurtar um pouco as longas noitadas, seu grande *desideratum,* consegue também familiarizar-se, aproximando-se mais dos seus companheiros, o que não poucas vantagens lhe trará, como a esperiência não deixará de mostrar-lhe.

Tudo se resume, afinal, ao cumprimento daquêle velho rifão:

— «Se fôres a Roma, faz-te romano».

O gentio também tem estoutro, cuja ideia afinal é a mesma:

— Dán denda un guênde, ó féka iôtsi ó féka iángui.

Que traduzido, significa:

— Se vou de viagem tôda a terra é minha, ou, em viagem por tôda a parte é minha terra.

Os velhos adágios teem quási sempre razão.

*

* *

Não são pouco variados afinal, os meios de que o gentio deita mão para passar os seus ócios sem ociosidade e... sem luz, ao serão.

Refiro-me só a êstes, porque é dêsses que venho falando; de dia não faltam ocupações para distrair o espírito e cansar o corpo, preparando-o para uma boa sonéca.

Como já tive ocasião de dizer-te, por êsses matos, quando aperta a torreira, tudo dorme a sua sesta: gente, bichos e até a Natureza!

Talvez por isso, ao contrário do que pode pensar-se, o carregador, muito embora tenha calcurriado bom caminho alombando aínda com os trinta e cinco a quarenta kilos da carga (fora as *bicuatas*), não tem geralmente grande pressa de dormir.

Naturalmente, dessa pouca pressa nasceu a necessidade de entreter em comum algumas horas, depois do escurecer.

Na impossibilidade de empregar êsse tempo em qualquer trabalho manual, para o qual a fraca luz das fogueiras é insuficiente, teve que inventar coisas que, substituindo a conversação quando esmoreça à falta de assunto ou disposição, por ela valham e sejam mais de molde a interessar a maioria da população do chirômbo, dos dois sexos.

Devo abrir um parêntese, para te explicar que a mulher africana (gentia) acompanha nas viagens qualquer parente ou conhecido, mediante pagamento, para lhe cozinhar e ajudar a levar as *bicuatas* ou negócio (dêle), emquanto *caféco* ou *mucáino,* isto é, emquanto menina solteira.

Desde que toma estado não viaja mais, ficando sempre na *libata* a cuidar dos filhos, se os tem, das criações e mais deveres domésticos, na ausência do marido.

Assim se explica a presença de raparigas, sempre raparigas novas, por vezes mesmo em grande número nos acampamentos, pois consoante sua abastança, assim os carregadores levam consigo uma, duas e às vezes mais meninas casadoiras, que são sempre honestas, livres e alodiais...

Podem distribuir-se galanteios e namorar desassombradamente, sem perigo de topar nalgum marido.

Como diziamos (voltando ao assunto interrompido), teem para uso da comunidade: as adivinhas, em grande quantidade; os contos da carochinha e histórias de bichos,

de que há também grande reportório; anedoctas, histórias de caça, caçadas e caçadores; recordações do *sáhùlo* e muitas outras coisas que agora me não ocorrem.

Se há luar, o serão passa-se ao ar livre no centro do chirômbo, de roda de diversas fogueiras, de onde se vão safando à formiga ou à francesa, como aí dizem, os que primeiro são atacados pelo sôno.

É sempre acompanhada de vaias e grossa caçoada, a retirada dos que habitualmente desertam de pronto das fileiras seroadoras dos mais ferrenhos.

Chega mesmo a haver uma certa vaidade, entre a gente nova principalmente, de ostentar maior resistência às tentações de Morfeu.

Isto concorre extraordinàriamente para a maior duração e animação das seroadas.

Se o tempo vai húmido ou excessivamente frio; se chove ou não há lua, então tudo se recolhe aos *chingues* e de dentro dêles se estabelece o tiroteio das adivinhas ou é escutada em silêncio, cortada pelos diversos comentários ou gargalhadas que provoca, a história, conto ou anedocta, que algum ou alguma vai contando em voz bastante elevada, para ser ouvida por todos.

Geralmente, depois da refeição da noite, única que verdadeiramente merece tal nome, visto que o carregador só cozinha uma vez no dia, ao pôr do sol, ficam-se todos ao ar livre, conversando e dando os últimos cuidados às lenhas para as fogueiras que os hão de aquentar de noite.

Ao passo que êles ultimam êstes arranjos, elas arrumam cuidadosamente as panelas, resguardando os sacos e cabaças, pondo em ordem as colhéres, lutós, taminas, lúicos, dimbes e emfim tôda essa tralha conhecida genèricamente pelo nome de *bicuatas,* que compõe todo o guarda-louça e bateria de cozinha do viajante (guênde) indígena.

Conforme vão terminando e a noite vai descendo,

achegam-se em grupos às fogueiras, cuja alimentação foi garantida com novos troncos e a conversa generaliza-se, animando-se de mais em mais.

Há sempre um grupo feminino, que forma à parte: são as elegantes, as meninas *chics* e mais nobres, que conversam baixo e gargalham alto, a chamar a atenção dos mancebos para o grupo.

É quási sempre para ali que é dirigido o primeiro desafio.

Mal a conversa dos homens afrouxa um pouco, o que geralmente sucede a curto prazo, ouve-se a deixa sacramental, partindo dos rapazes:

— Á lupôlo?!

O grupo das meninas não deixa os seus créditos em mãos alheias e chamando logo a atenção do respeitável público — *iébereri* — (escutem), logo uma das suas componentes responde na voz mais afinada e cantante:

— Luié!

Está estabelecido o duelo: parte a primeira adivinha para as meninas. Todos prestam atenção e é de ver o afan, com que todos à uma querem dar provas da sua perspicácia, adivinhando prontamente. Um ou uma grita o que julga ser a solução acertada, mas errou... Gargalhada geral.

Outro aínda, até que um acerta ou ninguém decifra. Se a solução demora, um grita para que se passe a outra adivinha:

— Tu áfirùa! (desistimos).

Se alguém acerta é êsse alguém que sôlta novamente o — Á lupôlo! — e à imediata resposta que alguém dá — Luié — segue-se nova adivinha.

É um tiroteio seguido em que é exigida a maior prontidão de respostas; ou sim ou sôpas! Se adivinham, deve ser depressa; se não, passa-se a outra.

E dessa rapidez vem tôda a animação do passatempo, pois em grande parte dos casos é a precipitação de dar a resposta, para o fazer primeiro que outrem, a origem das soluções disparatadas que provocam as mais espalhafatosas gargalhadas em côro, que, só por si, seriam de molde a espalhar o sôno e dissolver ou volatilizar uma boa dóse de *humores negros,* no mais sorumbático e dorminhoco dos mortais.

Estas adivinhas são idênticas àquelas nossas «adivinhas populares» que todos conhecemos, pelo menos de ouvido: — uma casinha branca sem porta nem tranca, — uma velha muito velha encostada a uma tranquinha, — e tantas outras.

Como, elas são em grande abundância e variadíssimas, algumas de uma ingenuidade encantadora; diversas, embora com o mesmo significado, dizem-se por forma diferente de província para província e mesmo de terra para terra e também como as nossas veem de muito longe, de geração em geração, através dos tempos, indestrutíveis e eternas; passam as mocidades que divertiram mas ficam elas sempre, singelos mas significativos monumentosinhos da tradição, saudades da nossa infância que tão desviada anda já...

Há aqui, como entre nós, cultivadores do género que conhecem e sabem de cór inúmeras destas ingénuas adivinhas, conhecendo a solução da mór parte delas também.

De permeio com as adivinhas, mas respondendo sempre ao mesmo estribilho — Á lupôlo? — sai de quando em vez para variar, depois do aprobativo — Luié — um conto ou qualquer história de bichos, que são as que predominam na literatura oral dêstes povos.

Essas histórias, que freqüentemente são curtas, espécie de fábulas com sua moralidade, também às vezes são

extremamente compridas, consagrando-se nêsse caso à sua audição, dois ou três serões.

Não é o serão completo ocupado por ela; em certa altura, alguém lembra:

— Vamos à história de hontem?...

E então a contista (as mulheres são, geralmente, mais fortes no género do que os homens) recomeça no ponto onde hontem se tinha posto o consagrado «continua» e vai seguindo até acabar, ou, se aínda falta muito, na devida altura, isto é, quando o auditório começa a amadornar, põe-se-lhe novamente o «continua» e toca a dormir; até amanhã!

Também alguns contos teem passagens várias, em que as personagens dialogam cantando ou dizem os seus solilóquios entoando solos, que umas vezes são tristonhos e lamurientos, outras alegres, sarcásticos ou aínda verdadeiros cantos de vitória, conforme o personagem sai de algum passo difícil a seu contento, prega alguma boa peça ao adversário ou é vencedor de algum combate renhido.

Está bem de ver que quando se trata de contos desta espécie, que aliás não são nada raros, a narradora ou contista (nêstes casos é sempre uma ela), quando chega às passagens musicadas nunca é dispensada de as cantar como marca o original, que, sabe Deus, onde, quando e por quem foi ideado...

Êstes trechositos de música singela diferem bastante da toada geralmente ouvida nos cantares que acompanham sempre as danças, curativos, adivinhações e essencialmente da dos cantos em côro, que as caravanas usam entoar por êsses matos e *chanas* fora, para amenizar as agruras do caminho. Uns são muito suaves, meigos, tristonhos e agradáveis ao ouvido; outros alegres, saltitantes, ligeiros, chilreantes, como bandada de *chindembere* que

levanta de um campo de massango, onde encheu o respectivo papinho.

Há-os aínda de um andante guerreiro, que avançam com impetuosidade e certa majestade, dando-nos a impressão que ouvimos um cavalheiro, um sr. Othelo Júnior, por exemplo, contar-nos as suas proezas e façanhas...

Estou a ver daqui a pequena ruga que vai franzindo o canto da tua bôca, num sorrizinho de mofa...

Deus te perdôe!

A música africana não é despida de sentimento, enganas-te. Não falo da parte instrumental que acompanha as danças e outras cerimónias de espavento, que exigem grossa pancadaria; isso é música de ouvir ao longe, ao ar livre, acompanhando córos por vezes monumentais, de cem, duzentas e mais vozes de ambos os sexos; mas olha que disso mesmo não teem vocês o direito de se rir...

Nenhum dêsses acompanhamentos semi-infernais é pior que uma *récua* dos nossos ou vossos Zés-P'reiras minhotos ou alguma das *vossas* (eu ponho-me de cá) harmoniosas filarmónicas provincianas!!! Refiro-me, no caso presente, às melopeias dos contos de que venho falando, às cantigas em côro que se cantam sem acompanhamento por êsses caminhos além e a tantas outras que, pela noite fora principalmente, (o gentio prefere, para gemer os seus *fados* sentimentais, à calada da noite), mas também de dia, nas horas de maior sossêgo, êles e elas cantam com acompanhamento de variados instrumentos pequenos e bem soantes.

Há verdadeiros apaixonados pela música, que tocando algum dêstes instrumentos portáteis, nunca o abandonam; com êle vai para tôda a parte, de passeio ou de viajem.

Vai pelos caminhos só, quando de passeio, tocando, cantando a meia voz e andando.

Quando em viagem, o instrumento lá vai sempre à

mão de semear, para ser tocado logo que a oportunidade se apresente.

. . . . . .

. . . . . .

Estamos em mês de chuvas torrenciais, que há vastos dias nos apanharam em pleno deserto...

Os caminhos estão, como por aqui costumamos dizer, pôdres de todo e os rios vão imponentes: quatrocentos, quinhentos, oitocentos e mais metros de água a valer, com respeitáveis correntes, sem contar as respectivas margens, alagadas em larguras de uma e duas milhas, com água que vai da canela à cintura e mesmo até ao peito, quando o fundo se atapeta de fôfo e absorvente lôdo, que ameaça tragar homens e animais.

A cada canto um atoleiro; os caminhos são torrentes e as planícies lagôas.

Não temos um trapo enxuto e não obstante o calor asfixiante que com freqüência nos oprime, muitas vezes tiritamos com frio em pleno dia.

A viagem tem sido rude e extenuante; vamos todos magros, um tanto esfomeados e danados por apanhar tabaco e sal, mas bem dispostos. É curioso que de há dois meses a esta parte, me não lembre de ouvir ninguém queixar-se de... sêde!...

Deves calcular que, trazendo assim transformados em pápa (sem anel no pé, mas com carradas de lama nos ditos), os pobres *cadáveres* molhados até aos ossos durante todo o dia, quando nos apanhamos interinamente enxutos e quentes (graças ao rico fogo que tanto trabalho nos tem dado a fazer brilhar nos acampamentos), todo o tempo seja pouco para desanuviarmos os espíritos e expandir nossa quási infantil alegria, por nos sentirmos confortáveis, abrigados e livres das catadupas de cima e do banho forçado por baixo até amanhã...

Tudo são conversas e gargalhadas; os ditos cruzam-se através dos *chingues,* ininterruptos, numa ânsia geral de sacudir a impressão acabrunhante do dia, antes que venha o sôno, de mêdo que em sonhos nos sintamos aínda atolados e a chapinar em água...

Ninguém quer saber do que amanhã virá; bem basta o que passou!

Estamos enxutos, abrigados e quentes; as camas estão ali, juntas ao bom fogo, que tem lenha para tôda a noite, a prometer um bom e reparador repouso; que nos importa que lá fora chova a potes?

Venham histórias que nos transportem a outros tempos, a outros lugares onde haja sol e alegria!

Que nos dêem sonhos bons ou mesmo pesadelos, mas que sejam de lobisomens, almas penadas, bichos inacreditáveis; tudo o que quiserem, menos chuva, lama ou água!... Isso não!...

Se a êste bem estar, tão passageiro afinal mas assim mesmo bem agradável, eu pudesse ajuntar dois pequeninos mas para mim enormes prazeres, que há cêrca de dois intermináveis meses me não é dado fruir, poderia considerar estas poucas horas de confôrto, após as duras intempéries sofridas durante a marcha do dia, verdadeiramente edénicas...

Êsses prazeres, insignificantes afinal em qualquer outra circunstância, apetecidos nêste momento, representam nada menos que o impossível; que a possibilizar-se se transformaria simples e modestamente, em uma simples chávena de café sem açúcar e um modesto cigarrito... mesmo bréjeiro.

Não te assustes que não vou obrigar-te a seguir-me passo a passo, durante tôda esta via-dolorosa, que se chama caminho (?) do sertão, através um dilúvio júnior; longe de mim tal ideia...

Em meio do dito dilúvio, mal posso dizer-te as saudades que tenho tido daquêle nosso comum antepassado que dava pelo bonito nome de Noé, nem quantas vezes me lembro dêle nesta alagada vida de anfíbio!

Eu lembro-me dêle, é certo, mas verdadeiramente de quem tenho grandes saudades, não é bem de S. Ex.ª, nem tão pouco de sua saudosa esposa que Deus haja, é... da arca.

Dessa sim; até às vezes dá vontade de chorar!

Quem apanhasse aqui uma arcasinha, coisa modesta, mesmo em segunda mão, onde eu coubesse e me transportasse com tôda esta gente que me segue, magra e esfaimada apesar de raro nos faltar a caça! Com êste tempo (já é uma vantagem do dito tempo) abunda felizmente por êsses matos e anharas, numa variedade e fartura capazes de satisfazer o mais exigente.

Não te digo quanta caça grossa tem sido abatida nesta parte da viagem, para que me não chames mentiroso; apenas te direi que, caçando eu só, levo comigo cento e trinta e nove criaturas, completamente saturadas de carne e... magras!...

Parece paradoxo, não é verdade?

Pois não é!

A carne, seja ela de que fôr, ingerida na quantidade precisa para só por si ser todo o alimento de homens sujeitos a marchas e trabalhos violentos, sem qualquer outra alimentação de farinha ou legumes durante muitos dias consecutivos, não só não produz nutrição, mas ao contrário é causa de emagrecimento, fraqueza e cansaço, dando lugar às mais exquisitas perturbações orgânicas e doenças de gravidade, sem falar da quási inevitável diarreia, que só raras vezes deixa de se manifestar, primeiramente na gente nova.

Daí a ânsia constante de chegar depressa a pôrto de

salvamento, que é como quem diz, a terras onde haja que comer e então apetecerá a carne, que já não há...

Se me referi a tôdas estas misérias, nossas companheiras de viagem, quando por qualquer caso de fôrça maior somos obrigados a faze-las durante o período das chuvas, não foi para fazer-te uma descrição desenvolvida de tôdas as peripécias, arrelias, desesperos e por vezes desânimos, que constantemente nos assediam e fazem pensar estarrecidos no caminho que aínda há para percorrer.

Foi sòmente para te entremostrar os motivos porque, há não sei quantos dias, interrompi e não mais reatei até hoje, a palestra que contigo tinha entabolado sôbre o partido que possìvelmente podemos tirar (para espantar o tédio dos acampamentos) das várias diversões *nacionais* a que costumam recorrer os carregadores, que tentei esboçar a triste figura que por cá vamos fazendo, escorrendo e pingando por êstes vales de enxurro e lama...

Deves concordar que não pode ser precisamente das coisas mais encantadoras, sentar-se a escrever, abrigado embora (depois do acampamento feito), mas sem um fio enxuto em cima da pobre carcassa regelada.

E que poderia escrever-se em tão lamentável situação?

Só prosa muita negra, muito triste, tal qual a nossa alma; porque a tristeza da chuva que nos encharca e a negrura da lama que nos emporcalha, penetram-na e transformam-na à sua imagem e similhança!

Temos, antes de tudo, desde que conseguimos atingir o ponto que destinaramos de manhã para passar a noite (ou outro, porque às vezes leva mais um ou dois dias além do calculado a alcançá-lo), que tratar, sem perda de tempo, de fazer os indispensáveis *chingues* para dormir abrigada tôda a gente; feitos êstes, ou antes, emquanto uns procedem à sua construção, outros vão procurar e

cortar a lenha precisa para alimentar as almejadas fogueiras, que nos devem enxugar os trapos e aquentar os corpos transidos.

Entretanto a raparigada divide entre si, activa e diligente, embora tiritante, os diversos serviços caseiros.

Caseiros é um pouco forte, tratando-se de quem não tem casa, mas afinal é o termo próprio; o acampamento é a nossa casa.

Não a levamos às costas como o caracol, mas fazemos em cada dia renascer os nossos *chingues,* que são os nossos quartos e com êles o nosso acampamento, que é a nossa casa.

É a verdadeira repetição da fábula do tal pássaro imortal, que renasce constantemente das próprias cinzas; o acampamento que abandonamos esta manhã, arde pelo dia completamente, devido aos restos das fogueiras que o vento espalhou; mas, se à tarde, ou amanhã ali nos suceder outra comitiva, em pouco tempo será reconstruido sôbre as mesmas cinzas novo acampamento, que passados dias terá o mesmo fim...

Nêste tempo, difícil será acreditar que outra comitiva nos venha na peugada, mesmo que seja de branco; mas, se vier, muito feliz se julgará se topar com o nosso acampamento direitinho, a oferecer-lhe a sua muda e desinteressada hospitalidade...

Emquanto algumas raparigas, desamarrando os *beinges* e *kuambos,* seguem ligeiras para o rio a buscar água, outras se espalham por aqui, por acolá, buscando *etéras* para compôr os lares, apanhando lenhas e cascas miúdas para o fogo dos mesmos, ou rebuscando cuidadosamente pelos recantos mais abrigados, buracos de troncos velhos e qualquer anfractuosidade, onde possìvelmente possam estar abrigados, os lichens, as fôlhas mortas, os detritos de madeira e ervas sêcas, que servirão para com muito

geito, prodígios de paciência e verdadeira habilidade, fazer brilhar ao fim de infinitos cuidados e intermináveis sopradelas, a verdadeira alma do acampamento e nossa grande alegria, o fogo!

Vocês aí não sabem o valor do fogo; não podem avaliar por forma alguma, a razão de ser da adoração que êle aqui nos merece...

É preciso ve-lo *nascer* num acampamento; sentir a ansiedade que nós sentimos ao fazerem-se as diversas tentativas para o acender; ver sair a primeira nuvenzinha de fumo, que muitas vezes se esvai ao fim de inauditos esforços e cuidados; sentir isto tudo debaixo de um céu de chumbo, que nos desanca com cataractas de água, para saber o que é e o que vale o fogo.

Se a par disto tudo considerares que muitas e muitas vezes os meios mais triviais de o produzir, nos falham por completo, que o único cartucho de pólvora está molhado; que ninguém tem pederneira; que fósforos não há, ou não ardem devido à humidade; que as armas encharcadas não dão fogo... se tudo isto considerares sèriamente, terás compreendido um pouco o que vale o fogo, mas aínda estarás muito longe de compreender bem a adoração que nos merece...

Experimenta-se, não se descreve!

Finalmente, tudo se vai concluindo.

Já no *hico,* onde se iniciaram as tentativas para o acender, brilha um bom fogo; à medida que as brazas se amontoam por debaixo de uma verdadeira montanha de lenha, retiram-nas para novos *hicos,* (cada *hico,* lar ou fogão, cozinha geralmente para quatro homens e suas respectivas madamas), que por sua vez vão fumegando, mais aqui ou mais ali, consoante a suas donas aprás.

Estão por fim concluidos os nossos *chingues* ou *macacas;* feitos os últimos acabamentos exteriores vão-se

acendendo os fogos e, emquanto as fogueiras *pegam*, fazem-se os arranjos internos.

Vamos a recolher cargas e fazer arrumações; e agora que, benza-nos Deus, já temos casa, cama, lenha, fogo e portanto nada mais nos falta, vá de tirar os trapos molhados para secar ao fogo e aquecer finalmente êstes pobres corpos, emquanto as nossas meninas nos preparam a magra pitança, que acabará de nos confortar.

Não calculas que dôce moleza e que invencível vontade de nada fazer, de nós se apodera quando o dôce calor do fogo começa a desentorpecer-nos e penetra até aos ossos.

A êsse estado eu chamo, de beatitude sonolenta...

É um estado de verdadeiro recolhimento, de uma religiosidade infinda, em que a alma voa por aí fora, nem eu sei para onde!...

Fala-se pouco; há quási silêncio. Diz-se o preciso apenas para dar uma resposta ou fazer uma pregunta.

Quási todos que aí estão, só são presentes de corpo; que a alma anda ausente por muito longe; lá para as bandas da sua terra, pelos seus lares, sentadas talvez em meio dos filhos e das mulheres, que (quem sabe?) as sentem palpitar ao pé de si...

Ouve-se como que um palpitar maior: talvez o palpitar em unísono de tanto coração!

Até a Natureza, acalmando um pouco, parece respeitar esta devoção.

Quando despertamos da muda *oração de graças*, que involuntàriamente elevamos ao Criador de tudo, um raio horizontal de sol, esburacando no poente o pardacento acastelado de nuvens que se ruborizam de vergonha por terem cedido ao grande astro, vem despedir-se de nós, pobres saudosos de sua luz, atirando-nos um beijo prometedor de melhor dia para amanhã.

Já fumega pelos pratos, taminas e dimbes a magra ceia, que todos desejariam ver acompanhada do loiro *pirão*... pão nosso destas Áfricas.

Devorada ela, que afinal os estômagos bem carecidos estavam já, tudo desperta; as almas, perdidas por longe aínda há pouco, voltaram a seus corpos e os corações palpitam com mais fôrça, nos arcaboiços revigorados.

Foi-se a sonolência de aínda agora para dar lugar à vontade de viver; é a hora de voltar a escrever-te, porque a vontade de conversar voltou com a vida, que sentimos renascer ao pé do fogo, mas... a noite vem descendo e a possibilidade de o fazer vai passar em dez minutos, e tantos eu gastaria em ir buscar os apetrechos onde pousam, atabafados por impermeáveis...

Percebeste agora a razão porque todos êstes dias não retomei a palestra interrompida?...

*

* *

Uma destas noites, ia abrandando já a conversa e quási cessara também o tiroteio das adivinhas, quando uma voz de homem, chamando a atenção dos mais barulhentos circunstantes, reclamou:

—Éni akaino! Ó lussápo lù à héra, eh? (Meninas! Então a história de hontem?)

O que muitas vozes apoiaram, fazendo côro com estas e outras exclamações:

—Ótchiri! omó muên! (É verdade! Isso mesmo!)

—'Tuiangóra o lussápo! (Queremos a história!)

—Lùia iá! (Conta já!)

Na véspera, porque o sôno pudera mais do que eu, naturalmente, não tinha ouvido contar qualquer história;

ao menos não lhe tinha prestado atenção, nem sabia quem era a contista e qual o assunto do conto.

Serenado o borborinho que se estabelecera, visto que a narradora ameaçava já, na sua vozita esganiçada, amuar se não se fizesse imediato silêncio, começaram as indispensáveis preguntas e averiguações:

—Onde fiquei eu hontem?

—Foi em tal passagem...

—Não foi...

—Foi mais adiante...

—Não foi; foi mais atrás...

E aí temos novamente um bambaré em que ninguém se entendia e em que ninguém chegava a um acôrdo.

A muito custo, mas assim mesmo sem o emprêgo de campaínha e sem que o sr. Presidente tivesse de pôr o chapéu na cabeça, lá foram entrando na ordem, pouco a pouco, perante a declaração, que há mais de um quarto de hora vinha fazendo a contista sem conseguir ser ouvida, de que já sabia com certeza em que alturas do conto tinha ficado na véspera.

Alguns resmungaram aínda; chegou mesmo a haver um ou outro que teve a ousadia de pôr em dúvida a verdade da afirmação da narradora, mas emfim lá se foram calando e ela começou.

A narrativa ia seguindo sem que eu lhe prestasse atenção de maior; ali perto em um *chingue* junto do meu, um rapaz mombuéro (chéraquéra), grande tocador de t'chissangi, executava tão sentidamente as mais tristes canções da sua terra, que ocupava quási absolutamente a minha atenção.

Cantava então a meia voz uma lenda minha conhecida, cujo assunto, bastante sentimental, se coadunava com a toada tristonha em que a cantava e o acompanhamento, que era agradável de ouvir e de uma harmonia

exquisita talvez para ouvidos pouco habituados a esta música, mas nem por isso falta de expressão ou sentimento.

Seja como fôr; a verdade é que o tocador me tinha por tal forma prêsa a atenção, com suas tristes melodias, que nunca mais me lembrou a narrativa que entretanto ia seguindo suas peripécias, em meio da geral atenção do auditório. Só de vez em quanto uma voz cortava o silêncio geral, pedindo qualquer explicação à contista, que prontamente a dava, reatando novamente o fio partido daquêle novêlo, que ia desdobando lentamente. Num dado momento e em meio da semi-sonolência em que me deixara a *audição musical,* por agora interrompida, feriu-me o ouvido a palavra *cá-sapato,* diminutivo ambundado da palavra portuguesa, que a narradora empregara por duas vezes quási seguidas. Prestei atenção por me fazer espécie que em conto puramente africano, figurassem personagens calçadas com coisa diferente da sandália de coiro cru, (luhacos) único calçado que por aqui usam, além do que o Criador lhes deu.

Seguia o conto seu curso, quando ouvi novamente a mesma palavra:

— ... ukuendge mó kúlandúla ukáino, uátcinga ó kásapato môndgira ...

Como sei que nos contos e histórias cá da terra, as personagens são sempre bichos, lobisomens (áquissiquissi), almas do outro mundo (trundumba) e gentes indígenas, prova de sua originalidade, fàcilmente me admirei, sem que isso deva causar estranheza, do emprêgo de uma palavra, que designando um objecto totalmente desconhecido dos antigos gentios, não fazia parte do velho vocabulário da língua n'bunda, sendo os modernos obrigados a criar o neologismo (assim como tantos outros), ambundando o nosso termo, que estropiam por diversas maneiras, para designar aquêle objecto.

Intrigado com o estrangeirismo em assunto que devia ser «nacional», interrompi a contista na frase acima citada e que traduzirei para melhor compreensão:

...o rapaz seguindo a menina, encontrou um sapatinho no caminho...

E preguntei:

— De quem é o sapato?

— Tens muita pressa, branco? espera...

— Não; diz só de quem é o sapato.

— Da menina.

— Que menina é essa que usa sapatos?

— Senhor, uma branca.

— ?!...

Não quis interromper por mais tempo, e dei por findo o interrogatório, jurando a mim mesmo prestar melhor atenção ao seguimento da narrativa e sua conclusão, que parecia próxima. Confesso que me despertou fortemente a curiosidade a resposta da pequena:

— De uma branca?!

Não conheço, nem me recorda ter ouvido algures, qualquer dêstes contos de origem puramente gentílica, em que figurasse qualquer europeu como protagonista ou comparsa e daí a minha admiração e curiosidade.

Demais a pequena que o contava, era uma garota de 14 ou 15 anos, Uándi, filha de gente que eu conhecia em Galangue e ali nascida e criada.

Aínda se fosse de região mais próxima do litoral, poderia admitir que falsificasse a personagem indígena, dando-lhe enfeites copiados do natural observado entre nós, em qualquer permanência mais aturada nas nossas povoações...

Mas sendo de Galangue, onde que me conste nunca viveu ou passou uma só mulher branca?!

Onde mesmo homens da minha côr, depois de Sinde,

fundador da libata com êsse nome, que existe na margem do Chimbar-in-Bar e falecido há muitos anos, creio que só passaram e são conhecidos, Padre Folga (?) missionário (?); Oliveira, (Nanga-i-á-fina) e eu que o digo! ...

Rialmente, embora pareça o facto pouco digno de curiosidade, para mim era-o, porque se apresentava com todo o aspecto de novidade pouco vulgar.

O conto aproximava-se do fim e eu escutava com tôda a atenção, sem que nisso fizesse já o menor sacrifício, pois em verdade te digo, me estava interessando verdadeiramente.

A narradora continuava ...

A língua que escutava não era a minha, mas o conto positivamente tinha muito de nosso e ouvindo-o, cada vez mais parecia recordar-me qualquer coisa ouvido há muito tempo na nossa terra ...

Podia ser engano meu; talvez o tivesse ouvido contar, embora por forma diversa, em outra viagem.

Questão de semelhança, talvez ...

Mas prestemos atenção: ... no dia seguinte o filho do rei, mandou os pajens apregoar por tôdas as terras. Iam tocando uma corneta de oiro (ôro, neologismo; não conheço nenhum termo indígena que signifique êste metal, nem tão pouco o vi trabalhado por tríbus do interior) todo o caminho e dizendo à multidão:

— A menina que experimente êste sapatinho e lhe sirva, casará com o herdeiro do rei ...

Suas irmãs mais velhas, cheias de presunção, chamaram para que as deixassem experimentar o sapatinho.

A nenhuma delas serviu, o que a ambas fêz morder de raiva.

Cabindama (é o nome da protagonista e significa criatura de pouca sorte, infeliz) que se conservara de parte, reconhecendo o sapatinho que perdera de madru-

gada ao fugir da festa do rei, não resistiu à justa tentação de pedir para o experimentar também.

As duas invejosas irmãs, furiosas e cheias de desdem (é pênho) queriam opôr-se à experiência:

— Tu, uma reles Cabindama?! Mas um pajem vendo a formosura da môça maltrapilha, declarou que tinha ordem para o fazer experimentar a tôdas as meninas e já a poucas faltava fazer a experiência; ajoelhando, calçou o sapatinho no pé minúsculo que lhe apresentava Cabindama.

O espanto foi geral quando viram que não só o sapatinho entrava como uma luva, mas aínda que Cabindama tirava o parceiro perfeitamente igual do bôlso e o calçava com a mesma facilidade.

O príncipe prevenido imediatamente, acorreu pressuroso a pedir a mão de Cabindama, que não obstante a fúria e despeito das irmãs, invejosas por ela as suplantar, casou, foi muito feliz, teve muitos meninos e meninas e veio a ser depois raínha daquêle grande reino, por morte de seu sogro, que muito a prezava, por sua modéstia e bondade. O conto tinha acabado, rematando a contista com a costumada frase:

— Acabei a minha história do tempo de Ninguiri... — personagem imaginária, símbolo dos tempos mais remotos, que ninguém conheceu.

Áquela frase costuma sempre responder alguém:

— Uma pedra só não segura a panela ao fogo; são precisas pelo menos três, ou seja, um conto só é pouco; gostaram e querem mais...

Como porém era já demasiado tarde, pois se alongara bastante o serão para ouvir a história até seu final, ficou Dona Uándi com a palavra reservada para outro dia, pois ganhara indubitàvelmente foros de *mestra* em contos da caròchinha.

Tudo de roda de mim foi caindo ràpidamente em completo silêncio; só eu fiquei por muito tempo aínda antes de adormecer, a dar voltas à mioleira para ver se descobria onde diado tinha já ouvido aquilo, ou coisa muito parecida...

— Seria uma tradução?... preguntava aos meus botões. E se o era, seria aínda reconhecível depois de provàvelmente mal traduzido (traduttor e traditore) para esta língua, ser transmitido de bôca em bôca por largo tempo, com grandes probabilidades portanto de ter sido por cinco, dez, quinze vezes adulterada a sua estrutura?...

Certamente, a pequena que ora o contava, não o tinha em primeira mão do tradutor preto, mulato ou branco que o ouvira pela primeira vez em português.

Tôdas estas considerações, que em mim denotavam acima de tudo ausência (pelo menos naquêle momento), de qualquer preocupação de maior importância, me levaram, ao fim de pouco tempo à conclusão aliás sensata, de que melhor empregaria a noite dormindo, do que fazendo conjecturas que a nenhuma finalidade me conduziam; não me faltariam ocasiões mais apropinquadas, para tirar a limpo êsse *momentoso* assunto, que tanto me preocupava...

E o sôno, que provàvelmente só esperava aquela sábia consideração, não me deu tempo sequer para sonhar com Cabindama.....
.....
.....

Só alguns anos mais tarde, voltando a Galangue, onde me era conveniente demorar um tanto, me lembrou aproveitar os ócios, tirando a limpo as minhas antigas dúvidas sôbre a origem de Cabindama...

Uándi, desabrochara por completo; estava uma perfeita e apetitosa rapariga e já não viajava.

Tinha voltado de sua última viagem há coisa de um ano, fôra a sua despedida de *ukáino*.

Hoje era já senhora de sua casa e dentro em breve, (como o tempo vôa!) seria talvez mamã. O tempo de contar histórias, tinha portanto passado também (aqui as mamãs não usam contar histórias, aos seus babys); apesar disso, ao fim de algumas instâncias e de se rir muito da minha singular fantasia, concordou, em atenção à nossa velha amizade (creio mesmo que aínda somos um poucochinho parentes) satisfazer o meu desejo, ficando combinado que me consagraria um dia para tal fim, na condição, fàcilmente aceite, que seríamos sós, pois diante de mais gente até fazia vergonha, ela uma senhora casada, a contar-me a Cabindama!...

Assim foi rialmente e depois de uma audição completa cheguei à conclusão que de facto, como tinha suposto, o conto era português.

A tradução para o n'bundo é de tamanha fidelidade, que de todo me surpreendeu, e, não obstante Uándi ter já de sua avó, morta há muitos anos, por intermédio de sua mãe, é aínda a reprodução fiel do conto original.

E sabes quem é Cabindama?...

Nem mais nem menos que a *Cendrillon* do original de Ferrault, que passou ao nosso português com o nome de *Gata Borralheira,* que todos conhecemos e que vem agora figurar na tradução da sua lenda para n'bundo, com o nome nada feio de *Cabindama*.

Mais alguns dêstes nossos contos aparecerão certamente, mais ou menos bem traduzidos e apropriados à compreensão dêstes auditórios, nas colecções orais africanas, desde que haja alguém que, conhecendo bem as duas línguas, a nossa e o n'bundu, seja levado por necessidade ou devoção a contribuir com alguma coisa nova para esta

literatura, o que (creio ter-to mostrado), pode ser de qualquer utilidade mesmo para nós.

Nem só o ouvinte, o narrador também se distrai e por experiência o digo; se recordar é viver, nós, contando contos da nossa infância, recordamos os bons tempos idos e tanta coisa boa que os cercaram; portanto, revivemos êsses bons tempos que foram.

Para completar, Uándi explicou-me, como até si chegara aquêle conto, que para ela representou sempre um triunfo, por cada vez que o contou.

Sendo sua avó criança aínda, tinha sido apanhada e feita prêsa de guerra por gente do soba de Galangue, sob pretexto de qualquer crime que esta gente tinha cometido contra S. Ex.ª. Como senhor absoluto que era e aínda é, mandou-a vender a gente de outra terra, que por sua vez a vendeu em Benguela, onde foi comprada por uma senhora branca (portuguesa), ou a ela entregue para ensinar.

Foi a essa senhora, que depois de ter aprendido português, Xirépa (assim se chamava a antiga escrava, depois baptizada com o nome de Rosa), ouviu contar êste e outros contos que aprendeu de cór.

Reconhecida, anos depois em Benguela, por gente que daqui ia por vezes ao litoral com seus negócios, foram entaboladas negociações no sentido de ser resgatada pelos parentes, que eram, na sua maioria, gente de alguns haveres. Assim sucedeu, rialmente, não obstante a relutância que sua senhora mostrava em deixa-la partir e o preço exorbitante de resgate que conseqüentemente exigia, tendo finalmente regressado à sua terra e família, já mulher e com uma filhita ao colo, que vem a ser uma tia de Uándi, aínda viva e irmã da mãe desta, que também vive e que já foi nascida aqui.

O pai da primeira pequenita, tinha sido embarcado e vendido para S. Tomé, em castigo do seu atrevimento...

Depois do regresso, é que Xirépa foi contando às filhas, então pequenas, as diversas histórias do *Puto* (Portugal), que tinha aprendido durante a escravidão, já vertidas para a sua língua.

Quanta saudade, tristeza e sofrimento representava a aprendizagem dêsses singelos contos, que aparentemente nada significam na sua singeleza!

E aí tens, a título de curiosidade, como a ganância e o poder absoluto de um soba sertanejo, que já morreu há bastantes anos, foi causa involuntária e inconsciente do enriquecimento da literatura da sua terra, dando lugar a que eu ouvisse contar ao serão, num acampamento perdido em meio do sertão africano, a alguns milhares de milhas de Portugal e em uma nova e até agora desconhecida edição, a *Gata Borralheira,* em que desde os tempos já remotos da nossa meninice nunca mais ouvira falar, nem pensara.

A isto diria com certeza o nosso velho Borda d'Água: *Deus super omnia,* que é como quem diz: Deus cose direito por linhas tortas...

*

* *

Histórias de bichos?!

Isso seria um nunca acabar, se te fosse a contar tôdas as que tenho ouvido por êsses caminhos e terras que o próprio Deus não quis percorrer.

Algumas parecem contos chineses, tal é o seu comprimento, emaranhado e complicadíssimo entrecho.

São tão variadas as suas peripécias e tão numerosos os seus personagens, que se nos apresentam quási... intermináveis!

Dêsses nem seria capaz de encarreirar a metade, pois

para falar a verdade, nunca os ouvi de fio a pavio, por a paciência não dar para tanto.

Mas em compensação, alguns há, mesmo bastantes, que são até pequeninos e nem por isso menos interessantes.

Assim, dada a comodidade de seu tamanho, dêsses consegui aprender alguns, muito embora me pareça que não serei capaz de os contar com todo o rigor; mas como também é regra, que o uso tornou lei, que quem conta um conto lhe deve acrescentar um ponto...

Para satisfazer a tua curiosidade vou tentar traduzir algum que seja dos mais pequenos e ao mesmo tempo interessante, resumindo-o aínda dentro do possível mas por forma a não lhe tirar a originalidade e interêsse.

Creio que já te disse que êstes contos são do tempo em que os bichos falavam (nós também aí tivemos êsse tempo) não só entre si, mas também com os homens.

Em quási todos figuram Candimba (o coelho), apresentado sempre como o espertalhão e Béu Makaranganga (o kágado dos tchimbandas, o pequeno), como o mais velhaco e manhoso de todos os animais e por isso chamado vulgarmente *u kulo kó binháma* — (o mais velho, por, o mais sabido dos animais), aos quais ganha com freqüência apostas difíceis e engana fàcilmente com suas espertezas.

Além dêstes, como aliás é escusado dizer-se, entra mais ou menos tôda a outra bicharia, grande e miúda, excepção feita dos animais que, como o cavalo, o burro e outros, não pertencem à fauna indígena.

Já que falei em Candimba e na sua comparticipação em quási todos os contos, aí vai um resumido, em que exactamente é êle a primacial figura.

CONTO

Por êsse tempo, andava Dona Coelha sèriamente atarefada com os últimos arranjos de sua casa, no que era pichosamente auxiliada por seu marido.

Não tinham mãos a medir, pois para muito breve contavam já com o bom sucesso.

Mestre Coelho, seu marido, andava verdadeiramente radiante: ia ser mais uma vez papá! Que felicidade!

No entanto, como não há alegria completa, nem céu azul que não seja ensombrado por alguma nuvenzinha que lhe empane a transparência, também no céu daquela alegria de Mr. Coelho havia a sua nuvem, que, muito embora ténue, não deixava por isso de preocupá-lo sèriamente.

A nuvem de Mr. Coelho apresentava-se sob a forma esguia, coleante e verdegosa (1) de uma jóven gibóia (môma), que há pouco tempo se tinha vindo estabelecer naquelas cercanias.

Nem se lhe sabia bem aínda da morada; era certamente lá para os lados do riosito, em cujas margens precisamente tão tenras e apetitosas ervinhas nasciam, que bem apreciadas eram pelas famílias Candimbas e seus apaniguados, mas ninguém aínda se tinha metido a averiguar ao certo.

Embora nova, galante e pequenota aínda, a novel vizinha e não obstante ter por ali aparecido há pouco tempo, já não gozava de grande fama...

Diziam mesmo, falando baixo já se vê, não fôsse ela ouvir, pois onde menos se pensava, lá estava sem ninguém

---

(1) É a gibóia dos rios, que é manchada de verde claro.

a ver, que não era boa a peste: glutona, preguiçosa, impostora e quando se sentia alaricada, não era de cerimónias: *criatura* geitosa que nunca tinha feito mal a uma môsca. se lhe passasse ao alcance... era de uma vez!

Lá das ricas ervinhas do rio não tomava nada! Aquilo era só para fôfa cama, onde levava horas enormes sem se mecher; uns diziam que a dormir, outros que não; que estava muito bem acordada. Lá quem tinha razão não sei.

Verdade, verdade, aquela vizinhança não trazia muito sossegada a população miúda e mesmo alguma da graúda daquela freguezia; não que fossem medrosos os seus habitantes, isso não, mas emfim era tudo bicharia trabalhadora e pacata, pouco dada a brigas e quixotadas.

Mr. Coelho também perfilhava aquêle receio e desassossêgo geral; não por si que os tinha no seu lugar e via bem, mas por sua mulher, que muito embora fôsse cheia de prudência e longa prática da vida, andava agora tão afadigada com os arranjos, para que nada faltasse quando nascessem os petizes, que nem via nem ouvia e além disso estava um tanto pesadota pela certa com aquela barriguita, que não a deixava correr e saltar como de costume, que lá ligeira era ela.

Iam as coisas assim correndo sem novidade de maior, quando, por certa madrugada de Junho, fria e clara, quási sol-nado, Mr. Coelho chegando a casa a encontrou aínda deserta; sua esposa não chegara aínda.

Muito embora não fôsse tarde, como porém o frio apertava de rijo e aínda pouco antes, ao encontrá-la, ela lhe dissera que ia recolher por estar tiritando e muito cansada, estranhou a sua ausência; como tinha ido aínda dar uma volta com um amigo, depois de a encontrar, calculava que estivesse não só em casa mas até deitada.

Entretanto, como uma resteazinha de sol-nascente se

viesse espreguiçando pela casa dentro, Mr. Coelho puxou um kaxálo (banquinho) e veio sentar-se à porta para aquecer os pés emquanto esperava.

O tempo ia passando e já com nada conseguia iludir a sua impaciência, procurando baldadamente justificar a seus próprios olhos a estranha e inexplicável demora de sua madama.

Surpreendida por súbito incómodo, longe de casa, teria sido obrigada a pousar na de alguma amiga ou parenta, não o mandando prevenir, por julgar ser coisa passageira?

Só se não seguira pelo caminho do rio, que era o mais próximo, quando o encontrou e lhe disse que se vinha deitar. Por ali só passava pelo tugúrio de uma coelha, velha solteirona (chimbumba), com quem por sinal tinham as relações cortadas.

E assim, ia discutindo com os seus botões (admitindo que um coelho tem botões), perdendo-se em mil conjecturas, emquanto o sol que se fartara de subir, já mostrava tendências para começar a outra metade do seu percurso diário descendo para o poente.

Por mais de uma vez se levantara, resolvido a ir bater às portas de todos os seus conhecidos e parentes, para saber o paradeiro de sua querida companheira, mas outras tantas se sentou, ou antes, se deixou cair desanimado no seu banquinho...

Como poderia um coelho, digno de tal nome, correr em pleno dia como qualquer vagabundo pelos caminhos e andar batendo de porta em porta, durante as horas em que tôdas as famílias honestas gozavam o justo repouso, de que uma noite de trabalho as tornara merecedoras?

Triste e esmorecido, não tinha melhor partido a tomar do que recolher-se também e dormir, se o sôno viesse em seu socôrro. Assim fez!

Pela tarde, mal o sol se aproximou do horizonte, não lhe sofreu mais a paciência e largou-se à cata de notícias. Depois de muitas buscas infrutíferas, parou para descansar num tufo de capim à beira rio.

Cheirava pensativo uma pitada, lamentando mentalmente sua triste sorte, quando lhe pareceu ouvir, cêrca do lugar em que se achava, mexer e alguém falar a meia voz. Escutou, suspendendo a respiração: ouviu como que o arrastar de um corpo e uma voz sibilante e áspera, que lhe fêz pôr todos os pêlos em pé como se soprasse a nortada, monologou:

— Aqui mesmo, que foi onde a papei... O marido, pela certa, em anoitecendo, não deixa de a vir procurar por aqui, e... êstes coelhos são estúpidos... e gordos que êles andam... Ela então estava que era uma beleza... Até me parece sentir-lhe aínda os filhos na barriga... Toca a calar, que não tarda que tôda a família me passe pela guéla... Agora falta o pai e depois irão os parentes!

E riu-se muito, cìnicamente, a malvada, porque era ela a tal gibóiazita de má fama.

Mr. Coelho tremia todo, como se fôra tomado por uma sezão. Já não era mêdo, era raiva; era um desespêro louco, por saber a sua rica mulherzinha e os seus filhos todos devorados por aquela desavergonhada, aquela hipócrita, que aínda por cima se ria e lhes chamava estúpidos...

— Espera desalmada, que um pobre coelho também sabe vingar os que lhe são caros! Vai esperando que o marido e pai das tuas vítimas, se meta como um parvo na tua nojenta e insaciável guéla!

E tremia todo o pobrezinho e chorava em silêncio a sua raiva e a sua dôr. Ali mesmo jurou a todos os seus deuses, guerra sem tréguas à inimiga figadal, emboscada

ali, a dois passos, à espera para dar a morte áquêle mesmo que jurava dar-lha.

A luta não podia ser mais desigual, mas o ódio dá engenho que é a fôrça dos fracos, se a justiça lhes assiste.

Fôsse como fôsse, a guerra estava declarada entre Candimba e Môma: de um lado procurava-se matar pelo simples prazer de matar para comer e dispunha-se de manha e fôrça; do outro apenas se procurava castigar essa mesma maldade e contava-se só com astúcia!... Quem venceria?

Que se acautelasse Candimba, pois não podia decerto dispôr de mais nada além de astúcia, contra um inimigo que além de dispôr da mesma arma, era forte e bem armado; não cuidasse ir buscar lã e viesse tosquiado...

Com pésinhos de lã se safou Mr. Coelho daquela perigosa vizinhança, dirigindo-se logo em direitura a casa, óra tão triste e solitária, onde por largo tempo desafogou em copioso pranto, tanta tristeza que amargurava seu pobre coraçãozinho.

Depois ficou-se como que esquecido a pensar, a pensar, que quem o visse até julgaria que dormia.

Finalmente, sacudindo as longas orelhas num gesto resolvido, ergueu a cabeça, como quem acaba de tomar uma grande resolução e saiu devagar, fechando a porta.

Depois de parar por momentos, escutando atentamente e prescrutando no escuro da noite em tôdas as direcções, meteu resolutamente a trote, pelo caminho que levava ao ponto geralmente mais concorrido das cercanias.

Encontrando dentro em pouco alguns amigos e parentes, encarregou-os de cada um por seu lado, ir convidando todos os habitantes miúdos, a reunirem imediatamente no grande largo em que em dias de *chipito* (grande baile de festa) costumavam juntar-se e onde dentro em pouco se lhes iria êle mesmo reunir.

Quási ninguém faltou, pois todos calcularam que para tão urgente aviso lhes ser feito, deveria tratar-se certamente de coisa da maior importância.

Passados poucos momentos, chegou Mr. Coelho, que subindo imediatamente a um morrosito de salalé (formiga branca) fêz sinal para que escutassem, no que foi logo obedecido e disse, sem qualquer outro preâmbulo, pouco mais ou menos o que se segue:

— «Amigos: como sabem, veio estabelecer-se na nossa terra, há pouco tempo, uma gibóia, jóven aínda, mas ruim como se velha fôra já. Não perderei tempo a dizer-vos quem ela é, nem o perigo que corremos, nós todos e nossas famílias, com tal vizinhança; decerto já todos o adivinharam e pensam acautelar-se. Só vos direi que a noite que acabou, já essa desalmada sem nome, devorou desapiedadamente minha pobre mulher e meus filhos, porque, como sabeis, se morta não fôsse, talvez ja fôsse mãe...

«A esta hora espera, com certeza, que outra vítima inocente, um de vós, vossas mulheres ou vossos filhos, lhe vá passar ao alcance, para nela cevar a sua gula insaciável!

«Assim, dentro em pouco ou teremos sido sacrificados todos ou seremos obrigados a abandonar a essa ladra, fugindo vergonhosamente a uma fêmea, a terra onde nasceram e morreram nossos antepassados e que dêles temos por herança.»

O orador calou-se e o auditório aterrado, conservava-se num tal silêncio, que mais parecia ao luar, reunião de fantasmas, que de seres vivos.

Afinal, uma voz, apoiada logo por muitas outras, gritou:

— Fujamos! Emigremos!

— Sim, confirmou outro, abandonemos êstes lugares, deixando essa avantesma abandonada aqui, até que aper-

tada pela fome; seja obrigada por sua vez a ir procurar o seu sustento noutras paragens e então voltaremos nós aos nossos lares!

Quási todos aprovaram em voz alta a sensata e talvez única solução do problema de salvação; e os que não o fizeram por vergonha talvez de confessar o seu mêdo, decerto que para os seus botões a aplaudiam sinceramente.

Mr. Coelho, fazendo, porém, sinal para se calarem, exclamou:

—Ide! Fujam camaradas! Eu fico onde morreu minha mulher e meus filhos!

«Jurei e hei de cumprir ou deixarei de me chamar Coelho! Amanhã por estas horas ou terei matado essa bicha assassina sem coração ou estarei sepultado na mesma campa onde desceu minha mulher e meus ricos filhinhos! Se quiserem assistir à minha vingança ou à minha morte, desde já vos convido: escondei-vos todos bem quando o sol estiver a pino, de roda dêste mesmo lugar, e conforme o que suceder, resolvereis; ou ficar, ou fugir imediatamente! Tenho dito!»

Um pasmo fêz imudecer novamente o auditório, que já se sentia por assim dizer comido, à fôrça de o pensar.

Olhavam estarrecidos uns para os outros com expressão tão semelhante, que fàcilmente se adivinhava que todos pensavam, sem se atrever a dizê-lo, a mesma coisa:

—Está doido, coitado! mas ninguém se atrevia a increpá-lo.

Finalmente, um coelho maior, já grisalho, depois de ter olhado em roda de si como quem pede a muda aprovação da multidão, avançou para o orador que os olhava impassível, aguardando apenas uma resposta, e disse com voz pouco firme:

—Combinado! Quando cada um de nós pisar a própria sombra (1), aqui estaremos às tuas ordens.

—Obrigado! disse simplesmente Mr. Coelho; e descendo da sua tribuna improvizada, desapareceu no capim alto e sêco que rodeava por todos os lados a clareirasita.

A assembleia dispersou, comentando baixinho os acontecimentos.

Nascia o dia. O frio era cortante e uma espessa camada de geada, caida durante a noite, estendia um grande pano branco por todo aquêle vale.

Mr. Coelho saltitando cautelosamente, aproximava com fingido ar descuidoso o lugar onde sabia estar enrolada de atalaia a traidora gibóia.

Ao dar de cara com ela fingiu o seu ar mais surprezo, mas sem se mostrar atemorizado, fêz a mais respeitosa das vénias cumprimentando amàvelmente:

—Bons dias, Dona Gibóia! que frio horrível!

—Viva! respondeu a velhaca no tom mais açucarado, tentando em vão disfarçar a tremura que o enorme frio, tolhendo-lhe totalmente os movimentos, produzia na sua voz; um bocado fresco, é verdade, mas o pior é o incómodo que me atormenta e então um fastio de morte... êste reumatismo!

—Coitada! lhe volveu o Coelho; mesmo por aqui são terras pobres, de muito poucos recursos para pessoas de certa criação. Muito faltas de recursos, não é verdade?

—Lá isso é! Nem se arranja o preciso para não morrer de fome. Mas venha cá, senhor Coelho, desculpe a minha distracção, sente-se aqui ao pé de mim; sejamos

---

(1) Á hora do meio-dia, sol aprumo.

amigos e conversemos um pouco; vivo tão isolada, sem família, sem nenhumas relações...

— Agradecido, estou bem assim. Se me dá licença fico mesmo em pé porque tenho os pés gelados... mas rialmente deve levar uma vida triste; tão nova e assim só!... No meu tempo de rapaz, lembro-me perfeitamente, vivia aqui uma senhora Gibóia, talvez sua parenta, mas muito mais velha... parece que a estou a ver. Um dia encontramo-la morta, naturalmente de velhice.

— Ai sim? Então não sou a primeira que por aqui vive? E davam-se bem com ela?

— Como o peixe com a água. Era uma santa criatura; dava-se com todos e eramos nós até, cá a minha família, os encarregados de promover as caçadas, para lhe abastecer a lauta mesa. Meu pai, que lá vai, era o chefe dessas caçadas e em verdade lho digo, não é por ser da família, mas melhores caçadores nunca ela conhecera; ela mesma o dizia.

— Muito me conta, meu amigo, e muito gostaria de saber, como é que os senhores sendo tão pacatos e tão pouco feitos para caçadores, desculpe a franqueza...

— Ora essa...

— ...conseguiam organizar caçadas e fornecer a mesa de minha tia, eu tenho ideia de ter ouvido dizer que ela era um pouco minha tia, que certamente era de muito mais alimento que eu, que o digo, sou uma criança e portanto com qualquer coisa me satisfaço?!

— Oh! minha rica senhora; bem se vê que cedo lhe faltou mestra...

— ?!

— Salvo o devido respeito, aínda tem muito que aprender!

— Certamente, meu amigo; por isso eu gosto de ouvir os cheios de experiência e finura, como quem me ouve.

Ensine-me, que sou tôda ouvidos e bem grata lhe saberei ser por seus ensinamentos. Não hei de ser pior que minha falecida tia, verá. Quem me dera já saber como faziam essas caçadas!...

— Nada mais simples nêste tempo em que tudo está sêco e em que por assim dizer a própria Natureza nos auxilia, tomando para si metade dos encargos. Sua tia ia ter comigo aí a uma clareirasita cêrca daqui, que provàvelmente não conhece aínda, por perto do sol andar *no meio do céu,* (mókati kilu; mókati, no meio e kilu, o alto, o céu), que era a hora em que ela mais lesta se sentia e é a hora em que tôda a caça mais estúpida se sente com sôno e calor...

— E depois? diga, diga; que interessante! E exactamente o que a mim mesma me sucede: de manhã, com êste frio, nem me posso mexer e, assim quieta, farto-me de ver passar caça, que quando me tosca, foge espavorida, julgando que eu lhe posso fazer algum mal... se soubessem! mas... meu amigo, isto são coisas que nem mesmo se deviam dizer. Se soubessem até eram capazes de me fazer alguma partidinha, mas com o meu amigo, posso ser franca, é como se o conhecera de sempre.

— Por quem é!...

— Eu bem sei: apesar de nova, distingo bem as criaturas... mas, conte lá, meu amigo, que estou mesmo ansiosa por saber como isso é.

— Ora, como dizia, é pela fôrça do calor que melhor calha, pois eu sei porque sua tia se fartou de mo repetir, que é quando mais lépidos e fortes se sentem os da sua casta, e...

— Pois é, sim, mas somos de pouca sorte ('tuá bindama), porque é também essa a hora em que tudo dorme descansado, de forma que ficamos espècadas a olhar na rua do «lá vem um» e não vem nada...

—É exactamente onde se engana.

—Sério?!

—O mais que pode ser; e tanto assim que, como lhe dizia, é mesmo a única hora própria das grandes e mais produtivas caçadas e pena tenho eu de já estar um pouco velhóte, senão aínda me atrevia a propôr-lhe a experiência; mas isso já lá vai...

—Não diga isso, caro amigo; eu rebento de curiosidade por saber como isso se faz e morta estou por experimentar; como quer o amigo recusar-me o seu bom auxílio?...

—Bem vê que já lá vai bom tempo; já muitos kuhênhes (1) (o tempo frio e sêco) passaram depois que sua santa tia passou, de forma que perdi o hábito e naturalmente receio não me sair bem da experiência, caindo conseqüentemente no seu desagrado...

—Deixe-se disso; pudesse ela fazer-se já hoje que só assim ficaria satisfeita a minha impaciência... o que o meu amigo não está é disposto a incomodar-se por uma desconhecida e afinal tem muita razão; receia que eu não saiba retribuir condignamente os seus serviços?...

—Oh! quanto a isso minha jóven senhora, é como se servisse aínda sua boa tia. Nunca aceitamos a menor retribuição, pois bastava-nos a muita amizade que ela tinha pela nossa grande família e a garantia do seu juramento.

—Ah! sim? e que juramento era êsse, se faz favor?

—Ela tinha jurado e não foi perjura não, Suku iángui (meu deus), nunca de sua vida tocar num só pêlo que fôsse pertencente a um Coelho...

---

(1) Por: já muitos anos passaram.

— Oh! quanto a isso, amigo Coelho, aqui lho juro! Se até hoje, nunca, nem por pensamento que fôsse, cubicei o mais pequeno dos da sua família (a hipócrita), de hora ávante, serão para mim mais sagrados todos os seus do que os próprios filhos de minha mãe!

— Agradecido no meu e em nome de todos os meus, mas nem tal me tinha passado sequer pela cabeça; é que receio...

— Não fale mais em receios! Bem sei o que vai dizer... Somos ou não amigos?...

— Por quem é! é como se fôsse sua própria tia; é mesmo tão parecida com ela...

— Então se somos amigos, sou eu que lhe vou pedir um favor; está para mo fazer?

— Nem é outro o meu desejo; tomara eu já poder mostrar-lhe tôda a minha... tôda a nossa, respondo por todos, dedicação.

— Pois então, meu caro, como entre bons amigos deve ser, aí vai com tôda a sencerimónia: vamos hoje mesmo a uma dessas caçadas, que só de lembrá-las me está a crescer água na bôca?...

— Bem vê, que depois do que disse, não podia recusar-lhe êsse prazer!

— Então valeu! diga-me agora o que tenho a fazer.

— Por agora, nada, senão aquentar-se a êste rico solzinho, que vai amornando, não é verdade?

— Sim, rialmente; e depois?

— Por volta do meio-dia (passe o emprêgo da nossa hora) vai indo muito de seu vagar, por forma que não dê nas vistas, direita àquêle *ámuin* (árvore que dá frutos semelhando laranjas, em côr e tamanho: maboques) que daqui se avista bem; vê?

— Acolá? vejo, vejo!

— Pois bem; é lá a clareirasita de que aínda agora

lhe falei, ponto onde sua tia se me ia reunir e conseqüentemente, centro das nossas caçadas.

— E ali?...

— Ali, tenho eu tudo preparado para um pequeno disfarce que lhe devo fazer; e estando pronta, toca a esconder-se.

— E a caça?

— Essa virá; é por nossa conta. Pois aí é que está o bom da brincadeira. A minha cara senhora não tem mais que ficar de atalaia e jôgo firme, que não terá mãos a medir, isso lhe garanto eu, à fé de Coelho que me preso de ser...

— Francamente, aínda não percebi muito bem...

— Nada mais fácil: logo que esteja devidamente disfarçada e escondida pela minha mão, que lá nisso ninguém me ganha, é a minha especialidade, a um sinal dado, tôda a minha gente que vou prevenir já, faz o cêrco e largando fogo em volta, vai-o apertando e batendo tôda a caça para o centro, que é onde está escondida a minha nova ama e senhora e que naturalmente saberá o que lhe resta a fazer sem que lho ensine e não terá decerto que se queixar dêste seu servo...

— Não diga mais; isso é magnífico! É um *ricandzo* (nome desta espécie de caçadas que se fazem com ou sem auxílio de queimadas, conforme a época do ano), com todos os matadores! Agora já percebo tudo... que regabofe! o que vale ter um amigo!...

— Então, se me dá licença, vou dispôr as coisas e prevenir a minha gente, se não, nada feito...

— Pois não?! E o dito, dito! Á hora aprazada, lá me tem.

— Não se antecipe e se não fôr vista, melhor.

— Bem sei; vá descansado amigo, que não há de ficar descontente com a discípula.

— Nem a discípula, com a lição que o mestre lhe vai dar; com sua licença... e Mr. Coelho fêz uma grande vénia.

— Até breve!

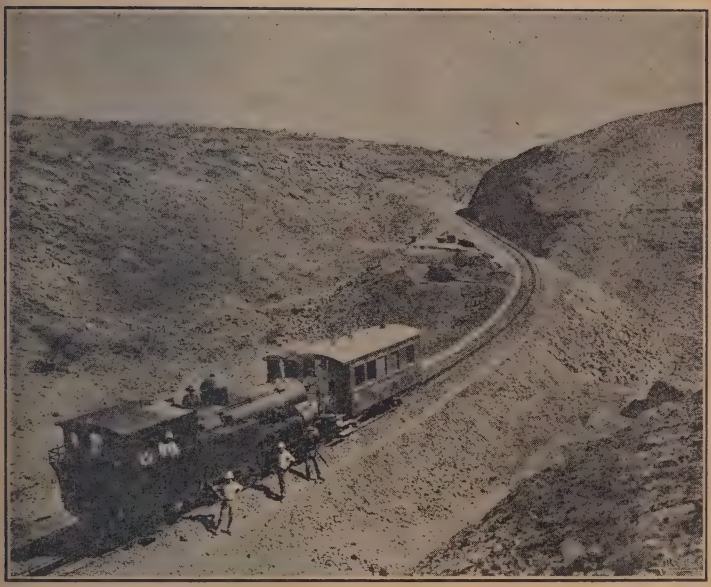
Mr. Coelho desapareceu ràpidamente pelo meio dos densos e altos capins do rio, resmungando por entre seus dentes amarelados:

— Calculo! Hás de ficar satisfeita com a lição que te vou dar, grande hipócrita, e eu também...

Emquanto o Coelho se afastava ràpidamente, fazendo esta e outras considerações e esfregando as mãos de contente, também dona Gibóia, por seu lado, dizia aos seus botões, emquanto se ajeitava para dormir:

— Forte parvo! Comeu tôdas que lhe quis meter; julga-me inocente como uma rolinha! Mas sigamos as pisadas à tal tia que êle para aí me arranjou, pois ela que os utilizava, lá tinha suas razões; rialmente isto de comer sem se incomodar é uma grande ideia e ter criados de graça, não é pior; êstes, juro eu, nunca me virão pedir a paga porque se não atrevem e se viessem... eu lha daria de bom grado e aínda ficava de lucros com certeza. Afinal, a tal senhora, não era nada tôla, isso não e bem podia ser minha tia, que a sobrinha, decerto a não envergonharia... mas vamos a dormir que o sol se encarregará de me vir acordar à hora própria e a fome também; pois, francamente, só com aquela coelhita desde hontem... olha se êle soubesse, o asno do meu amigo!...

Emquanto esta sonhava talvez com o fartóte que ia apanhar, o outro não pensava sequer em dormir ou comer; o seu único pensamento por agora era a vingança, que queria ver consumada, sem qualquer auxílio além da sua própria iniciativa e o seu único cuidado era preparar tudo, por forma que ela se realizasse sem o menor risco de falhar.



CAMINHO DE FERRO DO LOBITO

Cremalheira — Subida para Katengues

Deixando a sua amiga (?) totalmente disposta a vir entregar-se, ficando inteiramente à sua mercê, correu sem perda de tempo à clareira, de roda da qual cortou uma quantidade de capim bem sêco, que ali amontoou.

Vendo que era suficiente o capim já cortado, foi para a mata próxima arrancar cordas em quantidade, que depois de prontas e cuidadosamente embrulhadas em pequenos molhos, como é de uso entre os humanos fazer-se, foi enterrar em uma sombra próxima afim de se conservarem frescas e flexíveis, como era mister para servirem no momento oportuno.

Feito isto, foi sentar-se a descansar um pouco, perto dali.

Momentos passados, um pequeno coelho seu sobrinho, depois de ter por momentos passado o focinhito por entre os capins para observar, aproximava-se olhando aínda receoso para todos os lados.

— Que queres?

— Os mais velhos (va-kuluandamba), disse o pequeno tremendo com mêdo, mandaram-me a mim vir por aqui procurar o tio...

— Está bem: já me encontraste, creio eu; e depois?

— Mas se ouvisse qualquer coisa que fugisse...

— ?!...

— Eu não fugi porque vi o tio aqui só e sentado...

— Acaba lá isso...

— Que preguntasse ao tio se sempre era certo...

— Certo, o quê?

— Não sei; não me disseram...

— Também não sei!

— Se sempre queria que viessem?...

— Ah! que palermas!

— Eu também, tio?

— Tu não; olha, vai-lhes dizer a todos, que venham

como disse; que se escondam bem e que não tenham mêdo, nem fujam quando virem fogo, porque quem o larga sou eu, não são nenhuns caçadores... entendeste?

— Sim, tio. Mais nada?

— Diz-lhes que venham se quiserem e se não quiserem que o fogo lá de cima os coma...

— Posso ir?

— Vai!

.....

.....

O sol subia cada vez mais e o calor tornava-se abrazador, como é costume nos dias de Junho, em que as manhãs mais frias são.

Mr. Coelho, que se conservava aínda sentado no mesmo lugar em que o deixamos, levantou a cabeça como quem desperta e, olhando o sol, que já se erguia muito acima dos cumes das mais altas nocheiras, levantou-se e seguiu apressado, caminho de sua casa.

Uma vez ali, avivou o fogo que açapara com o abandôno em que se vira, retirando dêle depois de revivido um grande tição (nônga), com que seguidamente saiu de casa, dirigindo-se novamente para as proximidades do sítio onde aínda agora estivera sentado.

Chegado que foi, depois de ter pousado no chão a nônga que trazia, andou pelas cercanias juntando alguma lenha sêca, com que ali mesmo fêz uma pequena fogueira, suficiente apenas para conservar bem esperto o fogo necessário para realizar os seus fins.

— Há de ser, dizia por entre dentes, com o mesmo fogo, o último, que a minha pobre companheira acendeu.

Depois de ficar por momentos absorto em sua tristeza, sacudiu-se violentamente e como se quisesse afugentar o abatimento que tentava invadi-lo, pôs-se a saltitar de um lado para o outro com impaciência...

— E se a desalmada não viesse?...

— Ora essa! Há de vir, respondeu à sua própria pregunta.

Tinha acabado de olhar pela vigésima vez o sol para lhe medir a altura, quando, parando sùbitamente, prestou atenção, apurando o ouvido. Um restolhar ligeiro indicava-lhe a aproximação de alguma coisa. Em dois saltos tinha-se escondido em lugar bem do seu conhecimento, donde podia sem ser visto, ver tudo quanto se passava na clareira e suas circunjacências.

Não teve muito que esperar; dona Gibóia chegava mui cautelosamente, levantando a antipática cabeça acima dos altos capinais e inspeccionando as vizinhanças com dois olhos inexpressivos e vidrados.

Após uma pequena hesitação, avançou mais um pouco, pondo a descoberto uma parte do seu corpo esverdeado, que destacava sobremodo naquêle scenário, que lhe não era em demasia propício por destoante. Ficou-se imóvel aínda por um pouco, examinando cautelosamente os arredores; finalmente, convencida decerto que estava só, murmurou:

— Aínda sou a primeira a chegar; esperemos um pouco a ver se...

— Nada tem que esperar, senhora minha, disse o Coelho aínda do seu esconderijo, já cá estamos às suas ordens. Um momento só...

— Ah! Não o via, caro amigo, disse ela, buscando disfarçadamente descobri-lo sem o conseguir. O parvo sabe esconder-se bem, resmungou mais baixo, e tem bom ouvido...

— Para aqui, se faz favor, gritou o coelho aínda sem se mostrar.

— Para que lado?

— Sempre na sua frente.

— Por aqui?

— Nem mais.

— Mas onde está metido que o não vejo?

— Aqui mesmo, às suas ordens.

— Até que emfim! até já me parecia brincadeira.

— Quem pensa nisso? não há tempo a perder, que as tardes de agora são curtas.

Mr. Coelho mostrava-se, finalmente, mas por detrás dos montes de capim que ali tinha empilhado, onde prudentemente se conservava barricado.

— Agora quietinha e falemos pouco e baixo. Está tudo a postos; falta-me disfarçá-la como lhe prometi e o prometido é devido. Vamos, portanto, a isso: fica aqui mesmo onde estamos, que é o sítio mais geitoso que encontrei pelas cercanias; é um instantinho e vai ficar por forma que nem o mais pintado há de perceber quem aqui está... isso lhe garanto eu.

— Olhe lá; que fumo é aquêle, já reparou?

— É parte da nossa gente que aguarda o sinal para começar.

— Bem! que devo fazer agora?

— Estender-se muito bem estendidinha a todo o seu comprimento e principalmente não se mexer... senão...

— Senão, quê?

— Largo da mão tal serviço, que sou pouco amigo de perder tempo e bem vê que o interêsse é só seu; eu da minha banda só ganho algum inimigo mais e o risco em que ponho a pele, além dos que já tenho, por conta de outros serviços como êste, prestados a sua senhora tia. Bem vê que o que a si lhe dá satisfação, desgosta muita *gente* que só come erva...

— Deixe lá isso, mê migo; por isso cá fico eu para as ocasiões. Estou assim bem?

— Perfeitamente! Agora quieta, que emquanto faço

os preparos que vão num rufo, explico-lhe a manobra, para não perdermos tempo.

Entrementes que assim falava, ia mestre Coelho forrando a Gibóia com espessas camadas de capim, do que tinha ali amontoado, que amarrava fortemente com cordas do mato (landobes) em volta do corpo dela por forma a tolher-lhe quási totalmente os movimentos.

— Aperta tanto, mê migo!

— Não é demais, não; onde tenho eu a fôrça para amarrar como devia ser? Se não amarro com tôda a minha fôrça, ao menor movimento lá vai o capim todo, não é verdade?

— Lá isso é! aperte, aperte à sua vontade para ficar seguro.

— Ágora! isto daqui não arreia! A minha senhora fica aqui muito quietinha assim como eu a ponho e com mais um rôr de capim sôlto que lhe vou deitar por cima; êles veem por aí fora aparvalhados e meios cegos com o fumo, capazes de a calcar sem a ver!... É deixá-los juntar sem se mecher; depois salta-lhes em cima e é uma razia geral... sua tia deixava chegar o fogo tão perto que não se escapava um só...

— E não tem perigo?

— Ora essa! Que perigo?

— Do fogo?...

— Qual fogo? Êsse perigo é mas é para a caça, coitada! para ela é que é!... para o fogo não vai, estás a ver; vem mas é para a sua bôca!

— Sim, rialmente...

— Minha senhora, se tem mêdo; estamos aínda a tempo.

— Mêdo, eu?

— É que parecia... Pronto; agora capim para cima... magnífico!... dou um ôlho se não vierem meter-se mesmo pela sua bôca dentro. Agora, caluda e atenção!

Dito isto, Mr. Coelho deu um assobio agudo...

— Cá está o sinal. Agora silêncio, imobilidade, muita atenção e deixe correr por nossa conta... depois me dirá; adeus!

E desapareceu aos saltos.

Num momento alcançava a sua fogueira e empunhando um grande tição bem acêso, precipitava-se como uma frecha para a grande moita de capim enorme e denso, que tinha escolhido para esconder a sua inimiga.

Em menos tempo que a águia leva a cair sôbre a sua prêsa, já êle tinha lançado fogo em volta daquela moita.

Uma enorme nuvem de fumo negro subiu primeiro, escurecendo o céu e antes mesmo que a Gibóia se apercebesse dela, já uma enorme labareda a envolvia por todos os lados ao mesmo tempo. Só então ela percebeu o perigo horrível que a ameaçava...

Vendo na rapidez da fuga o único meio de salvação, e sem um momento só pensar nas prometidas prêsas e própria fome, tentou precipitar-se repentinamente, num salto prodigioso, para o lado onde o fogo lavrava com menos intensidade.

Tolhidos porém os movimentos pela espécie de prisão em que o Coelho a amarrara, o salto falhou e foi cair pesadamente no chão um pouco mais adiante.

Novos esforços foram feitos, sem melhor resultado, emquanto o fogo, cujas enormes labaredas encontravam magnífico pasto naquêle formidável matagal, avançava sempre, fechando mais e mais o círculo já de si pouco amplo, em cujo centro continuava estrebuchando furiosamente a perversa Gibóia.

Conseguindo, com enorme esfôrço, alongar mais um dos saltos desesperados, foi cair tão pesadamente e de tão desastrada maneira, que ficou mesmo junto das chamas que avançavam sempre.

Silvos medonhos vergastaram os ares, fazendo infernal concêrto com o bramir surdo das labaredas gigantes e o estralejar constante da vegetação que, atingida, se estorcia numa agonia tremenda...

Um cheiro horrível de carnes queimadas e gorduras que se derretem começou de empestar aquela atmosfera entenebrecida, através da qual o sol se avermelhava côr de sangue.

Tinha-se o fogo propagado num relance ao capim que envolvia a gibóia, do qual não podia desenvencelhar-se e que por sua vez o transmitira aos montes de capim solto que pouco antes a cobriam por completo e que em suas convulsões espalhara de roda de si.

Tudo aquilo ardia conjunta e furiosamente e no meio daquêle inferno desconjuntava-se a condenada em contorsões e saltos estupendos, como um grande archote animado de que se tivesse apossado irresistìvelmente alguma alma penada (chirulo), fazendo-o dançar um mahámba (dança de possessos) desenfreado e macábro.

Ninguém poderia assistir áquêle espectáculo único, pois impossível seria a qualquer criatura viva aproximar-se do brazeiro descomunal, sem correr eminente risco de sufocar com tanto calor e fumo.

Em pouco tempo, devido à sua própria violência, o fogo afastou-se, impelido por fresca aragem, levando a outros pontos a destruição que só sustaria por alta noite com a geada, para se reatar novamente ao outro dia e assim seguir sabe Deus até onde e por quanto tempo!...

Em fumegante e denegrido campo e negra como êle, jazia inerte, agonizante quási, uma massa nojenta e disforme, que, a não ser pela ofegância de respiração, se não poderia distinguir de qualquer tronco caido e carbonizado.

Era aquilo, a aínda há pouco jóven, elegante e maldosa

môma, em quem Mr. Coelho jurára vingar a morte de sua mulher e seus filhinhos!

De todos os lados acorriam coelhos e muitíssimos outros habitantes inofensivos daquêles sítios, que em desafinada gritaria aclamavam entusiásticamente a valentia e esperteza nunca vistas de Mestre Coelho.

Êste, que parecia totalmente alheado de tudo e de todos que o cercavam, só tinha olhos para contemplar a sua obra e aproximando-se da inimiga vencida, preguntou com visível ironia:

—Estás satisfeita com a caçada, minha rica amiga? Eu também. Não tiveste pena de comer minha mulher e filhinhos, quando podias comer simplesmente ervas como nós? Mas nós não te comeremos, nem assada como estás, apesar de só mal haveres feito!...

«Morre malvada e apodrece para aí, como deveriam morrer e apodrecer todos os da tua raça maldita, que nem deviam nascer!»

A moribunda, num violento esfôrço, tentou erguer um pouco a cabeça, mas dando de cara com o seu irreconciliável inimigo, só pôde murmurar, deixando cair pesadamente a cabeça no chão enegrecido como ela própria:

—Só eu, não tenho um marido que me vingue...

E estorcendo-se numa convulsão medonha, desesperada, morreu de olhos esgazeados, parecendo querer fascinar aínda depois de morta, o seu carrasco...

Estava consumada a vingança de um fraco, a quem o ódio e o direito (É t'sunga) deram fôrças para vencer um forte!...

—«O ódio dos que nada valem é forte como a tempestade».

*

* *

Aí fica o conto, ao qual procurei conservar dentro do possível, tôda a originalidade primitiva.

Fui traduzindo o mais rigorosamente que pude, aproximando-me o melhor que soube da forma porque o ouvi contar na língua própria que foi o n'bundu.

Procurei assim transmitir-to com a maior fidelidade, para que o vejas, não como modêlo de literatura civilizada, mas como amostra curiosa de uma literatura, que penso poder chamar desconhecida.

Creio que o conhecimento desta espécie de literatura, como o de qualquer outra, devia fazer parte de todo o estudo que se fizesse sôbre os costumes e índole dêstes povos.

Estarei em êrro? É possível; mas pregunto:

— Porque se estuda o *folke-lore* de qualquer povo?...

Penso, mas não posso ser eu juiz em causa própria, ter-te dado uma tradução fiel; se não consegui essa desiderata, consegui de certeza estropiar regularmente um pouco de português... que os vernaculistas de ambas as partes me perdôem, que não foi por mal...

...Agora, para terminar à moda da terra, direi como êles:

— «Dámára ó lussápo luangui só tempo à Ninguiri...»

Kuando, 19.

AO ACASO...

(ASPECTOS, CURIOSIDADES E... SURPREZAS)

AO ACASO...

(ASPECTOS, CURIOSIDADES E... SURPREZAS)

As extensas anháras à margem dos grandes rios, que as tem como êste (1) e outros, completamente enxutas por serem bastante declivosas e elevadas acima dos pântanos e planícies alagadiças que em muitos pontos de mais perto os marginam (por vezes em grandes superfícies) são, durante parte do ano, notàvelmente abundantes em frutas várias.

A vegetação é, nêstes terrenos, tôda rasteira, mal se encontrando pequenos e enfezados arbustos e alguma tristíssima árvore isolada (quási sempre o *ongôlo*, cuja raiz e casca são medicinais), que à fôrça de raquitismo não excede o porte de um pequeno arbusto, embora com troncos de grossura mal proporcionada ao seu tamanho.

É vulgar, mas realmente curioso, encontrar nas grandes superfícies de terrenos, completamente calvos de arvoredo *(anháras* ou *t'chánas)*, que a miúde se nos deparam desde que se entra na região das *ariundas* (grandes

---

(1) O rio Cubango.

matas muito densas e entre-amarradas por cipós), reproduções em miniatura das árvores de grande porte, que se encontram em abundância nas matas das outras regiões.

E o mais curioso aínda a meu ver, é que o fruto, perfeitamente igual em tamanho, conserva (se é comestível), as mesmas qualidades ou melhores, que o seu congénere das grandes árvores.

Vi centenares destas amostras, colhi dúzias e dúzias dêstes frutos, comi muitos dêles e sempre lhes encontrei o mesmo ou melhor paladar, mesmo aroma, mais doçura geralmente, mesma côr e, como disse, o mesmo tamanho dos de igual qualidade, colhidos e comidos por mim, das grandes árvores das matas.

O mesmo se dá com outras árvores, cujas qualidades nem sempre se encontram nas matas vizinhas e cuja reprodução miniatural aqui se encontra perfeita e abundantemente representada.

Êsses descampados, que chegam a ter quilómetros de superfície, algumas léguas mesmo, no interior de grandes matas que os cercam e fecham completamente por todos os lados (quando não são nas margens dos rios, como os do Cubango, Cutáto, Cutchi, N'Gulubába, Cusséque, etc., que são menos freqüentes e raros mais para o interior), bem observados são verdadeiras matas liliputianas, cópias curiosas das outras matas gigantescas.

Tais terrenos são normalmente conhecidos pelos nomes de *anháras* ou *t'chánas,* se são abertos e marginando rios, o que não impede que cubram muitos quilómetros quadrados, mas mais pròpriamente *t'chánas,* quando completamente fechados entre matas, quási sempre nos planaltos muito elevados e intermédios de dois rios; são completamente desprovidos de água, quer em si quer nas proximidades, pois ficam, em regra geral, muito desviados de qualquer curso de água mesmo insignificante.

Referir-me hei de preferência às *t'chánas,* visto serem estas as que mais perfeitos exemplos apresentam das curiosidades de que vinha falando e onde são mais abundantes.

A Natureza em África é bastante pródiga nestas esquisitices, que por insignificantes talvez, escapam geralmente à observação do viajante, que maior preocupação tem em descrever as *brutalidades* da Criação do que as suas *delicadezas.*

Gastam-se fàcilmente minuciosos cuidados na descrição dos monstros da Natureza, como elefantes, leões, cavalos-marinhos, baobabs e tantos outros, cujas linhas gerais já são conhecidas de quási tôda a gente (de ouvido ao menos) e mal se gastam duas linhas a falar de qualquer formiga, cambéri ou daquela plantazinha, que mal saindo uma polegada fora da terra, desabrocha flores de tamanho e côr da beladona, com um aroma delicioso que a ninguém passa desapercebido, emquanto esconde avaramente no seu longo caule subterrâneo um remédio precioso...

Eu, francamente, acho maior o Criador nas suas pequeníssimas perfeições, do que nas suas colossais imperfeições!...

Nestas há só fôrça e, a meu ver, a prova da imperfeição da ferramenta primitiva, empregada no seu fabrico, exemplo: o elefante, o baobab; obras de enchó de ribeira e machado...

Nas outras, a perfeição e delicadeza da ferramenta, em mão de artista consumado, exemplo: o cambéri e as minúsculas plantazinhas ou flores que em qualquer cantinho escondidas, cantam seus louvores!...

Já que falei no Cambéri (que naturalmente não conheces) e estou com a mão na massa, far-te hei a sua apresentação, por ser uma curiosidade tão interessante como a das árvores de que vinha falando, no reino ou república dos animais...

Muito mais conhecida é a Gunga (a Eland dos boers), antílope bastante vulgar e disseminada por quási todo o interior, onde vive em manadas mais ou menos numerosas.

Como tôdas as da sua espécie, são armados ambos os sexos de longos chifres direitos, pretos e bem torneados, à excepção das extremidades que são finas, muito agudas e lisas, atingindo fàcilmente nos adultos, o comprimento (ou altura, como quiseres) de oitenta centímetros a um metro.

No corpo são de uma côr acinzentada, que varia para mais clara ou escura, consoante sua idade, sexo ou gordura; as fêmeas são, geralmente, mais claras que os machos e quanto mais gordo está o animal, mais claro se torna.

Pernas finas e bem torneadas, cascos pouco agudos, ao contrário das demais antílopes, é animal, apesar da sua grande corpulência e enorme armação, muito tímido e medroso, sendo fácil de abordar logo que esteja ferido, embora sem gravidade, por não procurar defender-se.

Ao contrário da sua colega *Palanca* (hypotragus equinus) que se defende furiosamente e foge ràpidamente, mesmo mal ferida, até cair esgotada em sangue, a *Eland* fica prostrada com qualquer leve ferimento, deixando aproximar sem fazer uso das hastes: apenas dá coices.

É uma das qualidades de caça que mais engorda, atingindo pêsos superiores aos dos maiores e nutridos dos nossos bois, sendo também a mais corpulenta das antílopes.

A sua carne é saborosíssima e tenra e a sua gordura, principalmente a que envolve o coração e que chega a pesar de 20 a 30 quilos, é bastante fina e suportável para tempero... à falta de melhor. Os boers apreciam-na muito.

O seu coiro é também dos melhores, devido à espessura e resistência, para sogas, estropos e mais pertences usados nos serviços dos carros de bois.

Decerto, já estás a preguntar mentalmente, a que propósito vem a Gunga quando começava a falar no Cambéri?...

É mesmo o que te vou dizer antes de esgotar a tua paciência, que demais tenho posto à prova...

Como viste é a Gunga, a *Bocelephus Oreas* (creio eu), a maior, a mais pesada, a raínha das antílopes.

Pois o Cambéri é exactamente o extremo contrário, que é como quem diz: a mais pequenina, sem qualquer excepção, a mais lévinha de tôdas as antílopes...

Até aqui o caso em si nada tem de extraordinário; é mesmo muito natural que havendo na família, aliás muito numerosa das antílopes, uma que é maior que tôdas, haja também outra que seja a mais pequena!

A curiosidade consiste apenas em serem a primeira e a última perfeitamente iguais em suas formas, com a pequena diferença, porém, que emquanto qualquer Gunga pode pesar 400.500, 600 e mais quilos, um Cambéri por mais gordo e maior que seja, nunca poderá ter mais de 8 ou 9 quilos!

Isto é; qualquer Cambéri adulto, nunca pode sequer aspirar a pesar tanto como a metade de uma Gungazinha recêm-nascida...

No entanto, todo o Cambéri é cópia fidelíssima em miniatura, de sua prima a grande *Eland!*

Não lhe falta um só traço ou qualquer pêlo no focinhito; nem o topêtezito no alto da cabeça entre os chifres, que são características da raça da sua grande prima.

A mesma perfeição de torneados e até os grandes olhos ternos dela.

As mais pequenas coisas que distinguem os dois

sexos do grande exemplar, estão fiel e rigorosamente copiadas no pequenino.

As suas côres são iguais, conservando as mesmas diferenças de tom nas várias partes do corpo dos dois exemplares.

As mesmas alterações na côr, que notamos nas diferentes idades e maior ou menor nutrição das Gungas, são rigorosamente imitadas nos Cambéris de ambos os sexos.

Os chifrezitos do Cambéri são, na forma e torneado, rigorosamente iguais aos daquela, não crescendo no entanto nêste, mais de dez centímetros, ao passo que na outra se elevam a oitenta, cem ou mesmo mais acima do nível da... cabeça!

Da semelhança de costumes dos dois animais não posso falar-te com muita precisão; no entanto, basta a grande diferença de tamanhos para os obrigar necessàriamente a divergências no seu viver e *habitat,* pelo menos no que respeita a pastagens e segurança própria.

A Gunga, que é prato predilecto do Leão, vive em manadas que percorrem grandes distâncias pascendo e mudam freqüentemente de regiões, obrigadas pela necessidade de procurarem novos pastos umas vezes, outras para fugir à perseguição constante do Leão, que encontrando suas manadas, não deixa de lhes dar caça, antes que a outra qualquer antílope ou gazela, sempre que assim possa proceder, não só por dar preferência à sua carne, mas também por ser de mais fácil conquista.

O Cambéri, naturalmente por instinto de defesa, vive nas matas impenetráveis ou de muito difícil acêsso para animais de maior corpulência e para nós mesmos, onde êle, pequenino como é, passeia e pasce muito à sua vontade.

Sai, no entanto, para as clareiras que se entremeiam, mas sem nunca se afastar das suas matas predilectas,

preferindo sempre rodeá-las comendo, para ao menor alarme se sumir, como por encanto, para dentro delas, onde ninguém o sente andar, tão leve e delicado é seu pisar e seria difícil perseguir.

Tem no Leopardo um dos seus piores inimigos.

Apesar de inofensivo e pequenino, ou por isso mesmo, a sua caça é difícil e perigosa, pois para o podermos procurar e perseguir no seu pouso predilecto, as matas fechadas, temos que seguir quási sempre de rastos, avançando sôbre o ventre, não só porque é a única maneira de lhes penetrar o emaranhado sem fazer barulho, mas também porque só assim podemos ver até mais longe, rente ao solo, espreitando-o precisamente pelos espaços, por onde êle passeia os seus trinta centímetros de altura...

Eu, desde a primeira vez que provei a sua carne, tornei-me um seu fervoroso admirador, pois considero como verdadeira goluseima de caçador a caldeirada em que entra não só a sua carne, mas tôda a fressura, da qual nada se deve desprezar... Regista para quando te sentires disposto a fazer a experiência.

Foi devido à minha predilecção pela sua caça, que buscando-o uma tarde nos seus lugares de preferência, que também o são do Leopardo, fui obsequiado por um dêstes meus concorrentes com tais meiguices, que, apesar de virem das *mãos* de um ferido de morte, me iam deixando sem o ôlho direito, e me puzeram a face e carne do peito, do mesmo lado, em frangalhos!...

As marcas cá ficaram para a vida como recordação, mas o gôsto pela tal caldeirada não o perdi...

É um animalzinho encantador pela perfeição de suas formas; não conheço mais lindo exemplar para modêlo de um bronze de arte, que ficaria às mil maravilhas a destacar sôbre o mármore branco de qualquer fogão de sala!

Tive já dois bichitos dêstes, domesticados, que me

acompanhavam em viajem nos carros, saindo e pastando nos acampamentos; e tive, por vezes, ocasião de ver que também como o grande modêlo por êles perfeitamente retratado, em momentos de atrapalhação ou mêdo, se não defendem nunca com os chifrezitos, apenas dando coices, que em virtude da forma ponteaguda dos cascos, ferem muito razoàvelmente.

Tornam-se extremamente mansos e são muito meigos.

Á sua prima Gunga o mesmo sucede quando criada connosco, não se dando o caso de usar as armas para ataque ou defesa, mesmo dos cães.

Tal se não dá com a Palanca que, mesmo criada em idênticas condições, não deixa de ser perigosa pelo mau uso que faz, sem grande motivo, das suas longas e aceradas hastes.

Do que digo, tenho provas sem ser preciso procurá-las longe: o meu amigo Teodoro Cruz, velho colonial, teve consigo uma Gunga (fêmea) dotada de extraordinária mansidão, que acompanhava sempre o seu cavalo no pasto e nos passeios, vindo ao chamamento do seu nome «Gunga» e comendo qualquer petisco com que a quisessem mimosear na própria mão de quem lho dava.

Nunca êste animal fêz, sequer, menção de se servir de suas armas fôsse contra o que fôsse, tendo, no entanto, atingido seu máximo desenvolvimento.

O mesmo não sucedeu com uma Palanca, criada de pequenina pelo nosso também ilustre amigo Joaquim Ferreira, Caióla-ióla, na sua fazenda da Hanha (Caconda), que entre outras proezas de menor tômo, matou uma preta com uma chifrada, só por esta pretender enxotá-la de qualquer parte onde lhe aprazia estar...

Êste exemplo do Cambéri, em casos de reprodução miniatural dos modêlos graúdos, com perfeições verdadeiramente chinesas, no reino animal não é único.

Podia sem dificuldade mostrar-te outros aínda; mas para quê?...

Um só basta a título de curiosidade, que nem outro interêsse tem decerto e mesmo já é tempo de voltar ao que interrompi há tanto tempo...

Antes, porém, de voltar ao nosso ponto de partida, as cópias minúsculas das grandes árvores nas *t'chánas,* quero desfazer uma confusão, que tenho notado em africanistas que à Gunga se teem referido em seus escritos.

Alguns dêstes escritores, que aliás muito considero e admiro como mestres meus que podem ser, referem-se à Gunga e à Nuima como se animais diversos fossem, quando na realidade são uma única e a mesma antílope.

T'Séfu, Gunga, Eland, Nuima ou *N'Tuima,* são sempre a *Bucelephus Oreas* dos naturalistas, se não estou em êrro quanto ao nome scientífico, porque quanto aos outros não tenho a menor dúvida.

T'Séfu é o chamadoiro mais geralmente ouvido, com insignificantes diferenças, nas línguas de além-Cubango até muito pelo interior.

On-Gunga ou *Ó nôn Gunga,* é o nome porque é conhecido o animal genèricamente, conforme pronuncia mu-nana ou mombuéra.

Nós empregamos também, vulgarmente, o nome de Gunga.

Éland é como os boers a tratam em sua língua.

Nuima ou *N'Tuima* é também o nome de Gunga em línguas do norte ou do sul, mas mais especialmente aplicado à fêmea nova, adulta sim, mas que aínda não concebeu; é como nós chamamos a uma vaca nova, antes da primeira gravidez, *uma toura.*

Aquêle nome vem do que em igualdade de circunstâncias serve ao gentio para diferençar as *vacas* das *touras:* uma vaca feita é *N'Djindi* e a toura é uma *Néma* ou

N'Téma, nas respectivas línguas e independentemente do nome genérico de *On Gombe* (boi).

Assim vem, indubitàvelmente, Nuima de Néma e N'Tuima de N'Téma, falando-se da Gunga, *toura* também.

Ora há um facto curioso na vida das Gungas, que provàvelmente muita gente ignora e que tem sido evidentemente a origem do equívoco dos escritores a que me reporto.

Aquêles animais, como é sabido, vivem em manadas, por vezes enormes, onde à mistura se encontram muitos machos de todos os tamanhos e idades, fêmeas nas mesmas condições e crias também idênticamente sortidas.

O gentio que encontre uma destas manadas, virá dizer-nos:

— Dá-cinga ou dá-môna *ólon-Gunga!*

Encontrei ou vi as Gungas.

Há, porém, certa época do ano em que das grandes manadas heterogénias, se separam tôdas as Gunguinhas casadoiras e só elas, na idade própria de procurarem por sua vez serem mamãs e formarem novas manadas; fazem vida perfeitamente à parte e correm alegres e independentes por montes e vales, até que o dia da seriedade chega com a primeira prenhez.

É então freqüente encontrar manadas destas, em que a muitos causa espanto a uniformidade de sexo, de côr, de tamanho, idade, etc., e ausência completa de qualquer macho...

Êstes, isolados, seguem-nas e perseguem-nas a distância e constantemente, resultando desta circunstância a grande instabilidade de tais manadas.

Se o gentio encontrar uma destas manadas, já não o virá dizer pela forma anteriormente indicada, mas sim:

— Dá-cinga ou dá-môna *ó ló Nuima!*

Encontrei ou vi as Nuimas.

São as mesmas Gungas... mas como vimos, trata-se de uma das manadas só de *touras* (Némas ou Nuimas só).

Eis a diferença:

«Gungas»—a manada sortida em tamanhos, sexos e idades;

«Nuimas»—as mesmas Gungas, mas só as *meninas solteiras* da mesma idade, tamanho e... sexo.

Foi, sem dúvida alguma, esta dupla designação que deu origem ao mal entendido.

E por hoje basta.

.....

.....

Passou uma trovoada: três trovões apenas e um vento fortíssimo... um muito ao longe, outro sôbre nós com um estampido medonho e o terceiro já a fugir a tôda a pressa, lá para o sul... e foi o bastante...

Um raio fulminou, matando-o instantâneamente, um dos meus homens que estava sentado com outro a fazer uma esteira: o outro nada sofreu, além do susto...

Drama em três actos, que não durou sete minutos, mas caso vulgar em África...

.....

.....

Reatando, repito o que deixei dito: é realmente notável o que o reino vegetal nos apresenta de variado e curioso, em cópias liliputianas dos grandes exemplares de árvores, frutíferas ou não.

Os exemplares são perfeitos e abundantes, mas devo notar que nunca me foi dado observá-los senão nestas *t'chánas* especiais, que se em grande extenção do interior abundam, também em grande parte dêle não existem.

Seria pretender ir muito longe, indicar com precisão a situação e distribuição destas *t'chánas* pelo interior...

Não cabe tanto nas notas de um simples curioso, que

as toma na única intenção de apontar casos e coisas que respondem a preguntas de um amigo curioso como tu és, ou pensa poderem deleitar a curiosidade sempre álerta, dêsse mesmo amigo.

Alongo-me, por vezes, é verdade, em divagações que pouco ou nada tem, pelo menos directamente, com os casos tratados, quando podia cingir-me à sua descrição singela e rápida... mas isso (o pecado confessado é meio perdoado) bem o sabes, porque já vezes sem conta to tenho dito, é a necessidade de conversar, de dar à língua; e quando eu mesmo sinto que me torno por demais massador, nem sempre posso resistir à tentação, parando a velocidade adquirida e poupando o pobre do papel que se não queixa...

Tu é que não és obrigado e na tua mão está não lêr tudo que te mando, todo êsse acervo de papelada enegrecida de prosa massuda, desabafos tantas vezes incongruentes de uma alma entenebrecida pela solidão e amargura!

Por isso também te deixo longos meses em descanso, sem de mim teres a menor notícia directa; e quando assim as não tenhas, difícil será que as hajas por outra via!...

Mas deixemos lá isso, que volta a ficar em meio a nossa já mais que inguiçada conversa.

*

* *

A «nocheira» é das árvores mais conhecidas por cá, visto encontrar-se na mór-parte das grandes matas do interior; atinge o maior porte e é um pouco semelhante às nossas grandes nogueiras.

Em meio de matas compostas das maiores árvores, a nocheira ultrapassa-as geralmente, chegando grande parte

das vezes o seu tronco a atingir as maiores grossuras; são na sua quási generalidade árvores magníficas e por isso mesmo perigosos abrigos durante as trovoadas, por serem freqüentemente destruidas pelos raios.

Teem mesmo fama de atrair e provocar as descargas.

No tempo da floração, cobrem-se com uma quantidade infinita de pequenas flores, que dão sinal da sua presença, enchendo as matas até grandes distâncias de um perfume agradabilíssimo.

Caídas estas, fica por completo esquecida a sua presença, até que, passado tempo, novo arôma em nada inferior ao primeiro, embora diferente, vem de longe prevenir o viandante que a maturação dos seus frutos se completa, oferecendo-lhe um petisco, que a muito boa gente tem servido de único alimento em ocasião de fome.

O seu fruto, a nocha, do tamanho de uma ameixa regular, pardo avermelhado quando maduro, tem uma polpa farinhenta, envolvendo carôço, semelhando a nossa amêndoa que, além do arôma delicioso que lhe é peculiar, é de sabor bastante agradável e doce.

O carôço contém aínda amêndoa de tamanho muito apreciável e de sabor em nada inferior à nossa amêndoa doce, que, ao menos pela parte que me toca, posso dizer inofensiva, pois tendo-a por vezes comido em quantidades enormes por necessidade, nunca senti que me fizesse mal.

Desta amêndoa pode, certamente, extrair-se óleo, que julgo ser de fina qualidade e talvez com propriedades medicamentosas.

De roda dos troncos dêstes colossos há sempre clareiras, devido naturalmente a não poder desenvolver-se maior vegetação sob sua frondosa e densa sombra e sôbre as suas formidáveis raízes, aflorando a terra por espaço de muitos metros em volta do gigante, que por vezes tão útil

é ao viandante perdido dias e dias, por essas intermináveis matas do interior.

Estas clareiras, onde se podem apanhar cestos e cestos de fruta, que vai caindo madura (pensar ir colhê-la lá cima seria rematada loucura), são por demais conhecidas e freqüentadas de muitos e variados animais.

Os próprios carnívoros a elas recorrem quando se vêem apertados pela fome e lhes faltam presas de maior substância; pois, mesmo quando com o tempo, a fruta apodrecida e comida pelos bichos e insectos desaparece, lá ficam aínda os caroços com sua amêndoa, que os necessitados ou gulosos de melhor dentuça quebram para comer.

Os lobos, hienas, chacais e raposas, são assíduos freqüentadores das clareiras dêste gigante bemfazejo, que bem se podia chamar — protector dos famintos...

O próprio leão não desdenha êste modesto manjar, quando a mandinga o persegue e a fome aperta... e não se julgue que o leão por ser leão e o rei dos animais, como a meu ver muito impròpriamente lhe chamam, tem sempre mesa farta e não passa os seus bocados bem amargos, apesar de estar na sua terra, que é o seu elemento e... o seu reino!

Coitado! só êle e Deus sabem, e... algum curioso indiscreto também, dos seus apêrtos e até das tristes figuras que, apesar de ser o «rei dos animais», alguns dos seus súbditos menos respeitosos o obrigam a fazer...

Fraquezas que nós todos temos!...

*

* *

Tínhamos saído para a caça, mal clareava a manhã, Henry Behan e eu... Êsse dia seria consagrado, no acam-

pamento, ao descanso e como a carne já era pouca, não podiamos nós ficar inactivos durante todo êle.

Descansariamos no regresso, pela calma, se as surprezas da caça nos não levassem mais longe ou a dormir pelo mato se calhasse... Onde quer se passa uma noite.

Andava por ali rasto de búfalo e se déssemos com a água onde bebia, certamente ficaríamos por lá, para a espera, até de madrugada.

É verdade que a lua saía tarde, por essa meia noite talvez, mas ajudando o vento, podia ser que os brutos não faltassem.

Tínhamos já caminhado muito, sem que qualquer rasto de caça nos orientasse os passos.

A região que ora atravessavamos era então de uma pobreza de caça verdadeiramente franciscana.

Tinham passado por ela dois anos de uma sêca tão forte, que, dos rios, uns estavam totalmente sêcos, só a custo se encontrando alguma pinga de água escondida nas pedras do seu leito ou cavando a grandes profundidades se obtinha a água insuficiente (e que água, santo Deus! negra e fedorenta a voltar o estômago de um morto!) para enganar a sêde desesperadora, que trazia atormentados e abatidos homens e animais.

Outros, mas êstes raríssimos, levavam uns ténues fiositos dela, que pela hora de maior calma de todo desapareciam para só voltarem a molhar a areia esbraziada do fundo lá por essa madrugada, numa constante ameaça de nunca mais voltarem a correr...

Debaixo de um sol abrazador, sem que o mais leve orvalho viesse fertilizar aquêle solo requeimado durante meses consecutivos, tôda a vegetação desaparecera ou se tisnara, pulverizando-se as pastagens e estorcendo-se amarelecidas as ramas dos arbustos!

Em meio dêste quadro desolador, tôda a caça ia

debandando, rareando de mais em mais as suas espécies umas após outras, à medida que rareavam também os pastos e as águas.

Restavam assim raras e insignificantes manadas de zêbras, sabidas como raposas matreiras e uma ou outra manada de N'Palas, com os machos solitários que delas se destacam na maioridade, como de costume; os errantes Undgiris, verdadeiros nómadas das regiões sêcas, que percorriam estas em todos os sentidos, indiferentes às ardências do sol e às faltas de água, e mal paga a pena falar da caça sedentária, nos seus refúgios invariáveis, alimentação especial e mesquinha em regiões como estas onde nascem, vivem e morrem de velhice ... se os deixam; não se aclimatam nem adaptam a sítios que não satisfaçam plenamente a seus hábitos e alimentação.

Destas qualidades mostravam-se nos muxitos, os Gulungos, linda gazela (?) amarelo-tostado, com curiosa tatuagem no lombo e lados da barriga, branca de neve, que de noite dá latidos que nos lembram os nossos grandes cães de guarda; os Bambys, pequena gazela vulgar em tôda a África, mas aqui pouco abundante; alguma Munha e caça desgarrada doutras famílias como N'Guluves (javardo grande), d'Gimbos (espécie de papa-formiga de grande tamanho) e alguns outros que agora me não ocorrem.

A concorrer aínda para a debandada geral, o Leão, por não ter aínda terminado talvez a época da criação, teimava em não abandonar estas paragens, onde, esfomeado, perseguia sem tréguas tudo que restava de caça, digna ou não de S. Ex.ª.

Por tudo isto vínhamos já de há tempos em regime quási obrigatório de carne de zêbra, pouco apetecível alimento com a enjoativa gordura côr de gêma de ôvo que lhe é peculiar e rechinava diàriamente nas brazas de todos

os fogos do acampamento com cheiro mais que desagradável.

Seguíamos cautelosamente em silêncio, esquadrinhando com o maior cuidado todos os cantos, onde pensavamos pudesse encobrir-se qualquer pégada, através de uma densa mata, onde há mais de duas horas nos internaramos, quando de súbito Behan, que marchava à frente, alguns metros à minha direita, fêz sinal para me aproximar sem barulho.

Para ali me dirigi, pisando com o maior cuidado para não estalar com os pés alguma fôlha ou ramo sêco.

Behan, parado, apontou-me primeiramente umas pégadas que se divizavam no chão arenoso, onde mal marcavam e depois uma direcção...

Vi essas pégadas, mas sendo então aprendiz, como era, não consegui classificá-las ou reconhecer a sua identidade com aquela certeza absoluta que só a muita prática e o instinto que se desenvolve na caça, ensinam a ver num relance de olhos.

Seguimos por muito tempo, acompanhando por vezes com séria dificuldade, a marcha do animal ou animais que por ali tinham passado certamente há pouco tempo, pois que o meu companheiro, velho caçador e antigo camarada de Henrikson, avançava com as maiores cautelas e prudência, fazendo-o muito devagar, com receio de ser visto ou pressentido antes de êle mesmo ver ou pressentir...

A certa altura voltou a parar e depois de examinar o solo cuidadosamente, disse-me ao ouvido:

— É rasto de mais que um...

E antes que eu pudesse formular qualquer pregunta, seguiu novamente, mudando porém de direcção, sem nunca deixar de examinar minuciosamente o chão, quási a cada passo que dava.

De súbito estacou, pondo o dedo no nariz em sinal de silêncio, emquanto escutava atentamente...

Eu mesmo, escutando também, fàcilmente percebi que próximo de nós trituravam alguma coisa... era como se alguns cães ali reunidos, roessem ossos...

Com o maior cuidado e armas prontas (eu imitava rigorosamente todos os movimentos do meu mestre, de quem era por assim dizer a sombra e de quem quási não desviava os olhos), caminhamos sem um ruído, deslizando mais que andando, com o maior empenho de surpreender o quer que era, antes que nos percebesse a aproximação.

Agora, ao passo que as árvores rareavam um pouco, a vegetação miúda adensava, emaranhando-se nos arbustos espinhosos (unha de gato e outros) trepadeiras várias que assim formavam uma parede impenetrável, que além de nos tornar quási impossível a marcha sem ruídos, nos interceptava ou limitava grandemente a área de observação.

O meu companheiro, impossibilitado de continuar seguindo as pégadas que até ali nos guiavam, observava parado, em todos os sentidos, como quem procura *um furo* à situação e escutava ao mesmo tempo atentamente.

Acompanhando-lhe todos os movimentos com a vista, levantei a cabeça e vi na nossa frente, para além daquela densa muralha de verdura amarelada e espinhosa e dominando-a completamente, uma monumental nocheira.

Aquêle roer que há pouco aínda ouvíramos e que por alguns minutos se tinha interrompido (o animal ou animais que comiam, tinham certamente estado a fazer o mesmo que nós faziamos: escutavam!), recomeçara com maior animação, mesmo ali, a meia dúzia de metros na nossa frente; quem quer que era e não era com certeza um só, estava evidentemente a comer dentro da clareira, que, como de costume, não podia deixar de haver em roda daquela magnífica nocheira.

Recuamos um pouco, com mil cuidados, para procurar uma aberta por onde pudessemos tornejar aquela parede, até encontrar postigo por onde espreitássemos para dentro daquela sala de jantar, onde se banqueteavam hóspedes desconhecidos, pelo menos para mim, que deixando-me guiar pelo companheiro, nem tivera a preocupação de reconhecer o rasto que seguiramos até ali.

Finalmente, uma verdadeira *gateira* natural se nos deparou e por ela pudemos, primeiro Behan, depois eu, verificar a qualidade e contar o número dos hóspedes que naquela modesta estalagem tomavam talvez o seu primeiro almôço, depois de uma noite certamente mal aproveitada.

Confesso, sem vergonha, que tive mêdo, porque nunca me envergonhei de dizer a verdade e nunca acreditei qualquer homem que me diz que nunca o teve!...

Aínda te hei de mostrar com factos, que até o Leão, o grande animal, se deixa dominar por êle...

Um calafrio correu-me a espinha, mas o mal-estar passou como um relâmpago.

Dentro da clareira, nariz no chão, ali a poucos metros na nossa frente, sete autênticos Leões de carne (pouca) e muito ôsso, comiam...

Duas fêmeas e um macho grandes e dois casais mais novos, todos magros, feios, angulosos e arripiados, banqueteavam-se com caroços de nocha, que iam quebrando com os dentes para lhes aproveitar as amêndoas!...

Pobre rei dos animais!!!

Aí tens a prova de ser bem verdade — «que a fome é negra» — mesmo quando se trata da aristocracia dos... bichos; e a prova também da veracidade do que mais longe te disse sôbre a utilização da nocha pelos carnívoros e dos apêrtos em que o próprio Leão se vê, por êstes seus reinos (dêle).

*

* *

Pois, meu velho, é esta mesma frondosa e imponente nocheira, com a sua enorme estatura acolhedora de homens e animais esfomeados que vamos encontrar, reduzida às proporções de modesta planta de vaso, pouco desenvolvida aínda assim, nas *t'chánas* de que falavamos!...

Um outro bao-bab de Tartarin...

Custa a acreditar, não é verdade?

Pois é bem certo e pode ser confirmado por vários europeus, que muito embora não tenham olhado para o fenómeno com olhos de ver, não deixaram com certeza de comer meia dúzia dos seus frutos, se em alguma *t'chána* passaram no tempo da sua maturação; fora dêsse tempo muitas vezes pisariam descuidosos, a frágil haste, sem uma só vez lhes passar pela mente, que pisavam nem mais nem menos que a irmã gémea da gigantesca nocheira.

Realmente, em meio das *t'chánas,* ela mal ergue além de 15 a 20 centímetros uma frágil varinha, não mais forte nem vigorosa que qualquer haste de lúcia-lima...

Não chega sequer a ter o aspecto de uma árvorezinha pequena, não; é uma haste única, um rebento fraco a que um tronco (?) subterrâneo, que se prolonga horizontalmente por alguns metros engrossando mesmo apreciàvelmente, dá origem de espaço a espaço, dando em resultado que, quando encontramos um pésito com seus frutos (raro dá mais de um a três) devemos procurar bem, porque a pequena distância encontraremos muito provàvelmente mais alguns.

Os frutos, como disse já, são, apesar do diminuidíssimo porte da nocheira rasteira (Ó lotcha i-ó possi do

gentio) iguais em tamanho, gôsto, aroma, amêndoa e côr, aos da sua irmã gigante.

A fragilidade desta miniatura de árvore é tal que, não podendo suportar o pêso do fruto, que muitas vezes é único, o desenvolve sempre muito próximo do solo, para que nêle pouse logo que atinja pêso superior à resistência do seu débil sustentáculo.

Nas matas temos que erguer bem a cabeça, para olhar os frutos que estão na árvore; aqui procuramos, curvados para o chão, em meio das plantazinhas rasteiras onde se esconde, como quem procura morangos, o mesmo fruto, que mais fàcilmente se denuncia ao olfacto que à vista...

Tem aqui como nas matas, grande número de consumidores e apreciadores entre os quadrúpedes, que, no entanto, na *t'chána* teem grandes concorrentes nos insectos, ratos e outros bichitos pequenos, que fàcilmente fazem desaparecer em grande parte nas suas tocas a produção, já de si mais restrita que nas matas.

Centos de metros de *t'chánas* não produzem a fruta que uma só nocheira produz nas matas.

O mesmo que com a nocheira, se dá com o ámuim (maboqueiro), árvore bastante vulgar em África e de que são mais conhecidas três qualidades, das quais duas venenosas e apenas uma comestível.

Tôdas três encontrei reproduzidas nas *t'chánas*, em miniatura, já se vê, porém com maior abundância, como sucede nas florestas, a de boa qualidade.

O ámuim é uma árvore de espinho, que vista a distância quando carregada de frutos maduros, nos dá perfeitamente a ilusão de estarmos vendo uma das nossas laranjeiras mais frondosas.

Do mesmo porte, o copado e verde-escuro luzidio de sua folhagem em muito se lhe assemelham.

Os seus frutos são da mesma forma e tamanho de

uma laranja grande, tomando também a sua côr quando maduros.

Tem porém a casca dura, da rigidez da cabaça madura, contendo um aglomerado esférico de gomos de aspecto e consistência gelatinosa e côr pardo-escuro, que envolvem outras tantas sementes.

Contém também, quando bem maduro, um pouco de líquido da mesma côr dos gomos e como êles extremamente doce e agradável ao paladar.

Pode comer-se sem receio, sendo mesmo agradável em extremo quando estamos com sêde; comido em maior quantidade produz efeito bastante purgativo, que pode com verdadeiro resultado ser utilizado por... quem precise e não tenha à mão de semear o tradicional sal-amargo.

Da mesma forma que sucede com a precedentemente descrita, esta árvore, nas *t'chánas,* transforma-se em pequenina planta, que nos chama apenas a atenção, em meio de outras ervas rasteiras com que se confunde, arranhando-nos as canelas ou rasgando-nos as calças com seus espinhos.

Como na antecedente, também os seus frutos são perfeitamente iguais em tamanho, côr e qualidade aos da sua congénere arbórea e como os dela nascem e desenvolvem-se próximo ao solo, para nêle ficarem pousados quando atinjam o máximo desenvolvimento.

Creio que, como a nocheira e afinal tôdas as árvores e arbustos que pelo mesmo modo vegetam e frutificam nas *t'chánas,* o seu maior desenvolvimento e vida são subterrâneos, sendo as hastes que emergem do solo, ramos ou rebentos espaçados de um tronco horizontalmente enterrado.

Será assim?!

E se é, porque se dará êste fenómeno tão esquisito

nestas planuras quando a dois passos do limite delas e em tôda a sua volta, há matas densas e bem desenvolvidas?

Sendo o terreno das matas arenoso e sêco como o seu, de que é perfeita continuação, porque se não desenvolvem normalmente nas *t'chánas* estas árvores, estructuralmente desformisadas, quando congéneres suas existem quási sempre nas florestas vizinhas, em seu natural desenvolvimento?

Falando só das que dão frutos conhecidos e que por isso se tornam absolutamente reconhecíveis, não dando lugar a dúvidas ou a admitir-se a hipótese de méra similhança, aínda podia apontar muitos mais exemplos, como a Nôna, Coração da Índia, Meneñua, Lumuínos e tantas outras cujos nomes desconheço em parte, embora conheça a planta raquitizada nas *t'chánas* e a árvore ou arbusto normalmente desenvolvido nas matas.

O próprio gentio as trata tôdas indistintamente pelos mesmos nomes.

É provável que êste e outros fenómenos, que podem fàcilmente ser observados na flora africana, tenham para os competentes fácil explicação; no entanto, para mim, por exemplo, não a tem e que tivessem, não deixaria de os achar muito interessantes e dignos de reparo; por isso e como tais, os apontaria como aponto...

UMA ESPERA

(IR BUSCAR LÃ...)

UMA ESPERA

(IR BUSCAR LÃ...)

Tendo verificado a presença de grande manada de búfalos, cujo rasto já por vezes tínhamos encontrado, seguindo-o por muitas horas sem resultado e reconhecido o seu caminho para uma pequena lagôa bem escondida e ensombrada onde bebia, procuramos pouso seguro, que fôsse ao mesmo tempo bom observatório para a espera.

Não nos convindo muito as proximidades da lagôa, por ser aí demasiado densa a floresta e, portanto, escura demais para atirar nas primeiras horas da manhã, optamos por uma parte dessa mesma mata, aínda bastante próxima da água, onde o arvoredo por ser mais frondoso e composto de árvores mais alentadas rareava um pouco, permitindo por isso melhores pontarias e maior alcance de tiro, num maior raio de observação.

De nariz no ar fomos analizando as árvores próximas. em busca da que melhores condições apresentasse para a instalação da nossa «mutala» de espera, onde deveriamos passar aquela noite e talvez mesmo mais alguma, se na primeira os bichos nos *roessem a corda* e não viessem por qualquer desconfiança.

A «mutala» é um estrado rudimentar, feito com paus amarrados com cordas do mato (landóbes) no alto e entre-

meio dos ramos de uma árvore, sôbre o qual fica o caçador à espera.

Naturalmente a situação e segurança da «mutala», variam conforme a qualidade da caça que se vigia e a hora e sítio em que é feita a espera.

Tratando-se de pequenas gazelas que geralmente se esperam ao pôr do sol e de madrugada, quási sempre nas proximidades dos povoados, caminhos, acampamentos ou arimbos, dois paus amarrados horizontalmente, entre dois ramos de uma pequena árvore, são o suficiente para que a presença do caçador ali sentado passe desapercebida da caça que, confiadamente, passe o seu caminho comendo e oferecendo descuidosa o corpinho às balas...

Se, pelo contrário, se trata de esperar caça grossa, em meio das grandiosas matas solitárias, bastas vezes a muitos quilómetros de qualquer ser humano e tantas absolutamente só durante a noite inteira, então essa «mutala» tem de oferecer condições de melhor segurança e comodidade, não só por ser muito maior a permanência forçada do caçador sôbre ela, mas também para haver um maior número de probabilidades, pró-caçador solitário, de caçar sem ser caçado...

Deve demais ter-se em vista, que uma noite inteira a sós, no isolamento medonho e silêncio pesado dessas solidões únicas, é extenuante e entorpece-nos por tal forma, que se a «mutala» nos não oferecer um pouco de segurança, acabaremos por nos desequilibrar, dando involuntàriamente... o salto mortal!

Ninguém pode nem deve ter absoluta confiança na sua resistência ao sôno; por vezes os mais vigilantes caçadores não podem resistir-lhe, ao menos por momentos, porque o entorpecimento que nos domina durante essas longas horas de espera nocturna, é superior às fôrças humanas.

Tudo se conjura para provocar êsse entorpecimento: no Cuhênhe (tempo sêco) basta o frio intenso das noites (em Junho principalmente) que desce a temperaturas inacreditáveis para quem nunca experimentou; zero, um, dois, três e mais gráus centígrados negativos!!! No Dômbo (tempo das chuvas) são estas que encharcam totalmente o pobre caçador até aos ossos, gelando-o por completo, sem que em qualquer dos casos possa recorrer ao fogo para se aquentar ou enxugar, pois acendê-lo seria afugentar a caça e portanto inutilizar o seu sacrifício; tão pouco pode passear, fumar ou procurar qualquer outra distracção ou exercício...

O silêncio, a imobilidade, a ausência de tudo que possa produzir fogo ou fumo, cheiro activo ou desconhecido nas selvas, são outros tantos suplícios impostos como lei, ao caçador de espera.

Tínhamos, portanto, no nosso caso, que construir a mutála nas condições exigidas pela segunda qualidade de espera indicada; a mais difícil e perigosa, mas também a mais interessante, por ser cheia de palpitantes comoções.

Eramos desta feita dois, o que já muito atenua o sentimento de solidão e isolamento que de um só se apodera, quando perdido uma noite inteira em meio da floresta virgem, é obrigado a conservar-se vigilante, sentindo em tôrno de si palpitar hostilmente tôda uma vida, milhares de vidas ignoradas, invisíveis, mas colossalmente grandes!...

São sensações que se sentem mas que não podem descrever-se com um lápis vulgar como êste com que rabisco notas sôbre o joelho, as que durante as grandes noites de espera fazem vibrar fibras do nosso coração, que em nenhuma outra circunstância da vida pensamos possuir.

Para o fazer, dando aínda assim delas uma pálida imagem, era precisa uma pêna privilegiada, finamente aparada e manejada assim mesmo por mão de Mestre.

Se Hugo tivesse vivido horas destas, como viveu horas do mar, ter-nos hia com certeza deixado páginas superiores aínda, às inegualadas páginas dos seus «Homens do Mar»...

Que horas incomparáveis, que noites inolvidáveis, essas de completa solidão, vividas em meio das florestas, cujos mistérios o véu da noite encobre, deixando-os adivinhar através do colossal silêncio que só a elas pertence e que afinal é feito de milhares de ruídos tão desconhecidos do ouvido humano, que em vão tentariamos explicá-los a nós mesmos; no final, porém, tôda a impressão que nos fica a pesar na alma, é só de silêncio, um silêncio descomunal, que debalde buscaremos tôda a vida, fora daqui.

Se a lua rompe e o luar vem iluminar a enormidade do scenário, ao espantoso do silêncio, que no escuro nos fazia dilatar desmesuradamente os olhos na ânsia de ver o que ouviamos, vem juntar-se o fantástico do quadro que ora os olhos podem ver.

A sombra vive, como o silêncio fala...

Tudo que nos cerca toma formas extraordinárias, que de tarde, ao chegar, não víramos, nem com o voltar do dia tornaremos a ver.

Imóveis e em silêncio, vigiamos cada sombra e cada sombra tem um movimento.

Á fôrça de fixarmos, para cada ruído julgamos encontrar uma forma e tôdas essas formas se movem, tôdas as sombras andam, mudam de feitio e em pouco tempo tôda a floresta se anima; e à fôrça de olharmos todo aquele fantástico movimento, escutar todo o espantoso silêncio, a vista esvai-se, o ouvido confunde num só todos os ruídos,

o cérebro entorpece gradualmente, baralham-se as ideias e um pêso enorme caindo sôbre todo o organismo, faz-nos dormir um sôno de febre, durante o qual continuamos a ouvir e a ver, sem ver nem ouvir, até que qualquer ruído que destaca do concêrto geral por difinido e próximo nos arranca repentinamente àquêle esvaecimento em que caíramos, chamando-nos à realidade...

*
* *

Tínhamos concluido o corte dos paus necessários e cordas precisas, para a contrução da mutala sôbre a árvore que escolheramos para tal fim.

Era um enorme Seisse que, apesar do seu tamanho, não era de difícil escalada na primeira parte do tronco, que obliquava bastante até à bifurcação dos dois braços enormes que o formavam dali para cima.

Na esgalhadura superior do braço, que se estendia mais para o lado em que a mata era menos densa, é que construimos o nosso observatório.

Para ali acabavamos de guindar uma dúzia de paus, com o auxílio das próprias cordas emendadas, que um de nós puxava de cima, emquanto o outro em baixo os amarrava na extremidade oposta.

Concluida esta tarefa, ambos encavalamos os altos ramos da árvore, ultimando os arranjos da nossa casa provisória.

Conseguimos fazer um estrado triangular, entre a bifurcação de dois ramos quási horizontais, ficando assim, senão principesca, pelo menos simiescamente instalados lá no alto de onde realmente a vista alcançava bastante, ao menos de dia.

Mais uns galhos cortados para servirem de cabides,

um molho de capim arrancado com custo nas sercanias e içado lá para cima para almofadar um pouco a nossa trapeira e estava completa a instalação onde deveriamos passar uma noite, esperando fazer boa colheita...

O sol, embora já próximo do ocaso, ainda garantia três bons quartos de hora de dia.

Como, porém, tínhamos resolvido não acender o menor fogo, para evitar o mais possível qualquer vestígio da nossa passagem no solo, nada nos obrigava a prolongar a permanência cá em baixo.

Podia ser até, se a sorte fôsse connosco, que ainda aproveitássemos a tarde matando qualquer coisa, que não dando pela presença dos empoleirados se aproximasse do nosso observatório.

Demais, com o búfalo todos os cuidados são poucos, visto ser animal em extremo desconfiado e muito apurado de narizes e ouvido.

Ás vezes o menor vestígio do caçador, deixado inadvertidamente sôbre a terra é bastante para o fazer recuar no seu caminho e tomar por outros muito mais longos e afastados, inutilizando por completo todos os esforços empregados.

Içamos portanto o nosso saquitéu de pele de bamby, contendo o reduzido farnel e, instalados no novo aposento, dispuzemo-nos a reconfortar os respectivos estômagos, já um tanto debilitados da longa marcha e trabalhos de construção, com parte da fraca pitança nêle contida, pois deviamos guardar ainda alguma coisa para o primeiro almôço do dia seguinte, prevendo a possibilidade de nada matarmos durante a noite e pela madrugada.

Podiamos dizer, sem favor, que estavamos bem instalados: a uma altura de sete ou oito metros, com tôdas as probabilidades de ver sem ser vistos, em uma mutála ampla bastante para que um pudesse descansar um pouco

emquanto o outro ficava vigilante, podia fazer-se uma espera cómoda, isenta de perigos e produtiva... se a caça não faltasse...

Estavamos em meio da nossa mais que modesta refeição...

O estalejar de ramos e esmagar de fôlhas e cascas sêcas que já iamos ouvindo não muito longe, indicava vizinhança de qualquer manada de caça, que desperta pela frescura da tarde, não estivera para esperar pela noite e vagava já, aínda sol fora, pela vastidão da floresta.

Silenciosos, atentos e vigilantes muito embora, não interrompemos e terminamos em breve a nossa trincadeira, pois o caso aínda não era para mais.

Entretanto, a manada aproximava-se sensìvelmente, sem que contudo conseguissemos lobrigar qualquer dos animais que a compunham.

Poderiam mesmo passar todos perto, sem que um só víssemos, desde que, seguindo em qualquer direcção diferente daquela em que estavamos, não cortassem algum dos claros que se abriam entre as árvores, ao alcance da nossa vista; a mata era densa bastante e portanto qualquer animal, embora corpulento, podia passar ou conservar-se parado, sem que o pudessemos ver a pouca distância.

O barulho feito pela manada em marcha, que agora podiamos ouvir distintamente, indicava animais pesados e em quantidade.

— Gungas, palanca, undjíris?...

Só suposições podiamos fazer e já iamos desesperançando de apanhar ao alcance de nossas armas os invisíveis passeantes...

Repentinamente, tôda a manada que até então caminhara devagar em passos compassados, pareceu tomada de

pânico, despedindo em correrias furiosas nas mais variadas direcções...

Alguma coisa de anormal se passava com certeza, a não ser que tôda a manada fôsse tomada de alegria súbita, espinoteando em grossa patuscada, o que não era muito provável.

Nem respiravamos...

Mui provàvelmente, algum dos animais que corriam desarvorados viria na nossa direcção e apareceria num momento.

Tôda a nossa atenção se concentrava pois nas direcções em que o tropear mais acêso vinha, esperando a cada instante descobrir e alvejar um vulto...

Um urro de agonia reboou pela floresta e de seguida enorme restolhada e o galope pesado de animais que vinham em correria louca direitos a nós!...

Mais longe parecia que tôda a manada se recompunha para seguir em massa a guarda avançada que se aproximava.

Um Leão jubádo, enorme, apareceu primeiro, voando que não correndo, tais eram os formidáveis saltos que despedia direito a nós...

Em dois segundos surdia de cabeça baixa, rabo empinado, galopando furiosamente na sua esteira, um búfalo imponente, um touro magnífico, negro e tão juboso como o próprio Leão, que inevitàvelmente ia alcançar em quatro pulos...

O espectáculo era tão extraordinário, tão pouco de esperar e desenrolava-se com tão surpreendente rapidez, que nenhum de nós pensara aínda em disparar.

Ambos tivemos o mesmo movimento de surpreza...

De supetão, o fugitivo, com a ligeireza de que não julgariamos capaz o seu enorme corpanzil, tinha galgado até meia altura do tronco da mesma árvore em

que estavamos, segurando-se afincadamente com as unhas, emquanto arreganhava a dentuça afiada para o seu torvo perseguidor, numa pseudo ameaça, que era carêta de mêdo e escondia cautelosamente a cauda entre pernas, como qualquer pobre rafeiro escorraçado!

Num momento, o cornupeto chegava também junto da nossa árvore, que ultrapassava aínda, por não poder sustar repentinamente a carreira desordenada em que vinha...

Não perdera, porém, de vista o seu inimigo, cujo empoleiramento percebera, voltando por isso lesto sôbre seus passos.

Entrementes, o Leão que naturalmente percebera a manobra ou já conhecia a teimosia do seu negro perseguidor, procurava sem grande resultado subir mais ou ageitar-se melhor naquela crítica e pouco cómoda posição, bem imprópria de sua alta dignidade de — «rei dos animais»!

Era bem de ver aquela assombrosa scena que a nossos pés se desenrolava, sem que nenhum dos protagonistas se preocupasse ou suspeitasse mesmo da nossa presença no *camarote,* de onde os admiravamos extacticos!!!

O búfalo escarvava furiosamente o chão, arrancando e lançando pelo ar a distância punhados de terra e hervas, emquanto que, com os chifres, recurvos e brutalmente grossos, arrancava pedaços de casca e madeira da árvore, que felizmente prometia resistir aos seus ataques por muito tempo aínda.

Era interessante ver invertidos, por assim dizer, os papéis daquêles dois brutos, ambos de fôrça colossal!

O Leão, o grande carnívoro que todos nos habituamos a ver como dominador invencível, fazendo tremer de susto tôda a criação, como rei dela que lhe chamam, a

tremer (que eu não quero garanti-lo, mas hei de jurar que êle tremia...) diante do búfalo, um bovídeo seu súbdito, sua prêsa náta, e fugindo, espavorido marinhar de rabo entre pernas por uma árvore acima, encolhendo-se medrosamente diante dos seus ataques!!!

Pelo contrário o outro, o bovídeo, a sua prêsa, o seu alimento, persegue-o corajosamente, faz-lhe frente, procura aínda atacá-lo e desafia-o no seu refúgio... e porquê?

Naturalmente porque o Leão atacou ou tentou atacar a sua manada, as suas fêmeas, os seus filhos!...

E o Leão, do seu ruim poleiro a que se agarrava furiosamente com mêdo de cair, não fazia mais que mostrar as suas magníficas prêsas e bufar, tal qual o gato que perseguido pelos cães, é obrigado a buscar refúgio em qualquer árvore...

Ai! mêdo, mêdo, a quanto obrigas!...

O combate tornara-se verdadeiramente platónico, prometendo prolongar-se até que o sitiante desanimasse, provàvelmente.

Era o momento de agir, intervindo, antes que o sol recolhendo dissesse à noite para vir...

Querendo porém mostrar a maior imparcialidade na nossa intervenção, cada um segredou ao outro o alvo escolhido e dois tiros partiram ao mesmo tempo.

O combate tinha terminado, instantâneamente quási, pela morte dos dois contendores que caíam para sempre.

No entanto, como até na morte prevalece a injustiça, o fugitivo de aínda agora, depois de morto, dominava o valente que há momentos o conservava em cheque!...

É que o Leão nas convulsões da morte, crispou de tal arte as garras, enterrando-as na madeira verde, que só momentos depois de o inimigo ter caído morto a seus pés

PALANCA

(ou patas) é que as largou, indo cair pesadamente sôbre êle... dominando-o!...

Quando levantamos os olhos dêste espectáculo, tôda a manada de búfalos estacava em massa, rodeando-o!...

Êste resto de dia foi bem aproveitado, mas a noite teve de ser passada e pèssimamente dormida, naquêle poleiro onde estavamos, com bem pêna nossa...

Luálába, em Sexta-feira Santa, 18...

MAUS DIAS!

VÆ SÓLI!...

(ECL. IV-10)

MAUS DIAS!

VÆ SÓLI!...

(ECL. IV-10)

Foi, realmente, a anemia que me dominou durante alguns meses, tirando-me fôrça, energia e até vontade de viver!

Com ela, dela ou por ela, não sei, sobreveio também uma série, que cheguei a julgar interminável, de magníficas febres intermitentes, de pontualidade britânica e teimosia verdadeiramente burrical.

Se a primeira me tinha por terra, estou em dizer que as segundas me tinham já debaixo dela...

Dizer-te que durante êsse ano vivi, seria afirmar uma coisa que outros podem acreditar, mas de que eu mesmo não estou completamente convencido aínda hoje.

Onde eu ia buscar energia para conseguir fazer o que fiz durante êsses trezentos a quatrocentos dias, no decorrer dos quais me senti envelhecer hora a hora, não sei bem, mas creio que era na enorme vontade que tinha de acabar que eu colhia essa energia!...

Aínda hoje fico pensando, a querer recordar êsse tempo, como é que eu, verdadeiro corpo (queria dizer esqueleto) sem alma, deambulava, quási sem fôrças de me

suster em pé, ardendo em febre constantemente, odiando gentes, seu convívio e a própria vida!?

Mas não consigo!... Só casos isolados, incompletos, sem ligação de datas, nem verdadeira ideia de pessoas ou coisas eu consigo recordar vagamente, como casos que ouvisse contar há muito tempo e sem a noção precisa de os ter vivido eu mesmo.

Resta-me hoje uma recordação boa: as amizades que me cercaram, quando julgava que estava só, quando assim desejava estar, esquecido, ignorada a minha existência que assim seria um resto dela apenas, em ermo onde ninguém me pudesse adivinhar, onde ninguém me buscasse e assim pudesse acabar como quási tinha acabado!...

Amigos houve que nunca me abandonaram e a quem eu fugia ou desejava fugir constantemente...

Que me vigiavam solícitos, fingindo que me não viam...

Bons amigos é certo, mas a quem então eu odiava mui sinceramente, precisamente porque o eram!...

Hoje, uns partiram já para a grande viagem; para êsses tôda a minha saudade. Outros vivem e para êles vai a minha gratidão, embora lhes queira aínda assim algum mal, porque foram êles que me salvaram, e... eu não queria!...

Que sacrifício horrível eu fazia, para escrever a meu Pai!...

Parece extraordinário?!

É que pelas cartas êle sentia-me doente, adivinhava-o, e eu mentia-lhe sempre!

Nunca lhe confessei o sucedido, nunca o soube até à morte, o Santo Velho!

Encobri-lhe sempre a doença, que êle adivinhava, assim como a aventura que lhe deu origem e que estou certo êle nunca sonhou sequer...

Não calculas o que custa mentir, mentir durante mais de um ano, em tôdas as cartas... mas não é mentir, dizendo mentiras, é encobrir a verdade; é cobrir de flôres, de alegrias perfumadas, um cadáver!...

Nas cartas, tinha que interessar-me pela vida, sentir-me viver, dizer-me feliz... por ter a desgraça de viver aínda... um horror!!!

Eu que sentia asco a tudo, completa indiferença pela vida, por tudo que convencionou chamar-se viver, a sentir-me bem, satisfeito, feliz, alegre, emquanto escrevia uma, outra e outra carta, que tinha de interromper vezes várias, porque a cabeça ardente e torturada se perdia, a vista fugia, cobrindo-me de asquerosos suores frios que me faziam tiritar, por forma a não poder continuar...

Então, eram os afazeres, os meus deveres que me não davam tempo, que me obrigavam a interromper e depois... tinha que acabar em duas linhas: o vapor saía, não tinha mais um momento; que perdoasse, seria na próxima carta mais minucioso, etc...

E a seguinte era o mesmo horror, o mesmo tormento de alguns dias, para a escrever, e... o mesmo final!...

Um dia, tudo aquilo me fêz mais horror aínda e de mim mesmo mais me horrorizei também...

Tive que vigiar por minha vez os amigos, esconder-me dêles, manobrar em absoluto segrêdo, como se realmente se tratasse da evasão de um penitenciário?...

Uma carta à pressa dizendo que partia, e... um dia, a cavalo, meti-me novamente para o interior na pior época do ano, a das chuvas, mal podendo equilibrar-me sôbre a sela.

O que foi essa viagem, nem vale a pena dizê-lo, nem de tal eu seria capaz... mal me lembro!

Era quási um sonâmbulo!...

Tudo água, muita água; os caminhos eram torrentes,

e os riositos medonhos de enchente, chovendo noite e dia... Sempre molhado!

Montava a cavalo de manhã, navegava (que aquilo era uma verdadeira navegação) até que os carregadores queriam acampar e então apeava-me ou deixava-me cair para o chão.

Creio que não comia, pois que os carregadores se queixavam constantemente que o pêso das cargas nada diminuia.

Se dormia nem sei; ou dormia sempre ou nunca dormia.

Emfim, muita água, sempre molhado, chovendo dia e noite, é o que me lembra...

Um dia cheguei, sem mesmo saber se demorei vinte, trinta ou quarenta dias a chegar e nem sei também porque, nem para que eu cheguei!

Á chegada, deram-me a notícia da minha morte, bastante pormenorizada...

Já era a segunda vez que morria!...

Francamente te digo: só me desagradou a notícia... por ser falsa!

Não houve volta a dar-lhe; tinha que ser, foi; e continua a ser!

Aqui a luta continuou teimosa e por muito tempo aínda, mas...

A alguns quilómetros havia uma propriedade, situada em pleno pântano, segundo ouvi...

As febres nunca mais me pouparam um só dia; raro podia tomar o menor alimento.

De tal propriedade diziam horrores: mal se podia lá viver e por isso a tinham vendido! Até os próprios pretos definhavam e morriam... O empregado europeu, que então lá estava, morria, dizia êle, e tudo abandonaria se não fôsse imediatamente substituido.

Ofereci-me. Não aceitaram.

Que ia eu lá fazer, doente que nem me podia ter em pé, quando o outro, forte e sádio desertava?!...

O rapaz apareceu de chofre, sem qualquer outro aviso: não podia resistir, vinha verde-amarelado, esquelético, tremendo febres, num enorme receio de morrer.

Parecia um cadáver, deitado na tipóia!

Insisti pela minha ida. Não tinham ninguém que quisesse ir e entre o abandôno a que viam aquilo votado e a minha ida, preferiram esta por ser mais económica... sempre era um remedeio emquanto eu vivesse...

Despediram-se de mim com a maior solenidade, como para longa separação (realmente quantos dêsses já lá vão), e... eu parti.

Apenas te digo, que sem lá haver um único medicamento (nem mesmo quinino), sem o menor tratamento, uma vez ali e em meio de pestilentos e autênticos pântanos, cobrindo alguns quilómetros, que a tantos assustaram, entrei logo a melhorar, acabando por ficar em pouco tempo, absolutamente bom!...

Se ela não queria aínda!...

*

* *

Quanto à doença que nunca te tinha confessado, porque a ninguém a quis dizer com receio de alguma indiscrição que puzesse meu Pai de sobreaviso, aí te deixo, mais ou menos, a impressão que dela me resta hoje...

Má é a descrição; disparatada até a acharás decerto, mas é assim mesmo que me ficou na lembrança: fragmentada, incoerente, mas não exagerada, posso afiançá-lo.

Qual a aventura a que de passagem me referi e que

deu origem ao mal, também até agora, nem a ti nem a ninguém o disse e francamente, nunca tencionei dizê-lo.

—Para que?...

Uma anemia (eu baptizei-a assim) com todo o seu cortejo de variadíssimas coisas boas, pode vir como qualquer outra doença, sem causa próxima, ao menos aparente...

Por isso podiamos bem passar em claro êsse capítulo da *aventura!*

Não é no entanto que me repugne recordar êsse episódio da minha vida, sempre variada e fértil, nem tão pouco me assuste a sua lembrança, demais agora visto de longe!...

Faz-me tristeza lembrá-lo, porque infelizmente já vai longe e isso quer dizer que foi tempo que passou; mas maior tristeza me faz rememorar, o pouco que me recorda das suas conseqüências dolorosas.

Relembrar êsse episódio, só me faz lamentar que o possa aínda hoje fazer eu mesmo: o desfecho era tão simples!...

Mas como êste não foi o que deveria ser, serviu-me todo o episódio de magnífica lição, embora um pouco amarga; foram longos anos de prática de africanismo a sério... em nove dias.

Como por várias vezes tens insistido sôbre êsse ponto, teimando em querer saber o que tinha havido de anormal, nêsse tempo que já lá vai, vou singelamente contar-te o que em verdade deu origem à prolongadíssima doença, de cuja existência mal suspeitavas.

Vais ver que nada tem de verdadeiramente extraordinário êsse insignificante episódio, trivial mesmo a meu ver em terras como estas; e se tanto *mistério* fiz (como tu dizes) dois motivos a isso me levaram.

O primeiro e principal, já o disse: foi evitar que

meu Pai soubesse o sucedido, poupando-lhe assim o sobressalto.

O segundo, foi a mesma insignificância do facto em si, que me fêz crer que melhor ficaria ignorado, que *a correr mundo,* em ar de aventura mirabolante...

Aquêle, infelizmente e bem infelizmente para mim, não tem já razão de ser e o último vou pô-lo *interinamente* de parte, abrindo uma excepção para contar o precalço, ao maior curioso que conheço.

Vou fazê-lo, porém, na ante-certeza que pela tua parte aceitarás e cumprirás a condição que te imponho: lerás o que vai seguir na maior singeleza, de que procurarei não arredar e assim mesmo o guardarás só para ti, nunca fazendo disto romance para contar, seja a quem fôr.

Por aqui já nem lembra o caso, de que afinal quási ninguém teve conhecimento certo.

Assim, não tendo eu falado dêle mais até hoje e nunca me tornando a referir a tal, seja a que pretexto fôr, no futuro, fàcilmente serás apanhado em flagrante de linguareirice...

*

* *

Lembras-te decerto, que aí por meados de noventa e seis, se me não falha a memória, na ânsia de começar a desvendar o para mim aínda misterioso Além-Serras, me internei, mal acompanhado e pior preparado, pelas bandas da Ganda para o interior.

Dos meus projectos de então, fins da viagem, razões que me levavam a empreendê-la, recursos irrisórios com que contava, sem falar da grande quantidade de *teias de aranha* que então me embrulhavam o cérebro, tens tu notícia por intermédio de vários relatórios com que te

mimosiei antes, durante e aínda depois (como o chocolate Matias Lopez) dessas memoráveis jornadas...

Soubeste um pouco o que vi, o que fiz, o que pensei, na ida, durante a permanência nessas terras e quási nada do regresso.

... e quási nada do regresso, porque narrar-to, seria contar-te exactamente o que sempre quis que ignorasses.

Tu achaste provàvelmente natural o laconismo das notas, relativas ao regresso, em contraposição à superabundância das mesmas a quando da ida, considerando que como percorria talvez o mesmo caminho e mais apressadamente, pouco teria a acrescentar ao já notado para a ida. Não foi bem assim.

Em meio das serras quási escalvadas da região, que por ali fora se estende arenosa e sêca, sem um regato a refrescar-lhe a sêde e sem uma nascente a regar-lhe as raras sombras, acampamos nós na tarde de um dia, que tinha sido todo de sol abrazador.

A água, que tem que ser transportada em vasilhas para dessedentar as gentes e cozinhar algum comer, quási fervia no fundo das vasilhas em que se continham pequenos restos do líquido bemfazejo.

A provisão que deveria durar, por ser indispensável, cêrca de setenta e quatro horas, que tantas eram as precisas na melhor das hipóteses para alcançar a nascente mais próxima, estava quási esgotada ao fim de trinta horas apenas...

É que o calor tinha sido tão intenso durante o dia, que todos beberam sem conta nem medida durante a marcha, a esconderem-se uns dos outros para que ninguém fôsse acusado de causador da grande sêde, que na sua imprevidência (nossa, devo dizer, que eu nêsse tempo aínda bebia água e chamava sêde a qualquer coisa...) preparavam para o dia seguinte.

Acampáramos cedo e como um dos carregadores com fumaças de caçador, me anunciasse a presença de grande quantidade de undjiris e hôhas (cabra azul) (1) por êsses môrros, emquanto se equipava para ir à caça, eu não querendo que os meus créditos (?) e prosápias de caçador, ficassem atrás, imitei-o; puz a cartucheira, deitei mão da minha Martini e emquanto êle saía para um lado eu seguia precisamente em sentido oposto, asnàticamente arvorado em grande conhecedor de coisas de caça!...

Tenho ideia que alguém me gritou do acampamento, quando já me afastava:

— Faz-te esperto, senhor; é a terra da mentira! Volta depressa que o sol vai!

— Asneiras, resmunguei, sem lhe dar qualquer resposta.

Fui, andei, subi, desci, acompanhando rastos de caça que tanto podiam ser frescos como antigos, visto que tudo permitia a minha ignorância, até que o sol se foi e, extenuado de zig-zaguear longo tempo por êsses areais ao acaso, sem ter prestado a menor atenção ao caminho percorrido, parei e pensei em voltar.

Mas, voltar para onde? Para o acampamento, decerto; e para que lado ficava êle?

Foi precisamente nêsse momento, que compreendi o significado do dito do preto à saída do acampamento:

— É a terra da mentira...

Realmente, nada há mais traiçoeiro, mentiroso e enganador que estas regiões áridas e acidentadas, onde tudo é igual, para qualquer lado que se olhe!

Areais imensos, em que à Natureza aprouve semear

---

(1) Os boers chamam-lhes — *blow-bok* — (cabrito azul) devido ao seu pêlo cinzento-azulado. *(N. do A.)*

inúmeros môrros, quási totalmente calvos, que dão origem a grande quantidade de vales e ravinas, quási tão calvas como êles.

Visto um môrro, foram vistos trinta ou quarenta, porque todos são iguais aos olhos deshabituados do novato que fàcilmente os toma como ponto de referência, julgando reconhece-los; visto um vale ou uma ravina o mesmo sucede, porque todos e tôdas se parecem!

A vegetação é tôda uma: um espinheiro é igual a outro espinheiro, a vinte espinheiros; um bao-bab é igual a dez bao-babs, embora pareça o contrário...

É como quem se quisesse orientar no mar e conhecer o seu caminho pelo feitio das ondas...

A areia muito branca, de uma brancura horrível, cobre tudo: montes, vales, ravinas e planícies!!

Por espaços, uma longa estrada de quartzo brilhante aflora a areia, parecendo um indício seguro durante centenas de metros, ao fim dos quais desaparece; mas seguimos a marcha e mais longe, nova fita quártzica nos aparece perfeitamente igual à primeira...

Á terceira ou quarta encontrada, sempre uniformes, ocorre-nos a pregunta:

— Não será a mesma?

— Quem sabe?

A finura da areia permite que a menor brisa a desloque tapando, nivelando, fazendo desaparecer num momento qualquer rasto e o nosso mesmo, eliminando assim ràpidamente a possibilidade de voltarmos sôbre os nossos próprios passos!

Persuadido, depois de alguns momentos de reflexão, que estava bem certo da direcção em que deixara o caminho, nela segui resolutamente. Baldados foram, porém, os meus esforços para o alcançar, antes que a noite descesse por completo.

Veio a noite e com ela a absoluta impossibilidade de me orientar; no entanto, com a imprudência que só a ignorância dá, aínda por longo tempo caminhei, julgando a cada passo que encontrara o caminho...

Quanto tempo errei assim, não sei; por fim, as pernas recusaram positivamente prestar mais serviço e os pés, escaldados da marcha fatigante que aturavam há horas, enterrados constantemente até ao artelho naquela areia em braza, mal podiam já aguentar o corpo, que por sua vez pedia algum repouso.

Estatelei no chão o corpo fatigado; escutei, olhei e meditei... Nada ouvi, nada vi e também não meditei por muito tempo; o cansaço venceu e um sôno reparador desceu prontamente em meu socôrro...

Como longe me levaria descrever tudo que se seguiu ao despertar dêsse belo sôno, dormido na grande cama do «deserto», com o céu por mosquiteiro, vou transcrever-te o que encontro numa pequena agenda dêsse ano.

São notas do maior laconismo, quási telegráficas algumas; poucas palavras, como era natural, mas como não desejo romantizar o caso, basta o que foi escrito na própria ocasião — *in situ*.

Estas pequenas notas mostram que a lucidez nunca me desacompanhou, intervindo nos momentos em que o desespêro quis tomar posse de mim e a elas presidiu decerto a ideia, que só responderiam por mim se fossem casualmente encontrados (o que aliás era bem pouco provável naquêle ermo), quando eu mesmo já não pudesse responder...

.....

.....

Dia 5 — Acampamos no acampamento do Cáué, à tarde. Pouca água temos e não sei quando chegaremos a outra: talvez só depois de amanhã à noite; se amanhã

estiver calor como hoje, ninguém se arrastará senão depois do sol-pôsto, porque de dia e sem água asfixia-se positivamente. O sol frita os miolos; a areia é capaz de cozer ovos, tira-nos a pele dos pés, como às batatas novas o borralho em que costumamos assá-las. Isto é que é África! Uf!... Chimungombe vai para a caça, embora nada mate como de costume. Diz que há muita por aqui. Eu, para não ficar atrás, também vou. Pois! *Noblesse oblige*... Creio que me perdi, estou farto de andar; é quási noite e não há forma de dar com caminho ou acampamento, estou positivamente arrazado, que sêde, vou aínda andar até não poder mais, que espiga.

Dia 6 — Hontem tive que dormir em pleno areal, dormi como um porco; sôbre o amanhecer acordei cheio de frio, enterrei-me mais na areia que estava aínda morna. Estou mais descansado, mas que fome, e sêde?! Hoje andei brutalmente tôda a manhã, nada adiantei, positivamente não sei onde estou, decididamente estou perdido e perdido nesta linda terra! Não sei que mais faça, tem que ser ao acaso; desconfio, cá por coisas, que afinal tenho tanto mêdo de morrer como qualquer outro!... A custo consegui chegar a êste imbondeiro (bao-bab), que descortinei muito ao longe; o desalmado nem fruta tem agora, só cascas; pelo menos descansarei abrigado na sua sombra. Sem êle ficaria hoje torrado sem remissão. Ninguém dará dois passos com sol de fogo como êste. Dormi quási todo o dia e sonhei muito: e que sonhos! A areia deita fogo por aí fora. Que horror! Estou completamente estropiado, os pés já mal me suportam parado, a cabeça anda de roda, que larica! que sêde! De madrugada dei tiros para ver se era ouvido; devem ter dado tiros também para me chamar; nada ouvi, nem vi fogo. Estou no meio do inferno com certeza, como me hão de ouvir? Por onde diabo tenho eu andado tanto? Tentei andar

de tarde mas mal me arrasto já. Fico aqui não sei onde, no areal, sempre no areal maldito, subir, descer, descer, subir, andar, para quê? Que me importa? Que silêncio! Nem um pássaro! E dizem que há leões!! Onde se metem êles que não vêem a mesa posta?! Mais uma noite!...

Dia 7—Tôda a madrugada me arrastei; já não posso, para quê? tiro as botas para ver se comsigo andar, não é possível, a areia rasga os pés em chaga, nem sei se tenho mais fome se sêde; horror! E lembrar-me que... e se chovesse? Nem um rato que se deixe comer! O sol! que tormento!—arde-me a cabeça, a língua pega-se à bôca, não sei; num espinheiro encontrei um punhado de erva mais fresca, que bom! Agora é o que mais faço: procuro ervas, cômo o que posso, mastigo o verde para aliviar a garganta, sinto arder o peito e as entranhas, ando como bebado, julguei que se morria mais depressa, silêncio, pesadelos só; a bôca tão amarga, a garganta estala de sêca, parece de pau, que arrancos horríveis no estômago, dormirei quando a noite vier? eu sei lá...

Dia 8—Tôda a noite ouvi coisas extraordinárias; urrou Leão, mas não veio: cachôrro! estúpido animal! Com tanto sol, tenho frio mesmo de dia; ora transpiro medonhamente, ora tremo; nem uma só caça vi aínda, os carregadores abandonaram-me, que temível sêde, quási não sinto fome. De manhã, quando me quis levantar caí redondo; creio que estive sem sentidos ou a dormir; acordei quási sol-pôsto, acordei melhor, como as pernas tremem, a vergar, só de rastos e de gatas me arrasto. Isto não acabará? A cabeça pesa arrobas, vejo amarelo, rebentos de espinheiro, são bons, mas há tão poucos! quási nada ando já, para quê? perdido, perdido, não?!

Dia 9—Que pêso de cabeça, vejo tudo baço, anda tudo de roda, que horroroso desespêro, que aflição, acordei

junto de goma arábica e comi (acácia albida) (1) dois frutos também que vi no chão, deliciosos, talvez veneno, que importa, quem dera acabar, fiquei melhor, sempre de rastos, encontrei um botão caminho, é meu, falta-me no casaco; já aqui passei outra vez, ando de roda ou ando para trás? é de ficar doido; agora uma caixa de fósforos, é minha também; deitei-a fora há dias, estou perdido, sem remédio, parvo! tenho a arma comigo e os cartuchos, porque não acabo com isto?...

Dia 10—Mal me posso mover, nem de barriga no chão, parando de dois em dois metros, sôfro menos, falta-me a vista, custa imenso escrever, mas escrevendo vivo, penso falar, mais frutos, estou calmo, há de ser até ao fim; abandonei a arma para livrar nova tentação; pobre Pai! Apanhei pássaro tonto calor, chupei tudo, grande alívio, pele, bôca, língua cai em pasta, que boa erva fresca, terra húmida tão perto e eu sem ver, fico, tenho muito frio.

Dia 11—Já não sôfro, muito fraco, arrastando sempre vi primeira vez pedras, ilusão? Caminho! muita esperança, joelhos, mãos, tudo sangue a arrastar, mal posso avançar, sempre sôno, pesadelos, ouço sempre gente chorar, gritar, tanto frio, acordarei? adeus...

Dia 12—Caminho!!! quási noite, último esfôrço, fico atravessado verêda, não posso mais, acabou...

Dia 13—Êste dia está em branco na agenda e os seguintes também.

Pelas oito horas da manhã dêsse dia 13, uma tipóia atingia o alto daquela garganta pedregosa por onde colêa o caminho.

O carregador da frente, um mondombe cujo nome

(1) O parentesis é acrescentado pelo C.

retive — Tombôlo, — chegou a tropeçar no meu corpo deitado de bôrco sôbre a estreita verêda, em riscos de largar no chão a tipóia que conduzia, com grave comprometimento da integridade dos ossos do cidadão que nela se fazia transportar... Estava salvo?...

Não falava já, mas com o dedo apontava insistentemente para as vasilhas em que conduziam a água...

Salvaram-me porque me não deixaram beber e porque eu já não tinha fôrças para mover os membros ou o corpo estropiado, alcançando o líquido que me salvaria dias antes, mas que bebido agora à vontade seria a minha imediata liquidação.

O meu estado era de total indiferença por mim mesmo, por tudo e por todos. Uma modôrra pegada não me largava dia e noite. Nunca mais beberei água na minha vida!...

Alimento, por muito tempo não consegui tomá-lo de qualquer espécie, porque o estômago o devolvia imediatamente... Assim, se estava realmente salvo de uma morte eminente, começava a correr o risco de... morrer da cura que (mal eu o pensava), deveria aínda durar por largos meses, num sofrimento moral e físico, bem pior que o suportado durante aquêles nove dias de deserto...

E aí tens a origem da tal *anemia* que tanto desejavas conhecer.

Deves agora concordar que a aventura em si nada tem de extraordinário ou... interessante.

Como lição, todos os *novatos* a deviam conhecer, para moderarem os seus ímpetos cinegéticos, tão freqüentes nos primeiros anos de África e meditarem um pouco na grande verdade contida no velho rifão:

«A ignorância é atrevida».

Muéne-Chifuha, 19...

ANCHIETA

(ALGUMAS NOTAS)

ANCHIETA

(ALGUMAS NOTAS)

.....

.....

Passa já de cinco meses que por aqui ando, sem ver cara branca e sem uma palavra só em português ouvir, nem ter a quem a diga.

Assim, fàcilmente se compreende, que não tendo também que ler e tendo papel em branco (muito embora de embrulho) e um côto de lápis, eu vá esmoendo lembranças e quantas vezes saudades em barda, com prejuízo manifesto da alvura, já de si um pouco dúbia, do papel.

Não falo, escrevo; escrevendo, penso conversar... e faz tanto bem!...

E que seria do meu, já de si tão ruim e atripeirado português, se não o desenferrujasse um pouco, escrevendo-o?

Teria, pelo visto, que recorrer ao Olendorff para reaprender a minha língua, sem o que me veria deveras embaraçado para me fazer compreender da maioria dos nossos patrícios, que não «ladra língua de cão», quando um dia, se sair daqui, eu volte às terras onde os há.

Pôsto isto e sem esquecer o que em princípio ficou estabelecido, quanto à sua leitura, por hoje vai, em vez de

carta, um pacote de papel de embrulho, rabiscado por êsses acampamentos fora, durante aquelas horas de quietação e silêncio, em que tudo sesteia cá pelo sertão.

São horas estuantes, em que o sol abraza tudo: o chão escalda e o ar mais parece de fôrno, que ar para respirar.

É rara qualquer aragem, principalmente das doze às quinze horas e como a própria Natureza dorme, é grande, muito grande êste silêncio.

A passarada, que aí por volta das onze, acode pressurosa e chilreante às águas próximas a dessedentar-se, acolhe-se de seguida às melhores sombras, onde, passado curto espaço, se julgaria não existir, tal é o seu silêncio.

A bicharia miúda, sempre irrequieta, embora gire um pouco em faina brincalhona nas sombras, não pia.

E a graúda, que só bebe na primeira madrugada ou pela noite, essa dorme tranqüila ou rumina pachorrenta de olhos semi-cerrados, bem enterrada nas folhagens mais densas, por causa do mosquedo.

O bicho-homem, êsse, segue-lhes o exemplo: se em marcha, acolhe-se à primeira sombra e aguarda dormindo, que o sol desencalmando um pouco lhe permita, aí por volta das quinze, a continuação da marcha interrompida.

Isto, se o viandante vai de terra para terra, onde deva chegar no mesmo dia; porque, se ao contrário, se trata de viajantes que do Nano ou para o Nano seguem, em grandes comitivas, fazendo longos percursos que os obrigam a viver de acampamento em acampamento, durante semanas e meses consecutivos, como, por exemplo, agora me sucede, então nunca a hora de sestear os surpreende em marcha.

Nos acampamentos amanhece cedo, e ao primeiro cantar da chinganja madrugadora, toca a andar: quando a passarada bebe, acampamos nós, de forma que, quando aperta a torreira, já tudo comeu, bebeu e dispõe-se para a sonéca.

Desta forma, quando tudo dorme na mata e na planura, também o acampamento jaz em absoluto sossêgo e silêncio apenas interrompido às vezes, pelo marulhar pastoso de alguma panela de feijão que vai cozendo para a ceia ou pelo ressonar mais ou menos roncante de algum dorminhoco, geralmente cheirador de pitadas.

É nessa hora, pois, que procurando uma sombra boa, afastada do acampamento para que me não chegue sequer o cheiro a próximo, eu, que nunca me habituei a dormir a sesta, me abandono em meio da Natureza amadornada a conversar intimidades ou despautérios, que não chegando nunca a sair dos lábios, passam às vezes, uma mínima parte apenas, insipientes e desconchavados para o papel...

Poucas vezes as releio e se isso alguma vez sucede, raro sobrevivem à leitura as deslavadas linhas.

E essa deveria ser a sorte delas tôdas!

E essa será, bem o espero, a que tu lhe darás depois de as ler, se a tanto te chegar a paciência, o que duvido...

Aí vão pois êsses desabafos que em vários pontos, penso, servirão de resposta a passagens várias de cartas tuas, satisfazendo assim em parte a tua curiosidade sempre cheia de interrogações, a que só seria possível responder, escrevendo muitos e intermináveis volumes sôbre as imensas maravilhas e curiosidades dêste Novo-Mundo, quási indescrito.

.....

.....

Acabava de receber de chofre a notícia da morte do Grande Naturalista, do grande Português que os portugueses mal conhecem e de cuja existência mesmo mal duvidam.

Um preto, casualmente chegado de Caconda nêsse dia, ma dera no laconismo da sua língua:

— Angála! Dôtôro uáfa!

O que seria, dito em outro português, porque isto afinal português é ou, pelo menos, língua de terras de Portugal:

— Senhor! doutor morreu!

Assim era tratado por nós europeus e pelo gentio das regiões de Caconda e Quando, onde, pelo menos de nome, Êle era geralmente conhecido e estimado.

O gentio «ambundando» a nossa palavra Doutor, fêz «Dôtôro», com a sua mania de estropiar, complicando e dela fêz derivar os nomes do que de perto lhe respeitava.

Assim dizem:

— «Con dôtôro» — a casa dêle, o lugar ou acampamento em que assistia.

— «Van-dôtôro» — os seus, a sua pseudo-família, os seus apaniguados, etc.

Mas deixemos a lição...

Dizia-te eu, que a notícia da sua morte, apanhando-me de surpreza, me deixara positivamente aparvalhado.

Podes crêr, que de facto me chocou e entristeceu profundamente.

Talvez te admires, porque realmente poucas vezes te falava nÊle, mas podes crer que, tendo convivido bastante com Êle, tinha (e tenho aínda) por tal Homem uma grande admiração, a maior veneração e posso mesmo dizer sem receio de mentir, muita amizade, que estou certo (quanto à última) Êle me retribuia muito regularmente, a seu modo.

Digo-te que tenho e terei sempre, uma grande admiração por êste Homem; e olha que tem direito, não à minha admiração que nada significa na sua insignificância e anonimato, mas à da Pátria portuguesa, sua Pátria, que Êle muito honrou e que admirando-o, nada mais faria que imitar as grandes nações estrangeiras que de há muito o admiram, veneram e apreciam.

E quando falo dÊle, repara, escrevo Homem (com maiúscula) e não homem, porque o acho grande de mais, para se confundir, ortogràficamente que seja, com essa fenomenal **pleiade** de celebridades de trazer por casa, que pululam como mexoalho (futuro guáno) por essas terras de Portugal; a êsses, chamo homens (com minúscula) que não Homens, não lhes chamando simplesmente *omens,* nem sei porquê... (1)

Tu mesmo me dirás, estou certo disso, em qualquer uma das tuas próximas cartas, que mal conhecias o nome de Anchieta e que se casualmente alguma vez o ouviste ou lêste algures, nem mesmo pensaste que era o de um irmão nosso, português como tu ou como eu.

Menos sabias talvez, o que Êle era, onde existia (se existia) e se era **Alguém...**

Ora o que comtigo se dá e que tu com a maior franqueza és capaz de dizer-me, é exactamente o que se dá com quási todos os portugueses de Portugal, muito embora o não confessem.

Assim, estou certo que a morte do grande Naturalista português, que tão conhecido foi nos meios scientíficos estrangeiros, passará na sua terra, que se não érro foi Lisboa, quási desapercebida e no resto de Portugal que foi a sua Pátria, a quem consagrou uma vida inteira de trabalho e por quem finalmente se sacrificou, será totalmente ignorada, tão ignorada pelo menos como foi tôda a sua vida de trabalho, estudo e sacrifício...

O seu nome ilustre e honrado, será dentro em breve totalmente esquecido, para não dizer que nunca foi lembrado.

---

(1) Deve notar-se que isto foi escrito muito antes da reforma ortográfica. — *N. do C.*

Quando assim falo, bem vês que não me refiro ao pequenino núcleo de estudiosos que formam a *élite* scientífica de Portugal.

Êsses não.

Êsses sabem bem que existiu êsse Grande de que te venho falando e nunca poderão esquecer a sua morte, nem deixarão de sentir a sua falta.

Como poderiam êsses esquecel-O, tendo ante os olhos essas inestimáveis riquezas scientíficas, que são as suas valiosíssimas colecções, obtidas à custa de tantos sacrifícios, incalculáveis somas de paciência e muitas vezes fadigas e doenças?

Aínda agora procurava completar no Quando, onde o foi encontrar a morte, uma rica colecção zoológica a que ligava grande importância e de que me falara há pouco aínda com um carinho verdadeiramente paternal.

Esta colecção, ficou, infelizmente, àquem do que êle ideara, segundo creio poder afirmar.

Não sei que destino lhe darão, mas oxalá que o Chefe de Caconda, a quem compete e que é aínda aquêle alferes de cujas *proêsas* já te falei, proceda por forma a evitar o aniquilamento daquilo que, sendo o fruto de muitos trabalhos, é também o último trabalho do Naturalista e que, por isso mesmo, deveria, a meu ver, ser tratado como relíquia de alta valia e significado.

*
* *

Um dia, acasos de viagem, levaram o Doutor e a sua gente a buscar refúgio no meu acampamento, aí para as bandas do Cunéne.

Desencadeára-se, por volta das quatro, uma trovoada medonha, daquelas que por aqui armam em menos de um

quarto de hora e que nem por isso deixam de ser as mais grandiosas e completas que conheço.

A chuva caia a potes e as nuvens, sem outra aberta que não fôsse a dos rasgões que por elas rabiscavam os contínuos raios, não prometiam tréguas para breve.

Em meio desta inferneira de barulhos, de um verdadeiro dilúvio que empapa as terras tornando os caminhos em ribeiros e dêste fuzilar constante que estonteia, num cair de tarde que antecipadamente entenebrece, o viandante, que ao fim de dez minutos se sente molhado até aos ossos e tiritante, só sonha com um acampamento fumegante, que é capaz de adivinhar ao longe, mesmo invisível nas densidades da mata ou encoberto pelas cordas de chuva com que lá de cima o brindam abundantemente e que até fazem fumo!...

Em todos os momentos da vida em que pensamos perigar a nossa pessoa, ou em que, pelo menos, o nosso incorrigível egoísmo nos faz prever o risco de perdermos qualquer comodidade mais querida (que fàcilmente julgamos indispensável à vida), *o instinto de conservação* faz chegar momentâneamente os nossos sentidos a um gráu tão prodigioso de perspicácia, que nunca poderão atingir durante a nossa maneira normal de ser!

Surpreendido no êrmo por uma destas borrascas, que aliás são bem freqüentes em certa época do ano, o caminheiro, de duas uma: ou pára e espera que passe a maior fôrça, o que às vezes sucede ao fim de pouco tempo, ou vai andando e... esperando que entretanto *Kalunga* se apazigue um tanto.

Em qualquer dos dois casos o mesmo viajante, se fôr português, não deixará de fazer uma de duas coisas, das quais não sei qual tenha maior eficácia, se é que a tem: ou reza ou pragueja, consoante seu feitio...

Ora, como nessa tarde, o Doutor e a sua gente, optas-

sem pelo segundo dos partidos indicados, isto é, caminhar durante a borrasca, descobriram (graças à tal perspicácia) ao fim de algum tempo e quando ela com mais fôrça se desencadeava, o fumo indicador do nosso acampamento que, escapando-se em nuvenzinhas esbranquiçadas dos cocurutos de umas trinta *macacas*, lhes acenava amigavelmente como outros tantos lenços, não de despedida mas de carinhoso chamamento, prênhe de boas promessas de dôce aquecimento em pousada enxuta.

E assim, sem se fazerem mais rogar e sem mesmo procurarem averiguar quem eram os felizes que ali aquentavam os corpos enxutos ou se havia lugar, visto que o tempo não dava azo a titubeâncias, o Doutor e a sua gente, foram naquela tarde buscar refúgio no meu acampamento, ali para as margens do Cunéne... Não se pode dizer que fizessem uma entrada triunfal, mas reconhecidos os alagados hóspedes, todos trataram de dispensar-lhe o melhor acolhimento, dando-lhes abrigo e um canto no fogo onde escorressem, se aquentassem e fossem enxugando os trapos, até que o tempo permitisse melhor arrumação para passar a noite.

Pela minha parte e na minha barraca, que por ser *de só* e a maior, tinha sempre lugar e bom fogo para mais um, fiz o possível bom acolhimento ao meu Caro Amigo, regosijando-me de antemão com o serão que me ia correr delicioso e em boa companhia, ao invés do que podia esperar naquêle solitário *chirombo*.

A tormenta lá foi seu caminho, de forma que o fim da tarde veio limpo e sereno, vindo aínda o Sol, antes da sua partida, fazer-nos umas despedidas vermelhuças, com boas promessas de uma linda noite desanuviada e mesmo um tanto luarenta.

Já quási Sol-poente, quando nos regalavamos, o Doutor e eu com as nossas canequinhas de café tomado em pleno

ar, acercou-se-me um preto das *libatas* ali próximas (além-Cunéne), pedindo-me pernoita no *chirombo*.

— Porque não ia ficar nas *libatas*, que cêrca nos ficavam? preguntei.

— Que o Sol se morria e receava que o negro da noite o tomasse no caminho. Que Kalunga o atrasara e então... iria de manhã, Sol-nado, porque o Leão andava por ali muito bravo há cinco dias.

— Fica e dorme! Amanhã irás!

O gentio levantou-se agradecendo e o Doutor interessado na mímica do preto, visto que as poucas frases trocadas em n'bundo as não podia entender, pediu-me a tradução.

Satisfiz-lhe a curiosidade e êle radiante:

— Que grande ideia! E eu que tanto precisava de um para mandar ao Barbosa du Bucage!... se o apanhasse?!

— Mas precisa dêle vivo, Doutor?

— Não, menino! Morto. A pele, a caveira, os ossos essenciais, as unhas; emfim, o preciso para o apresentar dignamente!...

— ?!...

Falava com tal naturalidade o bom do meu hóspede, que mais parecia tratar-se de apanhar uma borboleta nocturna *ao lampeão* ou caçar um rato numa *chiriba*, do que de apossar-se de nada menos que da pele, unhas, caveira, ossos, etc., de S. Ex.ª, o Rei das Selvas!... Aínda se se contentasse com menos alguma coisa...

E continuava radiante:

— Magnífico! Vem mesmo a calhar! E demais, menino, morto por mim. Que glória!... e sublinhava a exclamação com o seu risinho mais escarninho...

— Mas como tenciona matá-lo?

— A tiro e desde já fica combinado: só eu faço fogo. Se errar, ao menos ninguém me tira a glória.

E ria de boa vontade.

— Mas se não vier?... observei.

— É verdade, também pode ser...

E já mais triste perante essa hipótese, que parecia não ter lembrado, foi tirar do seu saco impermeável a «Winchester», que na sua virgindade mais parecia arma inofensiva de salão do que o instrumento assassino que devia ser em mão de quem aínda agora tão Tartarin se mostrava.

Emquanto examinava a sua bonita carabina e lhe enchia o carregador, o Sol tinha acabado de sumir-se e a noite ia descendo as suas sombras, que em meio da mata, embora pouco basta onde estavamos, se adensavam ràpidamente.

Conforme mandava a prudência e seguindo hábito velho, fui, *de visu,* verificar as prisões da minha montada, que dormia sempre ao alcance do meu ouvido, não deixando de lembrar ao meu hóspede a conveniência de mandar prender o seu rocinante dentro do acampamento.

Conversava-se aínda um pouco nas *macacas,* embora quási tudo dormisse já e nós conversavamos também quando uma voz se alteou:

— Iéberéri á lume!... (escutem).

E logo de seguida, a um curto silêncio, duas ou três vozes repetiram mais baixo:

— Onguri! (o Leão).

Seria pouco mais de meia noite; distinguiu-se realmente um urro abafado para os lados do rio, cuja cachoeira mais próxima se ouvia bem dali e pouco depois outro.

Seguidamente tudo, fora e dentro do acampamento, ficou novamente silencioso; só se ouviam as cigarras.

Na nossa barraca, duas preguntas serviram de comentário:

— Virá? preguntou o Doutor.

— Quem sabe? respondi eu, preguntando.

E a conversa seguiu frouxa, intermitente e instintivamente em voz mais baixa.

No acampamento, nada mais se ouvia além do roer cadenciado do cavalo, que pela sua regularidade parecia demonstrar a ausência de qualquer perigo próximo, ou, pelo menos, que o seu instinto finíssimo não o presentira aínda.

Todos, calando-se instintivamente, pensavam desnortear pelo silêncio o inimigo temido!... Se êle precisasse de ouvir como o lobo, que é estúpido de narinas...

Mas não; o Leão orienta-se perfeitamente, sem precisar do menor ruído indicativo.

Tínhamo-nos também pouco a pouco calado, seguindo com mais atenção os ruídos da noite.

O fogo batendo-lhes em cheio, fez brilhar dois olhos no escuro e a cabeça um tanto volumosa do Senhor Catraio, ajudante de ordens do Doutor, surdiu à nossa porta com o seu riso alvar de sempre e os seus dentes limados em bico de Ganguela, a brilharem muito alvos na sua máscara negro-lusidia.

— Angála, onguri ùêia, murmurou.

— Chimburro, hên? preguntei.

— Uápandécùa, angála.

Expliquei ao Doutor impaciente:

— Diz que o Leão se aproxima e que seu burro está preso...

Foi largar fogo ao rastilho. Saimos devagar, sentando-nos no escuro para habituar a vista.

Senti realmente que alguma coisa se movia no exterior e não longe do acampamento; mas os estalidos indicativos do andar do Leão, não chegavam ao meu ouvido habituado.

Deve aqui notar-se, que as articulações do Leão, produzem, quando anda, uns estalidos perfeitamente caracte-

rísticos, que não escapando a um ouvido experimentado, o fazem distinguir perfeitamente de qualquer outro animal, quando se move no escuro da noite.

De admirar era também que o meu cavalo continuasse moendo pachorrentamente sem mostrar o menor desassossêgo, dada a proximidade a que se sentia mover a visita nocturna, fôsse ela quem fôsse.

No entanto, alguma coisa havia realmente e a maior dificuldade estava certamente em descobri-la no escuro, pois o pequeno quarto de Lua que havia, já muito deitado sôbre o poente, a custo rompia aqui e ali a ramagem copada do arvoredo.

Tôda a minha atenção se fixava agora na direcção em que sentira há pouco estalar um rumo ou quebrar qualquer casca sêca.

Nêsse momento, um pouco de luar coado por uma aberta, alumiara qualquer coisa de certa corpulência que se movera, saindo em parte de uma sombra mais escura.

No mesmo instante, Catraio, que se conservava deitado ao pé de nós, indicava com o dedo ao patrão, aquela mesma mancha pardacenta que eu notára também, dizendo em surdina:

— Côco... (acolá).

Um tiro partiu e logo outro.

Ouviu-se o baque de um corpo que caia pesadamente, um estrebuchar que durou pouco e tudo voltou ao silêncio interrompido...

Um grito em côro saiu então forte e vitorioso à laia de saudação, da meia dúzia de arcaboiços dos que, acordados tinham espiado as poucas peripécias desta scena nocturna:

— Uábêta! Uálunga! Uápa! (acertou, escramentou, matou).

Entretanto, com os estalos secos dos tiros e as excla-

mações que se lhe seguiram de perto, tinham acordado os dorminhocos, cruzando-se uma série de preguntas sem respostas, avivando-se os fogos e acabando tudo por sair para fora dos *chingues* e generalizarem-se os debates.

Os comentários ferviam; eram apresentadas as opiniões mais disparatadas como boas, descrevendo-se já o tamanho do bicho, o seu sexo e creio mesmo que a sua idade... só o nome se não discutia, porque nêsse ponto estavam todos de acôrdo:

— Onguri (o Leão).

Uns queriam avançar imediatamente, vê-lo e apalpa-lo; outros mais sensatos achavam que não devia sair ninguém do acampamento sem amanhecer, pois podia estar ferido e mal-morto; e, além de tudo, a Lua que acabava de sumir-se atrás das montanhas, deixava-nos em completa escuridão, aconselhando prudência.

Como para cortar a discussão, um urro prolongado fêz-se ouvir novamente...

O pasmo foi geral. Houve mesmo, entre os dorminhocos menos crédulos já se vê, quem se atrevesse a admitir que o *morto*... se tinha ido embora...

O grupo dos acordados protestou indignado:

— Pois se o tinham *visto* cair, estrebuxar e não mais se levantar!...

— E grande que êle era...

Algumas expressões menos académicas começaram de alvejar os dorminhocos:

— Tupa ri óbe!

— Atuapi énù!

— Vá cárie á ninha!...

.....

Intervindo para pôr termo à zaragata, que ameaçava prolongar-se até de manhã, disse para contentar ambas as partes:

—É a fêmea que chama o macho ou o macho que chama a fêmea! E como não temos cão, não podemos correr o risco de ir verificar às escuras qual dos dois é o chamado.

De acôrdo todos com a explicação dada e convencidos da impossibilidade de verificar de momento a identidade do morto, foi resolvido por unanimidade esperar pela manhã, dormindo. E assim, tudo recolheu novamente a penates, discutindo ainda acaloradamente por algum tempo, mas acabando todos por adormecer, recaindo dentro de pouco o acampamento em absoluto silêncio.

Ao próprio Doutor, que estava contentíssimo como aliás era natural, embora duvidasse um pouco da sua boa estrêla, custou a resolução tomada.

Queria ver já a sua «Glória», como êle lhe chamava e bem lhe custou conformar-se com a espera forçada.

Estava impaciente como uma criança, mas... não teve outro remédio. esperou.

Vendo-me na firme resolução de dormir e não mais conversar, depois de ensaiar meia dúzia de vezes seguidas a mesma pregunta:

—Mas, menino, que lhe parece, morreria?

Sem obter qualquer resposta, deitou-se e dentro em breve, creio que ambos dormiamos... Eu pelo menos dormi e dormi bem.

Mal clareava a manhã.

O frio da madrugada fizera-me sentar na cama para avivar o fogo, que mal amornava a dois palmos.

Pouco demorou que o Doutor me viese fazer companhia ao fogo, sentando-se defronte.

—Então? Foram os seus bons dias.

—Lá vamos; deixe nascer bem o dia.

Momentos passados entrava com o café, que eu sempre tomo ao nascer do dia e mal acordo, o meu pequeno

cozinheiro *Busheman,* Bamby, que com a sua fleugma de raça deu os bons dias, dispôs as canecas, serviu o café, pondo a cafeteira em seguida ao ar do fogo, *secundum artem.*

Só depois de ter concluido êsses serviços é que o pequeno que é ladino como um macaco e atrevido no mato como verdadeiro *Kuháhála* que é, se acocorou junto do fogo aquecendo as patitas e pediu licença para me fazer uma *comunicação.*

— Conta.

— O bicho do branco morreu.

— Viste-o?

— Sim senhor, estatelado.

— Que bicho é?

— Senhor, o burro.

— Estás doido?

— Não senhor!

O dia clareava já e o acampamento ia despertando.

Eu, de pasmado, nem queria acreditar o que o pequeno me dizia...

Esqueci-me do café que mal começara a tomar, e tornado agora eu o impaciente, levantei-me, convidando o Doutor a ir ver a sua obra, sem nada lhe dizer.

Não se fêz rogar.

Apesar de aínda fraca a claridade da manhã, vi que junto do *morto* já havia ajuntamento.

O Doutor avançava triunfante.

Ao chegarmos, uns cincoenta metros desviado do acampamento, o círculo de mirones abriu-se para passarmos com o ar compungido de quem vê chegar os doridos; e nós, parando, demos de cara com o corpo já inteiriçado do pobre burro, que o próprio dono tinha assassinado involuntàriamente com uma bala na espinha, emquanto procurava, pastando, recuperar o tempo perdido.

Pobre rocinante, que nem tempo tivera para enxugar!...

Perante aquêle espectáculo, não pude resistir: larguei uma formidável gargalhada e o Doutor virando-se para mim, disse-me com a maior seriedade:

—Eu devia ter adivinhado! Só um Leão que fôsse burro se deixaria matar por mim... e eu que cheguei a acreditar!...

Do outro, do verdadeiro, nunca tornamos a ter notícias...

Kassabi, 19...

OS GRANDES INIMIGOS MIÚDOS

(ÁFRICA ANÓNIMA)

OS GRANDES INIMIGOS MIÚDOS

(ÁFRICA ANÓNIMA)

Como há bem pouco tempo te disse, isto não é bem como a imaginação da maior parte da gente que o desconhece, pinta. Nem há um leão à sombra de cada palmeira, nem são êsse e os demais carnívoros os piores inimigos que temos em África.

Em quási tôdas as gravuras e alegorias que pretendem representar *coisas da África,* a fantasia anónima e ignorante do pseudo-artista, seu autor, mete uma dose regular de *palmeira e outra de leão* ... pelo menos.

No entanto, se com uma máquina fotográfica percorrermos as maiores extensões do sertão africano, como eu mesmo já tenho feito, raras vezes conseguimos focar uma paisagem de palmeiras e com grande dificuldade conseguiremos que S. Ex.ª o Rei das Selvas se deixe fotografar, *posando* expressamente para o feliz fotografante, à sombra de qualquer delas.

Eu, em verdade to digo, teria muito maior prazer em revelar à luz encarnada, clichés que retratassem S. Ex.ª fotografado por mim em plena liberdade e luz, do que em atirar-lhe a tiro à luz da Lua para o esfolar depois à luz do Sol ...

É que acho o retrato, proeza de maior monta...

Não quero, porém, com isto, dizer que não há palmeiras nem leões em África... Deus me livre de tal!

Há, sim senhor! Há mesmo muitas palmeiras e muitos leões; mas o que não há é palmeiras por tôda a África, nem leões em tal abundância e tão amigos de passear a sua ociosidade à rica luz do Sol, que se nos deparem a cada canto, sentados ou deitados em pleno dia, a gozar do *triste remedeio* que é a sombra de uma palmeira...

Para que diabo havia êle de andar passeando de dia se é essencialmente noctívago?

O seu modo de vida, que é a busca do sustento, à noctivagância o obriga e por isso mesmo dorme de dia e vigia de noite.

Da mesma circunstância resulta que, não desejando nada ser surpreendido no seu sôno e desejando acima de tudo (por conveniência de serviço) que as prováveis prêsas ou alimento não desconfiem da sua presença, se esconde muito bem escondido nos fôjos mais enredados, sombrios e isolados, onde mal penetra o Sol ou entra a môsca. Raras vezes, por isso, sucede encontrar-se de dia, a não ser que atabalhoada e inadvertidamente penetremos nos arredores de seus aposentos, acordando-o em sobressalto; nêsse caso, estás a ver qual será a sua atitude... Num repelão, que nada te fazia esperar, de duas uma: ou se precipita sôbre o intruso mais próximo ou... dá às de vila Diogo, desaparecendo em meia dúzia de saltos magníficos, que deixam o espectador extasiado, se por sua vez não tiver também despedido em outra direcção... embora com menos majestade...

Como qualquer destas scenas se desenvolve em muito menos tempo que o preciso para as escrever, quando o fotógrafo se lembrar do aparelho tudo terá acabado já, no caso de não ser o próprio fotógrafo que tenha acabado.

Não é, no entanto, impossível encontrá-lo pelo dia, de chofre, cara a cara, parado e até olhando com interessada curiosidade para as nossas pessoas; mas são raros os *acasos felizes* que a poucos mortais é dado fruir em condições de poderem utilizar a máquina fotográfica.

Mesmo durante êsses *acasos felizes,* que são aliás raros e de curtíssima duração, geralmente nada nos ocorre porque ficamos positivamente como a mulher de Loth quando olhou para trás, ou, se alguma coisa raciocinamos, o que primeiro nos lembra é certamente salvar a própria pele, invocando mais fàcilmente Marte que Palas...

Não pode dizer-se com acêrto, que há poucos leões por estas terras do Demo; pelo contrário, há muitos, mas não tantos, Deus louvado, como a maior parte da gente julga... um a cada canto.

Se tal sucedesse, que seria de nós e das manadas de caça que por aí vagueiam com tamanha abundância?!

Acabariam e ver-se-iam os leões obrigados (aínda se fossem só êles a comer!) a pastar mansamente ou a devorarem-se uns aos outros em lutas verdadeiramente titânicas e então a tragédia teria fatalmente um último acto à Padre Patagonia...

E basta, quanto aos actores; agora o scenário...

Palmeiras, como disse e mesmo não podia dizer outra coisa, também há, mas é a menor parte do negro continente que é coberta pela sua sombra.

As enormes matas do interior, que cobrem a grande parte da sua superfície e onde mais abunda a bicharia de tôdas as qualidades, não contém uma só amostra de palmeira, na sua maioria, nem as condições climatéricas da mór parte dêsse mesmo interior permitiriam o seu desenvolvimento.

Não falo, já se vê, da África equatorial pròpriamente dita, onde com relativa abundância se encontram várias

espécies de palmeiras: mas talvez te admires se te disser, que em poucos pontos do interior se consegue o desenvolvimento da bananeira e menos aínda o amadurecimento do seu fruto ou do ananaz, ao ar livre.

A geada queima tudo, matando ou raquitizando estas e outras plantas tropicais.

Do que deixo exposto sôbre o leão e que pode tornar-se extensivo às muitas outras espécies de carnívoros (felix e canis) que por aqui vagueiam em abundância, deve concluir-se que, muito embora abundantes e ferozes, não o são tanto, que sejam para considerar o maior e mais perigoso inimigo do homem no continente africano.

Há os *muito pequenos* que, pelas suas grandes quantidades, terríveis qualidades ou *habilidades* e mesmo por serem muito pequenos, são mais para temer e respeitar que os grandes...

Aquêles, penso eu, pequenos como são, mas em quantidades verdadeiramente fantásticas, dada a impossibilidade quási absoluta que temos de os evitar, na maioria dos casos, devem ser considerados os nossos *grandes* inimigos; e podes estar certo que não exagero dizendo que na sua pequenez, produzem muitíssimas mais vítimas e prejuízos que os grandes, como leões, leopardos, panteras, lobos, chacais, hienas e mais carnívoros e animais bravios de tôda a África, juntos...

*

* *

Quando me refiro aos *miúdos,* já nem penso incluir nêsse número ou apreciar os prejuízos e perigos que causam e oferecem os inúmeros animalejos que por tôda a parte, dia e noite pululam, nos rodeiam, espiam e amea-

çam sem que (felizmente) a maior parte das vezes sonhemos sequer com a sua proximidade.

Longa seria a lista e interminável a descrição das *prendas inauditas* que possuem...

As inúmeras cobras, desde a mais fabulosa n'dála, a voadora, até à mais inocente e pintalgada n'buta, cuja picada manda para as malvas qualquer cristão em menos de um quarto de hora; a infindável e simpática família das tecedeiras e não tecedeiras, aranhas, tarantulas e não tarantuladas; os diversos e graciosos lacraus, centopeias, osgas, lagartos e tantos e tantas mais que nem eu mesmo nunca saberia chamar pelo seu próprio nome, que deslisam a nossos pés, sobem pelas paredes, dormem nas nossas camas, cospem, escorrem, descem, vôam e andam por tôda a parte, sem excluir o nosso próprio corpo!...

Deixemos, portanto, em paz, tôda essa inenarrável variedade de bicharôcos de todos os feitios, comprimentos, larguras, côres, génios, costumes, andamentos, qualidades ou defeitos e limitemo-nos a apontar apenas alguns dêles, que sendo muito embora dos mais pequenos da fauna, possuem tão notáveis e grandes qualidades, que bem merecem especial apontamento, embora breve.

Deixemos em paz, repito, as qualidades, costumes e defeitos das centenas de confrarias que existem nesta enorme paróquia e procuremos mesmo despreocupar-nos de sua existência, para não vivermos num horror constante de sustos e sobressaltos ou sermos obrigados a adoptar, pelo menos durante as noites, as providências que a um europeu ouvi apontar, como sendo as que êle considerava indispensáveis para se viver no interior da África.

Êsse europeu, que veio uma única vez ao sertão, donde voltou imediatamente a tôda a pressa, jurando a todos os Santos da Côrte Celestial que nunca mais cá

voltaria (creio que não foi aínda perjuro), dizia que, ao menos de noite, só poderia dormir sossegado e sem pesadelos, tendo a cama sempre dia e noite metida dentro de uma gaiola, feita daquela rede de arame finíssima, com que aí fazem os mosqueiros e esta por sua vez metida dentro de uma jaula, com fortes grades de ferro...

A de dentro, para que os tais *muito pequenos* não possam entrar e a segunda, por fora, para que os *grandes* possam espreitar e cheirar, mas... nunca apalpar.

Posso garantir que êste rapaz não é poltrão nem maricas, mas... com os *miúdos* não se entende e daí talvez tenha razão.

I

TZÉ-TZÉ (Zimb)

Nesta amostra de «miúdos», que por achar extremamente interessantes, entendo apontar especialmente à tua curiosidade, deve, pela sua grande importância, colocar-se em primeiro lugar, a já célebre môsca tzé-tzé, a zimb dos tempos faraónicos ou bíblicos, segundo creio...

Esta môsca—(glossina morsitans ou glossina palpatis?) —embora pequena, pois pouco difere em tamanho da sua colega vulgar que todos conhecemos e que por aqui também há em tôda a parte e com grande abundância (apesar de não haver bugalhos...), deve ser considerada como o mais terrível e poderoso inimigo que, não só o homem (preto ou europeu), mas também a maioria dos animais, domésticos e bravios, teem em tôdas as regiões onde ela habita.

Felizmente o seu *habitat* normal é bastante limitado; mas infelizmente, não o é tanto, aínda assim como seria

para desejar; e, infelizmente aínda, do seu *habitat* pode ela deslocar-se temporàriamente, aparecendo em regiões onde habitualmente não existe, para, desaparecendo depois dali, ir aparecer sucessivamente (geralmente com pouca demora) em diversas partes, até novamente voltar ao ponto de partida, seu *habitat* predilecto, ou morrer talvez no caminho, se o seu veículo habitual, o búfalo, atravessar ou permanecer em regiões que, por motivos que julgo aínda desconhecidos, sejam incompatíveis com a sua preciosíssima existência.

Não sucede, pois, com tão terrível animalzito, que a mais leve palmada esborracha completamente, o que muita gente erradamente tem pensado: a sua permanência fixa em regiões determinadas, das quais nunca se afastaria para outras. Realmente, não abandona em massa o seu verdadeiro *habitat,* mas parcialmente assim sucede, indo parar a sítios onde normalmente é desconhecida a sua presença e muito desviados, centenas de quilómetros mesmo, das regiões que teem sido assinaladas nas cartas geográficas como *habitat* do terrível diptéro.

Digo isto, embora tenha várias vezes lido exactamente o contrário, em narrativas de diversos exploradores; e digo-o, não por simples espírito de contradição ou por me dar ares de emitir opinião nova, mas ùnicamente por a experiência assim mo ter demonstrado, à custa de muitas dezenas de bois sacrificados e porque entendo que verdades destas se não devem ocultar, pois o seu conhecimento muito pode auxiliar os estudos dos competentes, que inevitàvelmente serão feitos para orientar o combate a dar a êste perigosíssimo inimigo.

Estou daqui a ver muito *ilustre colonial* encolher desdenhosamente os hombros:

—A môsca?... O grande perigo!... Que a enxotem, que é o que tôda a gente faz!...

A tão ilustres senhores sempre direi, com tôda a insignificância, incompetência e franqueza que me são companheiras fiéis, que é um dos maiores e mais sérios problemas a resolver em África, pois a êle está íntima, indissoluvelmente ligado, o problema da colonização.

Até parece brincadeira, não é verdade?

Pois não é...

É até um problema que deve ser considerado *internacional,* visto que, interessando latitudes várias do continente, interessa conseqüentemente várias nações que ocupam ou pretendem ocupar territórios onde a tzé-tzé impera.

E nós outros não estamos no caso de encolher os hombros, desinteressando-nos do assunto, por não termos ao pé da porta tão incómoda vizinha...

Temo-la dentro de casa, aqui mesmo em Angola e não tão pouca, nem em tão limitada região que possamos negar-lhe a nossa melhor atenção sem sofrer as conseqüências, que para nosso mal são pouco conhecidas e até ignoradas da maior parte da gente!...

Não posso hoje garanti-lo, mas estou plenamente convencido, que num próximo futuro será comprovado, que ao contrário do que actualmente se pensa, (1) a picada desta môsca produz também a morte no homem e é talvez a produtora (quem sabe quando os sábios o afirmarão?...) da já tristemente conhecida doença do sôno (2).

Mesmo que assim não fôsse, bastaria a impossibilidade

---

(1) O autor escrevia isto em 1897.

(2) Do número incalculável de vítimas feitas por êste terrível mal é ocioso falar. Eu insisto na minha ideia: — não será a mesma tzé-tzé a sua autora? — *N. do A.*

CAMINHO DE FERRO DO LOBITO

Utué-o-muno *(Cabeça do ladrão)*

absoluta de permanecer ou transitar com gados e quási todos os animais domésticos pelas regiões que ela habita, sem a certeza antecipada de os ver morrer na sua totalidade, para tornar tais regiões pràticamente inabitáveis e daí a atenção que eu digo dever merecer por parte de tôdas as potências coloniais (e nós somos aínda uma delas), o problema da sua destruição.

Realmente, a destruição do terrível inimigo seria a solução ideal do problema.

Para consegui-la, creio que seria essencial estudar e conhecer antes de tudo as condições, plantas e árvores especiais das matas onde de preferência habita esta môsca, pois indubitàvelmente alguma coisa de extraordinário ali existe, que é essencial ao seu desenvolvimento, vida e reprodução e que não há em outras partes.

Se assim não fôsse, porque não existiria indiferentemente em todos os milhares de milhas quadradas de matas que cobrem boa parte da África, muitas delas com as mesmas coordenadas geográficas, altitudes, temperaturas, etc., que as habitadas por ela?

E porque, vivendo ela na margem direita de um rio, por exemplo, na margem oposta, se não encontram vestígios seus?

Certamente, porque ali, a quarenta ou cincoenta metros apenas de distância, lhe falta em absoluto alguma coisa que lhe é indispensável à vida e que nas matas da margem direita existe seguramente...

No entanto e apesar disso, desloca-se por vezes, disse eu, saindo dos limites das suas matas predilectas a acompanhar manadas de búfalos, que certamente as atravessaram, seguindo a vida de vadiagem que leva êste animal a percorrer enormes distâncias, embora quási sempre num itinerário que parece de antemão marcado.

Não é suposição o que deixo dito; é um facto verifi-

cado por diversas pessoas (condutores de carros, principalmente) e que eu à custa de muitas dezenas de bois sacrificados, como disse já, tive mais de uma ocasião de ver confirmado em diversos lugares, muito distantes uns dos outros.

Atribuo ao búfalo a qualidade de seu veículo, porque tenho observado que sempre coincide o aparecimento da tzé-tzé em sítios onde normalmente a não há, com o encontro de manada ou manadas daquêle bovídio, que como tem sido já afirmado por ilustres viajantes e por mim mesmo verificado, deve ser considerado como uma das raras caças refractárias à sua picada e que não abandona o próprio *habitat* da famosa glossina, por tal não ser necessário à própria conservação.

Não creio, no entanto, que seja inseparável do búfalo.

Vezes sem conta tenho percorrido, dias e dias seguidos, territórios totalmente talados por enormes manadas dêstes animais, sem que um só boi ou qualquer outro animal doméstico tenha sofrido picada da môsca, adoecido, morrido de doença suspeita ou fôsse por qualquer forma denunciada a sua presença.

Pude também observar, que por vezes, após um lapso de dias relativamente curto, se pode atravessar a mesma região onde dias antes se notara a presença da tzé-tzé, sem qualquer perigo, muito embora os búfalos, possìvelmente a mesma manada, ali permaneçam aínda.

Nessas ocasiões, muito embora propositadamente me aproximasse bastante dos búfalos, não me foi possível descobrir qualquer exemplar da môsca.

Isso me tem levado a supôr que fora do seu meio não se reproduz e vai morrendo gradualmente aos poucos, até que, passado algum tempo, tôdas as que tinham saido da origem acompanhando os búfalos, desaparecem por completo.

Só assim se pode explicar, que não tendo abandonado uma determinada manada (de búfalos) limitada região de pastos, onde dias antes se notara também a presença da môsca, esta tenha entretanto desaparecido totalmente, permanecendo a outra.

Será assim?

Sôbre êste ponto não posso passar de simples conjecturas.

O futuro, certamente, não deixará de responder às interrogações de hoje...

*

* *

Afinal, se não estou em êrro, pouco ou nada tenho dito até aqui do benemérito bichinho, que é a tzé-tzé.

Podia bem ter poupado bastante a tua paciência, dizendo muito mais, sem gastar tanto palavreado em considerações sôbre S. Ex.ª...

Mas, como de costume, vai saindo ao acaso, sem ordem nem método, mesmo que disso resulte o que mais fàcilmente pode resultar: nada de aproveitável.

Emfim...

Espremendo o que fica escrito, que conforme o combinado me poupo ao trabalho de inutilizar, para que tenhas ao menos essa distracção, quási não deita nada, quási nada mesmo...

Disse que a môsca é quási igual à nossa môsca doméstica ou vulgar; que a sua picada é perigosa, que vive geralmente em matas, donde é voz corrente que não sai para outras regiões; que devia procurar-se a forma de extermina-la, e... creio que mais nada afinal e não é muito...

É, realmente, pouco maior que a vulgar e não muito

diferente dela, nas suas linhas gerais; onde talvez há mais apreciável diferença é na cabeça e na tromba, que vistas com boa lente se nos mostram de forma muito característica.

Não excede em comprimento, talvez uns doze milímetros, e largura proporcionada.

Usa repousar com as ásas um pouco mais abertas que a vulgar, aproximando-se nêsse ponto, mais da nossa môsca do gado, sem ser o moscardo.

As suas ásas também são um pouco mais compridas. As nervuras porém parecem-me iguais, ao menos com vista desarmada. Tem o tórax castanho claro, coberto de pêlos pardos, apreciàvelmente visíveis a ôlho nú; o abdómen é amarelado, claro também e com manchas escuras, quási negras. É composto de seis segmentos e coberto igualmente por pêlos resistentes.

Os grandes olhos são em tudo similhantes aos da môsca vulgar: grandes, ocupam quási tôda a cabeça do diptéro, dos dois lados, sendo como naquela facetados em exâgonos (olhos compostos), o que lhe facilita a visão em todos os sentidos.

Ao que tenho podido observar sem o auxílio indispensável do microscópio, de que naturalmente não disponho e salvo melhor opinião, dispõe de um dardo bem resguardado, forte e perfeitamente afiado, no género do do mosquito, com que pica a sua vítima; e possui, certamente, à semelhança dêste, glândulas que naturalmente não pude observar convenientemente com uma simples lente, que devem servir-lhe para segregar o veneno (1)

(1) Disse-me alguém que talvez as suas glândulas contenham, em estado parasitário, um micróbio chamado «tripanosôma... qualquer coisa». — *N. do A.*

que inocula nos tecidos dos animais atingidos pela sua ferroada.

É de crer que, muito embora esta môsca disponha de veneno terrível como indicam as conseqüências de sua picada, o empregue *inocentemente,* dando-lhe apenas a aplicação que o mosquito dá também áquêle que possui: amolentar o lugar da pele da vítima, escolhido para alvo, facilitando assim a introdução do estilete da tromba, que ao mesmo tempo lhe serve para sugar o sangue da vítima, alimentando-se.

Mesmo que assim seja, verdade é que não obstante as suas boas intenções, as conseqüências da picada e conseqüente inoculação do seu veneno, são bem terríveis.

Concedendo mesmo que não seja de resultados funestos para o homem, como geralmente se diz e eu de forma nenhuma acredito, basta a certeza absoluta (essa ninguém a nega) de que bois, cavalos, porcos, cães, etc., no seu *habitat,* serão irremediàvelmente suas vítimas, para tornar tal vizinhança bem para temer.

Parece que as cabras, burros, mulas e machos, ao contrário dos outros animais domésticos, são imunes ao seu veneno.

O mesmo parece suceder com o búfalo, elefante, rinoceronte e mais alguns animais, ao contrário de outra caça, antílopes e gazelas, que não deve considerar-se refractária ao veneno da sua picada, de acôrdo com o que se tem escrito e visto que, naturalmente, por instinto de conservação, não cohabitam com o famoso diptéro, fugindo das matas por êle habitadas.

Sôbre seus usos, gôstos e costumes, pouquíssimo pode dizer-se, além de simples presunções, mais ou menos fundamentadas, no pouco que, *de visu,* tem podido observar meia dúzia de viajantes.

As conseqüências das suas picadas, essas, são feliz ou

infelizmente mais conhecidas um pouco, mas não tanto como seria aínda assim para desejar.

Nos animais mais corpulentos, como o boi e o cavalo, os primeiros sintomas manifestam-se poucos dias depois de ser notada a presença da tzé-tzé.

O animal começa por entristecer, perde o lustro do pêlo, vai deixando gradualmente de comer e fica por muito tempo em meio dos companheiros que comem, triste, imóvel e pensativo (é o termo).

Vai visìvelmente perdendo as fôrças, à medida que o pêlo, que a princípio se vai arripiando por pequenos tufos correspondentes a sucessivas picadas, se torna baço, áspero e arripiado pelo corpo todo.

Passados os primeiros dias em que êstes sintomas se podem considerar gerais para todos os doentes, variando apenas os seus progressos que são directamente proporcionais à quantidade de picadas recebidas e à robustez do paciente, vão aparecendo novos indícios, que diferem de animal para animal, mas que valem sempre por um certificado de perda irremediável.

As cavidades super-ciliares dos animais atacados tornam-se mais fundas, latejam fortemente e atingem temperaturas elevadas.

A observação termométrica indica igualmente uma elevação por vezes exagerada de temperatura, denotando estado febril constante, desde os primeiros sintomas.

Os olhos embaciam, lacrimejando muitos dos animais, que por vezes chegam a cegar completamente.

Nuns manifesta-se diarreia, sendo as matérias dejectadas, sanguíneas com freqüência e sempre de um aspecto exquisito e cheiro nauseabundo; noutros as urinas mostram-se sanguíneas e com cheiro peculiar, que acho similhante ao das urinas de criaturas atacadas de febre biliosa, principalmente quando complicada de hematúria.

Cabeça sempre baixa, marcha difícil, emaciamento horrível; a bôca geralmente empastada de espuma viscosa, amarelo-esverdeada, corrimentos de viscosidades pelas narinas, respiração ofegante com verdadeiros gemidos em alguns animais... faz dó!

Isto vai durando, entre 28 a 32 dias, raro excedidos; então, alguns animais cáem repentinamente como massa inerte: é o fim! Outros, tomados repentinamente de loucura furiosa, investem contra todos (embora sejam animais ensinados e perfeitamente mansos), caindo também sùbitamente mortos. Outros aínda cegam completamente, morrendo de idêntica forma.

O gado branco ou de côres claras, extremamente vulgar nestas paragens, é o primeiro e o mais atacado pela môsca, penso que ùnicamente por lhe chamar mais a atenção a côr vistosa.

Aconteceu-me, atravessando com gado, sítios muito próximos do litoral (60 ou 80 quilómetros apenas de Benguela) onde a môsca não existe, a não ser de arribação, como já disse e posso garantir, ter ao fim de 35 dias o último boi morto, sem que escapasse uma só das 154 cabeças que levava!...

Êsse gado andou, sem nunca parar, durante duas horas apenas debaixo da nuvem da tzé-tzé.

Outras vezes idêntica travessia fiz, sem que as perdas de gado fossem além de 30 a 60 %, ao fim de apròximadamente o mesmo tempo.

Evidentemente que as quantidades de môsca, variando, é que influiram nêstes resultados.

Verifiquei sempre, que a môsca durante a noite não ataca, quer haja luar ou não; nem de manhã com frio ou de dia com muita chuva, os seus ataques são para temer.

Pernoita sôbre certas árvores, as mais copadas de preferência.

Na travessia de certas matas, onde, antecipando-me bastante aos carros e gado, pude verificar a presença do inimigo antes da chegada daquêles, consegui com resultado evitar o perigo, voltando ràpidamente atrás e mandando sustar a marcha para fazer uma *étape* violenta durante a noite.

Do gado que, por doente, fraco ou qualquer outro motivo, não pôde sustentar a marcha e ficou para trás, fazendo pelo menos parte do trajecto no dia seguinte, solnado, pouco escapou, morrendo ao fim de cêrca de um mês na sua quási totalidade e certificando assim a existência da môsca em lugar onde poucos dias depois, se por ali regressasse, podia transitar impunemente.

Estas são nas suas linhas gerais, as conseqüências das picadas da tzé-tzé, que tenho podido observar com mais cuidado, em muitos bois, alguns cavalos e dois cães.

Nos homens tenho visto perturbações que eu mesmo já senti e que muito embora me pareçam atribuíveis à mesma causa (a picada da tzé-tzé), não posso dizê-lo, por carência absoluta de competência.

Esperemos que os homens de sciência se pronunciem...

Um burro que me seguiu até Katanga, onde perdemos bastante gado em conseqüência dos ataques da môsca, não obstante as inúmeras marchas nocturnas e os maiores cuidados havidos, voltou e ainda é vivo, bem como uma cadela, duas cabras que de lá trouxe e o cavalo em que montava.

Outras mais considerações podia fazer, que a minha incompetência me aconselha a calar e muitas mais coisas podia contar acêrca de tão respeitável inimigo, que acho melhor deixar no olvido; umas por não passarem de suposições pouco ou nada fundamentadas e outras por me parecerem totalmente fantasiosas...

Acho o assunto sério demais para fazer *blague.*

Além disso, vários viajantes e homens de sciência teem olhado e tratado o assunto com competência, atenção e largueza bastante, para que eu encontre «vaga» para meter a minha colherada de ignorante... que outra não poderia ser.

Pode porém dizer-se que a tzé-tzé, sendo hoje aínda uma quási desconhecida, na verdadeira acepção da palavra, do mundo chamado civilizado, tem, no entanto, sido citada e discutida tantas vezes em razão dos seriíssimos prejuízos e embaraços causados a exploradores, viajantes e expedições nacionais e estrangeiras, que tôdas as nações conhecem ao menos o seu nome e mais ou menos o que dela se tem podido conhecer.

Todos os viajantes que, percorrendo o interior da África, teem tido a desgraça de atravessar os seus domínios, se referem à tzé-tzé com respeito, sendo unânimes em considerá-la um dos piores flagélos destas terras e que a todos deixa as mais sombrias e às vezes trágicas recordações.

Aínda que custe aos «ilustres coloniais», assim é.

E por muito tempo (quem o pode calcular?) aínda teremos de ler, *in mente,* já se vê, à entrada dos domínios do *miúdo* e formidável potentado, a legenda do poeta:

— «Lasciate ogni speranza, voi che'ntrate».

Realmente, o viajante que vagueando pelos sertões africanos, defrontar uma nova floresta, antes de entrar nela, deverá recordar por vezes o *latet anguis in herba* dos antigos, pois pensando muitas vezes encontrar o verdadeiro caminho do seu destino dentro dela, pode apenas encontrar... o caminho da sua perdição...

.....

Depois de percorrer milheiros de quilómetros através desta África tão cubiçada, tão rica e tão cheia aínda

de mistérios, vencendo obstáculos julgados insuperáveis, como rios caudalosos, feras, intempéries, pântanos, fugas, mortes, fomes, sêdes, doenças e tantos outros palpáveis e impalpáveis, visíveis e invisíveis, o viajante verá em pouco tempo, dias apenas, aniquilados todos os seus esforços e dos seus, todos os sacrifícios resultarem inúteis, diante de um inimigo incombatível, insignificante, que reduz à podridão todos os seus meios de condução e as últimas esperanças de alimentação e salvação, deixando-o perfeitamente à mercê da mais insignificante circunstância que causará a sua perda irremediável em meio de soturnas matas desertas, que tomam a seus olhos espantados, o aspecto de gigantesco cemitério, onde a Natureza parece ter determinado sepultá-lo com todos os seus companheiros, magros, rotos, esfomeados, esgotados e sequiosos quási sempre...

O recurso da caça falta, ou, pelo menos, escasseia grandemente.

As grandes manadas de antílopes de tantas qualidades, as variadíssimas gazelas e tantos outros animais que foram seguro amparo do viageiro durante a sua peregrinação até ali, fugiram da floresta maldita diante dos ataques furiosos do mesmo adversário, a môsca.

Ficaram os inimigos...

E, além dêstes, só os grandes quadrúpedes, o elefante, o rinoceronte (unicórnio e bicorne) e poucos mais animais cuja caça oferece quási sempre grandes perigos e riscos, ficaram para salvar o viajante alimentando-o, ou matá-lo sem o alimentar...

O homem não habita por ali e algum que mais se aproxima destas regiões de maldição, é miserável, ladrão e verdadeiramente indesejável, aceitando-se apenas a ideia do seu possível encontro, como uma esperança de salvação...

É perfeitamente característico o aspecto terrìvelmente grandioso destas florestas amaldiçoadas; grandiosidade única, muito sua, monstruosa e sombria, que nos transmite uma impressão de inolvidável horror.

São de uma selvageria monstruosa, que contamina todo o nosso ser, modificando-o à sua imagem e similhança.

Insensìvelmente sentimo-nos outros: modifica-se o nosso génio, tornando-nos brutais, intratáveis... eu sei lá?!

O nosso EU, tem em meio de tão monstruosa beleza (que assim mesmo essas florestas de morte e maldição são de uma beleza inenarrável) muito da fera, imenso do selvagem e quási nada do homem civilizado.

Ali, sentimos no zumbido característico, impertinente e incessante da tzé-tzé, a semear constantemente a morte e a podridão, o sôpro da própria morte que sôbre nós paira continuamente, e... o sentimento iniludível da sua presença e ameaça ininterrupta, faz-nos perder a noção da vida, dos nossos próprios sentimentos afectivos, dos nossos deveres e de nós mesmos...

Ah! Quem me dera poder fazer experimentar tão *dôces sensações,* de que mal posso dar uma fraquíssima ideia, a alguns dos nossos «muito ilustres coloniais» (de cátedra), que certamente em meio delas, sentindo-as, não deixariam de... encolher desdenhosamente os hombros...

... Mas esqueçamos essa tenebrosa visão de morte, que a simples recordação do mesquinho animalzito faz levantar ante os meus olhos, num calafrio!...

O que não podemos esquecer é que, na sua aparente insignificância, êle forma a mais formidável barreira, erguida diante do passo ousado da civilização; diante dela e emquanto os meios de o combater e vencer não

estiverem descobertos e ao alcance de todos; emquanto ao formidável pequeno inimigo, não fôr declarada guerra de morte e extermínio, a civilização e os seus pioneiros terão que parar e talvez mesmo recuar muitas vezes e aínda por muito tempo.

Não só os domínios da tzé-tzé não poderão ser habitados e explorados convenientemente e com proveito, mas também por êles não poderão transitar livremente os produtos e habitantes das regiões suas vizinhas, emquanto seu zumbido agoirento não emudecer por completo.

A descoberta de qualquer tratamento preventivo ou mesmo da cura radical dos males produzidos pelo seu veneno, embora de enorme alcance, não terá resolvido o problema radicalmente, por muitas razões, cuja exposição longe nos levaria.

Confiemos, pois, no futuro e tenhamos esperança de ver ou pelo menos saber essas formidáveis florestas, cuja visão hoje nos apavora aínda, transformadas e admiradas como verdadeiros Paraísos terreais, onde possìvelmente, com mais vagar e sem a glossina palpalis, se chegará mesmo a descobrir vestígios (talvez até a presença, quem sabe?) dos nossos primeiros Pais ... darwinianos ...

Até lá ... penso ter demonstrado suficientemente, que entre leões e môscas ... «venha o Diabo e escolha».

Com um tiro pode matar-se um leão e salvar um curral de gado; mas nem com uma brigada de metralhadoras se mata uma só môsca, salvando um único boi da sua picada ...

Parece, portanto, fora de dúvida, que o pequeno diptéro é bem mais temível com a sua picadela e fraqueza, que o grande felino com tôda a sua ferocidade e fôrça.

«Como os homens, os bichos não se medem aos palmos» ...

*

* *

P. S.— Não me referi aos extraordinários estragos e perturbações internas produzidas pela picada da tzé-tzé nos animais, por achar improfícua tal descrição.

Para que mexer em tamanha podridão, que o é já quinze dias depois do ataque, sem possuir a competência precisa para tornar essa descrição proveitosa para a sciência?

Só do estudo feito pelos especialistas, directamente, nos pode vir qualquer proveito.

Kassabi, 1897.

II

O «BANHO»

Não é raro em África, em muitos pontos do interior, (no litoral nunca vi) aparecerem pelo corpo das pessoas pequenos tumores esbranquiçados, geralmente desconhecidos dos europeus, com um pequeno ponto escuro no centro como usa ter a espinha vulgar quando madura e prestes a rebentar. São desde o seu início um tanto dolorosos e acompanhados sempre de vermelhedão acentuada à sua volta.

Tanto de suas dimensões, como de seu aspecto e sensação dolorosa, ao princípio, tôda a gente conclui tratar-se de simples espinha que breve rebentará sem qualquer outra conseqüência.

Assim não sucede, porém: em vez de rebentar, o tumor vai aumentando de volume, alteando e alongando-se, perdendo a forma circular que tinha em princípio.

Vai passando à forma oval um tanto alongada, emqnanto a côr branca vai tomando um leve tom nacarado e lusidio.

A vermelhedão que o rodeia aumenta visìvelmente transformando-se em grande inflamação.

A sensação dolorosa acentua-se passando a ser uma dor forte e permanente, cortada por agudas picadas extremamente dolorosas, principalmente durante a noite.

A parte afectada conserva constantemente temperatura bastante elevada e o próprio paciente, além de mal-estar constante e impossibilidade absoluta de conseguir um sôno reparador durante a noite, é tomado de febre acompanhada de violentas dores de cabeça, falta de apetite, tonturas, vómitos e muitos outros sintomas bastante graves.

Estas perturbações são de aparência tão séria, que àcilmente se atribuem a causa bem diferente e de muito mais gravidade do que parece ter aquêle pequeno tumor, que apesar disso vai crescendo, lentamente embora, mas constantemente.

Continua com o mesmo aspecto, um pouco mais azulado, mostrando agora em uma das extremidades o mesmo ponto escuro que a princípio fazia centro.

Tôda a parte do corpo vizinha do tumor, mesmo fora da área de inflamação, não suporta a menor pressão dos dedos sem que se produzam dores violentas.

Devemos notar que êstes tumores se manifestam em qualquer parte do corpo indiferentemente, preferindo no entanto as costas, peito ou das pernas a parte mais tenra e carnosa.

Naturalmente, como com o decorrer do tempo, o que a princípio parecia simples espinha se transformou em volumoso tumor, que apesar de grandemente aumentado de volume não mostra qualquer indício de resolver por si,

não se atreve ninguém a perfurá-lo por a todos parecer que aínda não está *maduro* bastante e todos recearam provocar, furando-o, qualquer complicação de mau caracter. Cada pessoa que o vê lhe dá um nome que julga ser o que lhe pertence e nessa conformidade dá também a sua receita... como é de uso...

Vem a aplicação de papas de tôdas as qualidades que se podem arranjar: cozimentos, malvas, fôlhas de rícino e quanta mais mésinha lembra e não lembraria certamente ao próprio Diabo... Porém, a nada o bruto se move e as dores que o desgraçado sofre, são horríveis (dizem), cada vez mais fortes e as perturbações que sente, cada vez mais graves!...

Alguém alvitra a picadela muito cautelosa para ver se, saindo qualquer pus, as dores aliviam um pouco; e o doente, desesperado com dores, há coisa já de um mês, com tudo concorda e logo se experimenta...

Não dá porém resultado a operação; qualquer coisa que ao improvisado operador pareceu um pequeno orifício, alargado medrosamente nada deita; nem a pele se humedece e o ponto escuro que parece indicar o lugar por onde se resolverá aquêle enígma doloroso, permanece no mesmo e imutável aspecto.

O paciente sofre cada vez mais; o tumor que durante algum tempo, sempre aumentou de volume, parece agora mais achatado e a sua parte branca parece ter a pele menos retezada do que até ali.

A área ocupada pelo tumor é agora bastante maior; no entanto dá a impressão de ter esvasiado um pouco, apesar de nunca se ter dado pelo mais pequeno indício de supuração.

Nesta altura, por um acaso verdadeiramente providencial, aparece alguém, preto ou branco (para o caso é o mesmo) a quem se mostra a *mazela,* contando-se-lhe ao

mesmo tempo a triste história daquela *nascida,* que parece realmente ter só nascido para crescer e martirizar o pobre diabo!...

Oh! Fortuna das fortunas! O homem sabe o que aquilo é, e diz que não é nada...

Se dissesse que não sabia!... Assim ninguém acredita no que o homem diz e todos o olham desconfiados.

Mas... há sempre um mas: o doente que nenhuma razão tem para acreditar nos que até aqui nada de bom lhe teem feito, também nenhum direito tem de duvidar da opinião do recêm-vindo.

Ora como um doente que não vê cura para o seu mal, nem alívio para seu sofrimento é irmão gémeo do candidato a afogado, agarra-se como êste a tudo que lhe aparece ao alcance, sem querer saber se é salvação ou morte, mas sempre convencido que pode ser salvação!...

Assim faz o nosso doente.

Entre tudo que lhe teem feito até agora, que de nada tem servido e o que aínda lhe não fizeram, o — «não experimentado» —, tôda a esperança pende para êste último e assim, o padecente aceita imediatamente, pede até a intervenção do recêm-chegado que diz conhecer o mal e o remédio, que é uma simples e fácil operação.

Êste, se sabe operar, opera imediatamente; se não sabe, o que raro sucede a quem uma vez o viu fazer, com facilidade encontra o operador desejado, que mais freqüentemente existe entre o gentio que entre nós outros.

Simplesmente munido de uma agulha, faca de ponta bem aguda ou à falta destas, de um pausinho rijo e sêco finamente aguçado na ponta, o operador começa por levantar geitosamente a pele, aos poucos, sôbre o ponto escuro do tumor, até que, rompendo-a, por forma a não picar o interior, o ponto escuro aparece a descoberto, como corpo estranho em meio dos tecidos.

Pus não aparece; nem a menor parcela vem, com grande espanto dos circunstantes; apenas uma pouca de aguadilha humedece os bordos do buraco aberto.

O operador limita-se a dizer:

— Cá está êle! e prepara-se para continuar.

Todos estão já convencidos que o homem afinal não se enganou no diagnóstico feito e conseqüentemente já ninguém lhe faz a menor observação...

O doente em meio de suas dores, segue ansiosamente com os olhos todos os gestos do operador e à vista de sua fisionomia calma e natural que indica estar bem certo de fazer a coisa mais simples e natural dêste mundo, confia e... até se sente mais aliviado.

O operador depois de ter alargado mais um pouco o buraco aberto, rasgando delicadamente a pele insensível de roda dêle sem tocar o conteúdo com o instrumento de que se está servindo, põe êste de parte: já não é preciso.

Agora vai passar à parte mais dolorosa, à verdadeira operação, que o é tanto mais quanto maior e mais antigo é o tumor.

Com os dedos vai o operador comprimindo levemente, sem apertar nem calcar, fazendo por forma que o conteúdo daquêle saco alongado, cujo fundo ninguém conhece, seja forçado a sair pela porta que lhe foi aberta.

Sente-se que o conteúdo é mole, massa talvez; no entanto as dores produzidas por esta compressão, embora leve, dos dedos, são horríveis!...

Finalmente, o ponto escuro, que sempre se viu no tumor, aflora à superfície, passando pelo buraco aberto; segue-se lhe qualquer coisa abrancaçada, levemente tostada de amarelo, que vai saindo lentamente; é cilindróide, vermicular, essa coisa que, com pasmo dos espectadores, se move, inclinando-se em todos os sentidos, fazendo vénias, olhando naturalmente admirada as circunjacências.

A forma abrancaçada, é nem mais nem menos que um bicho! O ponto escuro é a cabeça e é o seu corpo que vai saindo do corpo do paciente...

Mais um pouco, uma questão de geito, e um autêntico verme parasita, um anelido rastejante, vivo, anafado, de perfeita saúde, pode dizer-se mesmo, sorridente, é apresentado à admiração geral na palma da mão do operador!!!

—É um *Banho!*

O paciente sente-se infinitamente aliviado; tiraram-lhe do corpo o próprio inferno. Cortada a pele morta que formava o saco-alojamento daquêle hóspede incómodo e enigmático, aparece escancarada em forma de meia casca de noz vazia, uma concavidade aberta na carne e tecidos do paciente pelo interessante bichinho, não pelo mero prazer de roer, mas para satisfação da inadiável necessidade de prover à sua alimentação e desenvolvimento.

Resta agora seguir tratamento adequado, depois de bem lavada e desinfectada a ferida, para que a sua cura e cicatrização se faça em pouco tempo, sem nenhuma conseqüência ou complicação de maior. É o tratamento normal de qualquer ferida sem caracter especial.

E... as dores foram-se, a febre passou e tudo voltou instantâneamente à normalidade só com a saída do intruso.

*

* *

Viu-se que afinal o tumor que tantas perturbações e sofrimento causa, se resolve mui simplesmente pela extracção de um verme desenvolvido no nosso próprio corpo, à custa da nossa carne e tecidos.

Compreende-se fàcilmente que para se desenvolver durante dias e dias seguidos, atingindo dimensões muito

apreciáveis, alguns tenho visto medindo entre 20 e 30 m/m de comprimento por 8 a 10 de diâmetro na sua parte mais grossa, — a sua alimentação tem necessàriamente que ser muito abundante e substancial, exigindo portanto constante actividade dentro da sua instalação parasítica para convenientemente atacar os nossos tecidos e carne; origina assim dores constantes e agudas e tôdas as perturbações conseqüentes que atormentam o desgraçado, o qual sendo aínda vivo, é constrangido a começar o seu tirocínio para defunto, hospedando na sua pobre carcaça tão ruim e incómodo inquilino ...

É um legítimo verme, um verme vulgaris de Linneu. É o verme anelido, rastejante, inarticulado, parasita, igual a outro qualquer verme: ao da podridão, do monturo, do cadáver...

A êste verme chamam por aqui — *Banho;* eu, outro nome não conheço, nem creio que tenha baptizado europeu. Branco opaco, levemente translúcido e com um tom tostado, amarelento, afora a pequena cabeça castanho-aloirada; tem a bôca ladeada por fortes mandíbulas e é da forma de larva, corpo acilindrado, mais grosso no meio e adelgaçando regularmente para os dois extremos.

— Está tudo perfeitamente ...

A causa do tumor é um verme, ou melhor, o tumor é o próprio verme.

Pregunta-se naturalmente:

— Qual a origem e donde veio êsse verme? Nasceu ali ou foi depositado?

É provável, mesmo natural, que muita gente possa responder a estas preguntas, satisfazendo assim a natural curiosidade de quem as fizer, com erudição, que a mim, que o digo, falta por completo.

Como, porém, pode dar-se o caso, aliás natural também, de seres um dos ignorantes autores das preguntas

(não faças êsse gesto agastado, que eu suponho... mas não acredito) e não encontrares uma dessas pessoas habilitadas a responder às ditas, vou tentar eu fazê-lo.

Por tempo desconheci a existência do parasita de que acabo de referir a proeza. Conheci-o mais tarde, exactamente nas circunstâncias que acabo de narrar, na região lombar de um europeu, próximo da espinha dorsal, onde se alojara há coisa de um mês e de onde o vi extrair por um preto meu carregador.

Êste preto, disse-me então, que aquilo é bicho que abunda em algumas regiões, dentro das cubatas, e que de noite sai do chão onde vive, para picar e sugar desalmadamente o corpo de quem tenha a desgraça de dormir no chão, em qualquer dessas cubatas, recolhendo novamente de madrugada a buracos que perfura na terra.

Disse-me aínda, que onde mais abunda esta especialidade, é em terras de Gongeiros (Cachingues, Amboélas ou Nhembas) (1).

Aí, disse, era rara a cubata que a não possuia! Dormindo-se em cama erguida do chão, não ataca por não poder subir.

De facto, êste europeu a que me reporto, tinha permanecido algum tempo em uma libata de Gongeiros, onde dormia em uma das suas cubatas, afirmando-me que efectivamente ali havia uns bichitos que davam picadas furiosas, mas fugiam com tal rapidez ao acender-se luz, que difícil era vislumbrar algum.

Tempo depois, sendo obrigado a ficar por uns dias em uma dessas libatas (no Capingana, creio eu), vi que os carregadores que dormiam dentro das cubatas cedidas

---

(1) Nas regiões interiores, onde o solo é arenoso, creio que não existe, mas não posso afirmá-lo. — *N. do A.*

para tal fim, as abandonavam estremunhados, vindo dormir o resto da noite ao ar livre, como eu fazia.

Inquirindo da causa da retirada, disseram-me que, além do Bihópió (espécie de carraça — mabáta) e percevejo (!!!) havia também o *Banho!*

Abençoada terra e felizes moradores! Está de ver que aínda omitiam *modestamente* as pulgas e... os piolhos, talvez por serem o «pão nosso de cada dia»...

Pelo nome de *Banho* só conhecia até então o verme produzido pela varejeira de várias espécies, deposto na podridão de qualquer qualidade onde pode pousar; aquêle só o conhecia de fama e por ter visto o tal exemplar a que me referi.

Depois que com êle travei conhecimento, uso chamar-lhe «vermina dos vivos» e assim continuarei a tratá-lo... se não levarem a mal.

Proporcionando-se-me então ocasião de procurar resposta às preguntas há pouco formuladas, não quis perde-la e visto que os *afazeres* me não ocupavam todo o tempo, propus-me conhecer, *de visu,* o inimigo e verificar a veracidade das informações colhidas.

Com um pouco de paciência e algumas horas de observação, pude com relativa facilidade habilitar-me a responder-lhes com a maior precisão.

Poupar-te hei a massada de seguires comigo tôdas as observações que fiz para conhecer a vida e origem do *Banho,* dando-te em resumo as conclusões a que me levaram.

Ás citadas preguntas posso agora responder, que o *Banho* nem é nascido nem depositado no nosso corpo e que a sua progenitora é uma môsca, que deposita no chão os ovos, enterrando-os em lugar húmido.

É dêles que nasce o *Banho,* que buscando desenvolver-se e alimentar-se, de «motu-próprio» perfura a nossa

pele para nela se introduzir, crescer e viver... se o deixarem ou simplesmente sugar o nosso sangue.

Realmente as indicações dos pretos eram verdadeiras.

Examinando cuidadosamente o solo, geralmente húmido, da maior parte das cubatas incriminadas, fácil me foi verificar a existência de numerosos parasitas perfeitamente iguais ao meu antigo conhecido, embora dás mais variadas dimensões.

Fácil foi, também, certificar-me da sua vagabundagem nocturna e da sua predilecção especial pelo corpo humano, que um especial instinto de descoberta favorece.

Quanto à sua introdução no corpo dos dormentes, emquanto verme minúsculo, para tratar da vida à custa da vida alheia, não há a menor dúvida: é caso dos mais conhecidos, entre o gentio das regiões em que faz o favor de habitar...

Relativamente à sua origem, sôbre a qual nunca obtive senão as mais fantásticas e disparatadas explicações (verdadeiras fábulas), pude, ao fim de teimosas investigações, obter a certeza que sua «Mamã» é uma espécie de varejeira, igual em tamanho à nossa grande varejeira das carnes, mas de côr amarelo-melada, pouco zumbidora devido ao vôo extremamente vagaroso e pouco abundante em geral.

Esta môsca vôa habitualmente rente ao chão, busca de preferência os lugares sombrios e húmidos e prefere, dentro das casas, os cantos mais retirados, nos quais, devido ao seu vôo silencioso passa geralmente inapercebida.

É tão rara e pouco reparada que nenhum nome especial aínda lhe foi dado.

É ela, no entanto, que procedendo de forma idêntica à sua congénere das carnes, deposita no chão húmido das cubatas, enterrando-os, milhares de ovos ou vermes, que entregues a si mesmos se desenvolvem com espantosa

rapidez, tornando-se em tantos outros exemplares do nosso simpático e já conhecido *Banho*...

Que horror se tudo aquilo que ela deposita se criasse e desenvolvesse...

Até que algum sábio que a estude nos diga que mais alguma habilidade aínda possui a nossa môsca, contentemo-nos com esta que lhe descobrimos...

Sempre é ao menos mais uma *môsca benemérita*, embora de benemerência mais modesta que a sua prima D. Tzé-Tzé.

Não obstante a *modéstia* de seu préstimo, não deve a gratidão dos homens olvidar o interessante animalzinho, que desinteressadamente proporciona os meios de gozar a dôce sensação de nos sentirmos comidos pelos vermes... antes de morrer.

Pela minha parte continuo sem em nada modificar a minha anterior opinião.

Os inimigos *graúdos*, terrestres ou anfíbios, que por aqui temos e se dignam olhar-nos com certa predilecção, se nos comem, ao menos só o fazem depois de nos matar, o que já é para agradecer, ou matam sem comer, ao passo que êstes queridos *miúdos*, embora nos não matem de uma só vez, vão comendo aos poucos e pelas formas mais inquisitoriais e variadas a nossa pobre carcassa, emquanto a passeamos aínda viva, mas a pagar já contribuições à morte, por estas terras de prodígio...

Os que ponderarem bem o caso, não podem deixar de concordar que «os grandes inimigos, nem sempre são os maiores...»

III

A BITACAIA

(Sarcopsyla ou pulex penetrans)

Natural da América do Sul, onde era conhecida geralmente pelo nome de *Tunga* ou *Bicho dos Pés,* fizeram os nossos navegantes a fineza de a trazer dali (Brasil) para Loanda, onde, se me não engano, fêz as suas primeiras proezas.

Como prenda de valia que é, aclimatou-se fàcilmente e tão bem se deu em terras de Angola, que num curto praso tinha alcançado os outros portos da sua costa, freqüentados então pela navegação e por êles uma boa parte do interior, por onde as comitivas (t'chendos) dos funantes (fumbéros) a foram propagando com maior ou menor facilidade.

Hoje em dia, além de profusamente espalhada por grande parte dos distritos do interior, é conhecida até grandes distâncias, muito embora nas regiões arenosas de além Gangélas, só apareça e viva temporária e acidentalmente, levada pelas comitivas de quimbundos e gongeiros, que ali vão fazer os seus negócios ou acompanhar europeus como carregadores.

Creio mesmo que são essas extensas regiões onde o solo é invariàvelmente coberto por areia solta e finíssima, que tem, senão impedido, pelo menos retardado a sua marcha para o coração da África, onde provàvelmente aínda por muitos anos não conseguirá chegar... devido à morosidade dos transportes.

O estabelecimento de qualquer sistema de viação acelerada, ligando as regiões onde habita, com as do

Centro, resolverá naturalmente o problema da sua propagação, a contento de tôda a gente...

Até lá, parece que a dificuldade, senão impossibilidade de atravessar viva tantos centos de milhas de areia ardente, será como que uma barreira erguida no seu caminho, defendendo as regiões centrais da sua invasão.

Segundo contam os velhos, quando da chegada de S. Ex.ª a Loanda, onde era totalmente desconhecida, todos ignoravam naturalmente a maneira de se defenderem dos seus ataques e estragos, resultando de tal circunstância, vitimar durante bastante tempo muita gente, entre brancos e pretos.

Á medida que ia avançando para o interior, o número das vítimas em meio do gentio aumentava consideràvelmente, ao passo que na Cidade, ensinados pelos que da América voltavam, os moradores iam aprendendo a defender-se, não sendo aínda assim senão ao fim de muito tempo e à custa de tristíssima experiência, que conseguiram evitar as úlceras, que não poucas vezes levam à gangrena e à morte.

Hoje é geralmente conhecida a maneira simples e prática de a extrair sem grandes conseqüências, tanto nas regiões próximas como nas mais afastadas do litoral.

Teem sido mais felizes que as populações de Loanda e seu interior, onde foi recebida em primeira mão, os habitantes das outras regiões onde a pulga tem chegado já naturalizada portuguesa, pois que, quando chega lá o mal, já vai acompanhado ou mesmo precedido do remédio e cura.

Já é pouca sorte destas terras!

De tudo que de Portugal e do Brasil trouxeram os nossos navegantes e colonos doutras eras, pouca coisa boa cá medrou e ficou; mas como se o que de mau, que à terra pertencia já e cá encontraram, não bastasse aínda,

importaram esta e outras *prendas,* que sendo as mais ruins, melhor medraram...

As coisas são como as pessoas.

*

* *

É, portanto, brasileira de origem a Bitacaia, como vulgarmente lhe chamamos por cá, nós outros europeus.

O gentio chama-lhe *T'Chitacaia, Námbua, Matacánha* e aínda outros nomes.

Námbua é mais especialmente aplicado ao macho. Hoje, quási ninguém se lembra da sua origem, ou desconhece-se por completo que não tenha existido sempre em Angola.

No entanto, a sua vinda não se perde na noite dos tempos como poderia supôr-se: 60, 80 anos talvez, não mais. E quanto mais para o interior, mais moderna aínda é a sua chegada.

Velhos conheço eu, em algumas terras, que cresceram sem a conhecer, lembrando-se de, já rapazes, mesmo homens, *assistirem* à sua chegada.

Parece que da sua origem veio com o nome de *Tunga,* que por aqui nunca ouvi empregar e que foi substituido talvez pelo de Bitacaia ou T'Chitacaia, salvo outro melhor que recebesse a quando da sua chegada e que por completo desconheço.

Em todo o caso, Tunga ou T'Chitacaia, Bicho ou Sarcopsyla, brasileira ou africana, para o caso é o mesmo. É sempre a amável pulga, pequenina, gentil e lustrosa, que vive para martirizar homens e animais, que já matou muita gente e aínda aleija e come parcialmente bastante.

Á sua prima-irmã, D. Pulga, que todos conhecemos e que tem relações em tôdas as classes sociais, do mendigo

à majestade, alguém chamou (não me lembra quem) e com certa graça — grão de rapé com molas...

Não pode negar-se, que nome ou definição, tem imensa propriedade; mas estou convencido que o autor aplicou a sua definição à pulga vulgar, porque... não conhecia a prima. Se a conhecesse, estou bem certo, seria à Sarcopsyla penetrans que chamaria — grão de rapé com molas... — pois se ela *arde* como tabaco nos olhos e salta como se em vez de pernas tivesse molas!

É mais pequenina que a pulga vulgar, muito pequenina mesmo, mas tem igual forma, côr e estrutura, havendo, porém, entre o macho e a fêmea, apreciável diferença de côr; o macho muito mais escuro que esta, o que pode ser verificado a ôlho nú.

Há também entre o casal, grande diferença de costumes e *génios*... Emquanto o macho leva perfeita vida de pândiga, correndo e saltando em absoluta liberdade como verdadeiro vagabundo, mordendo apenas para satisfazer o seu pequenino apetite, a fêmea larga a sua alegre companhia logo que é fecundada, indo procurar sítio conveniente para cuidar dos seus deveres de mãe e prover à alimentação da numerosa futura prole, com quem o marido, benza-o Deus, não se preocupa um momento só!

Assim, é a fêmea a única autora de todos os males de que nos queixamos e que com muita razão lhe atribuimos.

Fecundada, larga, como disse, à procura de alojamento conveniente, onde sossegada e rodeada das precisas comodidades e alimentação, possa cuidar da «Bitacaiada» futura.

A pele do homem, de preferência nos pés em volta das unhas, entre estas e os dedos, calcanhares, mãos e afinal em tôda a parte que lhe possa agradar, pois lugar algum do corpo se pode considerar livre do seu ataque; a pele do cão, gato, macaco, porco, pássaros, emfim a de

qualquer animal, pode servir-lhe de alojamento desde que seja uma epiderme tenra ou pelo menos incapaz de resistir às suas rijas e agudas mandíbulas.

Escolhido o local e bem armada como é, ataca imediatamente a epiderme onde ràpidamente vai desaparecendo o seu pequenino corpo, para furar oblíquamente a derme e aí se instalar, alargando a residência por forma a poder voltar logo a cabeça para o lugar por onde entrou.

Está S. Ex.ª instalada, para, se não a interromperem, levar a bom fim todos os seus trabalhos maternais.

A sua entrada não é dolorosa; apenas uma picadela aguda de que quási nem damos conta, a não ser que seja em sítio muito sensível.

Agora, em meio dos tecidos onde a alimentação é abundante, o seu abdómen vai crescendo lenta mas constantemente, formando um saco esférico, branco, que atinje fàcilmente o tamanho de um grão de ervilha, ao passo que a extremidade anterior do corpo de um lado e o tórax e cabeça do outro, permanecem sempre do mesmo tamanho e côr. É a cabeça que desde o segundo dia nos indica a sua presença, sob a forma de um ponto negro debaixo da pele.

Como disse, a sua introdução não é dolorosa, mas, passado pouco, uma comichão desesperadora, inexperimentada, anuncia a sua presença, num dedo, num pé... em qualquer parte!

Se não se resistir à tentação e coçarmos com a energia que o desesperador prurido requer, dentro em pouco teremos essa parte do corpo inchada, inflamada a mais não ser e coberta de uma vermelhedão que escalda.

São os efeitos do «grão de rapé...»

Se fôr extraida nestas circunstâncias, além dessa operação ser muito dolorosa, a ulceração será inevitável.

Ao terceiro dia terá passado a comichão para dar lugar à sensação dolorosa, que irá sempre aumentando,

acompanhada das mais variadas perturbações, que, como vimos com o *Banho,* podem tomar os mais graves e desconhecidos aspectos. É, portanto, o terceiro dia que mais convém para proceder à sua extracção.

Com a ponta de uma agulha, muito inclinada para a não ferir, deve levantar-se a pele em volta do ponto negro, evitando tocar o parasita, até que o seu abdómen, então pouco maior que a cabeça de um alfinete, fique a descoberto. Nessa altura, pode fàcilmente, com geito, servindo-se da mesma agulha, mas deitada e de lado, retirar-se o bicho intacto que se apresenta na forma de uma esférazinha branca, com os polos marcados por dois pontos castanhos, que são as duas partes do seu corpo, inalteradas.

Indispensável se torna desinfectar ou cauterizar a ferida imediatamente. A nicotina é o mais prático e eficaz cauterizante a empregar nêstes casos; arde um pouco, mas... o que arde cura.

Passada esta ocasião, o desalojamento do hóspede é cada vez mais difícil de fazer sem conseqüências, visto que aumentando cada vez mais o saco, maior é o perigo de rebentá-lo espalhando os ovos dentro da ferida, o que produzirá a úlcera (Nálucanda), que tem as mais lastimosas conseqüências.

Suponhamos, porém, que o parasita, não foi nem é extraido... Vai aumentando sempre de volume, o abdómen repleto de ovos, que por sua vez vão completando o desenvolvimento.

As dores aumentam e há perturbações cada vez maiores; a seu tempo forma-se um tumor que vai avermelhando e acaba por ulcerar; é o momento dos ovos estarem *maduros* e então o saco rebentando, espalha-se no interior da úlcera, ficando garantida a descendência, com sacrifício da própria mãe.

Terminou a missão de Madame Bitacaia!...

*

* *

A úlcera resultante pode curar-se, mas na maioria dos casos torna-se crónica, podendo produzir a morte.

Devemos ter em vista que, nas regiões onde há a Bitacaia, esta, reproduzindo-se aos milhares, abunda de maneira tão espantosa, que a um só indivíduo podem introduzir-se lhe no corpo dezenas delas por dia!

Temos, portanto, que multiplicar por muito tudo o que dissemos a respeito de uma só e assim em vez de uma úlcera, quantas poderemos ter?!

Daí as inúmeras mortes que a minúscula Sarcopsyla produziu a quando da sua importação e aparecimento!!

Hoje mesmo, comquanto os casos fatais rareiem mais, é sempre facílimo encontrar crianças e adultos de ambos os sexos com os mais deformantes aleijões, originados pela Bitacaia.

Muitos pés tortos, pés sem dedos ou mesmo reduzidos a côtos informes; mãos da mesma forma, pernas horríveis; emfim, aleijões medonhos produzidos ùnicamente por tão insignificante como gracioso bichinho, auxiliado, já se vê, na generalidade dos casos, pela incúria das mães, falta delas ou desleixo do próprio indivíduo.

*

* *

A falta de limpeza, não tanto em nós mesmos como nas habitações, suas dependências e arredores, concorrem imensamente para o desenvolvimento e propagação dêste indesejável.

Realmente, à *pulex penetrans,* contràriamente a sua prima, *non penetrans,* muito mais aristocratizada, vivendo

muito à vontade tanto nos grandes palácios como no humilde tugúrio do pobre, aprás muito mais a montureira, a cubata imunda do negro, o acampamento abundante em cinzas arrefecidas, o chiqueiro dos porcos, o curral, o quintal cheio de detritos, a casa mal varrida e pouco aceiada do europeu, do que a mais modesta palhota, desde que nela e nos seus arredores, impere a limpeza, a água e a vassoura, seus inimigos irreconciliáveis.

A água, principalmente, é-lhe muito pouco propícia e menos aínda do seu agrado, resultando desta antipatia, que na estação das chuvas chega a trocar completamente o «ar livre» pela cubata, casa ou currais cobertos, invadindo-os completamente.

Assim, fácil é conseguir o resultado oposto; isto é, regando e varrendo as casas conseguir em qualquer estação que ela as abandone procurando o ar livre; ou aínda, na estação chuvosa chegar à sua quási completa destruição, regando e varrendo com freqüência os lugares cobertos, para que ela, não tendo qualquer refúgio enxuto, acabe por morrer.

Rareia sempre no Cuhênhe (estação fria), para se multiplicar prodigiosamente, recrudescendo os seus ataques na estação calmosa (Dômbo).

Convém, especialmente ao seu bem estar, as cinzas, detritos sêcos acumulados, currais de porcos e cabras e em geral todos os lugares enxutos, pouco varridos e quentes, sem excesso, pois que os grandes calores e os terrenos arenosos lhe são tão pouco propícios como os excessivamente frios.

Não respeitam o calçado como podia supôr-se; o europeu, mesmo de dia e calçado de botas de cano, não fica isento dos seus ataques.

Também o pé lavado não é menos procurado por ela que o... outro!

Há, necessàriamente, cheiros que lhe desagradam, dos quais conseqüentemente foge e por isso aproveitáveis para nos defendermos dos seus ataques, em lugares onde a há em demasia; ao menos nos pés, que é a parte mais visada do corpo. Eu, quando o tenho, uso com magnífico resultado o petróleo, humedecendo as meias com êle.

Como o seu cheiro desenvolvido pelo calor dos pés se transmite fàcilmente ao fôrro das botas, raras vezes é preciso empregar duas vezes de seguida a receita, durando a eficácia dos seus efeitos muito tempo.

Como perfume, não digo que seja ideal, mas como preservativo anti-Bitacaia, é excelente!

*

* *

Aí fica, embora mal, retratado mais um *miúdo;* não te parece que, apesar de ser o mais pequeno dos que apresento, merece bem a classificação de — *grande inimigo?*

Não será evidente, depois do que disse, sem um exagêro a seu respeito, que é muito mais para temer a Bitacaia com sua insignificância e infinita maldade, que os grandes animais chamados feras?

Pois, não produziu, produz e produzirá êste pequenino e elegante (êste ao menos é elegante) parasita, mais sofrimentos, aleijões e mortes, que tôdas essas feras reunidas?

Creio bem que sim! Não é um verme, mas é mais um *qualquer coisa* que nos vai comendo em vida, aos poucos: aleijando, amputando, chagando, numa maldade requintada, empurrando-nos lenta, mas constantemente, num entendimento macabro com a Parca, para a podridão, para o monturo, para a própria morte!

E quantos e quantos assim, por esta África, que é positivamente a terra predestinada do sofrimento!

* *
* *

P. S. — Não sei a verdadeira significação em português da palavra n'bunda T'Chitacaia ou Gangéla, Matacanha, da primeira das quais tiramos certamente Bitacaia.

Ambas as terminações teem, porém, o mesmo significado em qualquer das duas línguas. Em n'bundo, acaia, significa tabaco: a planta, o rapé, o tabaco para fumar. Em gangéla ou ganguela, acanha ou macanha, significa precisamente a mesma coisa nas três acepções.

Pode isto querer dizer, a meu ver, que todos reconhecem no parasita o «grão de rapé» (acaia, macanha) do autor que citei.

Resta averiguar de quem é o *plagiato:* se do gentio que baptizou o bicho, conhecendo a definição do autor europeu, se dêste, definindo-a, com conhecimento do nome gentílico...

Se non é véro...

Aí fica a nota para os amadores de investigações.

Muhambiri, 19...

IV

O BISSONDE

O Bissonde ou T'Chissonde (em n'bundo aportuguesado ou legítimo) é uma variedade de formiga, de bonita côr vermelha, brilhante-esmaltado na cabeça e mais baça

no resto do corpo, excepção feita dos *soldados* ou *guerreiros,* cujo tórax é também lustroso como a cabeça.

Distingue-se perfeitamente a divisão em duas castas bem distintas, tanto pelas atribuições como pela diferença de tamanho, proporções e feitio.

Estas duas castas são as que mais fàcilmente se podem distinguir, o que não quer dizer que nenhuma outra divisão haja dentro de tão numerosa família.

É mesmo provável que sim, mas como é bastante difícil a sua observação na *intimidade,* contentemo-nos com as duas, que são as que com mais facilidade se podem ver, por serem as que mais se mostram em público.

São elas a casta das «carregadoras ou obreiras», a mais numerosa, numerosíssima mesmo, que, como o nome indica, se limita a, num vai-vem contínuo, debaixo de ordem e disciplina rigorosíssima, transportar as prêsas, os géneros, emfim todo o produto da rapina.

A outra é a dos «soldados» ou «guerreiros». Esta é menos numerosa, mas assim mesmo conta-se por milhares em cada corpo de exército de obreiras.

É quem ataca em primeiro lugar as prêsas e marcha ao assalto de todos os inimigos e em defeza da comunidade.

Ataca o inimigo (real ou suposto), cravando furiosamente as suas fortes mandíbulas, agudas e robustas, que dificilmente largam a prêsa emquanto sentirem o inimigo ou pseudo-inimigo vivo, dando assim tempo a que acorra a *multidão* das obreiras e outros guerreiros, em número suficiente para subjugar o prisioneiro, que por pouco tempo o será antes de se tornar sua vítima.

São os guerreiros que avançam sempre ao assalto emquanto o resto do exército faz o cêrco, apresando tudo que pretenda fugir.

São êles também que procedem a todos os trabalhos

de engenharia, como pontes, tunéis de protecção, abertura de passagens difíceis, remoção de obstáculos que surgem no caminho da coluna em marcha, etc.

As operárias são bastante mais pequenas que as guerreiras, não passando em geral de 12 a 16 m/m de comprimento por dois de largura no tórax e 3 m/m na cabeça, ao passo que as segundas atingem um comprimento que medeia entre 25 a 30 m/m por cêrca de 4 de largura máxima.

A cabeça dos guerreiros é desproporcionadamente grande e forte, chegando a ter 6 e 6,5 m/m na sua maior largura.

Em ambas as castas os indivíduos são armados de mandíbulas poderosas de que fàcilmente fazem uso, mordendo rijamente.

Porém, os guerreiros, teem proporcionalmente à sua volumosa cabeça, mandíbulas fortíssimas e grandes, com uma fôrça de preensão verdadeiramente admirável em bicho tão pequeno.

Não se encontra uma ou mais destas formigas desgarradas, explorando de dia ou de noite, sem que o grosso do exército esteja perto e em ordem de batalha.

Encontram indícios de que vale a pena bater o terreno?

O assalto dar-se há muito breve (de preferência à noite), com todos os preceitos da melhor estratégia, uma unidade de movimentos tão perfeita e tamanha inteligência, que quando os sitiados dão pela sua presença, já tudo está cercado e a praça assaltada num movimenlo envolvente, tão bem e prontamente executado, que dificilmente escapa seja o que fôr.

O Bissonde chega a ser um benemérito...

É inegàvelmente um inimigo e um inimigo pouco cómodo, mas como é inimigo de tudo sem excepção, atacando denodadamente grande e pequeno, é conse-

qüentemente inimigo dos nossos inimigos, chegando a ser, na maioria dos casos, senão um amigo, pelo menos um bom aliado, que nos livra de muito em troca de algumas maldades que nos faz, com a quási absoluta certeza da impunidade, visto que, pouco ou nada podemos fazer contra êle.

Eu digo apenas, «quási absoluta...»

Devia dizer absoluta, pois, realmente, êle pode ter a certeza que nada lhe podemos fazer que pareça sequer um castigo, quanto mais uma vingança!...

Escorraçá-lo ou exterminá-lo, não é possível; êle vem e vindo nada o faz recuar!

Matam-se, queimam-se milhares dêles, mas de que serve? Ficam tantos, tantos, que se lhe não dá pela falta; e os que ficam, à vista dos seus mortos mais se enfurecem, mordendo e atacando desesperada e raivosamente tudo que se lhes depare e avançando sempre!

Teem os seus formigueiros certamente, mas onde os escondem? São todos subterrâneos e sem nada que nos denuncie exteriormente a sua presença. Eu nunca consegui ver nenhum. Os seus enormes exércitos aparecem como desaparecem: repentinamente! Hoje atacam aqui, amanhã acolá; donde vieram ninguém o sabe. Acabado o ataque, desaparecem como por encanto; somem-se pela terra dentro, é o termo!

Provadamente veem muitas vezes de grandes distâncias, encontrando-se os seus exércitos em marcha, formando colunas compactas e perfeitamente ordenadas, em extensões de centenas de metros (eu vi-as de mais de um quilómetro), quer pelos caminhos fora, quer fora dêles!

Ai daquêle que lhe passe ao alcance! Num momento é envolvido, mordido, absolutamente enterrado em Bissonde, que nunca mais o largará até que o sinta morto.

Depois, com uma rapidez incrível, é ordenada a mar-

cha transportando a prêsa inteira, se é possível o seu transporte, que conseguem fazer se não se tratar de coisa maior que um rato grande ou pêso correspondente!

Se o animal atacado é demasiado grande ou se o encontram morto, nunca mais o largam emquanto não fôr totalmente desfeito, abandonando ùnicamente o esqueleto e a pele se esta lhe não convém!!

E não pode fazer-se uma pequena ideia da forma porque as duas partes abandonadas ficam estonadas... limpas, tão limpas que se pensará que é coisa antiga já!

Uma vez tinha matado um porco: um porco sofrìvelmente gordo, com regular toucinho e banhas; pesava cêrca de 300 quilos.

Morto à tarde, pela fresca, foi chamuscado, limpo, aberto e pendurado, tal como usa fazer-se na nossa terra, para ser escangalhado logo na madrugada seguinte, evitando assim as horas de calor para êstes serviços.

Ficou pendurado durante a noite.

Manhã cedo para ali fomos a fim de dar comêço ao trabalho, mas qual não foi, porém, o nosso espanto, quando, olhando pela barriga aberta do bicho, vimos que o nosso rico porco (com suas licenças...) estava vazio, coitadinho!

Dentro da pele, reduzida à grossura de uma moeda de dez reis, estava o esqueleto completo, muito branco, muito bem esburgado!...

Pegada aos ossos não havia a menor parcela de carne e pegado à pele não havia o mais pequenino resto de toucinho; tudo tinha desaparecido, assim como o próprio Bissonde, que terminada a missão, logo desaparecera.

Deve notar-se que nêste armazem e nesta mesma noite, tudo o mais que havia *comível,* teve a sorte do pobre porco!

Êste facto, na sua singeleza, dá mais perfeita ideia

que qualquer descrição, da voracidade desta formiga e da quantidade que dela é precisa para transportar ou comer, em algumas horas, duzentos e tantos quilos de carne e toucinho (sem falar do mais), que tanto pesaria o porco sem a pele e sem os ossos.

Durante a estação fria todo o Bissonde desaparece completamente.

Passam-se êsses meses sem que uma só dessas formigas apareça à superfície do solo.

Como vive durante êsse tempo? Dos recursos armazenados durante a época das chuvas, provàvelmente.

Pode dizer-se que armazena durante seis meses, para viver durante outros seis!

Isto, já vê, é o que suponho, que afiançá-lo não posso!

Fundo-me para o dizer na circunstância de só aparecerem no Dômbo (estação das chuvas) seus exércitos aguerridos e insaciáveis, sendo raro que façam o seu aparecimento duas vezes no mesmo lugar e ano.

Esta necessidade de armazenar em prazo fixo, mantimentos para tropa tão numerosa, explica em parte a sua proverbial ferocidade, quando na época própria fazem a colheita.

Por isso as suas razzias se transformam por vezes em verdadeiras hecatombes.

Pode dizer-se que êste insecto é um verdadeiro carnívoro; podia até considerar-se omnívoro se não desprezasse por completo os vegetais, visto que, à excepção dêsses, tudo que nos pode servir de alimentação, como bacalhau, peixe sêco, banha, toucinho curado, presunto, carne sêca, etc., lhe serve também, tudo desaparece, pois tudo descobre por mais bem escondido que esteja, dependurado ou não; só em caixas hermèticamente fechadas ou sacos de tecido muito tapado, forte e sem qualquer buraco, pode escapar alguma coisa à sua fúria devoradora.

Nada lhe faz frente, fugindo tudo e *todos* espavoridos ao menor rebate de aproximação de suas hostes.

O próprio elefante, cuja pele, como fàcilmente se acredita, é inteiramente insensível à sua ferroada, foge como louco dos lugares onde vagueia a temível formiga.

Parece uma contradição, mas não é.

O Bissonde, conhecedor da invulnerabilidade exterior do elefante, procura introduzir-se-lhe na tromba e nos ouvidos, e, se o consegue... era de uma vez um elefante.

Parece *blague*...

Uma insignificante formiga, aniquila sem custo o maior colôsso da criação!...

Assim se explica o verdadeiro terror pânico, a loucura que se apossa do enorme paquiderme, se no seu passeio descuidado vai dar em meio de um exército de Bissonde.

Não há animal que não tema o Bissonde, que não procure fugir-lhe (quantas vezes sem o conseguir), desde o mais insignificante insecto ou verme ao mais forte e grande quadrúpede.

O próprio homem, mesmo aquêle que endureceu na escola do perigo vivido dia a dia, não tem outro remédio senão abandonar-lhe a própria casa ou acampamento e fugir deixando-o senhor do campo.

Em presença de um exército dêstes, depois de cercada a nossa casa, sempre de surpreza e salvo mui raras excepções de noite, não há mais que fugir e procurar salvar alguma coisa, aliás o que chegaria para nos alimentar durante meses, êle comerá em uma noite.

A sua maneira de atacar é única e desconcertante.

Se, caminhando, pômos distraìdamente um pé sôbre as suas tropas, o ataque não se faz esperar.

Em três ou quatro segundos sentimos uma ferroada e precisamente nêsse mesmo momento sentimos mais dez, vinte, quarenta, se fôr só êsse o número dos que se pude-

ram agarrar a nós e subir para tôdas as partes do corpo, dos pés até à cabeça...

É espantosa a rapidez com que se precipitam e sobem pela prêsa acima, que nêste caso somos nós; é mesmo impossível explicá-lo.

Quando sentimos a primeira ferroada nas canelas, sentimos imediatamente outra e outra na cabeça, no pescoço, no peito, e com maior violência e em primeiro lugar, tanto em nós, como em todos os animais, nos órgãos sexuais.

É a parte preferida para o furioso ataque dos mais possantes guerreiros.

É mais fácil separar o tronco, da cabeça do Bissonde, do que arrancar esta do lugar onde cravou as suas recurvas e temíveis mandíbulas; mais vale nem tentar arrancá-lo, pois só o conseguiremos arrancando juntamente a nossa carne.

Descoberta a capoeira, a coelheira, o pombal, o curral de cabras, porcos, carneiros, emfim qualquer lugar onde haja criação, é uma razzia certa e geral; se não se acudir imediatamente aos sitiados logo no comêço do assalto, não escapará vivo um só animal que esteja encerrado.

Se fôr de noite o ataque, só há um remédio a dar-lhe: soltar os quadrúpedes para que fujam espavoridos e possam em plena liberdade, libertar-se dos Bissondes que se lhes agarraram ao corpo, o que nem sempre conseguem; e às aves retirá-las ràpidamente para lugar afastado, *catando-as* imediatamente, pois, do contrário, quando fôr de manhã, estará tudo morto!

Aos coelhos mal se pode acudir; raro escapam.

Não é freqüente, mas é possível serem atacados os currais de bois; a dar-se o caso, deve proceder-se da mesma forma: abrir o curral, se os bois aínda o não tiverem forçado e deixá-los sair imediatamente; uma vez em

liberdade levará o resto da noite em correrias loucas, até conseguirem livrar-se por completo de hóspede tão incómodo. Aos cavalos, machos, mulas e burros a quem ataca fàcilmente, é um perigo deixar cabrestos e prisões, desde que o Bissonde lhes chegue.

Desesperam-se de tal forma os animais mais mansos, com as dolorosas ferroadas que a formiga lhes inflige, que mal nos podemos aproximar sem perigo eminente de coices e dentadas furiosas, para cortar ràpidamente as prisões, dando-lhes a indispensável liberdade.

Se assim não procedermos, corremos grande risco de os ver aleijados, enforcados ou mortos pelo Bissonde, desde que as prisões resistam aos desesperados esforços dos animais, impedindo-os de se libertarem por si mesmos quando o nosso socorro, por imprevidência ou qualquer impossibilidade, não possa chegar a tempo.

É claro que muitas vezes pode suceder, que obrigados de noite a libertar os nossos animais para os salvar de um ataque de Bissonde, os precipitemos involuntàriamente e na melhor das intenções... «na bôca do lobo», como sói dizer-se; isto é, para os salvar do perigoso *miúdo*, sacrificamo-los a algum *graúdo* que aproveite a sua natural desorientação para os apanhar... Não há outra solução:

—Para grandes males, grandes remédios...

*

* *

Para dar uma leve ideia das quantidades espantosas que formam qualquer exército de Bissonde, basta dizer que o gentio para significar qualquer coisa extraordinàriamente numerosa, interminável, diz que é tanta ou tão numerosa como o Bissonde, que é como nós diríamos:—«são tantos como as pragas!»

*

* *

Entre o gentio há um preceito que todos respeitam e enunciam pela forma seguinte:

«A sogra e o genro devem ser como o sol e a lua; quando aquêle nasce, esta deve esconder-se imediatamente.»

Quer isto dizer que, quando a sogra avista, é avisada que aí vem ou em qualquer lugar a que se destina está o genro, deve esconder-se imediatamente ou passar de largo, para evitar ver ou ser vista e... vice-versa.

Vê-se por esta amostra que devem usar e usam realmente entre si da maior cerimónia.

Ora, quando se pregunta ao gentio, que tais são as ferroadas do Bissonde, êle responde prontamente:

—São de tal fôrça, que mesmo diante do genro, a sogra mordida pelo Bissonde se põe núa para o *catar*, esquecendo as conveniências e até a multa que terá infalìvelmente que pagar para *lavar* a vergonha...

É significativo bastante e exprime bem a desorientação que produzem as suas mordedelas, levando-nos aos movimentos mais irreflectidos e inconvenientes, principalmente por escolher para morder, de preferência, os sítios mais melindrosos do corpo.

*

* *

Não há sôno, por pesado que seja, que possa resistir às amoráveis ferroadas com que imediatamente nos mimoseia ao surpreender-nos na cama...

Despertamos de um salto.

Se dormíssemos sôbre uma *catapulta* engatilhada

que repentinamente se disparasse, não realizavamos melhor o prodígio de acordar em pé.

Tacteamos a luz e a mão antes de a encontrar recebe trinta dentadas de Bissonde ao mesmo tempo!...

Buscamos a roupa, as calças, as botas e tudo está cheio dêle... Os pés, no chão, pousam sôbre êle também, que sobe, nos envolve e nos morde desapiedadamente, juntando-se a tanto, outro que já está farto de fazer o mesmo...

Tudo isto se passa em segundos apenas, durante os quais fazemos as mais extraordinárias e fantásticas piruetas e falamos a linguagem mais estranha do mundo... às escuras e às apalpadelas; as mãos não chegam, não teem rapidez bastante para acudir a tanta ferroada ao mesmo tempo!... Três segundos depois de acordados, estamos desesperados: queremos luz, fato, botas... Aos quatro, desistimos disso tudo... Aos cinco, estamos doidos... e aos seis, partimos a fugir, despidos, descalços, às escuras, para fora, para longe, para o ar livre, quer chova, quer vente, quer urre o leão!...

O resto, mais peripécia, menos peripécia, corre *normalmente,* como ficou previsto para qualquer caso.

E aínda devemos dar muitas graças ao Altíssimo por o Bissonde não ser venenoso... Também era o que faltava...

Aí o tens muito atabalhoadamente apresentado, mas para simples apresentação deve chegar...

Como disse mais longe, não exagéro; pelo contrário, fico muito àquem da verdade e da realidade.

No entanto, se não escrevesse só para ti nem tanto diria decerto, porque... tinha a ante-certeza de ninguém me acreditar...

Assim, creio ao menos ter justificado os títulos que lhe dei no correr destas notas: *Praga, inimigo e benemérito*...

Quitêve, 19...

ELLEN...

(HISTÓRIA TRISTE)

ELLEN...

(HISTÓRIA TRISTE)

Bem dizem os velhos que as palavras são como as cerejas...

A escrever, também umas coisas fazem lembrar outras e, assim, agora me está lembrando um facto, que, por frisantemente pôr em confronto a resistência à sêde, do homem, cão e cavalo, me deu vontade de te contar.

Da fome não falo, porque havendo simultâneamente a sêde absoluta (não a sêde de que tôda a gente se queixa, por umas horas ou um dia mesmo de sofrimento intermitente, mas a originada pela ausência completa de líquido, seja êle qual fôr, durante dias consecutivos), não creio que se morra de fome; morre-se mas é de sêde, porque êste sofrimento é tão atroz que chega a aniquilar o sentimento da fome completamente.

Ao passar o terceiro dia dos dois tormentos, fome e sêde, o primeiro quási que se torna nulo para só se sentirem os horrores do segundo.

Depois de suportarmos em dias seguidos os dois martírios, nenhum dêles atraente, digamos de passagem, se nos apresentarem as duas coisas, alimento e líquido, a

escolha é imediatamente feita sem a menor exitação: líquido, seja êle qual fôr! (1)

Alimento, só a ideia de o ingerir, repugna!

Todo o homem que se propusesse viajar por êsse interior fora, disposto a correr todos os riscos, quer caçando, quer viajando por prazer (?), deveria preparar-se com um treino especial *anti-sêde*...

Consegue-se fàcilmente, muito mais fàcilmente mesmo do que podem pensar, atenuar dentro do possível, mas muito apreciàvelmente o sofrimento da sêde, aprendendo antecipadamente a sofrê-la.

É uma questão de fôrça de vontade apenas.

Eu, que não sou com certeza uma excepção, depois de uma lição tremenda que fui obrigado a tomar logo nos primeiros tempos de África, habituei-me a não beber água a não ser em meio de sua abundância e por minha livre e espontânea vontade, nunca obedecendo ao sentimento de sêde, a que todos cedem geralmente quando a bebem.

Nunca me apeio nem curvo para beber água em viagem, muito embora debaixo de um sol abrazador e durante horas seguidas se passem rios e ribeiros às dúzias, com água cristalina e tentadora, onde tôda a gente pára para beber.

Nunca bebo água fria ao chegar ou depois de acampado.

Descanso, espero que se acenda fogo no acampamento e me façam café, se o tenho; tomo-o quente e seguidamente vou para a caça, durante a qual *nunca* bebo ou

(1) «Seja êle qual fôr»... sim, porque o sequioso beberá o próprio veneno... desde que seja líquido e beberá sem repugnância a maior imundície...

UNDGIRI

entretenho-me com qualquer coisa, dentro ou fora do acampamento, até que sejam horas de estar o comer pronto.

Não quero que acreditem que nunca sinto o que geralmente chamam *sêde;* sinto, mas sem grande sacrifício a suporto e como com ela me não preocupo, esqueço-a.

Experimentem e verão que ao fim de curto prazo, o que lhes era muito custoso ao princípio, se torna extremamente fácil e até natural ao depois.

Com um pequeno esfôrço de vontade a tudo nos habituamos.

Á fome resiste-se extraordinàriamente, desde que não falte por completo a água.

Conheço mesmo exemplos de se viver com alimento em quantidades verdadeiramente irrisórias e das mais miseráves qualidades, durante períodos de tempo tão longos que se torna verdadeiramente inacreditável.

Nunca vi, nem creio que fàcilmente se possa ver, criaturas humanas, sem qualquer doença, chegarem a um estado de magreza tão verdadeiramente esquelético, como por estas terras, com a fome.

Suportam-se fomes — eu mesmo as tenho suportado — que se julgariam três ou quatro vezes fatais, mas que não passam de longo sofrimento, desde que a água seja em suficiente abundância, mesmo má, e o alimento, muito embora das mais fantásticas qualidades, apareça de quando em vez, mesmo em pequeníssimas doses, mal chegando para *entreter* uma criança...

Para só apontar factos testemunháveis por europeus, poderia, entre outros, citar a fome em que fêz a fineza de acompanhar-me um ilustre estrangeiro, cujo nome podia escrever e que felizmente aínda é vivo.

Foram vinte dias que não se esquecem nunca...

E cento e sessenta e dois dias consecutivos, durante os quais cêrca de quarenta homens, entre êles dois euro-

peus, foram obrigados a viver só de caça por não terem outro qualquer recurso.

Não se recordará aínda e talvez até com saudade (apesar de tudo), um dos europeus, visto que o outro era eu, dêsses meses passados em viagem e sem uma só deserção, dependendo tôdas as nossas vidas das contingências da caça?...

Eu lembro-me bem e com muita saudade dêsses tempos, apesar da imensa responsabilidade que só sôbre mim pesava e que mais me oprimia que a própria fadiga e fome...

E quanto mais eu podia recordar de misérias vividas, que serviriam de prova, que o horror da fome é nada e desaparece na sombra do fantasma da sêde.

Mas deixemos considerações que só te podem enfadar e vamos ao caso que me propus narrar-te.

*

* *

Descendo pelas intermináveis lagôas do rio Longa, em que pulula o hipopótamo, até onde possível nos foi fazê-lo, largamos o rumo sul que então traziamos, para cortarmos ao rio Cubango, na certeza que não deixariamos de encontrar elefante na baixa-Cafima, onde nunca falta.

Depois, fomos seguindo sempre pelas regiões onde com abundância habita a girafa e o avestruz, na intenção de uma vez chegados ao Karhuri ou Kuámbi, conforme a vadiagem da caça nos levasse, descer ao Damaraland a negócios ou subir logo para a N'dgiva, no Cuánhama, onde era então meu quartel general e soba ao tempo o meu amigo Ueyulo, assassinado mais tarde por seu irmão

Nande, (1) que pode considerar-se, sem favor, um perfeito patife.

Vagueavamos então, creio que já em terras do Karhuri e com certeza não muito longe da então fronteira da Colónia Alemã.

Na realidade, todos aquêles, na sua maior parte desertos e áridos territórios, tão abundantes em caça por onde andavamos, eram terreno conquistado, embora oficialmente não ocupado pelos nossos vizinhos, que por êles traziam sempre espalhadas patrulhas bem montadas de tropas europeias, que por causa dos Hereros, abundavam então em todo o sudoeste alemão.

Tínhamos feito alto nas proximidades de uma cacimba, ao acaso, sem aínda termos bem resolvido, se para dormir, se para descansar sòmente; pouco tempo passado, aproximava-se da mesma água uma das tais patrulhas alemãs de que falamos.

Vinha, porém, mais completa que habitualmente, pois além de vir dobrada (oito praças), trazendo todos os soldados como de costume o seu cavalo de muda prêso à sela do companheiro, comandava-a um tenente, rapaz novo, bem fardado e monocolizado, que tomava a direita a uma amazona, que me pareceu inglesa, logo de entrada, montada em uma bonita égua lazã, que bem mostrava andar pouco afeita ao duro trilhar daquêles desertos, não obstante ser animal do Cabo.

Trocados os primeiros cumprimentos entre a pequena tropa nédia e bem tratada e a nossa mais numerosa mas magra, suja e esfarrapada, tudo se apeou, tratando os recêm-chegados de aliviar as montadas, refrescando

(1) Êste também não viveu longos anos, conforme o A. me diz em cartas ulteriores. — *N. do C.*

homens e animais naquela água pouco apetecível, que todos bebiam sem a menor exitação.

Da minha mão veio tomar a rédea da égua, agradecendo, um velhote bem conservado, verdadeiro tipo de criado inglês. Passados os primeiros momentos, em que os alemães com o seu método habitual e precisão estabeleceram o bivaque, tudo se dispôs para o descanso.

Nós, estendidos novamente sôbre as nossas peles e fumando pachorrentamente, observavamos com certa curiosidade tôda aquela tropa, sem nada percebermos da heterogeneidade da sua composição.

Quanto à patrulha, bem estava; muitas vezes já as tínhamos encontrado por tôdas aquelas paragens e mesmo mais longe, pois tudo percorriam com freqüência.

Não as acompanhava geralmente qualquer oficial, sendo habitualmente, quando reforçadas como esta, comandadas por algum sargento ou *feld-cornet;* mas, aínda assim, a presença do oficial não era coisa nunca vista nem muito para admirar. Na própria embála do Cuanháma, na N'dgiva, residência do soba, que é inegàvelmente tão território português como êste em que estamos hoje, embora igualmente por ocupar, assisti eu à chegada e permanência de dois dias (para *descanso,* esquissando!?), de uma fôrça de cêrca de quarenta homens de cavalaria alemã, comandada por um major, com um tenente e dois alferes, que a mim me disseram tratar-se de um passeio militar, para *reconhecimento* (!) do caminho Damaraland-N'dgiva!!

E nós?, dormimos um longo sôno, como a linda Inês, postos em sossêgo, de que despertaremos um dia, creio-o, mas que receio bem seja tarde e... com desassossêgo... (1)

(1) Realmente êsse despertar veio, como todos hoje sabem, se não de todo fora de horas, pelo menos bastante desassossegado... e algo tardio. — *N. do C.*

O que havia de notável em tudo aquilo era a presença da inglesa e do seu criado *bife,* em meio de uma tropa alemã.

Que diabo andava por ali a fazer aquela desgarrada, súbdita de Sua Graciosa Majestade, com o velhote, escoltada por um destacamento de tropas do megalomano primo Kaiser?!...

Não se podia dizer feia nem bonita; era alta e loira, mas não daquêle loiro desbotado que é dado ao maior número das suas patrícias do Reino Unido.

Uns olhos acastanhados davam-lhe uma certa graça e animação ao rosto, que não possuem geralmente os olhos *celestes* da maior parte das inglesas, que, se chegam a ser formosas como tipo *angélico,* dificilmente o conseguem ser como terrestres tentações...

Devia ser bastante nova: vinte e dois anos o máximo; trajava bem um facto de caça, kaki-verdegoso, como o adoptado por Bob na guerra Transwaliana, polainas de côr e capacete *Tropical* da côr do fato.

Numa pequena bôlsa de coiro amarelo, pendia-lhe do cinto militar da mesma côr uma pequena pistola e a tiracolo trazia cartucheira à moda boer, completa de cartuchos de 7,7, alimento de uma lusidia *Jeffery-303* de repetição, então a preferida pelos ingleses.

De todo o acampamento ou dos diversos grupos ali acampados e animais, resultava uma certa animação, mas não tanta como a que deveria esperar-se de tanta gente reunida, umas trinta pessoas ao menos.

Para o nascente estavamos nós e os nossos, sem termos tomado aínda disposições para a pernoita, visto que não estavamos definitivamente resolvidos a ficar.

Estendidos sôbre peles ou pelo chão, uns dormiam, outros conversavam em voz baixa, emquanto alguns fumavam *riamba.*

Do outro lado, afastados, bivacavam os soldados alemães, que dentro sempre da mais impecável disciplina, mal se ouviam emquanto cozinhavam e fumavam.

Perto dêles, mas isolado, estabelecera-se o tenente, que se conservava sentado sôbre a sua manta, servindo-lhe de encôsto a sela da montada, fumando e bebendo, emquanto a ordenança dispunha tudo com a maior fleugma e aprumo militar.

Finalmente, debaixo de uma árvore maior e bastante próxima de nós, pousara a nossa enigmática viajante, sentada em uma pedra, sôbre que dobrara sua capa de viagem, não deixando de observar-nos, às nossas esgrouviadas montadas, apaniguados e originais bagagens que nos acompanhavam.

Para quebrar a frieza daquela vizinhança, pouco afeita, pelo visto, à rude e franca sencerimónia do caçador asselvajado e visto que só de latas e conservas a sentiamos provida, mandamos a cada um, inglesa e tenente, bons nacos da gorda carne de um *guluve* (javardo) que tínhamos morto de madrugada.

Como seguidamente vissem que mandavamos despear as bestas, por havermos resolvido ir prégar aínda a outra freguezia menos concorrida onde dormíssemos, despacharam-nos quási simultâneamente o criado e o impedido, a preguntar se iamos abalar dali, porque, se assim era, nos desejavam pedir algumas informações antes da nossa partida.

Respondemos que era realmente nossa intenção seguir, mas que, como não era grande a freima, ali estavamos inteiramente ao dispôr de Ss. Ex.as.

Verdade, verdade, à nossa curiosidade aprazia também saber alguma coisa sôbre o destino daquela caravana, cujos viajantes não desejavamos interrogar; por isso e para sua satisfação, de boa vontade ficariamos ali, visto

que, além de tudo, em qualquer parte pernoitariamos mal, pois tornava-se impossível à hora que era, alcançar qualquer outra água onde dormíssemos.

Resolvemos desde logo ficar, para que a conversa, com tempo de alongar-se, fôsse mais substancial. No entanto, mandamos apenas sustar a ordem de marcha até segundo aviso.

Depois de curta conferência entre a inglesa e o tenente, foi-nos feito, por intermédio do criado, o pedido de nos juntarmos aos dois nos *aposentos* dela e ali resolvermos todos, assunto *importantíssimo,* dizia o *bife.* Fomos.

Postos à vontade após curta troca de apresentações e cumprimentos, o tenente, que é rapaz simpático e educado, expôs o assunto ràpidamente.

Aquela menina tinha vindo há tempos com seu pai, um inglês enriquecido no Cabo, para aquelas paragens caçar por passatempo. Desembarcára no sudoeste alemão, e dali, com assentimento das autoridades locais, internara-se com um carro boer que adquirira, nessa região deserta, apenas freqüentada pelos *Vasséquéle* e na sua maior extensão falta de água, para satisfazer a sua grande fantasia de caça.

Homem de cinqüenta e tanto anos, vigoroso aínda, desconhecendo quási completamente o sertão, caçava, como disse, apenas por *sport,* visto que, retirado dos negócios, viúvo e senhor de uma boa fortuna, a vida desocupada o aborrecia, atraindo-o apaixonadamente a lida aventurosa de caçador. Algumas vezes caçava em companhia de sua filha única, Ellen, que embora se não sentisse totalmente encantada com aquelas correrias sem fim, o acompanhava no entanto por muito lhe agradar a equitação.

Há quatro dias, porém, saira de manhã cedo do acampamento, a cavalo, fazendo-se acompanhar apenas do seu

cão predilecto, um valente fila-cruzado que dava pelo nome de *Zulu*. Nada levara de comer e apenas *whiski* para beber, recomendando ao velho Dick, à partida, para dizer a sua filha, quando se levantasse, que viria para o almôço. Daria apenas uma pequena volta procurando trilha fresca de caça, que, uma vez encontrada, só voltaria a seguir de tarde, se ela quisesse acompanha-lo.

Inutilmente sua filha o esperara todo êsse dia até à noite no acampamento e no dia seguinte até mais do meio-dia. Alarmada com tamanha ausência e depois de ter percorrido sem maior resultado enormes distâncias, na esperança de encontrar seu pai ou qualquer vestígio da sua passagem, recorreu ao Forte alemão mais próximo pedindo auxílio para pesquizar a região, visto que, comsigo, só tinha pessoal que contratara no Cabo, inepto portanto, para a auxiliar eficazmente nas buscas a fazer em paragens totalmente desconhecidas de todos.

Era em atenção ao pedido de Ellen, que o tenente Kuno von der G... tinha sido mandado sair com aquêle destacamento e um guia, que se dizia conhecedor de todo o deserto.

Trazia ordens terminantes, que um oficial alemão não podia deixar de cumprir rigorosamente, de pesquizar tôda a região até encontrar Mr. John W... vivo ou morto.

O guia, que era um *bushman*, não podia ser mais competente pela única razão de ser *bushman*, mas... desaparecera como por encanto na noite anterior, não tendo sido possível apanha-lo novamente e não tendo deixado de sua passagem o menor rasto!

— Sumiu-se positivamente pelo chão dentro, para o meio do inferno, que é a terra dêles, dizia desapontado o tenente.

Assim, achavam-se sèriamente embaraçados desde manhã, errando todo aquêle dia perfeitamente ao acaso

por lhes faltar êsse cão de *bushman,* único que com seu instinto verdadeiramente canino, seria capaz de destrinçar a trilhada certa em meio de dúzias de outras e segui-la sem a perder durante léguas, com a precisão de um verdadeiro cão de caça e a rapidez de um cavalo.

Encontrando-nos ali e sabendo-nos caçadores vagueando por aquêle deserto, logo Ellen alimentara a esperança que poderiamos dar-lhe qualquer útil indicação ou fornecer-lhes ao menos algum prático que os guiasse naquela triste peregrinação...

Indicações quási lhas não podiamos dar; só uma muito vaga e incerta a que antes não ligaramos qualquer importância e que realmente podia nada significar, nos ocorria agora: naquêle dia, ante-manhã, não muito longe dali, a uns vinte quilómetros talvez para o sul, cruzaramos uma trilha meio apagada na areia, que nos pareceu de cavalo. No entanto, como se tratava de rasto quási apagado e de um só animal, não lhe ligaramos maior importância, nem repararamos sequer na direcção que seguia.

Agora viamos que podia ser talvez um indício, mas nada mais podiamos adiantar.

Tratassem porém todos de refazer-se das fadigas do dia, repousando bem e fossem dadas as precisas ordens para que tudo estivesse a postos e erguido ao nosso *leva-arriba,* pois noite ainda lhes passariamos à frente guiando-os ao ponto que indicaramos, se antes não encontrassemos, nós ou os nossos vigilantes, indício mais preciso ou trilhada segura que seguíssemos.

Ficasse M. Ellen certa que não mais a abandonariamos se quisesse e todo o nosso esfôrço e da nossa gente lhe seria absolutamente dedicado emquanto não desse por terminada a sua missão, que de oravante era também a nossa: encontrar seu pai vivo ou morto!

Como, porém, cada hora passada podia comprometer

a salvação do extraviado, a caminhada teria que ser dura e fatigante, quási sem repouso para homens e animais; por isso aconselhavamos que esperassem ali o nosso regresso, ao menos os mais fracos.

Nós e os nossos, tisnados e emagrecidos naquelas sêdes, iriamos e prestes voltariamos ali, terminada que fôsse a incumbência; há sete meses, era aquela a nossa estrada.

— Ninguém fica, protestaram os dois, inglesa e tenente; ambos cumprimos e fazemos cumprir um dever!...

— Visto isso, o dito, dito! Não deverá a manhã encontrar-nos acampados mas sim já longe daqui.

Partimos noite ainda... Cortamos mais pelo norte do que tínhamos vindo, na esperança de encontrar mais cedo o rasto visto na véspera, no caso de para aquêle lado se ter dirigido. Se, ao contrário, tinha tomado para nordeste, então provàvelmente só tarde o tornariamos a encontrar.

Era já quási sol-fora... Um dos nossos vigilantes, verdadeiros cães de caça, fazia-nos sinais de longe. Tudo parou, emquanto um de nós ia verificar o rasto ou trilha que o homem certamente tinha encontrado; como havia ordem de desprezar todos os rastos que não fossem o procurado, certamente era para êste que nos chamava a atenção. Realmente, estavamos em presença da trilhada de um cavalo que por ali passára e pouco mais adiante pudemos verificar que era precedido das pégadas de um cão. Chamados todos, Ellen reconheceu que pelo tamanho da pata, o cão não podia deixar de ser *Zulu*.

Seguimos, observando sempre cuidadosamente e sem deixar que alguém passasse à frente, para evitar que se estabelecesse confusão de rastos, dificultando e atrazando as pesquizas. Não havia remédio senão obedecer, muito embora a alguém custasse bem conter a impaciência.

O rasto já não era fresco.

Não me alongarei em minuciosidades, descrevendo tôdas as peripécias daquelas sucessivas marchas e contramarchas, que duraram aínda alguns dias e que muito longas nos pareceram. Caminhamos quási sem tréguas, mal dando o indispensável descanso a homens e animais durante o dia, mal comendo e pouco dormindo durante as poucas horas da noite em que paravamos, por ser totalmente impossível caminhar então sem perigo eminente de por muito tempo perdermos o rasto que seguiamos; mesmo de dia, com freqüência, êste desaparecia por largo espaço, bastando para isso que qualquer manada de caça tivesse vindo tomar a mesma direcção, sobrepondo suas numerosas pégadas à trilhada do pequeno grupo extraviado.

Quantas esperanças, desânimos e desapontamentos se alimentaram e sofreram durante essa trágica caminhada, seria loucura tentar descrever!

Visto que escrevendo podemos seguir o caminho mais curto, o que seria impossível por aquêle deserto em seguimento de quem tão desorientadamente tinha passado na nossa frente, sigámo-lo, abreviando assim a narrativa.

Quanto tempo o inglês caminhou por aquêles êrmos, desorientado, ignorante, por vezes topando quási uma cacimba, a salvação, para repentinamente ao atingi-la mudar bruscamente de direcção, dando-lhe costas e contrariando provàvelmente o instinto dos animais que o acompanhavam e que o poderia ter salvo, não podemos calcular.

Iria jurar que a sua teimosia britânica, deve ter entrado por muito na sua perdição, mas...

Ao fim do primeiro dia de marcha já o rasto do cão se sobrepunha constantemente ao do cavalo e com freqüência se encontrava a marca do seu corpo, indicando que amiudadas vezes se deitava. O cão fraquejava e

seguia agora sempre atrás do cavalo, deitando-se muitas vezes...

Mais um pouco de caminho e o esqueleto aínda fresco do pobre *Zulu* indicava que morto ou incapaz de se defender, o valente animal fôra devorado pelos abutres, que adivinham a prêsa seja a que distância fôr. Visìvelmente, o fim da tragédia aproximava-se; no entanto, o homem a cavalo seguia sempre e podia acertar ou ser guiado, salvando-se milagrosamente, a qualquer água ou poiso de nómadas. O caso não seria virgem.

Apesar, porém, das mais optimistas conjecturas, a vista dos ossos do pobre e fiel animal encheu todos de tristeza... É que o inglês nos procedia já de quatro dias e nós eramos com freqüência obrigados a alongar a marcha da trilhada seguida afim de evitar que de todo nos faltasse a água indispensável, o que não pouco nos atrazava.

Nêsse mesmo dia à tarde notamos que o homem caminhava com freqüência a pé, levando certamente o cavalo à rédea, por êste naturalmente andar cada vez com maior dificuldade.

Logo na madrugada seguinte, rastos cruzados de hienas e chacais, que durante a noite ouviramos *cantar,* nos deram a certeza de por ali perto se encontrar nova vítima (ou quem sabe se *o resto*...), com que mui provàvelmente acabavam de banquetear-se.

Realmente, pouco tardou que, selim, arreios e restos do cavalo se nos deparassem... O cavalo fôra abandonado! Como aquêle homem devia sentir chegado o seu fim!

Era a segunda vítima abandonada; quando, nem se podia calcular, visto que as hienas e abutres esfomeados, nem deixavam certamente acabar de morrer a fácil prêsa, para a disputarem entre si...

O rasto do homem seguia aínda...

Num dado momento, o silêncio triste que pesava sôbre todos, foi quebrado pelo grito de um dos guias:

— Vai direito à água!

Efectivamente, os passos do inglês, indicativos de uma marcha incerta e cambaleante, cortavam agora perpendicularmente à direcção seguida até ali, seguindo em linha recta para o ponto onde de facto havia uma lagôazita de água salôbra, bastante freqüentada pelos nómadas.

Um novo alento nos veio e todos apressamos a marcha das montadas na nova direcção.

Eram cêrca de duas horas da tarde...

Uma mancha escura, rente ao solo, que de longe nos vinha chamando a atenção, desfez-se repentinamente fazendo-nos tremer: uma dúzia de abutres levantara vôo e pairava, soltando os seus gritos desagradáveis...

Alguns tiros disparados naquela direcção espantaram os retardatários que não tinham voado aínda e sem uma só palavra trocada, tudo se lançou a galope, seguindo a distância Ellen, que levada pela carreira louca da sua égua, já lá ia adiante...

.....

.....

Ajoelhada no chão, chorava pela primeira vez à nossa vista, resando junto de destroços sem nome...

Todos nos descobrimos e lágrimas silenciosas correram também por alguns rostos tisnados e emagrecidos...

Quadro inolvidável!!

Os abutres tinham terminado já a sua missão de coveiros do deserto, e... em longas espiras iam-se perdendo ao longe, soltando sempre os seus gritos fúnebres, que ali valiam bem por dobre de finados...

Um esqueleto totalmente descarnado, em meio de destroços e farrapos, era tudo quanto restava do que tinha sido, Mr. John W...

*

* *

A cêrca de setecentos metros dali ficava a água e... a salvação!

Alguns cartuchos descarregados, indicavam que muito provàvelmente o inglês, caido já, tinha sido atacado pelos abutres de cuja voracidade tentara aínda defender-se, sem que o seu estado de fraqueza lho permitisse...

?...

Kiluámbi, 19...

BONS DIAS!...

BONS DIAS!...

Amanheceu?!

Eu nem sei bem, se foi amanhecer, se foi ressuscitar!

Um dia deixaste de receber notícias minhas, o que nada tem em si de extraordinário, visto que já bastas vezes isso tem sucedido, e um dia, espero-o, há de suceder... definitivamente.

Ela foge, foge, mas um dia virá em que há de deixar-se apanhar...

Pois... vá lá assim: era de uma vez um homem, que um dia se deitou com luz e acordou às escuras...

Para princípio parece asneira, não parece?

Pois não é.

Foi assim mesmo; e quatro meses passaram, desde êsse «um dia em que amanheci às escuras...»

E foi durante êsse tempo, que não te escrevi...

Pois se eu não via... estava às escuras!... Deitára-me com luz; a luz dos meus olhos, que viam o céu, o sol, o dia; que distinguiam o dia da noite, o claro do escuro, o belo do feio, e acordára sem que voltasse mais a amanhecer, sem que para mim nascesse mais o sol, que tudo e a todos alumiava, menos a mim...

Eu bem lhe sentia o calor que me afagava e bem

ouvia dizer que êle continuava a brilhar lá em cima, mas... Nem eu sei como vivi.

E pode chamar-se viver, viver sem luz, sem ver a quem nos fala e o que nos cerca?

Estala até o peito e sangra o coração; e nós mesmos somos acurvados por um pêso enorme, inaudito, sob o qual mal nos podemos erguer e que deve ser, pelo menos, o pêso do mundo inteiro a calcar-nos para a cova.

Sim. O cego trás a pedra tumular sôbre a cabeça e sôbre o peito e sôbre ela aínda, todo um mundo pesa e vive. Por isso, alguns são esmagados e eu não sei porque o não fui...

O cego que resiste a uma vida de cegueira, ou nunca viu o sol, é cego de nascença ou é um santo. Quem o não fôr, é inevitàvelmente esmagado e eu não o fui, talvez porque em véspera de o ser, um dia... amanheceu, voltou-me a luz...

Não obstante, eu vivi cego quatro meses, quatro longos anos, quatro eternidades e nem sei para que vivia... Teem comparado a cegueira, a uma negra prisão sem luz...

Nunca!

Na prisão escura, os olhos habituam-se à escuridão e acabam por ver a aranha que tece, o lagarto que rasteja, o parasita que morde, a humidade que escorre podridão pelas paredes: o preso *vê*.

O cego só vê com olhos da alma e nada mais...

É o morto que na campa, sente sôbre o peito o pêso inteiro dêsse mundo, que vive lá por cima e o esmaga.

É o morto, o enterrado, que nem pode ver a vermina que o cerca e o há de devorar no seu coval...

É um fantasma que vagueia, como alma penada pelo mundo, adentro da sua própria campa, sem o ver e sem a êle pertencer.

O encarcerado vê e se um raio de sol vier beijá-lo, nêle pode alegrar os olhos, com a visão do céu. O cego, êsse não; fora de sua alma, fora de si mesmo, nada vê e por isso mesmo só olha para dentro em si.

Ser cego, ter visto e não saber «o que lá por fora vai!» Quem pode senti-lo sem o ter experimentado? Quem pode exprimi-lo ou escrevê-lo?

Recolhido, dentro em si, sente-se tão sòzinho, tão desgraçado, tão pequenino no mundo, que o cego chora...

E eu, não me envergonho de o dizer: chorei, chorei muito... Só, sem ninguém, condenado a não mais ver a mais alguém, eu chorei lágrimas que pareciam fogo, e tanto que me escaldavam cá no peito; porque eu chorava, mas os olhos eram cada vez mais sêcos... Eu chorava dentro em mim!

E como passaria eu, sem carinho que me guiasse, só por êsses mil e novecentos quilómetros de caminhos, perigos e intempéries (que outros tantos eram dali donde eu estava, para o litoral) a dentro daquela noite escura em que me afundára?

Impossível!... Por isso eu chorava; por isso eu não sabia para que vivia, tendo de ficar ali para... morrer!

Mas... um dia, o Sol nasceu na minha noite; uma linda alvorada, o mais lindo amanhecer que eu vi aínda, sorriu-me e fêz-me chorar, mas desta vez de alegria...

Era a alvorada dos meus olhos, era a ressurreição!...

Os meus olhos viam novamente! Ali ao pé de mim, podia ver quem me tinha feito viver durante aquêle horror e que com infindáveis cuidados, a mais robusta fé e dedicação inolvidável, me amparara nas trevas, fazendo-me reviver, quebrando a lousa tumular e arrancando-me da campa onde jazia...

—Nhámacáe!

Para ela, vai hoje e sempre, tôda a minha gratidão e o meu mais carinhoso reconhecimento, emquanto vida me restar.

Prometendo-me a luz, amparou-me na morte; restituindo-ma, ressuscitou-me...

Bemdita seja a Filha das Selvas, sob cuja epiderme tisnada, também sabe palpitar um coração de Santa!

.....

.....

E aqui tens porque deixei de escrever-te durante tanto tempo... Anoiteceu-me em meio do caminho da vida e agora que novamente me amanhece...

—Bons dias!

Kuango 19...

P. S.—Nhámacáe (T'Chissêngô) é uma rapariga livre, filha de Muéne-Sámisi, oriundos das margens do alto-Riambae, e de família de *sangue real,* a quem em tempo eu salvara (dizem) de uma doença, de que todos a julgavam morta.

Deve concluir-se que a *flôr da gratidão* também por cá desabrocha...

Talvez um dia, aínda volte a falar-te de Nhámacáe, com mais vagar... se para tanto a vida der.

A.

USOS E COSTUMES

(ATRAVÉS DA VIDA GENTÍLICA)

USOS E COSTUMES

(A MULHER)

...De resto, estou em dizer que te estás tornando amável demais. Não creio que o digas por mera cortezia (o que entre nós seria ultra caricato), mas, francamente te digo: que te interessem as *coisas* de cá, não me admira nada, porque, realmente, são e muito interessantes; mas que eu tenha conseguido interessar-te, como dizes, com as minhas cartas e apontamentos mal alinhavados, desenchabidos e pecando as mais das vezes pela desastrada escolha dos assuntos, é que acho simplesmente fenomenal...

Já a tua paciência para leres tudo que a minha ociosidade te manda, eu admiro e... venero; mas que aínda e constantemente peças mais e mais... em vez de dizeres, basta, basta, acho tão extraordinário, que chego a desconfiar, como disse, da tua excessiva amabilidade.

Emfim, guarda os teus motivos, se os tens e mos não queres dizer, que eu vou fazendo de conta que é realmente o muito interêsse que desperta a minha papelada, que te faz pedir mais e... vingo-me assim.

Se não fôr como dizes, tu te queixarás, ao menos quando te sentires saturado e então... estarei eu vingado.

Já sôbre vários assuntos apontados tenho dado notícias mais ou menos longas, ou longas de mais tôdas elas.

Êsse *rótulo* que me indicas pode ser muito interessante, não há dúvida, mas tratado por quem «saiba mexer no assunto», escolhendo entre tanta coisa que êle abrange, a parte mais curiosa; *ter dedo* para o fazer e saber dar-lhe a forma precisa.

Do contrário, o melhor e o que talvez mais interêsse despertaria, fica no tinteiro ou aparece tão desbotado que nem tu lhe perceberás a côr.

«Usos e Costumes»!?

Olha que estas duas palavras, que nada custa escrever, abrangem tanto, tanto, numa terra tamanha como esta e da qual quási tudo é desconhecido, que daria para volumes...

E mesmo assim, muita coisa se passaria em claro.

Variando como variam, de povo para povo, de tríbu para tríbu, de libata para libata, que se deverá escolher e por onde começar?

Trataremos dos usos e costumes de um só povo ou raça, ou de todos que povoam a África, litoral e interior?

Como é bastante difícil responder de pronto a tanta pregunta e como também não tratamos de ordenar um livro (do que Deus me livrará) com o rótulo indicado, nem pensamos fazer qualquer estudo «semi-sério» sôbre o mesmo, mas apenas esquissar qualquer coisa para uso particular da tua curiosidade nunca satisfeita, parece-me que o melhor é fazer uma coisa ao acaso, sem programa, capaz de terminar em qualquer altura, conforme os «usos e costumes» se me forem deparando por aí.

Ir-te hei escrevendo aos retalhos, o que mais interessante me parecer, mas... só de quando em vez e pouco, do contrário, seria um nunca acabar...

Mesmo assim, êsse pouco que chegue a esboçar,

serão de preferência tirados de entre os que, por comuns a vários povos e pouco se alterando de uns para os outros, possam ser considerados, por assim dizer, gerais às populações do interior, da nossa província de Angola.

Digo as do interior, porque as do litoral e partes mais povoadas por europeus, são já tão abastardadas em seus costumes pelo nosso contágio, que não podem dar a verdadeira impressão de originalidade.

Procurarei também, no que te fôr contando, escolher o mais tradicional e comum a maior número de raças, para fugir a *raridades,* que por vezes encontramos nos livros, mas que por mais que se procurem por aqui, *realizadas* ... não se encontram.

E disse por hoje ...

Tu me dirás se concordas com a maneira de despachar o teu requerimento, mas deves notar desde já, que difícil será conseguires outro despacho, a não ser ... indeferido!

*

* *

A começar pela mulher ...

E porque não, se afinal é sempre a mulher, da Groenlândia ao Cabo do Mundo e da China ao Japão, pelo Ocidente, o eixo em volta do qual gira tôda a engrenagem mundial, embora o queiram geralmente negar?

Foi ela, dizem, que eu não vi, representada pela chamada — Mãe de Tôdas — Eva, quem trouxe o primeiro mal ao mundo ...

Mas também trouxe muita coisa boa, aínda que não queiram ...

A questão é, que, portadora do mal ou bem, livre ou escrava, branca ou preta, amarela ou vermelha, loira ou morena, por mais que façam, por mais que queiram ou

não queiram, é ao derredor dela que tudo e todos, directa ou indirectamente, borboleteiam, tal como as próprias borboletas em volta da luz...

Se repararem bem, há e tem havido sempre em todos os países do mundo e idades do mesmo, mais leis por causa da mulher, embora à primeira vista pareça terem origem e fim diverso, do que realmente por causas diferentes e finalidades diversas.

Nem tantas considerações são precisas: o próprio Criador, criando-a, ao dar a seu respeito as últimas ordens a êste seu criado, Homem, *decretou* a sua indispensabilidade no bom andamento dos negócios mundiais, dizendo: «Crescei e multiplicai-vos!...»

Foi ou não colocá-la na primeira plana, fazer a sua entrega com tal recomendação (que pronunciada pelo Criador vale um decreto) ao então nosso representante, Senhor Adão?

Êste aceitou, e sabe Deus a razão que lhe assistia...

Já alguém, com poderes bastantes, rescindiu o pacto? Que me conste, não; e então, temos para cumpri-lo de aceitar os dois factores, multiplicando e multiplicador, indispensáveis a tôda a conta de multiplicar, em que um só de nada serve...

Deixemos, portanto, a mulher em primeiro lugar. Eu, por mim, aceito-a como ponto de partida de tudo, visto que me habituaram a aceitá-la como origem da Humanidade; e assim recomeço, como antes ia fazer, por ela...

A mulher, no interior da África, não obstante ser olhada pelos europeus como uma quási escrava de seu marido legal, tem na vida da maior parte das tríbus, um dos papéis mais importantes, mesmo sem se meter em política.

Tanto assim é, que quási todo o gentio aprecia muito mais o nascimento das filhas, do que o de filhos varões.

O contrário, dava-se com freqüência nas tríbus que só viviam para a guerra, mas, assim mesmo, com muitas restrições.

Os filhos, na maior parte dos povos, nem mesmo herdam dos pais; pertencem aos tios paternos, dêles são possivelmente herdeiros e êstes é que são responsáveis pelos actos dos sobrinhos, que não os pais.

O mesmo se dá nas realezas gentílicas: morto o Soba, só mediante guerra um filho se pode apossar do trono e é para todos os efeitos um usurpador. Entre os sobrinhos do morto é que é escolhido o novo Soba, que será, naturalmente, o que melhor e maior partido tenha sabido criar.

As filhas, não; pelo contrário, pertencem ao pai, que usufrui delas os seus melhores rendimentos e cujas vidas lhe serão pagas, se morrerem depois de casadas. Se, pelo contrário, morrerem pequenas ou solteiras, terá o pai que indemnizar seus sogros, para conservar boas relações entre as famílias.

A mulher é, portanto, financeiramente falando, um real valor para a maioria das tríbus. É sempre um *objecto* valioso e quanto mais nobre mais valor tem.

Mas, vamos por partes.

Quando nasce uma rapariga, a mãe vai apresentá-la ao padrinho escolhido, no fim de uns oito dias, mais ou menos. Êste põe-lhe o nome de sua escolha ou o que a mãe lhe indica (tal qual como entre nós), envolvendo-lhe os rins com um pano branco (a côr do bom agoiro), nada mais.

Está baptizada para todos os efeitos; tem o seu nome de criança (ritzina ri á unike), sem ser precisa a intervenção de padre nem sacristão.

Suponhamos que êsse nome é Guêndjo. Supondo também que é o primeiro filho que nasce áquela mãe, esta deixará o nome que usou até ali (nome que tomou

na *Tênta),* e passará a chamar-se *Nhãn Guêndjo* (mãe Guêndjo), visto que a palavra Nhãn ou Nãn, que se antepõe sempre a nome próprio, significa mãe.

A pequena tem o seu primeiro nome, o de baby e a mulher o seu primeiro nome de mãe, que pode variar tantas vezes quantos os filhos e filhas que tiver, chamando-se sucessivamente pelos nomes de todos os filhos com a palavra Nhãn, anteposta.

A criança, assim vai crescendo, sendo na maioria dos casos já noiva ou prometida desde o nascimento ou tempo de «kakéke», nome que dão à criança em pequenina. É desde a mais tenra idade que a mulher começa a ter o seu valor, principalmente quando se trata de filhas de gente de *sangue azul.*

O pretendente *A,* seja êle quem fôr, desde que é aceite pelos pais e lhes convém, entrega um valor qualquer, que foi antecipadamente estipulado: uma espingarda, um cobertor, oito, dezasseis, quarenta jardas de fazenda, uma cabra, um porco, pólvora ou qualquer outro.

Desde êsse momento, seja a criança recêm-nascida, tenha dois, seis, dez anos, ficou sendo a *noiva* ou *prometida* do pretendente *A.*

Aquêle pagamento que êle fêz aos pais da pequena, é o princípio do *matêmo,* que mais tarde e a seu tempo, como ao diante veremos, lhe dará o direito de a tomar por sua mulher legítima.

Matêmo, significa, literalmente traduzido, enchada, e assim chamam àquela espécie de *dote,* que a filha leva do noivo para os pais, em vez de ser dêstes para aquêle!

Será menos cómodo para os pretendentes, não duvidamos, mas é talvez mais *moral* e com certeza muito mais prático para os futuros sogros...

As razões de chamarem a êste *dote,* matêmo ou enchada, são, segundo explica o gentio, duas: primeira,

porque é com aquêle dote (enchada) que *cavam e cultivam,* para colhêr a sua futura; segunda, porque é com êle também que adquirem aquela outra enchada, que é a mulher e que para êle comer, cultivará.

A mulher em África, é quem cultiva e semeia as terras; o homem não se ocupa em tal; para isso tem mulheres. Apenas desbrava com o seu machado a área de mata precisa para o cultivo, a que só a mulher é obrigada.

O *kakéke* (baby) vai crescendo; breve faz-se criança (kanike), e em pouco tempo a criança faz-se rapariga (muána n'pueub) — filha de mulher — demoiselle.

A puberdade chega então e com ela a grande festa da emancipação ou da maioridade da mulher, a *Tênta.*

Aos primeiros rebates da menorreia, uma vez avisados, os homens da mesma libata a que pertence a rapariga (Guêndjo, visto que assim chamamos ao nosso *exemplo* quando nasceu), salvam ao princípio da noite e de manhã cedo com tiros de pólvora sêca; e o noivo ou pretendente, logo que seja prevenido, procederá da mesma forma (mas só êle) na sua terra.

Seguidamente, Guêndjo, retira para fora do povoado com outras mulheres, recolhendo a um acampamento improvisado, desviado dos caminhos de passagem e em lugar recatado, mas não muito afastado das libatas. Êste acampamento é, por assim dizer, um esconderijo tapado com grande quantidade de ramos, onde além de Guêndjo, a nenhuma rapariga que não tenha passado aínda pela *Tênta,* é permitida a entrada ou aproximação.

Só as velhas, as casadas e as emancipadas, embora solteiras, podem ali entrar ou passar próximo.

A nenhum exemplar do sexo feio, é permitida sequer a passagem pelas proximidades do refúgio, que toma foros de lugar sagrado, guardado pelas almas do outro mundo.

Por sua vez, Guêndjo (a rapariga), não pode tornar a

entrar nas libatas, nem pode avistar-se seja com quem fôr, fora dali, antes do dia marcado para tal fim.

A mãe, mais um grupo de mulheres e raparigas, já maiores, acompanham constantemente a iniciada no seu acampamento, a que chamam *Tênta,* dia e noite. De dia ficam as mais velhas, que vão instruindo a rapariga em tudo que ela possa ou deva aínda ignorar naquela idade, ensinando-lhe todos os deveres para com seu futuro marido, etc., etc.; um verdadeiro iniciamento na *Âla das Mulheres,* devendo sair dali completamente habilitada a ser mulher e bem merecer tal nome.

Durante a noite, do anoitecer ao nascer do sol, o grupo que fica na *Tênta,* e é sempre numeroso, canta constantemente em côro uma toada uniforme e monótona, sendo parte da noite acompanhadas pelas mulheres que estão nas libatas vizinhas.

A regra é que na *Tênta* nunca se dorme, mas a verdade é, que pelo menos a iniciada, nem que lho permitissem o poderia fazer. Dirige sempre tôdas estas cerimónias, uma senhora doutora formada nestas especialidades.

Passados os primeiros dias, a senhora doutora começa a ornamentação do corpo da iniciada. Êste trabalho, que é um tanto doloroso (seguem o preceito: sofrer para ser formosa), consiste em guarnecer os rins, ventre e parte das costas, com desenhos indeléveis feitos em relêvo, a que chamam *n'bumbas.*

Fazem-se com a ponta de uma faca bem afiada, seguindo desenhos mais ou menos complicados, com uma enorme série de golpesinhos cruzados e paralelos, que acabam por cobrir o esbôço todo, nos rins, costas e ventre. Logo que completa uma parte e emquanto a sangueira não estancou, a doutora esfrega-a com uma pápa de antemão preparada e em cuja composição entra pólvora, gindungo (pimentas) e mais não sei quê, tudo bem pisado.

Se não fazem ideia do efeito disto sôbre golpes em sangue, e a desejam fazer, aconselho que experimentem porque não é difícil. Eu sei por experiência, que é coisa capaz de fazer dar pulos a um paralítico.

Os desenhos, pontos, traços, cruzes, círculos e o mais que a fantazia pode ensinar, feitos por êste processo, fixam-se em relêvo muito apreciável sôbre a pele e para tôda a vida; são indestrutíveis, como as tatuagens, também aqui muito usadas, na cara especialmente.

Está bem de ver que o paciente não pode suportar esta brincadeira durante muito tempo seguido e em um só dia; também não é serviço que se possa fazer com grande rapidez, por muito hábil que seja a artista-doutora.

Além disso, um palmo ou mesmo palmo e meio de largura sôbre os rins, de quadril a quadril e parte das costas e ventre cobertos de desenhos um tanto complicados, feitos todos à fôrça de pequenos golpes paralelos para dar mais relêvo, não é obra para se fazer em tão pouco tempo, como certamente desejaria, mais que ninguém, a própria paciente.

O trabalho é, portanto, feito durante vários dias consecutivos, no caso de não sobrevir inflamação e inchação, pois nêsse caso terão que ser interrompidos, emquanto se debelam êsses males.

Emfim, nêstes e noutros *aperfeiçoamentos* se vai passando o tempo da *Tênta*, que nunca é menos de duas a três semanas e pode ser mais de um mês...

Entretanto, na libata a que pertence a iniciada, tudo se prepara para o final da *Tênta*, que é o dia da grande festa da *entrada*.

Ocasiões há em que, devido à importância da família da menina ou do seu «prometido», a festa dura em vez de um, dois e três dias. Também, naturalmente, depende muito o brilho das festas, da época do ano e da abastança da terra·

Apropinquam-se os preparativos.

Em todos os lares se ultima o fabrico da Uálúa ou T'Chimbombo (espécie de cerveja), destinada a ser bebida na tarde da festa. De sua abundância depende sempre a maior ou menor animação das festas gentílicas. Estas são como as nossas romarias: onde mais se bebeu, melhor foi a festa.

O gentio é tal como o nosso Zé... festa a sêco...

Se a *Tênta* é no tempo da colheita do mel e esta é boa, tôda a bebida é substituida pela *bingundo, Uálua u an puka (hydromel),* que é preferido por *melhores* bebedeiras produzir. Há, no entanto, muito quem não o prefira e com razão; o *bingundo* embebeda, mas não alimenta; pelo contrário, depaupera, tira o apetite e produz com freqüência doenças várias, ao passo que o *t'chimbombo* (de milho, massango ou massambála) é agradável, saudável, bom alimento e embora embebede, é menos forte e a sua bebedeira é mais alegre: é a *taxada satisfeita,* de barriga cheia...

Se a família da novel *Tênta* é nobre ou cotada nas cercanias, o fabrico das bebidas generaliza-se por tal forma, que chega a haver bebida para dois ou três dias, e então, outros tantos dura a festa e as danças, que só acabam quando acabarem os efeitos da última cabaça bebida... Deve notar-se que nas festas, a bebida é para todos sem distinção, amigos e não amigos, conhecidos e desconhecidos e gratuíta.

Nesta altura, já o *noivo* deve ter entregado, por intermédio de parenta sua, o pano novo, lenços e mais ornamentos, que deverão embelezar a sua prometida no dia da *entrada*, sem esquecer a indispensável cabacinha de óleo, com que será *lubrificada* a cabeleira cuidadosamente penteada e o corpo gentil da sua *futura.*

O óleo é indispensável à mulher de tôdas as raças;

faz parte integrante de sua *toilette* e formosura... A própria *mucáncála* (kuáhala errante dos bosques), a mais repelente e asquerosa das fêmeas bípedes que eu conheço, se unta... quando tem com quê e seja com o que fôr!

Em tôdas as raças se untam com óleo; a qualidade é que varia... As destas terras, onde presentemente estou, Cueio, Quando, Zambeze e muitas mais aínda, usam o óleo de rícino, Palma Cristi, na sua côr natural ou tingido com terra de senna queimada, como os *t'chiouqués* e outros. Nas regiões povoadas pelas raças criadoras de gado (mombuêros, quilêngues, etc.), é a manteiga de vaca a empregada (On-Gundi) e que também alguns tingem de vermelho, com tákula.

Os *n'bundus* (1) e outras raças que povoam terras, onde se dá ou não a palmeira, untam-se com óleo de palma (mássi on dende) extraído da dendé ou outras sementes oleaginosas, cultivadas ou bravas.

Nos últimos dias, desde que está completamente curada de todos os embelezamentos e operações de que foi *vítima,* é a menina penteada por uma forma muito especial e original, que só é usada para êste fim.

Com o cabelo formam uma espécie de *morrião,* com pequenas abas na metade direita da cabeça. Esta é dividida em duas partes iguais, do meio da testa à nuca; a metade esquerda é aínda penteada pela forma que usam as crianças e não tem, geralmente, qualquer ornamento; a parte direita é penteada de maneira muito especial que nunca usam em qualquer outra ocasião (é sempre igual), sendo tôda guarnecida a pequeninos búzios brancos (dos lagos) ou, à falta dêstes, com botões de louça brancos que nos compram para êste fim.

---

(1) Nós chamamos-lhes, geralmente, *quimbundos.* — *A.*

Significa êste penteado, que da *Tênta* sai metade criança, porque não foi aínda entregue a qualquer homem, mas que está totalmente mulher (parte direita do penteado) e apta em todos os sentidos para o ser; e para significar que *é caminho branco,* isto é, *absolutamente livre* (dar a «pemba», o branco, a qualquer pessoa, é dar-lhe a mais absoluta liberdade de acção, quitação de contas ou como nós dizemos, *carta branca...)* para o desempenho de tôdas as funções próprias do seu sexo, lá estão os búzios ou botões brancos...

Está tudo pronto: vestida, penteada, untada, enfeitada por tôdas as formas e encantadora a *nova mulher;* endomingueirada e atenta, tôda a população que acorreu à libata a que a iniciada pertence, aguarda, vigiando o caminho, a sua chegada.

Apostos, também os homens com suas espingardas carregadas, aguardam o sinal para as descargas do estilo, com que saudarão a chegada da criança, que vem mulher...

Uma nuvem negra ergue-se lá fora, na direcção do acampamento. É a *Tênta* que arde para que nenhum vestígio indiscreto fique de todo aquêle mistério, que por nenhum estranho deve ser desvendado ou profanado.

Ao mesmo tempo e na mesma direcção ouve-se o primeiro grito de júbilo soltado pela «Doutora» (a quem compete), que logo é correspondido por tôdas as mulheres da comitiva e dentro em pouco multiplicado por todos os lados; em tôdas as bôcas de mulher, rapariga ou criança, se repete constantemente o mesmo grito, que nunca mais se cala até que a entrada solene se faça e as danças e músicas comecem:

— Úlú! Úlú! Úlú-lú-lú-lú!...

As armas que se disparam constantemente, com um estrondo que mais parece de peças de artilharia, aumentam o *bambaré,* sem mesmo conseguirem cobrir a gritaria

infernal que o femeaço todo faz e a que sem convite especial se associa de bom grado o rapazio miúdo!

Lá vem a comitiva, que se aproxima sem grande freima, cantando em côro de roda da heroina do dia... Quando chega e antes de passar o *pandavéro* (porta nobre da libata), é feita uma pequena cerimónia de invocação às almas dos antepassados (vá-Kúlu), para que tomem sob sua protecção a nova hóspeda da libata.

Nos primeiros dias, aquela que pela vez primeira entra na libata *como mulher*, é considerada e tratada como hóspeda.

Realmente, é como que uma nova criatura, a que faz a sua entrada. Até mudou de nome!...

Na *Tênta*, a rapariga deixa o seu nome de «uníke» (de baptismo) por um novo nome de mulher, que escolhe a seu belprazer e fará conhecer o seu *estado* em qualquer parte. Esta *nossa*, tinha, quando foi para a *Tênta* (se estão lembrados) o nome de Guêndjo; agora, não. Escolheu ela mesmo um nome de sua simpatia e que geralmente já de há muito tem na ponta da língua para aquela ocasião.

É sempre um nome de fantazia, o de qualquer objecto (nunca de gente), a que se antepõe o nosso já conhecido, Nhá ou Nhãn: Nhá-Lupássa (mãe da caneca); Nhãn-Bêndge (mãe da cabaça); Nhá-Rirêngue (corrente fina de latão), etc.

A nossa Guêndjo passará agora a ser, por exemplo, Nhá-Lupássa e assim se ficará chamando até que lhe nasça o primeiro filho, como já vimos.

Assim, com estas mudanças de nome, qualquer pessoa pode conhecer, sem preguntar, a situação de uma mulher:

Guêndjo — criança, nome só de baptismo.

Nhá-Lupássa — mulher já, solteira, casada sem filhos ou solteirona; Nhá, precedendo nome de objecto — caneca. (Saída da *Tênta*).

Nhá-Calumbo — mulher casada, mãe de Calumbo; Nhá, precedendo o nome da filha.

O nome da filha prevalece, mesmo que esta morra, até que outro filho nasça, para tomar então o nome dêste.

Nós estamos mais atrasados; é menina ou senhora, mas sempre Jerónima, Tomázia ou Gertrudes...

Avançando para o centro da libata, junto ao «d'jango» (espécie de sala de fumo dos homens), a música começa e a festejada rompe as danças, acompanhada por coros que celebram o facto e repetem constantemente o nome dela para que todos o fiquem conhecendo.

Terminado êste cerimonial e mais umas pequenas formalidades sem interêsse de maior, começa-se a beber e, dentro em pouco, arrumadas as «n'gômas» (espécie de tambores), generaliza-se a dança, que, com acompanhamento de «t'chinguho», se prolonga na maioria dos casos até de manhã, intervindo então o sol, que toca a debandada...

*

* *

Concluidas as festas é chegado o momento de «o noivo» completar ou pelo menos avolumar o começado *matêmo*.

Se é previdente e realmente deseja apressar o *matrimónio*, já deverá ter de reserva uma parte dêle (géneros já se vê) para entregar aos sogros, adquirindo assim o direito de receber a «noiva».

De contrário, continuará a ter mulher, como até ali; *in nomine*...

Se os adeantamentos, feitos por conta do *matêmo*, são de pouca monta até à *Têntа* e principalmente se o pseudo-noivo, faltou com o pano novo, ornamentos e cabaça de

óleo, a que mais longe nos referimos, para a *entrada,* sendo êstes presentes feitos por *outro* ou pela parentela da pequena, é quási certo que perde o direito, havendo restituição do que tenha dado e podendo ela casar com outro, que pretendendo-a, pague melhor e mais prontamente.

A totalidade estipulada para *matêmo* nunca é satisfeita por completo, antes do casamento realizado.

Quando tem sido paga uma parte apreciável, a parentela para fazer a bôca dôce ao pretendente, entrega-lhe a noiva com todo o cerimonial da ordem; depois, se vêem passar meses ou anos sem que o genro dê sinal de vida, vem o sogro visitá-lo ou manda, a ver se alguma coisa lhe arrancam...

Se voltam de mãos a abanar (o que às vezes sucede), não levará muito tempo que alguém volte por ela da parte da família e sob qualquer pretexto: doença, coisas de família, curativos, etc.

Não há então remédio senão deixá-la ir; não pode recusar e uma vez com a família... estás a ver?!

O marido já só a irá buscar com pagamento, aliás, virá como êles foram da outra vez... de mãos a abanar!

Como antecipadamente sabe o que o espera e a razão porque vieram buscar a mulher, não cai na asneira de ir ou mandar a casa dos sogros, por ela, sem se fazer acompanhar de um bom bocado de «bipaco» (valores).

E assim vão vivendo...

*

* *

Nêstes casamentos, como bem se vê, a opinião e o gôsto da rapariga, raras vezes entram por alguma coisa. São projectados e combinados entre os pais, digo, pai

(que a mãe para aí não tem nada), parentes e pretendente... A interessada só o sabe no fim.

Geralmente, a rapariga sujeita-se com a maior indiferença; vai experimentar... É que a mulher, cá como lá, *emquanto rapariga*, está sempre morta por casar: aí, porque vai ser senhora de sua casa; aqui, porque vai ser senhora do seu nariz... se Deus quiser!

E o que fôr soará!...

As verdadeiras aventuras só começam depois do casamento, portanto, é preciso arranjar editor que *lance* a obra, que aínda nem foi lida sequer...

A lei admite-as na maioria das tríbus e nas que as não permite, estou em dizer que aínda é pior!

Não quer isto dizer que a lei gentílica permita ou aprove o adultério; não senhor!

Pelo contrário, pune-o rigorosamente ou antes caramente, em especial quando há «mufumba» (gravidez), porque o faz pagar com dinheiro e não com o corpo.

Mas... é que perante a lei gentílica ou sua interpretação, o adultério raras vezes pode ser considerado adultério; e nunca o é, quando há acôrdo e consentimento do marido...

O que a mulher deve é cumprir rigorosamente os seus deveres para com o marido, quer seja sua única mulher, quer seja a segunda, quarta ou quinta...

As faltas no cumprimento dêsses deveres é que constituem crimes graves, que podem pesar muito apreciàvelmente no julgamento de adultério, como agravantes.

Note-se que mesmo no caso de se provar o adultério (punível) o único condenado é o amante, se fôr conhecido; se o não fôr, o marido só pode ter uma desforra, a que o julgamento lhe dá direito, visto nenhum castigo poder dar à mulher: devolver esta à família, que fica assim obrigada a restituir-lhe todo o *matêmo* entregue.

Se o amante fôr indicado, será o único condenado à multa... sem direito à mulher, que então fica sendo adorada do marido por lhe ter proporcionado bons lucros, com insignificante dispêndio de capital...

Êste caso só se dá sendo apanhados em flagrante e assim mesmo com testemunhas, que nunca há (o preto do interior nunca é testemunha... porque nunca vê nada!) e mesmo havendo-as, só reforçado com o testemunho da própria adúltera é que o seu depoimento será valioso.

Ora, como só em casos muito especiais, a mulher denuncia o amante (só por ciume, despeito ou vingança), mesmo que haja gravidez, o marido perde quási sempre o seu latim.

Só uma longa ausência do marido, fora da terra, prova suficientemente a gravidez adúltera (se nem assim fôsse...), mas se a mulher aínda assim não quiser indicar o verdadeiro... pai da criança, só resta ao marido o recurso de a entregar aos sogros e a êsse não recorre êle antes que ela dê à luz...

Pode nascer uma rapariga e nêsse caso é uma fonte de receita que perdia com a sua precipitação; portanto... mais vale aguardar com paciência.

Se nasce uma rapariga, cala-se ou diz com a maior filosofia:

—Nasceu no meu curral... é minha!

Tôdas as aparências, levam a julgar que êstes maridos acomodatícios não são ciumentos...

Pois são! Doidos furiosos e perigosos mesmo, alguns, ante a falta de juros ao seu capital (sua mulher, representando o *matêmo);* mas todo o ciume passa como por encanto, com generosidade proporcional ou pelo menos sensìvelmente aproximada ao tamanho de sua ganância.

O ciume aqui, vive e desenvolve-se grandemente, levando às maiores violências, mas é no sexo frágil.

Êste não cede a pagamentos, nem prescinde de vingança; é bravio como as selvas em que se cria, é autêntico ciume com todo o seu acompanhamento...

Mas não pensem que a mulher casada, emprega o tempo a ter, uma vez só que seja na vida, ciumes do marido... Isso nunca.

O marido é seu senhor e arrendatário do seu corpo, que pagou aos parentes (a ela não pagaram nada...) para usufruir seus serviços; dar-lhe água de manhã para se lavar (ku-puça), fazer o comer (ku-hika), cultivar a terra (ku-rima), fazer «bimbuco» para êle beber (ku-kéra), varrer a casa (ku-kômba) e... emprestar-se-lhe, em cumprimento do dever, só quando êle o exija.

Disso não passa; não pode passar.

Pode habituar-se a viver com êle, não o aborrecer, suportá-lo ou mesmo afeiçoar-se-lhe; mas daí a ver nêle um escolhido do seu coração, quando êste em nada entrou para o *negócio,* nem foi consultado para a escolha, vai uma distância insuperável!...

Aceitou-o porque lhe ensinaram que era o seu dever, que era assim a lei e que era também a conveniência e o interêsse da família.

O coração ficou livre para escolher, para buscar no amor livre a compensação do sacrifício feito em prol dos interêsses e ganância da parentela, chefiada pelo pai.

Se assim não fosse e lho não permitissem, creio bem que metade das mulheres se não sujeitaria a tal escravidão, tendo a mais ampla liberdade de movimentos, como tem. Entre os t'chibouqués, onde a sua liberdade é mais restrita, por exemplo, a mulher também é considerada e ouvida por forma bem diversa.

Dir-me hão que em todo o Oriente, a escravidão é a mesma e a mulher sujeita-se... Não é tanto assim; reparem bem que a mulher no Oriente, onde assim é, sujei-

ta-se a essa escravidão, porque é uma escrava *prêsa e vigiada*.

Em plena liberdade, ou deixam de a crer *coisa*, para a julgarem *gente* ou é apenas *coisa* para o marido e «inglês ver» (que o marido para ela não passa também de *coisa* no seu fôro íntimo), sendo simultâneamente *gente* para o amante ou amantes, a quem ela naturalmente paga na mesma moeda.

É inevitável, como regra, que as excepções só podem confirmar.

Por isso a lei gentílica, que apesar de nunca ter sido escrita, existe na tradição e é deveras curiosa em muitos dos seus principais pontos, punindo o adultério, admite como compensação e justo equilíbrio, que a mulher tenha «mapangála» ou «ambass» (amante).

Êste, que pode ser escolhido pelo seu coração, é a única origem de ciumes e tôdas as suas naturais consequências.

O marido pode ter, além de duas, três, quatro ou cinco mulheres legais (mampueub à matêmo) quantas amantes quiser ou puder... Ás suas mulheres não faz isso a menor mossa, nem desperta o mais platónico ciume.

Também entre essas mesmas mulheres legais, nunca há a mais insignificante scena de ciumes; vivem tôdas como Deus com os Anjos, entre si, porque tôdas se consideram aliadas pelos mesmos motivos, com iguais direitos e idênticos fins, contra o mesmo inimigo comum: — o marido!

Se o *pangála* é casado, nunca também entre suas mulheres legais e as amantes há qualquer desarmonia; pelo contrário, festejam-se muito amàvelmente entre si.

Que se acautele, porém, a amante do seu amante ou êle mesmo se a atraiçôa.

O cavername da mais fraca das duas corre grande

risco na sua integridade, se se encontram depois de descoberta a traição ou mesmo a vida de uma delas, a mais moderna talvez!...

É o ciume que faz que a mulher denuncie ao marido o amante que a traiu, para se vingar dêle, fazendo-o condenar pelo adultério.

Como vimos, com o testemunho da própria adúltera, o amante indicado é condenado a pagar ao marido a indemnização que o tribunal determine e que na mór parte das vezes não é tão pequena.

*

* *

Eu vi uma vez duas raparigas «lutcházes», engalfinharem-se tão ferozmente à beira do Cuito, por ciumes, que continuavam lutando dentro da água onde tinham caido, sem verem um enorme crocodilo (gándu), que de muito perto, julgando-se naturalmente a única testemunha, as observava gulosamente com seus olhitos vidrados, disposto a intervir na contenda...

Batiam-se e descompunham-se furiosamente em voz baixa, como usam fazer nêstes casos, para que ninguém ouça e as venha interromper antes que uma se confesse vencida, jurando então à sua rival abandonar por completo o *D. Juan.*

Ai dela se falta!...

Eu que casualmente, caçando, me aproximára do rio e lugar do combate, ao vê-las, sentara-me em lugar elevado, de onde podia assistir ao palpitante espectáculo sem grandes probabilidades de ser visto.

O Sol dardejava então tôda a fôrça dos seus raios sôbre os areais brancos de cegar, reflectindo-se em tôdas as superfícies espelhentas das lagôas sem conta, margi-

nantes do grande rio, que lá adiante vai encaracolando a sua larga fita ensombrada pelos salgueirais pendentes dos taludes esboroados.

Era a hora em que tudo é silêncio na grande e feia *anhára* do rio; ninguém por ali vai àquela hora e por isso as duas se aprazaram o combate, que por ser sem testemunhas que o interrompessem, devia ser decisivo.

Que era por ciumes, sabia-o eu, que conhecia as contendoras e ouvira aquela história... Assim, com mais interêsse seguia a luta.

Ambas eram novas e robustas, por isso o combate se prolongava, sem que qualquer delas fraquejasse aínda.

Por vezes julguei que uma acabaria por afogar-se, tal a raiva com que a outra a conservava mergulhada, quando, derrubando-a, a segurava debaixo de si.

A água da lagôa, embora pouco profunda naquêle sítio, era suficiente para cobrir qualquer criatura deitada...

Foi durante esta luta singular na água, que primeiramente surgiu o periscópio e logo de seguida a cabeçôrra feia e disforme, a alguns metros apenas...

Viu, observou os arredores e convencido decerto que era o único a observar e que a prêsa não admitia delongas, mergulhou vagarosamente, sem acrescentar uma só ruga às que agitavam a superfície da água negra emanando da luta... Mergulhado, ia percorrer a distância que o separava das raparigas sempre enlaçadas e ao sair daquêle mergulho cairia sôbre elas com seu habitual golpe fulminante, que já ninguém pode evitar.

Qual seria a condenada?

Ambas, possìvelmente, enleadas como andavam, formando um corpo só.

A superfície da água escurece mais um pouco aí a dois metros e meio apenas delas... dois, três segundos e

o periscópio aflora já mais próximo, muito cautelosamente, para não espantar a caça...

A cabeça do monstro desenha-se e... um tiro parte.

Um grande estafermo empina a sua enormidade, totalmente fora da água, para desabar de seguida com enorme estampido, como monstruoso tronco secular fulminado pelo raio!

Um verdadeiro vulcão de lama e água que se levanta sùbitamente sôbre a superfície estagnada da lagôa, impede-me por momentos de ver o que se passa...

Vou-me, entretanto, aproximando, emquanto tudo aquilo desaba novamente em *chuva copiosa* sôbre o palco da tragédia, até que o temporal amaina e eu começo a poder perceber alguma coisa.

As raparigas, enlameadas até à cabeça, levantam-se espavoridas, gritando como danadas; e, sem mesmo pensarem nos panos que tinham despido para a luta, pousando-os na praia, largam a fugir com tôda a velocidade das suas pernas, cada uma para seu lado e gritando sempre:

—Tu nátzi! tu nátzi!... i... i...

—Gandu é! gandu é!... é... é...

Que é como quem diz: morremos! morremos! o crocodilo! o crocodilo!

E muito mais aínda gritavam elas e mais diziam do que isto...

O monstro, que o era verdadeiramente, ali estava estatelado de papo para o ar, já sem movimento.

Afinal fôra êle a vítima, coitado!

Mas, mesmo morrendo, se caisse sôbre as lutadoras de aínda agora, esmagá-las-ia com o seu formidável pêso, fazendo a comédia acabar em drama.

E para terminar, como usam fazer os noticiaristas das gazetas, quando noticiam duelos, direi:

—Os adversários não se reconciliaram...

E posso acrescentar: voltaram aínda a bater-se, mas nunca mais à beira-rio...

Nenhuma delas no calor da luta, tinha dado pela presença do «papão», nem tinha percebido a minha intervenção: não me viram e nem queriam acreditar que o crocodilo tivesse sido morto... Elas duas é que se sentiram absolutamente... devoradas!

O caso, como é natural, deu bastante que falar para muitos dias, mas elas nunca confessaram a ninguém, o que faziam no rio àquela hora...

Banhavam-se... estava tanto calor...

Só a mim não o puderam negar.

*

* *

Há duas formas de ter amante (ó ku-kuáta upangála): escondido ou às claras (t'chá ku-suéka ou t'chá mutêna).

O amante *escondido* é que desperta os ciumes do marido, que lhe desagrada e que êle procura descobrir e persegue, para intentar a *melonga* (o processo); no entanto, a lei não o castiga senão nos casos que mais ou menos já apontamos, isto é, raras vezes.

Desagrada-lhe porque não rende; mas pode, por vezes, tornar-se-lhe simpático, como veremos, mesmo sem se descobrir.

O amante às claras, chamemos-lhe *autorizado* para simplificar, é geralmente do agrado do marido e opera sempre com o seu acôrdo e consentimento, só podendo proceder contra êle no caso de *mufumba*.

Nêsse caso, porém, é tão difícil provar a culpabilidade do amante sem o assentimento da mulher, que raro tais «Melongas» são apresentadas nos tribunais...

Resolvem-se na quási totalidade dos casos amigàvelmente, entre as duas partes e . . . a contendo das três.

Comecemos pelo *escondido* a ver se dos dois damos uma ligeira ideia. Esta ligação é, como se depreende fàcilmente do seu nome, a que os amantes arranjam sem para isso consultarem o marido nem pedirem o seu acôrdo.

É geralmente por isso mesmo e por ter muito mais «travo de fruto proibido», a que os dois amantes apreciam, sendo também a ligação mais barata, embora mais desassossegada e perigosa.

Como nada rendem ao marido, êste opõe-se a tais ligações; suspeitando-as, espia todos os passos da esposa e procura desarranjar-lhe todo o arranjinho, quando não consegue apanhar os pombinhos, que pelo seu lado manobram com a maior habilidade de que sabem dispôr.

Á menor coisa, à mais pequena desconfiança, faz o marido scenas de ciume, ameaçando a infiel de morte e mimoseando-a muitas vezes com algumas pancadinhas . . . mas essas com muito geito, que uma leve arranhadura que faça sangue é crime.

Tôda a pancada sem sangue é de sòmenos importância; mas fazendo-o, por pouco que seja é sangue (maninga) e sendo-o, tem de ser lavado, isto é, pago.

Para iludir a desconfiança do marido, a culpada (que o é só para êle), muito embora nunca deixe de receber presentes e dá-los ao amante, como é da praxe, nada leva para casa, nada aceita que seja de vestir e tudo troca ou finge trocar por coisas cuja proveniência possa fàcilmente justificar; por exemplo:

Com um artigo dado pelo amante e guardado pela sua amiga-intermediária (que sempre teem) compra uma galinha; esta pode ser levada para casa ostensivamente.

É sempre justificável a compra e posse de uma gali-

nha a trôco de coisas que tôda a mulher possui por direito, como: milho, massango, óleo, de qualquer serviço de cabeleireira, curandeira, etc., ou outros géneros que do cultivo lhe venham e que só a ela pertencem.

Dos produtos agrícolas, semeados e plantados por ela nada pertence ao homem, que só tem direito a comer emquanto há.

Quem diz galinha, diz outra coisa vulgar com que pode comprar *legalmente* qualquer artigo de *toilette* que deseje e que então pode usar sem despertar suspeitas, nem dar direito à menor observação ou remoque.

Se o marido é extremamente exquisito e ganancioso, a mulher propositadamente arranja ou finge arranjar amantes para o fazer arreliar, despertando constantemente suspeitas e acicatando-lhe a ganância.

Se, pelo contrário, é criatura razoável, tratando bem a mulher, presenteando-a a miúde, estimando-a, então ela própria procura pagar-lhe na mesma moeda, repartindo com êle espontâneamente os presentes que recebe dos amantes, fazendo-o por assim dizer seu... confidente e dando-lhe como a acionista, o proporcional dividendo nos seus negócios...

Assim consegue tornar-lhe simpáticos os seus desconhecidos e *escondidos* «ma-pangálas».

Vivem na melhor paz do mundo, repartindo-se a mulher entre os dois sem a menor desarmonia; a um, o marido, dá tudo que materialmente lhe pertence por direito, acrescido de presentes com que êle se vai regalando e adoçando os amargos de bôca que acaso possa sentir, se é que alguma vez os sente; ao outro, o amante, dá tudo que o amor lhe indica, porque é o escolhido do seu coração.

Há ligações destas verdadeiramente admiráveis, que nascidas nos anos do vigor da vida, se vão prolongando

por ela fora, sem interrupção nem quebra do melhor entendimento entre as duas almas, até às idades mais avançadas, muitas vezes até à morte de um dos amantes.

Deve notar-se que o preto pode ser e é por vezes bronco, rude e mesmo brutal com sua mulher legítima; mas nunca o é, porque não deve nem o pode ser, com a sua amante: esta é para êle a «sempre-noiva», a «namorada» com quem só pode ser gentil e cheio de atenções, de contrário... ela não o atura.

Há mesmo uma espécie de código ou regra de *savoir vivre* para uso da gente nova de ambos os sexos, de cujos preceitos não se apartam nunca sem que sejam notados e apontados a dedo.

Estas regras são deveras interessantes e algumas de uma delicadeza exquisita.

*

* *

A segunda ligação, a «autorizada», é, por assim dizer, a consagração do adultério legal...

Parece absurdo?...

Pois é assim mesmo e o mais são histórias.

Começam geralmente por ser *pangálas escondidos,* mas pode também não ser assim.

Em qualquer dos casos, os dois amantes que se querem bem e não estão para correr os riscos, contrariedades e *privações* a que tem muitas vezes que sujeitar-se os *contrabandistas,* preferindo fruir as regalias (e não são poucas) que ao *pangála-legal* são concedidas e de direito pertencem, não tem muitas formalidades a cumprir.

O amante-pretendente, depois de um tanto à socapa e muito mais aínda às claras, ter conquistado as boas graças

Fumador de Cangonha

(Ériamba)

da beldade apetecida, procura, se aínda as não tem, captar as mesmas e a amizade do marido *condenado*...

Logo que se sente bem recebido pelo casal, não tem mais que apresentar sem preâmbulos ou apadrinhamentos o seu requerimento ao marido, que passará a ser o seu especial amigo (ékámba).

O requerimento, que poderá apresentar pessoalmente ou por terceira pessoa (macho ou fêmea), se tiver acanhamento de o fazer, consiste apenas em comunicar verbalmente ao marido, em conferência secreta — á duo — sem qualquer outra testemunha, o desejo de «fazer pacto de amizade» (ku-kuáta ékamba) com Nhá-Fulana, com quem muito simpatiza, para conversarem nas horas vagas.

Para que o deferimento seja imediato, deverá o pretendente juntar ao requerimento um presente de pouca monta, mas apreciável: um pano de vestir, uma t'chinána (oito jardas) de fazenda de negócio ou seu equivalente em qualquer outro género, para uso do homem; nada para a mulher.

Não deve esquecer-se para todos os efeitos que, publicamente, a amizade existe ou passa a existir só entre os dois homens, marido e amante e nada tem com a mulher do primeiro.

Nenhuma referência fazem nunca à ligação que passa a haver, de acôrdo com o marido, entre esposa e *pangála;* os dois homens é que são muito amigos e só por isso se faz a *troca* (?) de presentes que alimenta aquela dôce amizade, entre... três.

Realmente é uma *troca de presentes;* e como «quem dá o que tem não é mais obrigado»...

Não obstante essa nova e grande amizade, os dois homens procuram-se o menos possível, o que não quer dizer que a troca de presentes deixe de fazer-se sempre a contento das partes, mas por meio da intermediária,

havendo logo reclamação e mesmo *ultimatum* da parte lesada, contra a que desleixa, pouco que seja, o cumprimento dos seus deveres.

Êste estado de *amitié amoureuse,* concede ao *pangála* muitas regalias, para não dizer que lhe confere mais direitos sôbre a mulher, que ao próprio marido!...

Ela, mesmo nêste caso, nunca deve faltar ao cumprimento exacto dos seus deveres para com o marido, que são aquêles já enumerados mais longe.

De resto, quem tem a preferência sempre é o *pangála*, desde que venha ou mande chamá-la antes de ser avisado com antecipação que ela não pode atendê-lo por impedimento justificado, sem o que, ela terá que pagar multa pela falta.

*

* *

A chamada *é-pata* é o conjunto de habitações e dependências que, reunidas, formam a residência de um chefe de família, com suas mulheres, filhos e apaniguados, se os tem.

O chefe tem a sua cubata independente, onde guarda parte das «bicuatas» (utensílios diversos), tem a sua cama e recebe as suas visitas mais importantes; é esta casa que serve também de quarto aos hóspedes mais categorizados.

Para cada uma das mulheres deve ter uma cubata (côndjo), que é o quarto de cama; uma dita grande, circular (t'chiuô) que é a cozinha e uma outra aínda, que varia na forma de terra para terra, conforme o cereal cultivado, que é a tulha (t'chissête) e casa de arrecadação da mulher.

Além destas, casas de apaniguados, currais e capoeiras, completam a *é-pata.*

Cada grupo com as construções indicadas, que o

marido tem obrigação de fazer para cada esposa, toma respectivamente o nome de cada uma delas, como sua dona.

Na cubata das *bicuátas,* dorme êle apenas quando por sua vez recebe as suas amantes (o *pangála* nunca vai ficar na *é-pata* do marido da amante); fora disso dorme nas cubatas (côndjos) de suas mulheres, variando a seu belprazer.

Esta explicação tornava-se necessária, para se compreender melhor até que ponto os direitos inerentes ao *pangála* autorizado, ultrapassam os do próprio marido.

*

* *

Suponhamos por um momento (como dizia o nosso professor), que o preto X... (não confundir com M.me X...) tem cinco mulheres: A, B, C, D e E.

Suponhamos também por outro momento, que tôdas essas cinco mulheres, novas e bonitas, tem cada uma o seu *pangála* autorizado...

No *hôme* do Senhor X... fêz-se o comer da noite; comeu-se e depois de arrumado o material respectivo, vai decorrendo o serão pacatamente ao ar livre e de roda do fogo; é no bom tempo.

Vai-se aproximando a hora do—cada rato a seu buraco—e o chefe da casa (muéne-épáta) chegando, entrega qualquer objecto de seu uso a sua mulher A. para que no seu quarto (dela) o arrume ou diz-lhe simplesmente que vá pôr fogo nêsse quarto; conforme a pragmática, está entendido o que êle nunca deve dizer claramente diante de gente:

—Hoje dormirei no teu quarto.

As ordens de S. Ex.a, são cumpridas.

Entretanto chega o *pangála* de M.me A. para a levar em sua companhia (como por direito lhe pertence); não obstante a resolução do marido e ordem dada e ao contrário do que podiam pensar... quem tem de ceder é o marido!...

Dura lex, sed lex.

Renova o marido a pantomima com M.me B... mas eis que momentos passados, chega também o *pangála* da mesma madama e... ela aí vai também!

Aínda mais duas vezes a mesma scena se repete, com madames C... e D... e idêntica é a conclusão!...

Fica finalmente só M.me E... que devido ao estado precário de sua saúde, nem é procurada pelo *pangála,* nem pode oferecer seu préstimo ao marido, sendo portanto êste obrigado a recolher solitário ao quarto das *bicuatas,* sem consolação possível na sua solidão, a não ser que, tendo por sua vez alguma amante, a vá ou mande buscar à última hora, para que o console...

Creio que depois do que aí fica, nada mais é preciso acrescentar acêrca dos direitos do *pangála* sôbre a mulher dos... outros.

Quanto às suas responsabilidades, já vimos que são quási nulas...

Resumindo, traduziremos, um pouco livremente embora, a máxima gentílica: (1)

«Bem pagará e harmonia reinará...»

---

(1) Se me pagas bem, ficamos bem. — *N. do A.*

O CÓIO

É por demais sabido o costume tão generalizado em Quilengues, das *indácas de cóio*.

Quilengues, devido à sua proximidade de Benguela, é bastante freqüentado por europeus e conseqüentemente conhecido, bem como os seus habitantes, que, em certa época do ano, descem ao litoral com negócio de bois, cabras, galinhas, tabaco, fuba, ginguba e aínda outros produtos que ali vendem por preços irrisórios.

Sempre direi, a título de curiosidade (um dia o será certamente), que quando eu estive no litoral, em Benguela se vendiam com dificuldade, tal era a sua abundância, galinhas a vintém e a trinta réis (uma macuta) cada uma, ganhando dinheiro.

Não julguem que é brincadeira ou *blague* como por aí lhe chamam (!!!); é autêntico, é certíssimo e apesar dêsse preço ínfimo que indico, a não ser que aparecesse o salvatério de um vapor que se abarrotasse, para por sua vez abarrotar os pobres passageiros com elas, o consumo nunca conseguia evitar verdadeiras hecatombes galináceas, que se sucediam por aquêles enormes e porcos quintalões de Benguela, onde caiam às centenas, mortas à míngua.

Como dizia, sendo como é, conhecida aquela região que passa pelas maiores alternativas de fome e abundância e que tanto é linda e fertilíssima quando há um pouco de chuva durante o ano, como horrível e desoladora se esta falta por completo (por vezes falta durante um, dois e mesmo três anos consecutivos), naturalmente são também conhecidos muitos costumes das suas populações e entre êles e melhor que qualquer outro, por ser notável, êsse do *cóio* a que me venho referindo.

Êste é tão *normal,* que o julgamento de suas *indacas* (causas) se tornou legal e mereceu mesmo uma pseudo-regulamentação, tendo os tribunais gentílicos suas reuniões na própria *residência* (bôngue) do Chefe ou administrador da circunscrição e sob a sua presidência...

O tribunal gentílico, formando roda à sombra da magnífica árvore consagrada como *palácio de justiça,* discute, discursa, barafusta e finalmente dá o seu *vereditum* na presença do *cáptia* (preto tradutor, língua), personagem muito em destaque nas *justiças* da terra. Nesta altura, o mesmo *cáptia* vai comunicar ao Senhor Comandante, que geralmente aguarda os acontecimentos dormindo de pápo para o ar a sua sésta regalada, longe da discussão que o não deixaria *pregar ôlho,* qual a parte condenada e qual a absolvida, para que S. Ex.ª venha então lavrar a sentença, sempre condenatória para uma das partes (!!!), marcando o número de bois, vacas ou garrotes (novilhos) em que devem importar as custas e selos do processo...

Aqui não há apelação nem agravo: quando o réu é absolvido, é condenado imediata e conseqüentemente o queixoso...

Assim nunca falha...

Tudo ali é pago a bois e vacas, que é a moeda corrente daquela, que foi, riquíssima região...

Que o diga uma dinastia de Chefes, que tiveram a fortuna de o ser daquêle abençoado rincão, mesmo nos tempos das... vacas magras!

A vida e o tempo dos *va-t'chirêngue* (habitantes de Quilengues), podem dizer-se repartidos em duas partes ou para falar com mais propriedade, deve dizer-se que não vivem para outra coisa além do *cóio,* e que o seu tempo é dividido em duas partes: uma consagrada ao «Gôngo», produtor do *cóio* e outra à organização do processo,

preparação de testemunhas (que se preparam de todos os feitios e... por todos os preços) e julgamento...

Para isto e disto vivem.

É, por assim dizer, o único comércio que praticam entre si e que faz com que o gado vá mudando constantemente de dono e diminuindo, visto que uma boa parte das *custas* e *selos* pertencendo ao Sr. Chefe e escrivão, são almas caídas no inferno, que vão, por seu pé, caminho do litoral, donde não voltarão mais.

Por isso, Quilengues, já não é a região de maior abundância de gado no distrito de Benguela, como outra não havia...

A grande *causadora* de tudo isto, verdadeira origem do *crime do cóio,* que afinal não é mais que — adultério não autorizado — mas provocado para ser punido e punido para satisfazer a ganância de possuir bois e vacas de que todo o bom *mu-t'chirêngue* sofre, é uma grande e bonita árvore que nem sequer é cultivada e que produz em grande quantidade, o pequeno fruto chamado «Gongo»...

Até parece que queremos voltar à velha história dos nossos primeiros pais, Adão e Eva, comendo o fruto proibido...

Nada disso; êste fruto, para tudo continuar a parecer absurdo, não é comido como o outro... é bebido.

E o *pecado* também é pouco *original*, pois de tanto se repetir todos os anos, já nada tem de sua primitiva originalidade...

A árvore é grande e esbelta, uma linda árvore mesmo, criando-se espontâneamente e com bastante abundância em quási tôda a região de Quilengues; em anos favoráveis produz quantidades enormes de pequenos frutos, que talvez impròpriamente compare ao nosso medronho.

A fruta (o gôngo) vai caindo de madura no chão, antecipadamente varrido e limpo para a receber.

Vão-na juntando aos montes, onde dentro em breve vai entrar em fermentação espontânea. Está meio caminho andado...

Quando convenientemente fermentada e em quantidades apreciáveis, o que sucede por tôda a parte ao mesmo tempo, fazem uma bebida que, embora para meu gôsto deixe muito a desejar, para os habitadores da terra é uma delícia e tem a enorme vantagem de embebedar maravilhosamente.

Destilada, produz aguardente fortíssima, mas pouco agradável ao paladar e ao olfato. Desta opinião discordam, sei-o eu, alguns europeus; que desculpem.

— Mas a que diabo vem tudo isto?, preguntarão aí do lado.

Eu explico sem mais delongas.

Desde que se bebeu o primeiro *gongo* (à bebida dão o mesmo nome que ao fruto), nada mais se faz em terras de Quilengues senão beber, beber, beber...

Não se pensa mais em comer ou trabalhar, nos bois, nas cabras, nas galinhas ou na própria casa.

O marido não se ocupa mais da mulher, nem esta do marido ou dos filhos. Campeia por tôda a parte uma liberdade absoluta, inenarrável, para não dizer que passa tudo a um estado verdadeiramente anárquico... gentes e animais. Cada um segue seu rumo, vadiando por onde lhe apraz dias e dias seguidos, até que o *gongo* esteja totalmente bebido por tôda a parte; então pensa-se em voltar aos penates desertos e... vida nova.

Lá se reunem novamente as famílias: a mulher volta ao marido, relembrando os filhos e êste, por sua vez, volta também para casa. Cuida-se novamente do lar, busca-se o gado graúdo e miúdo, chamam-se as galinhas e os porcos e finalmente volta tudo a entrar na sua anterior normalidade; tudo nos eixos, a loucura passou.

Mas que loucura, benza-os Deus!

Ninguém se exime ao contágio dos desvarios do *gongo*. Só algum velho ou velha, algum doente ou entrevado e as crianças pequenas, ficam entregues a si mesmos, sem que nenhum dos *gonguistas* se preocupe com a sua existência ou cuide de sua mantença.

Com a bicharia sucede a mesma coisa: durante dias consecutivos vagueia ao sabor da sua fantazia e sujeita a todos os perigos de que ninguém a livrará.

De parelhas com tão desenfreada loucura, com bebedeira tão descomunal, corre a mais desordenada animalidade, a mais furiosa luxúria.

A besta humana anda inteiramente à solta, durante uns tantos dias em que tudo é permitido...

A mulher oferece-se descaradamente, entregando-se sem o menor vislumbre de recato a qualquer, seja a quem fôr e seja onde fôr.

Êste desbragamento não tem limites, não olha a nada: nem idades, qualidades, parentescos, conveniências, horas ou lugar, põem qualquer peia a tal deboche.

Homens de idade (séculos), ricos ou pobres, perdem com esta especial bebedeira a última noção de bom senso ou prudência e como qualquer rapaz doidivanas e inexperiente, deixam-se atrair por duas, quatro, seis mulheres ou mais, durante êsses dias; umas viciosas, outras bêbedas também e outras aínda e muitas são estas, oferecendo-se, deixando-se *comer* por cálculo e velhacaria, como verdadeiras iscas para anzolar... patos.

Terminada a loucura considera-se, mas é tarde e então, marido e mulher juntos, cada casal em sua casa, balanceiam os prós e os contras das aventuras do par, durante êsses dias. Os prós são as *conquistas* que a mulher fêz; os contras, são as aventuras em que por sua vez o marido se meteu e... foi *conquistado*.

Das primeiras recebera os *cóios,* quando a seu tempo forem julgados e das segundas terá êle que pagar aos outros os correspondentes *cóios,* quando por êles fôr chamado à responsabilidade e condenado.

Só depois de serem julgadas tôdas as *indácas de cóio,* pró e contra, êle poderá saber se o saldo *bois do gôngo* (podia chamar-se-lhe permuta de adultérios), foi positivo ou negativo.

A mulher só lhe vai indicando os nomes de seus *freguezes* adventícios, à medida que vão sendo julgados; e mesmo só lhe indica os que lhe convém ou aquêles de que se lembra e conhece os nomes.

A muitos encobre, se tal lhe apraz; doutros nem se lembra ou desconhece os nomes, porque se a uns se entregou conscientemente, com outros nem ela mesma sabe se o fêz, tal era também o seu estado de embriaguez!...

Em muitos casos é a pura cilada armada a qualquer velhote rico, que sendo senhor de muitos bois e vacas, lhe é apontado como boa prêsa.

A êsse vigia-o de perto e vendo-o bêbedo acompanha-o até que em qualquer parte se deite ou caia para dormir; aí deita-se a seu lado em grande *deshabilé,* e ao amanhecer provoca grosso escândalo, para diante de testemunhas armar em vítima, jurando as almas que tudo se passou precisamente ao contrário: ela bêbeda, deitou-se só e... acordou acompanhada!...

Nada mais é preciso!

Disse eu que a mulher só os indica um a um, ao marido... Assim é: porque antes que lhos aponte os vai ela pessoalmente ameaçar para que lhe *tapem a bôca,* pagando-lhe o que exigir! (1)

---

(1) Por muito que exija, exige sempre menos que... a justiça!

Se pagarem, o marido nada vê dêsse pagamento (1) e nada saberá também do sucedido; no caso contrário, ela os denunciará ao marido, para que sejam julgados e paguem o *cóio*.

A testemunha principal no julgamento é sempre a própria mulher, que perante o tribunal faz ao vivo as declarações e descrições mais extraordinárias, verdadeiras revelações, capazes de fazer corar os próprios juízes e jurados... se não fossem todos pretos.

Felizmente, o Sr. Chefe, que é branco, raras vezes assiste, ao menos a esta parte do julgamento.

E eis, mal esboçadas, as conseqüências imediatas do *gongo* e as mediatas que vimos: julgamento de *cóios* e conseqüentes pagamentos em bois e vacas.

Como à primeira vista se vê, a conseqüência lógica desta originalíssima bebedeira *regional*, é suceder que nos julgamentos que se lhe seguem e se prolongam sem interrupção até à futura colheita, o que hoje é réu, acusado pela mulher do queixoso, será amanhã queixoso e será sua mulher quem, por sua vez, acusará de idêntico crime, o queixoso de hontem. E assim sucessivamente.

Os bois recebidos hoje, serão pagos amanhã, e quem sabe quantos mais serão precisos aínda, para saldar as contas tôdas até final...

Por isso os maridos quilengues usam de todos os meios suasórios e envidam todos os esforços junto das esposas respectivas *para que os façam*, e será o mais feliz dos maridos, aquêle que mais vezes possa provar que... o é!

Também a mulher que lhe permite conseguir essa

(1) Êsses pagamentos faz ela guardar aos seus parentes: é o seu pé de meia... para quando se quiser «retirar»...

desiderata é a flor das esposas e não faltará quem lha inveje e mesmo quem pretenda roubar-lha...

É uma mina.

Pelo contrário é detestada e considerada objecto inútil, sendo mesmo devolvida à família com desprêso, a esposa que atravessa uma época de *gongo* completa... honestamente.

.....

.....

Nem *cóios* sabe arranjar!...

É o pior que se pode dizer de uma mulher em Quilengues.

Que seja honesta à sua vontade, se para tal lhe der a *gana,* mas que o seja durante o resto do ano e nunca durante a época do *gongo*... Isso não.

Se não concorre para aumentar os bens do casal, para que diabo serve então? É que com a sua *criminosa* honestidade, não só deixa de concorrer para o aumento de capital, mas pode mesmo produzir a ruina completa do marido.

Imagine-se que o marido tem que pagar os *cóios* todos em que foi apanhado pelas mulheres dos outros, o que é inevitável e não recebe um só porque suas mulheres... são honestas.

Lá se vão os bois todos sem que receba um só.

É a ruina!

Pode, portanto, chegar-se à conclusão que, pelo menos em terras de Quilengues, a honestidade da mulher é... um crime.

MUÉNE-GONGÓLA

Está um calor de derreter...

E nota, eu que o digo, continuo felizmente sem ter nada que derreta. Só se fôr a pele que assenta singelamente sôbre os ossos ou êstes que lhe servem de armação, exactamente como naquela canoa de esquimó que nós tanto invejavamos e cujo cavername é feito de ossos de rangifer com o fôrro de pele de foca...

Apareceu há dias um cometa, que os sábios certamente já baptizaram, numeraram e catalogaram, mas cuja identidade eu ignoro em absoluto. É um cometa...

É magnífico; vê-se perfeitamente com o sol no ocaso, dia aínda. É o maior e mais brilhante que me lembra de ter visto; a cauda é enorme e linda, coisa de ser vista logo à primeira sem se procurar.

Apareceu ao norte, muito rente ao horizonte, descrevendo uma pequena curva que pouco dêle se afastou durante alguns dias, mas cuja extensão e altura foi aumentando sempre durante uns dez dias seguidos. Chegou alguns dias a ser visível umas poucas de horas e agora vai novamente decrescendo o tempo que medeia entre a sua aparição e ocaso, que são cada vez mais tarde.

Adregou de coincidir com o seu aparecimento um pequeno tremor de terra, que nestas alturas não são muito freqüentes, havendo, no entanto, todos os anos algum.

A sua duração foi curta, sendo precedido de prolongado rumor subterrâneo, que de longe se começou a ouvir, tomando proporções de trovão durante os poucos segundos que durou a sua passagem.

Como vês, mão cheia de novidades desta feita, coisa rara em terras sensaboronas como esta, onde a monotonia é talvez o nosso pior flagelo.

O pior não será, mas junta com a completa ausência de sal e tabaco, forma uma trindade muito agradável, certamente...

Sal?! Há cinco meses que o não vemos; já lavamos os sacos vasios, engarrafando com o maior cuidado a água imunda que dessa lavagem resultou, e essa água, que algum tempo aínda temperou com a maior parcimonia os nossos tortulhos e ervas, também já acabou.

Tabaco?! Já nem me lembro dêle, quero dizer, do gôsto dêle, que do próprio lembro-me, lembro-me bem e... com muitas saudades até.

Primeiro fumamos (falo no plural porque tôda a terra está na mesma miséria franciscana) as raras fôlhas de algum raro pé de tabaco que por aí havia e que atingiram preços fabulosos; depois os troncos ou caules respectivos, foi um ar que lhes deu; de seguida, munidos de enxadas, fomos em busca das raizes abandonadas, que seguiram o mesmo caminho...

Agora... fumamos fôlhas de ervas; cada dia aparece um ou uma anunciando nova fôlha que é tal qual tabaco, mas que logo ao outro dia é posta de parte... por não prestar para nada!

E assim continuaremos, sabe-se lá até quando!

Deus super omnia... diz o Borda d'Água.

Naturalmente até que se digne o Criador fazer com que essas enormes inundações, que os dilúvios dêste ano produziram, baixem um pouco, por forma que seja permitido às gentes deslocarem-se para qualquer parte, saindo destas *tocas* bolorentas e mal cheirosas à fôrça de humidade, onde estamos verdadeiramente bloqueados há meses.

Tu sabes que nestas terras se não cultiva quási um pé de tabaco; só algum curioso tem na sua pseudo horta, um ou dois pés, como quem tem alguma preciosa orquídea...

Também daqui não saem para o ir procurar onde o haja; é longe, realmente, e mesmo quem o tem é que precisa vende-lo, por isso que o venha cá trazer que êles comprarão.

E compram, que todo o que venha é pouco... Pois se tôda a gente fuma, nestas terras! Homens, mulheres e crianças. E aínda por cima todos cheiram também; gastam todos tabaco a dois carrinhos!...

É verdadeiramente paradoxal.

Mas não exagero: faz parte da tralha indispensável que acompanha todo o homem, mulher, garoto ou garota, por tôda a parte, na festa e no trabalho, em casa ou em viagem, o cachimbo (riuéka) e a caixa de rapé (t'chimbuéko).

O seu uso é tão geral, que são duas indústrias muito desenvolvidas aqui, o fabrico de cachimbos e caixas de rapé. São, na sua maior parte, verdadeiros artigos de luxo; muito bem feitos e mesmo delicadamente lavrada, em alguns, a madeira de que são feitos.

Os cachimbos são muito compridos, 30 a 40 centímetros, havendo-os maiores. Teem duas partes perfeitamente distintas: a riuéka pròpriamente dita, de madeira lavrada, formando parte do tubo recto e o depósito de tabaco de forma afunilada, forrado de chapa de ferro; e o upépo, que é o resto do tubo que encaixa no outro de madeira e vai até à bôca, todo em ferro. São por vezes guarnecidos com t'sambo, fio finíssimo como cordas de guitarra, de cobre ou latão passado à fieira.

Tudo isto é feito pelo gentio daqui, com ferramentas originais suas.

Os t'chimbuékos (caixas de rapé) são feitos de madeira furada por dentro, cilíndricos e trabalhados com mais ou menos habilidade por fora, à faca ou a ferro quente e guarnecidos com taxas amarelas (tufuma).

Muitos também são feitos de uma qualidade de cana grossa (espécie de bambú ou cana da Índia) que se cria nas margens do Riambai e seus afluentes (alguns dêles).

Prestam-se às mesmas ornamentações que os de madeira, e são mais apreciados, *chics* e caros.

Desta cana fazem também o *mulame* (espécie de bengala), sem o qual nenhum homem que se prese de ter certa importância ou rapaz com pretensões a elegante, sai de casa, a não ser que vá para qualquer trabalho ou caça; mesmo em viagem o levam.

Também os fazem e usam de madeira de boa qualidade, mas os feitos daquela cana é que são os verdadeiros donos do nome e como tal pagos e apreciados.

Chegam a dar a êstes pausitos, que ornamentam também primorosamente, o valor de uma espingarda de carregar pela bôca, um cobertor ou o seu equivalente em fazendas.

.....

O que faz a saudade!...

Tudo isto veio a propósito da falta de tabaco, Deus louvado.

E a falta de tabaco veio a propósito da falta de sal.

E a falta dêste?

A essa me referi a propósito da monotonia, que com as duas faltas faz uma rica trempe...

Pois, como dizia, apesar dos nossos esforços não terem conseguido aínda remediar por qualquer forma aquelas duas faltas, que fizeram subir o preço dos dois artigos ao incomensurável, a quási crónica monotonia, sem que para isso empregássemos qualquer esfôrço, tem sido quebrada ultimamente por outras novidades, tanto ou mais sensacionais que as que mais acima te apontei.

Nem podes calcular. Tem sido o verdadeiro diabo!

É bem de ver que depois de todos os fenómenos que

se teem desenrolado *lá por cima* de há um mês a esta parte (fora o resto que nem me pode lembrar), alguma coisa de verdadeiramente extraordinário deveria infalìvelmente passar-se também, *cá por baixo* ...

Pois se o branco, o civilizado, assim o pensa, assim o diz e assim o crê na nossa terra, porque é que o gentio boçal, ignorante e fanático, não o há de pensar, dizer e acreditar também na sua terra?!

— Preto também ser gente...

Ora pois...

Conforme os augúrios tirados dos astros, elementos e *mucha cosa mas,* o grande caso, a calamidade prognosticada, deu-se.

O soba grande dos *lutchazes,* daquém e dalém Cuito, Kêmbo, Kuanavári e tudo o mais que longo seria enumerar, t'chissôko de tudo que de notável há por êsses sobádos além, em tôdas as direcções da rosa dos ventos, morreu.

— Morreu Muéne-Gongóla, o Grande!

— Morreu o grande amigo dos europeus!

Há mais de quinze dias que estas terras estão em reboliço e há mais de oito que estamos todos de luto.

Digo estamos, porque eu também estou e com mais razões ainda que a maior parte dessa gente, apesar dêles serem pretos (da côr do falecido) e seus súbditos e eu ser branco e estrangeiro na terra.

É que, apesar dessas «pequenas» diferenças, eu sou parente, t'chissôko e ékamba do grande soba falecido.

Parente, porque sou nada menos que pai dêle, apesar de muito mais novo e de ser um poucochinho mais claro...

T'chissôko, porque o nosso parentesco me dá o tratamento de «mu-angána» ou «muan'angána» (filho de senhor, de sangue real) e conseqüentemente o direito de vida e de morte, platónico sôbre gente, mas real sôbre

animais seus, de seus parentes e apaniguados, bem como o de fazer mão baixa em tudo que lhe pertença e me possa dar a gana de chamar meu ou comer, sem mesmo excluir as suas mulheres, que são, para todos os efeitos, minhas *pangalas* natas.

O morto tratava-me simplesmente e em todos os casos por Táta (pai) e todos os seus parentes e notáveis fazem a fineza de me tratar como se realmente existisse entre nós êsse grau de parentesco.

É curiosíssimo o sério com que tomam êstes parentescos que nos dão realmente todos os direitos e regalias que lhe são inerentes, não só em relação ao próprio mas a tôda a parentela.

Ékamba, já sabemos que é amigo (sem outro qualquer significado). Eramos, portanto, como disse, parentes, amigos e t'chissôkos, que é por assim dizer, a conseqüência das duas primeiras.

A palavra t'chissôko, deve com propriedade ser traduzida pela nossa palavra — aliado — visto que não é uma conseqüência só de parentesco, nem simples amizade; é mais uma aliança política, entre parentes e não parentes, mas sempre entre poderosos, para que todos os seus súbditos, parentes, apaniguados ou escravos fiquem ligados às mesmas obrigações, que são, entre outras, auxiliarem-se sempre nas grandes dificuldades e nas guerras.

O t'chissôko, a-par das regalias que tem nas terras de seus colegas, nunca pode recusar o seu auxílio sempre que lho peçam os t'chissôkos (a t'chissoquice é mútua).

*

* *

Êste nosso parentesco datava já de bastantes anos e nunca afrouxou entre nós a amizade que deu origem à

maior prova de simpatia e consideração (coisa verdadeiramente sagrada) que um soba pode dar e raras vezes dá. Geralmente, só a uma pessoa a dá e uma só vez na vida.

Foi há bastantes anos, quando pela primeira vez passei pela sua libata, vindo pela trilha do Bihé, com destino a...

Acampei na margem esquerda do Cuêbe e aí fui obrigado a demorar-me bastantes dias, porque devia aguardar aviso de Ka-luis, que seguira caminho diverso, marcando o ponto do nosso encontro para depois seguirmos juntos.

Sabendo da vizinhança de Muéne-Gongóla, da boa fama que tinha de justiceiro e amigo de viajantes, a quem costumava obsequiar, enviei-lhe os meus cumprimentos, que logo foram retribuidos.

Houve troca de presentes de boas-vindas (ku-sambéria) e seguidamente, com tôda a pragmática do estilo, troca de visitas. Seguiu-se da parte dêle valioso presente de amizade, que aceitei e retribui, sendo-me a breve trecho feita a intimação de ir hospedar-me para a libata, dentro do seu próprio *lômbe*. Não me queria no acampamento como simples viajeiro, mas sim em sua casa como verdadeiro amigo.

Depois de vários dias de negociações, em que a sua insistência cada vez mais amável se bateu galhardamente contra tôda a diplomacia que empreguei e esgotei sem resultado, para não aceitar o seu convite, pois preferia ficar no meu acampamento com a minha gente, não tive outro remédio senão aceitar. Aceitei e lá mudamos todos para a libata e eu para o *lômbe*, onde fiquei instalado principescamente em duas das suas melhores casas.

Á medida que os dias se passavam, a convivência constante foi-nos ligando por verdadeira amizade de que nunca deixou de me dar provas.

Muéne-Gongóla era realmente um dos pretos mais simpáticos que tenho conhecido; e é notável que entre os seus parentes, dois houve e há ainda, que se tomaram de verdadeira amizade por mim, dando-me dela bastas provas.

São seus sobrinhos, ambos filhos de seu irmão mais velho, mas de diferentes mães; um, Gongóla como o tio e outro, Cambindja ou Joaquim (baptizado), afilhado do conhecido africanista Sr. Felisberto Guedes (N'Buéti).

Não era de côr muito escura o falecido soba, mas fulo (itira), côr vulgar entre os desta raça e de feições, não digo perfeitas, mas regulares o bastante para tornarem a sua fisionomia agradável, animada por dois olhos bem rasgados, inteligentes e vivos, que olhavam francamente para a gente.

Era rispido e justiceiro, mas sem crueldade.

Extremamente curioso, amigo de preguntar explicações de tudo, prestava a maior atenção às que lhe eram dadas e que compreendia com relativa facilidade.

Tinha a constante preocupação de ser branco, «pelo coração», dizia êle, já que não o podia ser pela côr, e assim procurava imitar o melhor que entendia, lá a seu modo, os nossos costumes para ser civilizado e com a mesma ideia tinha transformado as suas casas em verdadeiros «bazares», comprando tudo que fôsse artigo europeu de nosso uso e... «nunca visto» na terra.

Tinha e usava nos actos solenes, fatos, calças, botas, meias, fardas, chapéus de todos os feitios e épocas, camisas, capotes e até uma capa de borracha...

Havia ali também uma ou duas caixas de música boas. Também tinha uma bela farda (casaca) completa e quási nova, de tenente médico da armada real portuguesa, a que não faltava um só distintivo ou galão, e que lhe ficava mesmo a matar.

Da miscelânea do uso de objectos e costumes europeus com outros gentílicos, resultavam por vezes situações e aspectos verdadeiramente cómicos e de um ridículo irresistível, mas... como êsses disparates só nós os podiamos notar, não deviamos rir sem inventar um pretexto que justificasse qualquer gargalhada mais inconveniente.

Devemos concordar que não é para conservar a seriedade exigida pelo protocolo, ver, por exemplo, aparecer um dêstes magnates em meio de sua côrte, já de si extra-carnavalesca, com a maior gravidade exigida pela solenidade do acto (uma recepção diplomática, julgamento importante, etc.) de casaca agaloada de marinha de guerra, botas de cano alto, calças de belbutina côr de flor de alecrim, um dolman encarnado de hussard inglês a servir de colete, um lenço encarnado de sêda na cabeça com a ponta a cair sôbre o cachaço, por cima dêle um faiscante capacete dos bombeiros voluntários de qualquer terra, com emblema e iniciais B. V. B. na frente e, rematando esta mirabolante *toilette,* lançada aos hombros à laia de manto, uma saia de sêda azul aos folhos, moda aí de 1888...

Acrescentem-lhe, a cobrir isto tudo, uma sombrinha de senhora, às riscas de côres berrantes e digam-me se eram capazes de conservar o seu sério, olhando a pêra entrançada do homem e a cara de satisfação e imponência com que êle olha, emquanto é olhado com verdadeira admiração!...

Eu até fazia uma apóstazinha com o mais sizudo...

A parte ornamental da fatiota não é menos admirável e variada.

Á laia de condecorações trás coisas extraordinárias dependuradas por correntes de latão e outros nagalhos de diferentes espécies; e não são essas certamente que causam menos pasmo e admiração ao seu Zé-Povinho, que

discute os nomes e utilidade dos ditos objectos, com uma *competência* capaz de fazer rir as pedras.

Vêem-se as coisas mais extraordinárias nestas originalíssimas ornamentações, como por exemplo: um pente, um espelho de mão, uma escova de fato, rodas dentadas de algum falecido relógio de parede, um castiçal (palmatória) de metal branco pendurado pela ása, a tampa de um bule de porcelana (?), tesouras, canivetes, um sacarolhas, um cinzeiro de cobre (réclame da casa J. Ed. dos Santos, do Pôrto), emfim, tudo que a intrujice lhe tem podido vender a título de utilidades fantásticas ou que a sua palermice e ignorância tem apetecido.

O maior luxo consiste em variar de dia para dia, de solenidade para solenidade, êste mostruário de coisas e indumentaria, que, diga-se de passagem, não dispensa a colecção normal de unhas, chifresitos de gazela, kágados e mais amulêtos, que de mistura trazem ao pescoço ao uso da terra.

Mas deixemos essas excentricidades, de que dificilmente se pode dar uma ideia precisa (só visto) e voltemos ao tempo em que, hóspede do soba, êste só pensava em estreitar por tôdas as formas a nossa amizade.

O homem andava radiante e sempre vigiando que nada nos faltasse para nossa alimentação, comodidade e regalo. Tinham-se já organizado diversos festejos em nossa honra, para evitar que, aborrecendo-nos, pensassemos em partir mais depressa; houve caçadas, pescarias, bailes, mahambas... Êle por sua vez andava numa roda viva.

Logo de manhã cêdo me vinha cumprimentar, dizendo-me com a maior convicção, a frase portuguesa que lhe ensinara a seu pedido e que estropiava invariàvelmente:

— Gon dia! Passou oito sê gajo bigáto?, que era como quem diz: Bom dia! Como passou a noite, seu gajo? Bem, obrigado!

Outras aínda êle *aprendera* em bom português: ensinando-o um dia a cumprimentar à europeia, como não *encarreirasse,* já sem paciência, disse-lhe em português:

— ... da-se! Cumprimente assim! E ao mesmo tempo fazia-lhe o gesto do *shake-hands;* pois o homem aprendeu logo e repetia sempre que me dava de manhã o indispensável apêrto de mão:

— ... ôtass... Prementessinha! E sibilava o S final...

Também nunca deixava de vir tomar o café comigo; por causa do açúcar, já se vê, que é dôce...

Apesar de tudo, o homem não andava satisfeito; queria, dizia êle, mostrar-me aínda melhor a sua amizade, porque o branco não acredita que o preto possa realmente ser seu amigo, e êle era meu amigo, como nunca tinha sido de pais, irmãos, filhos, nem de ninguém...

Isto dizia êle sempre e a tôda a gente, andando freqüentemente em conciliábulos com seus conselheiros e maiores, para que lhe sugerissem uma ideia genial, uma prova de arromba, memorável, que passasse à história, de sua amizade pelo branco «Kaniambare»...

— Que havia de ser?

.....

Felizmente, um dia, fêz-se a luz e o já gasto *Eureka* foi com certeza mais uma vez pronunciado em meio de uma conferência secreta, havida com um célebre *t'chimbanda* (feiticeiro), vindo das bandas de Mambirima, terras de Muéne-T'Chinhama, dizia êle.

Se assim seria não sei, mas o que posso garantir é que era um grande espertalhão e afinadíssimo intrujão.

Fôsse como fôsse, a sua douta opinião foi ouvida com a maior disposição de ser acatada; tanto assim que nêsse mesmo dia ou no seguinte de manhã foi convocado o conselho grande, cujas reuniões são quási sempre secretas,

saindo todos dali com as caras acompridadas pela preocupação.

Que diabo tramariam aquêles maduros?

Felizmente que as nossas relações, não só com o soba mas com tôda a gente da libata e seus habituais freqüentadores, eram mais que cordiais...

Se assim não fôsse e tendo em vista a tradicional velhacaria de todo o gentio, não deixaria decerto de me assaltar a desconfiança que alguma coisa de *trágico* se tramava contra mim.

Pois êle!... Ponham-se no meu lugar e dou um dôce a quem não sentir um certo mal-estar intestinal...

Em todo o caso...

Tudo era cochichar, tudo eram grupos pelos cantos falando em surdina, meias palavras, sinais de entendimento, conversas que se interrompiam mal se aproximava alguém, olhadelas de soslaio para a minha humilde pessoa...

Não restava dúvida alguma; qualquer coisa andava no ar e o quer que era, positiva, indubitàvelmente, era... comigo.

Inútil me foi soltar os meus melhores farejadores; nada conseguiram descobrir e de nada portanto puderam também informar-me... Palavras soltas apenas puderam apanhar aqui e ali, porque tôdas as conversas eram em voz baixa e estacavam à aproximação de qualquer dos meus. Mesmo o quer que era só o sabiam por emquanto velhos e homens mais categorizados na côrte; o resto da gente nada sabia e andava como nós, de nariz no ar a ver se percebia o que se tramava...

Que seria?

Finalmente, à tarde, vieram dizer-me da parte do soba que êle queria falar-me muito em particular na sua casa...

Iria desvendar-se o mistério?

Lusco-fusco, o homem, que me tinha mandado dizer para ir eu lá, mandava contra recado, dizendo que não fôsse porque êle mesmo viria dentro em pouco.

Em vista disso, não tive remédio senão aguardar a sua vinda e não posso deixar de confessa-lo, com certa impaciência. Afinal, chegou e depois de muitos preâmbulos e rodeios, desembuchou...

Vinha simplesmente propôr, mas muito receava ver por mim não aceite (daí todos aquêles conciliábulos e mistérios), a realização com o maior cerimonial e pompa... da transfusão de sangues.

Êsse seria o laço ideal e indissolúvel, que ligaria para sempre a nossa amizade, unindo-nos por um verdadeiro parentesco, que passaria à posteridade... sem bronze.

Assim, nenhum de nós poderia atraiçoar tal aliança sem incorrer nos tremendos castigos de Kalunga (o Criador do fogo, da água, do mar, do raio, do vento, da chuva e de tudo que há por terra e céu desconhecido), conforme lho garantia o famoso T'Chipa chon gandu (o tal feiticeiro), e era conseqüência fatal dos feitiços a que teria de sujeitar-nos para consumar a transcendente operação.

Com grande espanto seu e maior satisfação aínda, aceitei sem qualquer exitação e mesmo sem a menor objecção. Pois se aquilo tudo me divertia...

O homem saiu radiante e num rufo tôda a gente soube a grande nova. Prestes, todos sairam de seus buracos e o *t'chinguhu* logo repenicou seus mais complicados rufos, chamando à dança. Dançaram furiosamente até de manhã.

No dia seguinte tudo se movimentou. Para tôda a parte foram despachadas *mungas* (correios) levando a boa nova e os convites para as grandes festas que haviam de realizar-se dentro em pouco: só o tempo preciso para

preparar as indispensáveis bebidas. Seriam as maiores havidas aínda e das quais ficaria memória perdurável.

Os projectos eram grandiosos e, conforme todos diziam, o soba não era homem de deixar seus créditos em mãos alheias; seria sempre mais do que o prometido.

Assim se passavam os dias em preparos e se aproximava o marcado para a festança. Cada dia chegavam mais hóspedes, acorrendo ao convite do grande soba, com suas comitivas; umas modestas, outras mirabolantes e numerosas, conforme a grandeza dos senhores que as chefiavam. Eram sobas, sobetas, magnates, parentes e t'chissôkos de tôdas as proveniências e raças.

Um dia mais se esperou aínda, porque chegou notícia que em viagem se encontrava também Muéne-Mussiri, o Grande, que não queria deixar de honrar as festas do seu grande amigo com a sua presença. Finalmente, chegou e o dia seguinte foi o do início de tôdas as festas.

O que elas foram não sei dizer...

Mataram-se muitos bois, cabritos e porcos sem conta e quási se acabou com a raça das galinhas para dar de comer àquela cambada que a muito menos andava afeita... Mais nada faziam além de comer, cantar, dançar, falar, pavonear as suas mascaradas e... embebedar-se que era um louvar a Deus.

Foram verdadeiros dias de Carnaval pegado.

No dia marcado lá fomos para o quintal reservado do soba, onde se áchava reunido apenas um punhado dos mais cotados dos hóspedes e da côrte, sentados em semicírculo defronte da casa dos feitiços.

O soba que pessoalmente me fôra buscar a casa com seu estado maior e *suaia* (espingarda de carregar pela culatra), entrou só comigo, sentando-se em meio dos circunstantes, ao passo que me indicava a cadeira que estava ao lado da sua.

Fora desta assembleia, a um lado, estavam alguns tocadores que então afinavam os instrumentos e mais alguns poucos dignitários, a quem não competia sentar-se entre os maiores, junto dos «ma-kótas» (maiores, abaixo do soba). Mulheres, havia duas apenas: a mais importante das do soba, Nha-Melunga e a que me tinha sido dada para «oficial às ordens»; Cassabi (do nome do rio de onde era oriunda) Guendjo, de baptismo (ou Guendjo Cassabi).

O resto da côrte estava tôda sentada no grande largo do *lômbe,* separado do nosso retiro por altas palissadas; e a população em geral, hóspedes e não hóspedes, homens e mulheres, tudo se reunira no grande largo das indacas e danças, aguardando os acontecimentos. Pouco depois de nos sentarmos, eu e o soba, ouviram-se vários assobios dentro da casa dos feitiços, de onde, passados poucos instantes, irrompia aos gritos, cabriolando e piruetando uma dança endemoninhada, o grande feiticeiro, vestido, despido ou mascarado (como quiserem) de verdadeiro diabo...

Uma pintura estapafúrdia e berrante, em que predomina o vermelho e o branco, pintalga-lhe e zebra-lhe o corpo todo; peles e rabos de muitas côres e qualidades, pendem-lhe da cinta; nas canelas, pulsos e pescoço, tem anilhas, guisos e pêlos eriçados de palanca; plumas diversas e um rabo de leão ornamentam-lhe a cabeça, juntamente com um belo e avantajado par de chifres de antílope; finalmente, na mão direita, agita em todos os sentidos, como quem enxota coisas que só êle vê, um avantajado rabo de palanca, em cujo punho bem guarnecido de missangas e outros ornamentos, se conteem múltiplos chifrezinhos de gazelas com feitiços vários, emquanto na esquerda segura a indispensável trouxa, feita de pele de *bôbo* (maki-gato), onde guarda os feitiços que o põe em comunicação directa com os espíritos.

Esta trouxa é uma espécie de «estetoscópio recíproco» do imponderável: um pouco o chega à bôca para segredar preguntas e dar assobios estridentes, que certamente são ouvidos pelos espíritos, para logo de seguida escutar atentamente, manifestando alegria ou tristeza, conforme as notícias e respostas que do Além recebe...

Tudo isto é feito, dançando sempre uma dança fantástica, que dura bastante tempo, com rijo acompanhamento da orquestra ensandecida, até cair de bôrco sôbre as peles de leopardo que atapetam aquela parte do chão...

Ali faz-se morto um bocado... naturalmente para tomar fôlego e tem razão. Momentos passados finge-se acordado: ergue-se e como quem nada percebe do que o cerca, olha espavorido em volta, faz esforços por ligar as ideias e, finalmente, sacudindo-se todo, faz semblante (um esgar) de se lembrar.

Levanta-se radiante; uns passos de dança mais lenta e compassada agora... as suas preces foram ouvidas e tôda a côrte celeste (?) está com êle e portanto connosco...

Vem agora por nós; leva-nos pela mão para o meio da roda defronte da porta dos feitiços, onde nos sentamos, eu e o soba.

Tiramos os chapéus e despimo-nos da cinta para cima, para êle nos poder aplicar sôbre a pele as suas *pêmbas* e mais meios de purificação (?) necessários para o efeito sobrenatural do feitiço, do grande feitiço da transfusão...

Finalmente, entramos os três na casa dos feitiços, acompanhados pelas duas damas, que passado o limiar da porta se desnudam completamente, vindo ajoelhar aos pés de seus respectivos senhores.

Seguem-se várias pantomimices mais ou menos interessantes que a princípio mal vejo, por não ter os olhos habituados à semi-escuridão em que a casa se acha mergulhada.

Chega finalmente o momento da grande operação...

É deveras curioso: lá fora o silêncio é tal em tôda a libata, que mais parece estarmos sós no centro de alguma floresta deserta, que em meio de centenares de almas; dentro da casa dos feitiços só o feiticeiro pronuncia algumas palavras e essas a meia voz. O meu braço esquerdo é ligado com uma pele de cobra ao direito do soba que está sentado a meu lado e imediatamente o doutor, com o maior desembaraço, abre duas pequenas sangrias nos dois antebraços, meu e do soba...

Corre o líquido vermelho...

As damas recebem-no, conforme indicações recebidas, em cabacinhas especiais, emquanto êle lava, com líquido esverdinhado, o resto que de cada braço corre e o substitue ràpidamente pelo que delas recebe, trocando-o e esfregando de seguida com fôrça e grandes momices sôbre os lugares feridos, hervas aromáticas primeiro e a seguir certos pós brancos aderentes.

Sôbre os lugares das sangrias são agora emborcadas aquelas mesmas cabacinhas que continham sangue nosso e que ficam coladas aos braços por meio da massa formada pelo tal pó e sangue.

Seguem-se rezas e várias esfregadelas mais, acabando por pintar tudo aquilo a vermelho, preto e branco.

Um assobio estridente, quer dizer:

— *Consummatum est*...

Os batuques rompem a marcha, o primeiro tiro sôa e dentro em pouco, lá fora e por tôda a libata, o bombardeio é geral, a algazarra infernal e tudo promete nunca mais acabar!

É um verdadeiro inferno!

O *mágico,* depois de poucas palavras trocadas com as madamas aínda nuas, sai para a rua fechando a porta e pelos gritos, assobios que solta e a fúria louca com que

rufam os *t'chipuáris,* depreende-se que recomeçou uma daquelas suas danças diabólicas...

Cêrca de dez minutos ou um quarto de hora durou aquela fúria, passados os quais a música abrandou, não deixando contudo de tocar, mas pianinho agora...

Foi tempo suficiente para que nós outros, que ficaramos fechados e às escuras, nos desempenhassemos entretanto do encargo que o feiticeiro nos deixara ao sair...

Abriu-se a porta sôbre o último acto da cerimónia daquêle dia e... como tudo estava já a postos, as damas vestidas e nós também, saimos finalmente para o ar em meio de um barulho infernal, indescritível, de *t'chipuáris, n'gômas, t'chinguhus,* tiros e a grita ensurdecedora e ininterrupta de tôda aquela gente.

Transpiravamos por todos os poros. Pudera...

O resto da tarde e noite passaram-no em danças constantes ao som de três *t'chinguhus,* durando o tiroteio, que é grande sinal de regozijo, também até sol-nado. Os tiros são os foguetes das nossas festas e o *t'chinguhu*... o mais atroador dos Zés-P'reiras da nossa terra.

No dia seguinte fizeram vários curativos que não exigiam a minha presença e para os quais mataram um boi preto. Durante o dia ninguém bebeu; quando se fazem curativos não se bebe, demais era da parte de tarde que se concluia a grande cerimónia... Disso fui prevenido: devia ser por volta das três da tarde uma parte e a sua conclusão à noite.

Pelas três veio realmente o soba buscar-me com o cerimonial da véspera... Lá fomos para o mesmo lugar do dia anterior e depois de várias cerimónias e danças do mágico, pediram-me para escrever no meu braço esquerdo e direito do soba, a *mucanda* (carta, escrito) que celebrasse o facto, para ser tatuada por forma indelevel sôbre o lugar das sangrias.

Era o que faltava para autenticar a «transfusão» por forma visível e duradoura; à moda dos brancos, dizia êle, que escrevem tudo na *mucanda*...

Para simplificar o caso, resumi em três palavras apenas a frase lutchaze escolhida: Taté Gongóla Muánétu (Soba Gongóla nosso filho), e como assim mesmo achei muito comprida e complicada para tatuagem, resumi por sua vez as três palavras, às iniciais apenas: T. G. M., que é o que posso mostrar-te, se aínda nos tornarmos a ver um dia, em bela tatuagem azul, na parte interior do meu ante-braço esquerdo...

Foi ali que se operou a «transfusão».

Uma vez desenhadas as letras por forma visível sôbre a pele dos dois, o doutor começou desde logo a operar. Com umas quatro agulhas (ou coisa muito parecida), bem ligadas umas às outras, vai marcando o desenho com fortes picadelas quási sobrepostas, que arrancam a maior parte da pele no itinerário percorrido.

Vai-o fazendo alternadamente, um pouco no soba outro pouco em mim, para mais misturar aínda (diz êle) os nossos sangues... Os braços ficam em mísero estado.

Depois de concluidas as gravuras, limpa o sangue que vai correndo e esfrega fortemente ambas as feridas com fumo de borracha empapado em água (?) ou qualquer outra coisa para dar o colorido. Esta ferida inflamou durante alguns dias, acabando por cicatrizar e ficar bem visível a tatuagem, que nos acompanhará pela vida fora... pelo menos emquanto não formos manetas...

Em seguida mais umas danças, mais umas intrujices e é quási noite; vai seguir-se a cerimónia do parentesco, pela qual eu ficarei para todos os efeitos e para sempre, pai do soba.

Pude então retirar para as minhas cubatas e tratar de jantar, emquanto tôda aquela malta se espalhava pela

libata, seguramente com idênticas intenções. Preciso se tornava refazer um pouco as fôrças, para dentro em breve recomeçarem a berrata, que naturalmente se prolongaria por noite velha, até de manhã.

Devo aqui abrir um pequeno parêntesis para dar uma curta explicação que se torna indispensável à boa compreensão do que se segue.

É uso entre êste gentio que a esposa seja considerada «mãe» de todos os filhos do marido, mesmo que não sejam seus; tôdas as tias, paternas ou maternas, são também chamadas mães dos sobrinhos, e tôda a sobrinha que seja baptizada ao nascer com o nome da *verdadeira* «mãe» do tio, é por êste tratada também pelo nome de mãe e não como sobrinha.

Vê-se bem que por êste processo, é muito difícil, que um preto consiga ficar órfão...

A mãe de Muéne-Gongóla, a *verdadeira,* chamara-se em pequena Guêbe (nome pouco vulgar entre os lutcházes) e havia uma sua neta, filha de uma irmã do soba, que em pequena tinha recebido o mesmo nome da avó: era como ela, Guêbe.

Em resultado daquêle uso, Muéne-Gongóla tratava esta sobrinha, então nos seus vinte anos, por «Mãe Guêbe» e ela por sua vez chamava-lhe muánétu (nosso filho) ou muanángui (meu filho)...

Ora era exactamente em conseqüência do mesmo costume que a *paternidade* de Muéne-Gongóla me ia ser endossada.

Efectivamente às tantas da noite, enorme comitiva de raparigas e mulheres veio cantando em côro trazer processionalmente a minha casa a dita Guêbe, que sem se mostrar muito contrariada ou acanhada, se foi logo de entrada sentar na beira da minha cama, lugar que só a *esposa legítima*, pode ocupar diante de gente.

Queria isso dizer que *como esposa* ma traziam, para que como tal usasse dela e com isso ela mostrava antecipadamente concordar...

Guêbe era para todos os efeitos mãe de Gongóla, bastando portanto que eu fôsse seu *marido,* para ser *ipso facto,* pai também do seu filho...

Tratava-se exactamente da realização dêsse enlace e por isso ma traziam como esposa.

Todo o mulherio se sentou fora cantando em côro; dentro ficou uma velha feiticeira, que entre resas e trejeitos despiu a rapariga completamente, fazendo-a deitar nua... na minha cama.

*

* *

Um pouco depois a velha abria a porta e saindo para a rua soltava o tradicional grito, anunciador de acontecimento:

— Ulu! Ulu! lu!... lu... lu..., que era correspondido pelas que estavam fora e reboava dentro em pouco pelos pontos mais afastados da libata por onde elas se haviam espalhado, acompanhado pelos tiros de regosijo, que todos os hòmens disparavam...

Do nosso *enlace,* nascera Muéne-Gongóla...

Eu era seu pai e chamava-me doravante San-Gongóla (Sa ou San, quer dizer pai). Guêbe, sua mãe, passava também a chamar-se Nhan-Gongóla e era para sempre minha esposa...

Tinham terminado as festas.

*

* *

Voltando no fim destas divagações ao ponto onde estavamos antes, isto é, à morte do soba, pensamos que melhor é deixar para outra ocasião mais azada, a descrição minuciosa de tão monumentais acontecimentos.

Para fazer uma reportagem (como agora dizem) dêsses dias, teriamos muito que nos alongar em pormenores, que certamente acabariam por se tornar... indigestos. Notemos apenas alguns factos. Foram festas de nunca mais acabar!... E digo festas, porque realmente o são; os grandes funerais nestas terras tomam o feitio de verdadeiras festas e chegam a durar muitos dias; à maior parte delas assiste o morto de dentro de sua casa (a dos feitiços, se é soba), a desfazer-se já, sentado em uma cadeira ou esteira, encostado a qualquer coisa que o ampare, todo entregue à actividade espantosa de milhares de gusanos que medram a olhos vistos e emprestam uma vida verdadeiramente estranha, com seu fervilhar constante, àquêle cadáver horrendo no seu esfacelamento visível...

Emquanto o cadáver se não decompõe completamente, não é enterrado. Também só depois de reunidos todos os parentes e t'chissôkos, se pode proceder ao enterramento; por afastadas que sejam as terras onde residem, teem que vir ou mandar alguém, porque, de contrário, a alma do morto e seus feitiços até lá irão persegui-los sem tréguas, nas suas pessoas, bens ou parentela.

Já veem que não podem faltar... Se fôsse só o *dever* que os obrigasse, aínda vá, mas é a *necessidade,* por isso não faltam; são obrigados pelo medo.

Eu disse algures, referindo-me à morte do soba, que há mais de quinze dias andava tudo numa poeira e que há oito estavamos de luto...

É realmente esquisito que andando tudo alvoroçado (com a morte do soba, naturalmente) há quinze dias, só há oito tenhamos luto.

Na realidade, o soba morreu há quinze dias já, mas sendo publicada a sua morte, oficialmente, oito dias depois, só então tomamos luto.

Assim era, porque só se publica que o soba está doente quando êle está a morrer ou morto já e depois de morto sentam-no dentro de sua casa, quási suspenso do tecto pela cabeça, até que esta por apodrecimento se despegue do tronco por completo ou em parte!...

Então e só então, um solta o grito:

—Inátsi! (morreu), e soam os primeiros tiros que anunciam a sua morte.

Por tôdas as terras do sobádo, até muito longe, correm as razzias—em nome do soba—compostas da rapaziada nova da embala—vá kuendge i ó ké-rombe—pilhando tudo que encontram descuidado, matando todos os animais ou levando-os vivos.

Daí a azafama por tôda a parte em esconder e guardar tudo o que possa ser morto ou roubado...

É o terror.

—Por ordem e para os curativos de Muangána que está doente, é o *mot d'ordre*.

Só suspendem suas correrias, quando a notícia da morte é oficialmente publicada, isto é, quando o soba já... caiu de maduro...

Durante aquêles dias, em que o morto está... *ainda vivo*, em sua casa, é assistido dia e noite, por um grupo de verdadeiras megéras, que constantemente cantam a meia voz, uma toada impossível que só elas sabem, emquanto defendem o cadáver com espanadores, feitos nem sei de quê, dos constantes ataques de uma nuvem sempre crescente de môscas de tôdas as côres e tamanhos, cujo inces-

sante e agoirento zumbir, mete mais horror que o próprio espectáculo em si.

Dir-se-ia ao ver aquêle quadro horrendo, na meia claridade da cubata, que estamos em frente de uma caverna fedorenta, donde sai um bafo de morte, habitada por uma dúzia de feios passarôcos, gigantes, desgrenhados e resmungões, prontos e assanhados para defender a todo o transe do primeiro novo pretendente, a prêsa horripilante e asquerosa que se propõem devorar!...

Depois de publicada a sua morte, ainda terá que conservar-se desenterrado, a escorrer podridões indescritíveis e na mesma posição (monte inqualificável, que palpita da vida que lhe empresta a vermina) até que chegue o último dos parentes ou quem o represente...

De roda disto e constantemente, o povoléu que aumenta diàriamente, dança, bebe, come, canta e faz curativos infindáveis... Tôdas as madrugadas o tiroteio, aqui sinal de luto, atrôa os ares, cada dia mais nutrido. Cada sol-pôr, a mesma coisa.

Cada novo hóspede que chega durante o dia, vai antes mesmo de sacudir a poeira dos caminhos, saudar o morto com três enormes tiros, que nos fazem pasmar da resistência de armas tão ordinárias, à sua porta.

Aqui foi decretado o luto de Kalóva (zuarte) para tôda a gente da libata e parentes chegados das libatas mais próximas, sendo tôda a fazenda precisa para isto comprada à custa do finado. Êste costume não é geral.

Finalmente, quando tôda a família e t'chissôkos ou seus representantes estão reunidos, é o morto que está reduzido (perdôem os manes do ilustre morto) a um autêntico montão de esterco, cozido dentro do coiro fresco de um boi preto, que fica com a forma de uma trouxa de roupa suja...

Assim é enterrado em uma cova circular de cêrca de

um metro de diâmetro, sôbre o qual se construi um casinhoto cercado por forte palissada para impedir a entrada das hienas e mais apreciadores do género.

E no fim disto não se desenvolve uma peste!

Seguem-se nos dias seguintes ao entêrro, caçadas sôbre caçadas, até que se tenham morto os animais que o feiticeiro grande indique, como indispensáveis e insubstituíveis, para os não menos imprescindíveis feitiços ou curativos, não só para repouso eterno do soba, mas para o bem estar da população, parentes e aderentes.

Da maneira porque correm estas caçadas e das entranhas de alguns dos animais mortos nelas, é que são tirados os augúrios e indícios para a sucessão.

E... basta de soba, não é verdade? Já temos até de mais...

LINDINHO

(HISTÓRIA DE UM AVESTRUZ)

LINDINHO

(HISTÓRIA DE UM AVESTRUZ)

Agora que estamos perto (?) e em caminho do Damaraland, se, como eu, não estás com muita pressa e os afazeres te não chamam com insistência demasiada, chegamos lá num instante. É ali perto, um pouco além da fronteira oficial marcada nas cartas de África, no segundo posto de ligação da linha Karhuri, caminho de ferro; adiante de Otchin-bin-bambé.

Não é para te mostrar a terra que te convido; para ver tanta aridez e pedras, não paga a pena vir tão longe...

Há léguas seguidas de aridez tão desoladora e tamanha ausência de água, que até faz mal ao coração, como diz cá o nosso primo africano. Só a muita vontade de ter terras a que chame suas, pode explicar a tenacidade com que S. M. I. o Kaizer, tem apanhado sem fraquejar, tapôna de criar bicho e de lhe dar água pela barba, dos amigos Herreros (Hottentotes vários e Damaras item), nanja a lindeza da terra...

Nem tu pensas os milheiros de soldados europeus que a guerreira Germânia para aqui tem despejado! Tem sido uma luta medonha, com perda de milhares de vidas, mas quási de todo apagada, porque nem ao orgulho germânico convém que se saiba na Europa, quão duro de roer tem

sido êste ôsso! O terreno em que lutam, é tudo que há de mais ingrato para o branco: serranias pedregosas, despenhadeiros e gargantas apertadas, para onde os naturais sabem atrair os alemães; apanhando-os de surpreza nessas passagens obrigadas, dos altos onde esperam embuscados fazem rolar pedregulhos sôbre as fôrças entaladas, que esmagam, aleijam e estropiam, sem defeza possível.

Tem sido tudo combates de cilada, verdadeira guerra traiçoeira com guerrilhas extremamente móveis, que fugindo sempre diante das fôrças, as vão arrastando na perseguição para os lugares mais apropinquados à traição, mais ásperos, áridos e faltos de água, onde as tem massacrado aos poucos, depois de as reduzirem pelas privações, ao mais miserável estado.

O alemão, disciplinado e teimoso, tem aprendido à sua custa e, tirando proveito da lição, vai-se tornando mais cauteloso; veem mais e mais reforços, boa gente, bem tratada, bem alimentada (em tudo se compara com o nosso triste expedicionário, que só pela racial valentia se aguenta e vence a cair de fome e de doença!!!); instruidos pelos que já na dura luta tomaram ensinamentos proveitosos, êles aí vão, agora devagar, fazendo guerra de morte, sem tréguas nem quartel, abrindo poços, construindo fortes, estendendo linha férrea...

Fazem atrocidades; vingam os seus mortos, ôlho por ôlho, braço por braço, dedo por dedo, vida por vida, sem um perdão que não devem dar, sem distinguir sexos, idades, côr ou afinidades!

É a guerra, é a conquista da areia, da pedra, da sêde e da febre à primeira vista; mas, realmente, é a porta aberta, é uma entrada para... o futuro talvez o diga aínda em nossa vida!

Há diamantes no baixo-Cubango, há ouro, há... eu

sei lá o que haverá?! O que há por aí em tôda a África: muita riqueza...

É geralmente muito árido tudo; as ravinas são sêcas e pedregosas, tornando-se torrentes impetuosas com as chuvas, e... depois tudo seca novamente.

Quási não há um fio de água corrente na maior extensão do actualmente ocupado, nem durante muita légua se encontra um palmo de terra, onde possa germinar um grão de semente.

Em vários fortes, os oficiais mandam vir de longe caixotes com terra boa, para cultivarem qualquer mimo. Pode ver-se com freqüência em vasos, caixas e latas velhas, pés de alface, de ervilha, feijão, uma couve, salsa ou qualquer outra planta de horta, cultivada com tanto carinho, junto das janelas da residência, como se cultivassem as mais mimosas flores.

Apesar da ingratidão da terra os fortes são bem mantidos, alguns mesmo bonitos: a apreciáveis distâncias os maiores, com oficiais a comandá-los e bem guarnecidos; entremeio, outros menores comandados por sargentos com a fôrça correspondente e aínda, entre êsses, a cortar a distância ao meio, pequenos postos de patrulhas.

A ligação entre todos é feita constantemente por patrulhas a cavalo que se encontram a meio do caminho, junto de um poste indicador, voltando cada uma ao ponto de partida, depois de se transmitirem, tudo que de interessante saibam. Emfim, uma ocupação perfeita e metódica, feita por forma a evitar qualquer surprêsa e conservarem-se todos em constante comunicação.

É a um dos postos principais desta linha de ligação, que te conduzo; o segundo ou terceiro para lá da fronteira oficial, indo de cá do território *neutro*. Há pouco tempo aínda havia nêle, como aliás em muitos outros e é freqüente encontrar-se em postos alemães, um avestruz

domesticado, boa pessoa. Existe freqüentes vezes entre as guarnições coloniais alemães, um qualquer animal domesticado, espécie de *mascotte,* que é pertença de todos e de ninguém. O nosso avestruz era um dêsses.

É provável que aínda viva até agora; quando ali estive, tive o gôsto de o conhecer pessoalmente. Nada de extraordinário; um avestruz como todos os outros, mas um avestruz que tinha e tem, se aínda fôr vivo, na sua vida uma triste história...

É essa história que me lembrei de contar-te, se estiveres para me dar atenção; história verdadeira, cuja veracidade me foi comprovada com documentos que pude ver com êstes que a terra há de comer!

Como disse, havia ao tempo nêsse posto um avestruz grande e bonito; dava por um nome qualquer arrevesado que me não lembra, mas que me disseram significar pouco mais ou menos *Lindinho.*

Passeava pela parada em liberdade, amimado por todos, oficiais e soldados. Só lhe não era permitido ultrapassar a vedação de arame farpado que circundava o forte, para evitar qualquer tentação que podia dar-lhe de alcançar por seu moto-próprio maior liberdade do que a que fruia, embora com menos mimos.

Pelo tempo, de dentro de diversas repartições e oficinas, desapareciam dia a dia vários objectos de somenos importância, como novelos de fio dos sapateiros, retalhos de fazenda e dedais dos alfaiates, boquilhas, alguns massos de cigarros, charutos e outras miudezas; faltou também um dia um rico canivete com cabo de madre-pérola, objecto de alta estima e pertença do major comandante; outro, uma tabaqueira com tabaco e mortalhas, dum alferes; muitos lenços de assoar, peúgas, sabonetes, alguns pincéis de barba, um carimbo do destacamento, um sinete, um anel de ouro e até um frasco de essência de lilaz, que

um môço tenente guardava aváramente dos camaradas, num momento de descuido, tivera a mesma sorte!!!

Fazer o rol completo dos desaparecimentos seria imensamente longo, creio mesmo que impossível!

Primeiro, desconfianças: depois, procedeu-se mesmo a averiguações, interrogatórios e buscas, mas nada se descobriu de elucidante. Seria êste? Seria aquêle? Foi algum dos que foram rendidos ultimamente? Ninguém atinava; todos vigiavam e andavam desconfiados, mas os roubos repetiam-se e continuavam quási todos os dias, sem que pudesse passar-se de desconfianças e sem que um só facto viesse pôr a descoberto qualquer pista...

O crime era muito grave no exército, todos o sabiam, podendo ser punido até com as penas máximas. Já tinham sido sovados alguns serventes indígenas, por desconfianças e para ver se apertados confessavam ou descobriam alguma coisa, mas nada, absolutamente nada!

Os criaturos tiveram que ser reconhecidos inocentes.

E o gatuno ou gatunos continuavam a viver naquêle meio tão restricto, sem ser possível descobri-los!...

Lá que o ladrão era de casa, parecia evidente, mas quem? Estavam as coisas nêste pé, quando um dia desapareceram da tesouraria vários documentos de responsabilidade e importância...

O caso tornava-se cada vez mais grave!

O oficial tesoureiro formalizou-se, requerendo acto-contínuo uma sindicância a sério; teve portanto o ocorrido que ser participado aos superiores do regimento ou brigada.

De seguida foi nomeado e mandado imediatamente um capitão encarregado de sindicar e proceder a sérias averiguações sôbre êsse caso e os outros que certamente com êle tinham relação. Verificou-se fàcilmente que nenhuma responsabilidade cabia ao tesoureiro no desapare-

cimento dos documentos, sendo no entanto castigado... por negligência!

Provou-se também que o gatuno, se era esperto para se ocultar, o não era igualmente para fazer as suas escolhas, pois que os documentos, aínda incompletos, embora de bastante valor, nada lhe podiam aproveitar...

Concluiu conseqüentemente o capitão sindicante, que o gatuno não podia ser oficial ou sargento, nem tão pouco servente de côr. Os primeiros, não desconheceriam o nenhum valor e a impossibilidade de utilizar em benefício próprio os documentos. Os segundos bem sabiam que papéis (mukandas), só aos brancos podem servir; para êles só para fazer cartuchos...

Quem podia ser então o gatuno? Só soldado europeu, que não sendo tão boçal como os segundos, o era bastante mais naturalmente que os primeiros.

E nada mais adiantou S. Ex.ª.

Durante a sua estada no pôsto nada mais de anormal se passou, parecendo propósito do gatuno privar S. Ex.ª o sindicante, de ocasião apropinquada de botar figura, mostrando sua perspicácia de investigador.

Chegado o dia de sua partida, formou a escolta de cavalaria que o devia acompanhar e alguns oficiais disponíveis montaram também a cavalo para acompanharem durante algum tempo o seu hóspede e camarada.

Á tarde regressaram os oficiais que tinham ido, devendo a escolta voltar no dia seguinte, visto ser obrigada a seguir com o viajante até ao pôsto Y..., onde devia ser rendida.

Pouco depois do regresso, um dos oficiais que tinha sido da *troupe,* foi dar parte ao major comandante, que de cima de sua mesa de trabalho, colocada junta da janela do quarto, tinha sido retirado o relógio e corrente de ouro que lhe pertenciam, durante a sua ausência.

O quarto tinha ficado fechado à chave, tendo-a êle mesmo levado no bôlso, por na ocasião da partida o seu impedido não se achar no forte.

O gatuno, positivamente, tinha apenas querido privar o sindicante de qualquer *mostra* do seu *trabalho,* durante a permanência ali de S. Ex.ª. Partido que foi o capitão, logo o gatuno reaparece!... Era para fazer pensar...

Foi ordenado o maior silêncio sôbre a ocorrência, emquanto se procedia a buscas e averiguações. Verificou-se que meia porta das persianas que exteriormente guarneciam a janela do quarto do capitão queixoso, como tôdas as janelas da residência, estava um pouco aberta.

Examinada, porém, com tôda a minúcia, chegou-se à convicção que assim devia ter ficado por esquecimento, pois nenhum vestígio tinha de ter sido forçada exteriormente por qualquer forma. O relógio fôra evidentemente retirado pela fresta, visto que estando a mesa encostada àquela janela, êle tinha ficado pousado dentro de uma pequena caixa, que agora estava caída no chão, sôbre essa mesa e ao alcance de qualquer mão que se estendesse cá de fora, como foi experimentado.

Foi testemunhado por outros oficiais, que habitualmente o capitão não usava aquêle relógio e corrente, não o usando nunca quando montava a cavalo, por preferir para isso um pequeno relógio de aço em estojo de couro, no pulso. Era em cima da mesa que lho viam quási sempre.

Assim sucedera também naquêle dia, como garantiam dois colegas seus que com êles estavam no quarto e sairam quando êle, saindo igualmente, fechou a porta. O relógio ficara em cima da mesa, onde estavam bem certos de o terem visto, tendo até um deles acertado o seu por êle antes de sair. Assim ficava inteiramente posta de parte a hipótese de o ter perdido em caminho. Nem vestira colete nêsse dia...

De averiguação em averiguação, ficou assente que indubitàvelmente tinha havido roubo e portanto mais uma vez provada a existência de um ou mais ladrões, dentro do forte.

Mas quem eram êles?...

Como se escondiam que nunca aparecia um indício, uma suspeita, mesmo levemente fundamentada que fôsse?

Eram sempre as mesmas preguntas, que até então tinham ficado sempre sem resposta!...

— Mas não! Agora era impossível!, dizia o major; é uma vergonha! Tem que aparecer o ladrão; há de aparecer! Hontem os documentos, hoje o relógio e então amanhã o que será?

— Não pode ser!, concordavam todos.

Ordem de prevenção rigorosa e logo que tudo recolheu ao forte, para assim se tornar mais fácil a vigilância, pesquizas, buscas e interrogatórios.

Ninguém deixou de ser interrogado e ninguém também tornou a sair do recinto fortificado ou a comunicar com estranhos, sem ser prèviamente revistado... Tudo foi rigorosamente rebuscado dentro do forte, mas nem um só dos diversos objectos desaparecidos há tempos, apareceu!

Tôda a residência foi também rebuscada de alto a baixo, não fôsse o gatuno, para despistar, esconder os roubos nos próprios quartos dos oficiais, repartições, arrecadações ou outras dependências dos graduados, habitualmente fechadas. Tudo resultou inútil e à vista de tal resultado, todos se convenceram que, muito embora o ladrão *fôsse de casa,* como tudo levava a crer, os objectos roubados eram certamente levados logo para fora dela...

Positivamente! Das buscas tôdas foi o que resultou; mas dos interrogatórios parece que qualquer coisa de mais palpável iria resultar, visto que já várias suspeitas, ao

menos aparentemente fundamentadas, iam recaindo sôbre um soldado de infantaria montada, com más notas já do civil e outras pouco elogiosas também durante o serviço militar; tinha mesmo sofrido alguns castigos e passava por incorrigível.

Era um dos rapazes mais novos daquela brigada, que uns diziam parvo, semi-idiota mesmo; outros, que tal se fingia para levar a vida... Era o soldado 832/1629, 3.ª Brigada — W. R.

Várias testemunhas afiançavam que êle se gabava com freqüência de *generosidades* que as posses de um soldado não comportam; que realmente o viam geralmente mais abonado que os camaradas; que fazia *franquezas* e compras várias, quando iam ao povoado mais próximo de licença, que tinham chamado a atenção de vários camaradas que as tinham presenceado, etc., etc.

Por outro lado, quando interrogado, por diversas vezes caira em contradições bastante graves. No próprio dia do roubo do relógio, tinha sido visto depois da saída dos oficiais, por muito tempo encostado à parede por debaixo do relógio da parada, que fica por cima e no intervalo de duas janelas; a do quarto de onde desapareceu aquêle e a de uma repartição...

Dava-se aínda a coincidência de nêsse mesmo dia, ter pedido a um camarada que devia sair de patrulha às três horas da tarde, para o deixar ir em seu lugar, o que realmente sucedeu, sem por tal substituição querer o habitual pagamento, que em idênticos casos costumam dar-se uns aos outros, quando não é simples troca de serviços.

Não ficaria assim explicado o desaparecimento imediato do relógio e corrente de dentro do recinto do pôsto?...

Saindo de patrulha às três horas e regressando os oficiais cêrca das cinco, tanto o roubo como a sua saída do

forte, podiam ter sido obra do soldado na ausência daquêles!

Também diziam vários, que durante os dias em que se procedera às averiguações e interrogatórios relativos ao desaparecimento dos documentos, lhe tinham ouvido dizer várias vezes, que na primeira ocasião que calhasse daria um tiro na cabeça ou se enforcaria...

Preguntado sôbre a razão porque o faria, respondeu encolhendo os ombros:

— Para acabar o meu fadário! Mais vale assim que esperar que me matem...

E muitas e muitas coisas de molde a comprovarem a sua culpabilidade, se iam descobrindo durante os interrogatórios a que diàriamente procediam.

Um dia mesmo, só por acaso, um camarada seu que estava de guarda, pôde evitar que realmente se suicidasse!...

Preguntado novamente pelos motivos que o levavam a matar-se estando aínda a tempo de provar a sua inocência, respondeu:

— Olhe, meu oficial: eu já há muito tenho uma coisa cá dentro que me diz sempre que hei de acabar mal! Por isso, se há de ser ó tarde que seja ó cêdo!

Cada vez embrulhava mais as respostas, quando era interrogado, sem no entanto perder a mais perfeita calma e boa disposição; comia perfeitamente.

Estando uma vez de conversa com vários camaradas, saiu-se com esta:

— Palavra! Quem soubesse que êste negócio dos papéis e do relógio lhes dava tanta freima, mais valia deixá-los quietos... Nem que as prendas fôssem de maior valia! Já ando tão farto de ouvir os «vidrósos» (nome de caserna dos oficiais, por causa do monóculo) que só queria acabar com isto...

— Fôsse comigo, volveu um camarada, não estava com mais aquelas; o que soubesse dizia-o logo! Confessava para ali tudo, e... pronto, ficava arrumado!

— Pois olha; lá por isso, meu lêsma, tu não és melhor que eu! Se tu o fazias, também eu... e pronto, arruma-se tudo! Bota-me para aqui já o major e verás como lhe canto; é um rufo!...

Todos ficaram pasmados a olhar para êle...

— É o que vos digo, ou pensam que tenho medo? É p'ra já!

— ?!...

— Oh! raios! Vocês ficaram lésos?

— Não homem; mas que estás tu para aí a dizer? Então tu negas e agora...

— E vai daí?... Neguei emquanto me deu na tóla e agora se me dá para confessar, que tem lá isso? Se há de ser ao padre, vai mesmo ao major, que até se parece aínda com o cura da minha aldeia! O mais é acabar com isto...

— Tu que dizes, diabo?!

— Pelos modos vocês ensandeceram...

— Nós ou tu?

— Raios vos comam! Então?... Salta major para um e ligeiro, *garrrzon!* Vamos a acabar com isto! Os diabos ficaram-se surdos!

— Vê lá homem... disso indeciso aínda o cabo da guarda que também tinha ouvido. Vê se sossegas!...

— Sossegar quero eu, mas é ó dipois!

— Então queres que diga ao nosso major? Isso é sério, oh! desalmado?!

— Desalmado és tu que te ficas aí pasmado, meu cabo da m...!

O cabo, perante tanta insistência, lá se resolveu e foi indo vagarosamente direito à secretaria onde àquela hora

devia estar o major. Em caminho, porém, parou e depois de pensar um bocado, fêz um gesto como quem tomava uma nova resolução e foi procurar o oficial de serviço...

Depois de vários preâmbulos, começou de contar-lhe o que acabava de ouvir. O oficial, porém, depois de começar por prestar-lhe atenção, mandou-o calar, dizendo-lhe que guardasse o recado para contar ao major, a quem ia participar o ocorrido.

Pouco depois era chamado o cabo à presença do major, a quem relatava miudamente o que tinha ouvido.

— O homem bebeu?, preguntou o major.

— Nem água, meu comandante.

— Então está doido?

— Isso pensamos nós, mas parece que hoje está até mais fino que nunca.

Reunidos os oficiais do conselho, foi mandado vir o 832. Apresentou-se perfeitamente calmo, perfilando-se correctamente em continência até que lhe preguntaram, aparentando nada saberem:

— Pediste licença para falar ao nosso comandante?

— Sim, meu oficial.

— Diz o que queres.

— Confessar...

— O quê?...

— Confessar, se dá licença...

— Fala.

— Para acabar com isto, devo dizer ao meu comandante que fui eu que roubei tudo isso que para aí dizem: queira preguntar...

E com a maior calma foi respondendo a tôdas as preguntas, explicando pintorescamente como tinha tirado o relógio, os documentos, dedais, sabonetes, carimbo e tudo o mais que se lembraram de lhe preguntar!

Gabou-se até de ter furtado muita outra coisa, fora e

dentro do forte, principalmente dinheiro, algumas quantias mesmo avultadas, não precisando nunca quem eram as vítimas. Preguntado nêsse sentido, respondia invariavelmente que não conhecia, que se não lembrava já ou qualquer outra evasiva.

Interrogado também sôbre o destino dado ao relógio e outros objectos furtados nada adiantou, além do invariável:

— Fiz dinheiro, derreti...

Apertado para dizer o que fizera aos documentos e para que os furtara, respondeu a rir:

— Oh! êsses foi por engano! Julguei que tudo era dinheiro; a boa porcaria! Aquilo foi logo p'ró fogo...

Assediado para que ao menos dissesse o destino que tinha dado ao relógio e corrente, respondeu entre irónico e agastado, fazendo com o polegar uma cruz sôbre a bôca aberta:

— Também era melhor! Êsse foi-se; foi alma caída no inferno e se dá licença, meu capitão (e fêz a continência, virando-se para o roubado, que assistia), sempre lhe direi que não tinha grande prenda...

O auditório pasmava do desplante com que o acusado falava, mas nenhuma observação lhe faziam sôbre isso, para que não perdesse a boa disposição em que parecia estar de falar.

Voltaram novamente à carga, insistindo para que indicasse ao menos sinais de algum dos habituais compradores e receptadores ou a forma porque conseguia fazer desaparecer os objectos roubados no forte, sem deixar vestígios.

Então agastou-se:

— Lá para aí, não tomo nada! Eu disse que confessava para acabar com isto. Ou acaba ou então... e fazia o gesto de segurar a bôca fechada.

— Mas quanto mais explicares, melhor, lhe disse um dos oficiais.

— Lá isso, não. Roubei, derreti, acabou! Nem mais pio, que lá o que foi feito das coisas, não sei nem me importa. Isso não é comigo...

— Mas então com quem é?

— Não sei, não sei e pronto! Já confessei o que tinha a confessar para acabar com isto. Não chega? Pois então... e com o polegar e indicador segurava os beiços, indicando que nada mais diria.

E nada mais disse, realmente...

Outras vezes que ainda tentaram interroga-lo, nada mais disse, limitando-se a responder invariavelmente:

— Já confessei o que tinha a confessar para acabar com isto, e... pronto.

Tôdas as suas declarações foram reduzidas a auto, sendo-lhe seguidamente lidas para que as confirmasse ou alterasse.

Ouviu tudo sem pestanejar, indiferente e sem dar uma palavra, quási adormecendo por vezes com a leitura.

Quando a certa altura, leram isto pouco mais ou menos,— «... que o acusado se negava a declarar a quem tinha vendido, etc., etc....» — êle interrompeu para dizer com mau modo:

— Eu cá não neguei coisa nenhuma! Confessei mas foi o que uma coisa cá dentro me disse que devia confessar; o resto não é comigo, já disse!...

E nunca houve forma de lhe arrancar outra explicação.

Emfim, a coisa no pé em que estava não demorou muito.

Reuniu o conselho de guerra da brigada e como tôda a colónia era ainda considerada em *estado de guerra,* o julgamento foi sumário...

— «... levando em conta, como atenuante, a confissão

espontânea dos crimes, que o réu fêz e confirmou até ao fim, em vez de exautorado e entregue ao poder civil, para ser enforcado, é-lhe concedida a execução militar por fuzilamento... » — dizia a sentença.

Nada se perturbou ao ouvir a leitura da sentença condenatória. Ouviu-a sem um estremecimento, correctamente postado em sentido, como se ouvisse ler alguma ordem de serviço, castigando-o com qualquer pena disciplinar. Quando no fim lhe preguntaram se tinha alguma declaração a fazer, apenas respondeu encolhendo os ombros:

— E foi para isto que não me deixaram matar!... Pois se eu sempre disse que isto aínda havia de acabar mal!... Se a velha o disse...

Conforme resa o auto respectivo, que vi, foi fuzilado o soldado 832/1629, 3.ª Brigada — W. R., na parada do forte Z... aos 5 dias do mês de Fevereiro de 189...

Segundo me disseram testemunhas presenciais da execução, conservou até à morte a mesma serenidade, sem nunca ter acrescentado nem retirado uma só palavra do que dissera sempre:

— Confessei, para acabar com aquilo e pronto. Sempre disse que havia de acabar mal. A velha que o disse...

Deixou uma carta, que na véspera da morte pediu que lhe escrevessem (era analfabeto) para a mãe; essa carta pouco mais dizia que êste final, aproximadamente:

— «... e adeus mãe, não se rale; ao menos pode-se gabar, que o seu filho F... morreu como um homem, para ficar notável (!!!).

Seu filho soldado

F...

*

* *

Durante o tempo que o 832 esteve prêso até à sua morte, nenhum roubo foi praticado naquêle pôsto, o que plenamente parecia confirmar que estava realmente engaiolado o único autor de todos os que até ali tinha havido... Ao menos assim pensava tôda a guarnição, creio eu.

Igualmente se devia prever que, a não ser que novo gatuno lhe sucedesse, tinha terminado para sempre aquela série de roubos. No entanto não foi bem assim... Algumas coisas desapareceram aínda, pouco depois da execução do soldado. A guarnição dizia que a alma do 832 rondava pelo forte e os oficiais começavam a desconfiar que havia sócio do morto, que não tinha escarmentado com o exemplo dado.

Todos andavam vigilantes, embora calados, com vontade de apanhar o melro para o mandar ter com o sócio, se pudesse ser no mais curto praso, o que aliás era justo.

Pouco mais de uma semana depois do fuzilamento, estava o alferes farmacêutico sentado à sua mesa de trabalho na repartição que servia de farmácia e de costas voltadas para a janela que dava para a parada. Junto dessa janela havia uma grande mesa, onde se enfileiravam frascos e garrafas, pacotes e caixas várias, contendo medicamentos e drogas.

Era sôbre ela também que estava a balança e algumas garrafas vazias aguardando a receita que lhe era destinada e aínda por aviar.

Á hora que era o sol batia de chapa daquêle lado, razão porque as persianas se conservavam apenas entreabertas.

Uma fita estreita de sol começou de brilhar e a alar-

gar-se na parede fronteira à mesa em que escrevia o alferes, chamando-lhe naturalmente a atenção, visto que antes nenhum sol ali batia. Alguém abria devagar a persiana, pois brisa nenhuma corria àquela hora, que pudesse fazê-lo.

Quem se arriscaria com um calor daquêles a arrostar com o sol, que dardejava então os seus melhores fogos das duas horas?

Uma sombra esguia como um braço, desenhou-se a negro sôbre a fita branca de sol, projectada na parede... O alferes, imóvel, sem se virar, atentava interessado. Aquêle braço alongava-se; certamente avançava pela fresta da persiana aberta, para o interior. Agora tornava a diminuir, mas na extremidade a sombra modificara-se e a parte que parecia a mão fechada segurava qualquer coisa mais volumosa.

É o gatuno! Foi a sua primeira ideia. Julgando chegado o momento oportuno de o apanhar, o alferes virou-se de repente ao mesmo tempo que se levantava. Alguma coisa desaparecia realmente pela fresta da persiana entreaberta; um braço, com certeza, levando um pacote encarnado dos que estavam sôbre a mesa. Precipitar-se para a janela e escancarar com um empuxão valente os dois batentes das persianas, foi um momento...

Em frente, assarapantado, engulindo apressadamente qualquer coisa volumosa, estava *Lindinho,* o avestruz!

— Ah! Bruto!, exclamou o alferes, que te leva o diabo com alguma droga! Que diabo me comeu esta cavalgadura?...

E emquanto assim falava, procurava descobrir o que lhe faltava em cima da mesa.

— Aínda se foi algum purgante?!, resmungava, inventariando; mas não. Purgantes, presente. Algodão hidrófilo, presente. Subli... Ai! o bruto!, que comeu o pacote das

pastilhas de sublimado corrosivo! É isso... pacote encarnado...

E correndo à prateleira respectiva:

— Três, seis, nove e um dez... É isso; foi o que eu tirei daqui há bocado. Não há dúvida: eram onze, estão dez...

E chegando à janela assobiou de rijo. O cabo apareceu.

— Impedido à farmácia!, disse e ficou-se à espera, a ver o passaroco que se afastava, olhando aínda para trás desconfiado.

Daí a momentos perfilava-se o impedido.

— Vai dizer ao doutor que o chamam na farmácia.

Só após um bom quarto de hora de impaciente espera, é que o médico apareceu, redondo e vermelho, com todo o seu vagar.

— Então?...

— Um caso grave, doutor.

— Sou todo ouvidos, disse, sentando-se pachorrentamente.

— Essa jóia do major, palmou-me um pacote quási completo de pastilhas de sublimado corrosivo; aí dose para cêrca de um almude de água...

— Hom'essa?!

— E comeu tudo de uma só vez.

O médico pulou na cadeira, em riscos de a rebentar com a sua rotundidade:

— Você está doido! O major?!

— Ah! ah! ah!, gargalhou o alferes; qual major? A jóia, a jóia do major, o *Lindinho*.

— Arre! Você tem cada uma!...

— É o que lhe digo.

— Pois sim, sim, mas é o passaroco; senão, era de uma vez um major...

— Outro tanto não digo eu; se fôsse o major, ia-lhe

ao entêrro, mas o raio do bicho? Se o major sabe, diz que foi propósito e o menos que faz é transferir-me logo para as profundas do inferno... pelo menos.

— O bruto não tem perigo... Há quanto tempo comeu êle o petisco?

— Quando o mandei chamar.

— Como foi isso?

O alferes contou-lhe tudo como se tinha passado.

— Vamos a isso, disse o médico; eu mesmo opero êsse diabo. Um saco pela cabeça e mande-mo amarrar que eu volto já. Emquanto digere os invólucros, não corre qualquer perigo e embora digam que a digestão do avestruz é extremamente rápida, não há de ser tanto como dizem...

Manso como era, foi o avestruz fàcilmente engodado por um soldado, emquanto outro já preparado lhe enfiava um pequeno saco pela cabeça.

Como se sabe, êste animal desde que tenha os olhos tapados, fica perfeitamente à mercê; quando em liberdade se vê perseguido por qualquer inimigo e encontra uma pequena moita onde só lhe cabe a cabeça, ali a esconde deixando todo o seu grande corpo de fora e de olhos fechados aguarda os acontecimentos.

A sua ingenuidade (1) (?) é tal que, como êle mesmo não vê, julga-se perfeitamente escondido e aínda que sinta aproximar o inimigo não se move, na persuasão que êle passará adiante sem dar pela sua presença. Assim, depois de metida a cabeça no saco, fàcilmente o amarraram e deitaram ao chão, no lugar de antemão indicado pelo médico para tal fim.

Devido à incorrigível verbosidade do médico a notícia

(1) Êste animal é de uma estupidez pouco vulgar.

correu rápida pelo forte, de forma que dentro em pouco todos os oficiais estavam reunidos em volta do paciente, médico e seus acólitos... Pelas conversas dos oficiais, dentro de alguns minutos tôda a guarnição sabia também do precalço sucedido ao bicharoco:

— Comera um pacote cheio de veneno e não o levara logo o diabo, como seria se criatura humana fôsse...

Tratava-se de abrir-lhe o papo, despejar-lho e lavando-o tornar novamente a cose-lo com pontos naturais, operação de que nem mesmo chegaria a ressentir-se... Era ao menos o que dizia o doutor, emquanto com tôda a sua habitual fleugma e perante a atenção de todos os espectadores da scena, ia procedendo à operação.

Quando, porém, depois de aberto, ia proceder ao despejamento daquêle grande saco, teve esta exclamação, que fêz apertar mais aínda o círculo de *mirones:*

— Vejam vocês o que aqui vai!...

E sôbre um pano branco que mandara estender no chão para êsse fim, começou de despejar tudo que de dentro ia retirando, de mistura com alimentos indigeridos aínda na sua maior parte. Saiam coisas extraordinárias: ferro, madeira, trapos, papéis, um dedal e resíduos de coisas de mui difícil classificação.

O médico que inventariava, observou:

— Trata-se bem e o *gajo* é apreciador de bons bocados; até dedais... para sobremesa!...

— E trapos...

— E um carrinho de linha...

— É uma alfaiateria completa!

— Só lhe falta uma tesoura e agulhas...

— Mas tem um canivete.

— Alto!

— ?!...

— Será o do major?

— Que ideia?!

— Quem sabe?

O médico suspendeu o inventário emquanto se discutia e examinava o canivete...

— Chama-se o major.

Foi realmente resolvido por unanimidade chamar o major, para ver se reconhecia o seu canivete naquêles restos polidos e gastos de metal.

— Foi-se a madrepérola e o metal ia indo também, mas é o próprio...

— Será outro?

Era bem o seu canivete, não restava a menor dúvida; reconhecia-o pela marca aínda legível e pela ponta da lâmina partida.

— Mas, observou o major, isto é um caso muito mais sério do que à primeira vista parece... Aqui temos mais um ladrão com que não contáramos.

— Realmente..., concordaram todos os presentes.

— É um verdadeiro armazém de ferro velho...

— Vamos devagar, acrescentou o major, rindo, pode ser que tenha algum depósito de diamantes, colhidos no seu tempo de liberdade...

Nesta altura gritava o médico:

— Cá está o sublimado!

Efectivamente aparecia o pacote quási intacto, que foi entregue ao alferes farmacêutico.

— Desta o salvei eu... Que diabo é isto agora?

— ?!...

Polidos como um espelho e de mistura com detritos de tôda a espécie, apareciam muito gastos, a caixa interior e o maquinismo de um relógio.

Da capa exterior de oiro já quási nada restava; no entanto, o mostrador esmaltado conservava a marca da fábrica e a tampa interior, de oiro também e um pouco

mais poupada, conservava por dentro bem legíveis aínda, o número de ordem e as iniciais do capitão a quem tinha em tempo faltado o relógio, acompanhadas da data do seu aniversário natalício em que lhe fôra oferecido por... alguém. O relógio tinha, portanto, sido roubado e engulido pelo avestruz, da mesma forma que naquêle dia tinha sido roubado e engulido o pacote de sublimado corrosivo, que dera causa à operação denunciadora a que se estava aínda procedendo...

Resumindo: chegou-se à conclusão, depois de bem lavar e examinar cuidadosamente todos os detritos, que a corrente tinha sido também devorada por aquêle tubarão bípede; de maneira que, sendo êste o único receptador dos objectos desaparecidos, pregunta-se naturalmente:

—E quem foi então o ladrão?!...

Decerto que o 832 não ia roubar o que apanhava a geito, só pelo prazer de tudo fazer engulir ao avestruz... que, demais, tão habilmente se sabia tirar de dificuldades, como aínda agora mostrara, palmando o pacote de sublimado... Mas nêsse caso, como diabo se confessara o soldado autor de todos os roubos, obtendo assim o fuzilamento?...

— Era um doido ou um sugestionado? (1)

A justiça alemã, à vista do relatório do major, feito sôbre a *autópsia* do *Lindinho,* considerou o soldado 832 ilibado de tôda a culpa; ordenou a sua reabilitação pública, condecorou-o (!!!) pela sua dedicação e coragem (!!!) e votou uma pensão vitalícia, a favor da mãe do fuzilado de 189... Quanto à pregunta as opiniões divergem...

Damaraland, 189...

---

(1) As referências que o soldado faz,— ao que a «velha» disse —fazem supôr que alguma pseudo-bruxa (ou cigana) lhe profetizára —fim trágico. — *(N. do A.)*

INGENUIDADE

(ÚLTIMA CARTA)

INGENUIDADE

(ÚLTIMA CARTA)

Não tenho já qualquer dúvida: a minha partida é certa e para muito breve...

Tudo está preparado. Carregadores convocados para a grande viagem e se não surgir qualquer grosso contratempo inesperado (o que não me parece provável), espero que dentro de cinco, seis dias, tudo estará reunido e a postos no acampamento (ponto de reunião) para a partida definitiva.

Portanto, esta carta será a última da *Série* e só volverei a dar-te notícias minhas quando voltar... se tal suceder e não fôr patranha, como na *Gran-Duquesa*...

— Quando volto?

— Para onde vou?...

São duas preguntas que me fazes, à primeira vista bem simples, mas às quais, francamente, te não sei responder. A resposta à primeira só a Deus pertence... e à segunda podia talvez responder falando verdade ou, pelo menos, julgando faze-lo, mas, na realidade... nem eu mesmo sei.

Vou... Chegarei? Voltarei? Não sei.

A alma, mais que o corpo, pede movimento, vida... até acabar. O *conhecido* cança-a, enerva-a; portanto, tran-

sijamos buscando novamente o *desconhecido,* o novo a cada momento, o inesperado; e por aí o hei de encontrar, estou certo, mais aqui, mais ali ou... por tôda a parte.

Mas consideremos isso como matéria mais que suficientemente discutida e vamos a uma passagem desta tua última carta, que, muito embora com o pé já no estribo, não quero deixar sem resposta, para que não fiques durante tôda a minha ausência ou sempre talvez, a mal julgar êstes coitados que afinal são nossos primos; filhos de Cham, são, portanto, sobrinhos do nosso pai comum, *post diluvium*, Japhet...

Não duvides: o que te tenho dito desta gente é verdade. O gentio, instintivamente, não é mau como o julgam geralmente, nem feroz e sanguinário por natureza como o pintam.

É... selvagem, simplesmente; mas podes crer que mesmo assim, é muito melhor que nós outros pseudo-civilizados, que nos temos na conta de bons... Estou convencido e poderia apresentar muitos factos comprovativos de que o gentio de Portugal é muito pior que o seu homónimo da África.

O gentio preto faz tropelias de quando em vez, é verdade, mas porque as faz? Porque nós, usurpadores de suas terras e liberdades, dêle abusamos *barbaramente* e com *selvajaria* muito superior à sua, que pensamos justificar, dizendo que assim procedemos... por ser com êle.

Mas não é verdade... porque se fôsse, não nos mostraríamos bárbaros e sanguinários nas nossas próprias terras, como freqüentes vezes fizemos, fazemos e havemos de fazer por *omnia sæcula*...

O gentio, só depois de muito espesinhado, roubado e violentado, se revolta contra o europeu, a quem geralmente acolhe bem e não prega partidas, senão depois de lhe darmos o exemplo...

E qual é o mais paciente, o mais borrêgo, que vendo a sua casa ocupada por um intruso que lhe *bate o pé* a cada momento, não acaba por revoltar-se ou ao menos tentar correr com êle?

Mas isto de revoltas de gentio e gentio revoltoso, é vaso mal cheiroso em que não convém mexer muito... Adiante.

— Mas o gentio preto, também muitas vezes ataca e chacina o europeu e suas comitivas, só para roubar, dirá alguém.

— É verdade, respondo eu, mas permitam-me também uma preguntazinha:

— E em Portugal, na Europa e nas três Américas (para só falar dos civilizados) não se roubou, rouba e roubará *malgré tout,* furiosa, atrevida e descaradamente, matando a torto e a direito com os maiores requintes de malvadez e verdadeira ferocidade?

— ?!...

— Então quem se julga com direito de atirar a primeira pedra?

Parece melhor, não pôr mais na carta..., e terminar, lembrando aquêle dizer do nosso povo:

«Tu que sabes e eu que sei...»

Entretanto sempre vou fazer mais uma pregunta, à qual não darei, porém, qualquer resposta, para que cada um lha dê consoante sua consciência... se a tiver:

— Porque será que todo o gentio, povoador de regiões que de data mais remota são ocupadas e habitadas por nós e que, portanto, mais civilizado devia ser com o nosso *exemplo* e convívio, é muito mais malandro, velhaco, ladrão e revoltoso que o dessas enormes e populosíssimas imensidades do Interior, por onde apenas algum desgarrado e desprotegido europeu se arrisca?...

Eu, em verdade, te digo: mal por mal, antes me quero

só, com o gentio das paragens mais remotas do sertão, do que em boa companhia, com o *calcinhas* das regiões ocupadas ou com o nosso... gentio branco.

Tu sabes, porque bastas vezes to tenho dito já: para mim o gentio é uma criança grande e... preta. Como tal o tenho considerado sempre, como tal o vejo e ouço, como tal o trato e com êle lido e posso garanti-lo, não me tenho dado mal.

A criança (uma criança pouco inteligente, se quiserem) é naturalmente ignorante até uma certa idade; o preto é-o normalmente tôda a vida, porque não o ensinam; e se fingem fazê-lo, é geralmente tão mal feito e enchendo-lhe a cabeça de tanta mentira e asneira, que o ensinam só a mentir, tornando-o muito pior do que é.

Educar, mentindo, é bem miserável educação!

Da mesma forma que a criança tem o instinto por único guia, emquanto o desenvolvimento intelectual lho não transforma e aperfeiçôa em claro raciocínio, o preto opéra só por instinto, mal chegando a raciocinar convenientemente, porque o seu desenvolvimento intelectual quási nulo, o não pode levar mais longe.

É mesmo estructuralmente apoucado de inteligência; por isso o predomínio desta sôbre o instinto animal, que na criança se vai desenvolvendo com a idade, mais ou menos ràpidamente, nêle quási não passa da *infância* e assim o preto entregue a si mesmo, fica criança tôda a vida...

É instintivamente mau, dizem.

Também a criança o é; por isso, se a não educarmos, teremos o menino malcriado sempre pronto a fazer mal, judiarias ao gato, ao cão, aos pardais, a quebrar os brinquedos por prazer, a bater nas criadas e a fazer perrices, espojando-se no chão e rasgando o fato, quando pensa não poder *vencer* por outra forma...

Batem-lhe de maneira que lhe dôa, acobarda-se e encolhe-se... até melhor ocasião de a pregar.

No entanto, há sempre na família alguém ou uma criada, que faz do menino *tudo quanto quer*...

— Porquê?

— Porque o sabe levar, dizem.

Se esta criança nunca fôr educada e fôr estúpida, que sucederá crescendo?... E, se pelo contrário, fôr inteligente?

Nêste caso encobrirá as faltas de educação, pela forma mais hábil que a inteligência lhe indique, mas no fundo ficará sempre... a mesma *peste*. Será um hipócrita a mais e um tiranete.

No primeiro caso, naturalmente, a criança feita homem será sempre um selvagem a quem a animalidade não domada nem educada, levará, ninguém sabe até onde ou a nenhures, conforme o seu instinto. Teríamos que considerar aínda as diversas influências do meio, contágios, leituras, etc., que no preto são sempre as mesmas e por isso a criança nêle prevalece quási intacta, com seus defeitos e qualidades. Dela conserva um grande fundo de ingenuidade, que geralmente não consideramos como tal, chamando-lhe velhacaria ou qualquer outra coisa...

A velharia do preto é a finura saloia, a pseudo-esperteza do macaco, filha legítima de sua habitual estupidez e que na maioria dos casos, a não ser nas suas relações com os patrícios e iguais, lhe é mais prejudicial que proveitosa, desde que se saiba utilizar como boa arma que é, contra êle próprio.

É o tal caso — de o saber levar...

Pulso firme, sem violência; vontade de ferro, sem despotismo; o maior espírito de rectidão e justiça em todos os nossos procedimentos e relações com o preto; o indispensável critério para respeitar os seus direitos,

ficando assim salvaguardado o direito de lhe exigirmos o mesmo; a bondade ou bom senso preciso para lhe perdoar o que só da sua boçalidade é produto e com pouco mais teremos o segredo de nos prestigiarmos em todo o sertão, não devendo nunca esquecer que nada devemos prometer, nem nunca devemos ameaçar, sem a ideia e certeza absoluta de podermos cumprir qualquer das coisas.

Vale muito mais uma bofetada só, dada a tempo e com razão, sem ter sido prometida, do que trinta tiros... dados só com a bôca. Parecem *frioleiras,* mas são coisas da maior importância, cujo cumprimento ou inobservância pode comprometer ou salvar uma situação difícil, podendo de uma só delas resultar prestígio ou descrédito para o nóvel sertanejo.

Emfim, coisas que a prática ensina, que de nada te servirão se por aqui te não perderes um dia e que eu não sei explanar com a clareza e precisão que requisitam, para chegarem a ser interessantes ou pelo menos suportáveis.

Basta, portanto, de considerações e voltemos à ingenuidade natural do preto, não para te fazer novo *espiche,* mas simplesmente para te contar uma anedocta, que ao próprio gentio ouvi e que creio dar uma flagrante amostra desta sua qualidade, que vista por outro prisma pode até chamar-se... palermice.

Sabes que tôda a comitiva de carregadores transportando cargas de europeu, entre o litoral e o planalto ou entre êste e o sertão, tem o seu *quessongo,* que é o capataz da *tropa,* o chefe, o responsável por cargas e carregadores.

Como tal e para o distinguir, além de receber qualquer pagamento extra-contracto e algum *bandjar* ou *bicáto* (presente, gratificação), o homem não transporta geralmente mais que uma pequena carga ou mesmo nenhuma, sendo o encarregado de levar a correspondência,

que depois de convenientemente embrulhada, entala na ponta de um caniço, prèviamente aberto até meio.

Ora um dia, contam êles, seguia de Benguela para Caconda, uma comitiva com seu respectivo *quessongo* levando a *mukanda* e cujos carregadores transportavam sacos com arroz, açúcar, café e mais géneros de mercearia, para um negociante daquela vila sertaneja.

O *quessongo* era homem fiel e cônscio da sua responsabilidade; os carregadores também não eram maus rapazes, incapazes mesmo de roubar uma jarda que fôsse da fazenda do branco; tudo boa gente...

No entanto, a matutagem (comer para o caminho) que levavam do Náno (interior) para Benguela (ôn-Baka) esgotara-se na ida e para o regresso, o branco lá em baixo dera tão mesquinha pitança e tão poucos gastos (miudezas, sal, pólvora, etc., que servem para comprar comida no caminho ao gentio que se encontre) que todos vinham tão esfomeados e fracos que iam vendo poucos geitos de arribar cá cima, com cargas tão pesadas como aquelas eram.

Ora a fome é negra, dizem, que eu, embora tenha tido com tão ruim companheira íntimas relações por várias vezes, aínda não consegui toscar-lhe a côr...

Mas o pior é que também dizem e lá isso é uma grande verdade, que a mesma *senhora* é também ruim conselheira... Seja como fôr, a verdade é que os nossos homens, sem excluir o próprio *quessongo,* vinham mesmo como sói dizer-se, de barriga pegada às costas...

Ora lá diz o ditado que *saco vazio não se aguenta em pé;* salvo a comparação e bem pensado, não é de pouca dificuldade tal equilíbrio...

Ao primeiro acampamento a seguir, chegaram os homens já tão sem fôrças e coragem para ir mais além com as cargas, que logo puseram seu *ultimatum*...

Ou o *quessongo* lhes dava com que comprassem o indispensável para mitigar a fome ou iriam roubar mandioca nos campos alheios, a correr o risco de serem presos pelos donos, ficando as cargas do branco em refens ou abandonadas, à mercê do primeiro ladrão.

Mas o mofino do *quessongo,* que tinha tanta fome como êles, que poderia dar-lhes de gastos para comprar comer, se todos os seus recursos estavam tão esgotados como os dêles? As partilhas tinham sido tão irmãmente feitas, não era outro seu costume, que nem *mota* (1) (conta, missanga) coubera a mais no seu quinhão!

Chamou-os, portanto, todos à fala, para que, reunidos em conselho, entre si resolvessem o que melhor convinha fazer em caso tão apertado, como era êste em que se viam. Discutiu-se acaloradamente; ponderaram-se os prós e contras de vários alvitres apresentados, sem se atinar com uma só solução, que, sem perigo para a integridade das cargas alheias, garantisse um certo conchêgo e bem estar àquelas barrigas esmalmadas, afastando por um pouco a tal *megera,* que outra coisa não fazia senão segredar maus conselhos aos esfomeados.

É que o *X* daquela equação não era dos que se deixam apanhar às primeiras investidas... pelo menos naquelas alturas.

Estavam dando já bastante razão ao velho rifão — *Casa onde não há pão, todos ralham e ninguém tem razão* —, quando uma voz... mais alto se alevanta:

— Sem comida não podemos andar mais; ora não a podendo comprar nem roubar, morremos à fome ou fugi-

(1) *Mota* — também é uma moeda em curso (de cobre) no valor de quinze réis e usavam dizer para significar que não tinham nada: siquété ó mota — não tenho mota — por — nem cinco réis. — *(N. do A.).*

mos e abandonamos em qualquer dos casos as cargas do branco...

— Vamos embora!

— *Quessongo* que fique para as guardar!...

E o *chinfrim* reatou-se como cinzas sopradas pelo vento, azedando-se de mais em mais os «sueltos»...

— Alto lá!, exclamou a primeira voz pertencente a um mocetão que, apesar de novo, parecia ter bastante experiência da vida; o remédio é fácil e nada nos impede de recorrer a êle.

— ?...

— Levamos aí uns poucos de sacos de arroz e outros mantimentos; são grandes e um bocado que se tire em cada um, mata-nos a fome maior e nem por isso o branco dá por ela, desde que tornem a ficar bem cozidos como estão.

— Isso dizes tu, berraram os mais medrosos, que assim mesmo não eram os menos esfomeados, mas o branco adivinha tudo e quando lá chegarmos vamos todos para o calabouço e... toca a pagar sem bufar!

— Uátópi! (são brutos).

— Diz-lhe que somos! É que tu naturalmente tens muitos bois na tua terra, por isso *'uálônguka*, (te fazes esperto).

— Olha lá — disse outro a quem a ideia não parecia má de todo — e barbante (mikôlo) para tornar a cozer?

— Isso é comigo. Aqui — e mostrava a patrona — está fio dos brancos e agulha de enfardar que nunca me largam... ou vocês julgam que eu ando a dormir?

Realmente não dormia e mostrava à evidência, que não queria tal ferramenta só para vista...

O motim tendia a amainar e tudo levava a crer, que além do medo, nada impedia a maioria de aceitar de bom grado a solução. Se era mesmo a única palpável...

— E se a *mukanda* (a carta) vai falar ao branco?, observaram aínda alguns mais prudentes.

Fala, não fala, foi a discussão que se levantou durante algum tempo. Afinal venceu a maioria, que era de opinião que — «a carta falaria» — e que portanto era preciso cuidado com ela.

— Bom remédio!, gritou um.

— Qual?, preguntou uma dúzia de vezes ao mesmo tempo, receiosas aínda, mas já impacientes por ver terminado o *debate* para se passar à ordem do dia, que era matar a fome, fôsse como fôsse.

— Façam menos barulho e falemos mais baixo.

Momentos aínda, os ecos da floresta repercutiram grande falatório, até que aos poucos todos se foram sentando quási em silêncio, de roda do tal mancebo que tinha fio e agulha...

— Vamos a isso que é quási noite, disseram alguns a meia voz.

— O *quessongo,* disse o mancebo, vai para o mato, longe daqui com as cartas e lá se conservará de costas voltadas com elas embrulhadas nos panos, por forma que nada possam ver do que vamos fazer. Se assim não fôr, o raio das cartas vão dizer tudo ao branco, como é seu costume, e todos, sem excepção do *quessongo,* ficamos entalados.

— Omô-muên! (é assim mesmo), aprovaram todos à uma.

— É para já! Vai-te embora! Gritaram todos ao *quessongo.*

— Vê lá agora o que vais fazer...

— Esconde-as bem, senão...

— Os estafermos vêem, e...

— Era de uma vez...

— Vão contar tudo!

Tôdas estas frases cortavam o ar em alta grita, truncadas, incompletas, logo seguidas por outra e outras que se iam completando naturalmente...

Finalmente, lá foi o *quessongo* com as cartas, seguido aínda de longe por meio cento de recomendações como as anteriores.

Pois se do maior ou menor cuidado, com que o *quessongo* tapasse os *olhos* às cartas, dependia o êxito do empreendimento e a impunidade do roubo, como não haviam de esgotar tôda a série de recomendações? Tôdas eram poucas...

— Não voltes sem que te chamem, ouviste?, gritou aínda um.

— Éuá! (sim, está bem), respondeu já de longe a voz do *quessongo*.

Sobrevinha agora o embaraço da escolha... Que cargas se abririam?

Após várias discussões, exitações e teimas, abriram vários sacos de arroz e não sei de que mais, que depois de convenientemente *sangrados* para diversos receptáculos, foram recozidos cuidadosamente e de novo amarrados e emporcalhados, para que desaparecesse qualquer vestígio do assalto.

Finalmente, quando se julgaram suficientemente abastecidos para as primeiras fomes e tudo tinha voltado ao estado normal anterior, por forma a não despertar suspeitas, chamaram o *quessongo:*

— Itiuka! (volta).

Depois do seu regresso ao acampamento, apenas alguns arriscaram preguntas como estas:

— Não viu nada? Tapaste-a bem?, etc.

Era sempre a mesma preocupação: não fôsse a carta ver alguma coisa e falar...

A breve trecho os fogos crepitaram alegremente,

acompanhando o marulhar prometedor das panelas que ferviam. A conversa decorreu calma e pouco animada, emquanto o conteúdo das panelas se não transmudou em recheio de barrigas... Depois, animou-se um pouco, sem que, contudo, se prolongasse por muito tempo, dando, a breve trecho, lugar ao silêncio do sôno, cortado pelo ressonar mais ou menos cavernoso de algum dorminhoco.

Com o amanhecer veio o despertar bem disposto de uma noite bem passada e as marchas seguiram-se regulares e sem qualquer incidente notável ou digno de registo, até chegarem ao seu destino.

Nunca mais se falou no ocorrido.

Finalmente, um dia, a comitiva deu entrada no quintal do europeu a quem se destinavam as cargas. Emquanto o *quessongo* fazia entrega da *mukanda,* os carregadores desamarravam das cargas os *muankos* (paus compridos entre os quais são entaladas e amarradas para facilitar o transporte) e *bikuatas,* enfileirando-as ordenadamente no quintal como é da praxe, à porta do armazém e sentando-se emquanto o branco as não mandava trazer para a conferência e arrumação.

O momento perigoso aproximava-se, mas a confiança estampava-se claramente naquelas caras tisnadas. Terminada a leitura das cartas e algumas preguntas feitas ao *quessongo,* o branco chamou o primeiro carregador:

— Põe na balança.

Pesou, mandou arrumar e chamou outro. Outro e outro veio, pesando sucessivamente e mandando arrumar também; eram caixas de azeite, sabão, velas, sacas de açúcar, café, sal, etc.

Chegou por fim a vez aos sacos de arroz, cuja pesagem, por conveniência de arrumação, o branco guardara para o fim. Olharam enviezado uns para os outros e para

o *quessongo*, que em pé, junto da balança, nem pestanejava. Ia andar a roda.

Foi pôsto o primeiro saco na balança. O branco mirou, remirou, acertou a balança, tornou a acertar, tomou qualquer nota a lápis na factura que tinha na mão, mandou pôr o saco no chão ao lado da balança, mas nada disse.

— Venha outro!, exclamou, vendo todos parados e pasmados.

Segundo saco foi para a balança e a mesma mímica se repetiu por parte do branco. Antes, porém, de mandar retirar da balança êsse saco, chamou um seu serviçal e mandou fechar à chave a porta do quintal...

Um sobressalto percorreu os carregadores. Ninguém podia agora sair dali sem ordem do branco... Todos se olharam desconfiados, mas nem uma só palavra foi pronunciada; ouvia-se voar uma abelha que rondava as cargas de açúcar.

A pesagem foi-se arrastando lentamente até ao fim, sem que uma só carga mais fôsse arrumada, enfileirando tôdas no chão ao pé da balança, à medida que o branco ia tomando suas notas na factura.

A atmosfera fresca da manhã, porque era de manhã que se passava esta scena, pesava arrobas sôbre as cabeças daquêles homens, fazendo-os transpirar abundantemente como se tôdas as ardências do sol do meio dia caissem sôbre êles... Terminada a tarefa, o branco sentou-se pachorrentamente no prato da balança, dizendo com a maior fleugma ao *quessongo* apalermado:

— Estas cargas tôdas estão roubadas. Nesta falta tanto; naquela falta tanto; na outra o mesmo; e assim foi lendo pelas notas que tomara na factura e explicando em n'bundu tôdas as diferenças verificadas na pesagem, entre os pesos encontrados na balança e os mencionados na respectiva factura.

Um raio que caisse ali, não produziria maior estupôr naquelas criaturas que pareciam petrificadas. Minutos se passaram sem que um monossílabo só saisse daquelas bôcas, tôdas escancaradas pelo pasmo e terror...

De repente, um grito em unísono saiu de tôdas as gargantas, como se uma só mola soltasse as línguas ao mesmo tempo: — Vês?...

E, desentaramelados milagrosamente, todos à uma apostrofaram o pobre *quessongo,* numa saraivada de impropérios tão cerrada, que nem lhe dava tempo de responder.

O branco ouvia-os impassível, sem intervir na discussão, seguindo naturalmente aquêle sábio raciocínio: — *zangam-se as comadres, descobrem-se as verdades.*

Afinal o temporal mais forte amainou e um dos carregadores mais idosos, avançando para o *quessongo,* disse:

— Nós não te diziamos? Porque não escondeste bem a *mukanda* (carta) para ela não ver emquanto tiravamos o arroz? Agora aí tens o resultado!

— Mas eu escondi-a bem. Ela de forma nenhuma podia ver de dentro da minha patrona onde a meti, coberta ainda com o meu pano e estando eu sempre de costas voltadas para o acampamento até que me chamaram. Só se ouviu a conversa...

— Bem se vê! Se a carta nos não visse tirar o arroz, quem é que havia de vir dizer ao branco que êle faltava?

— Não sei, eu não tive culpa, defendia-se o mofino.

— Ai! Não, não tiveste! Pois se a carta até veio dizer ao branco quantas *taminas* (cestinhas) (1) de arroz nós tiramos em cada saco, como é que ela não viu?...

---

(1) Por kilos não compreenderiam, por isso se reduz a cestas do pêso aproximado. — *(N. do A.).*

— És um burro! És isto, aquilo, etc., etc.... e a saraivada de impropérios desabou novamente, com fúria dobrada sôbre o desgraçado. Não havia forma de defender-se. Se tivesse escondido bem a carta, por forma a impedi-la de ver o que se passava, poderiam tirar todo o arroz, sem que o branco desse pela falta, visto que estando o número de sacos certos e todos bem cozidos e sem buraco visível, nada os denunciaria... Só a carta podia falar e... falou, porque tinha visto. Contra isto...

O epílogo dêste episódio, foi bem simples: Pagar. Que nem com outro se conformaria o europeu, dôno das cargas.

Todos pagaram... porque comeram, mas o *quessongo* pagou mais do que ninguém, porque foi o único culpado da denúncia.

— Se não tivesse deixado a carta *ver!*...

*

* *

Basta, que os escoteiros que levam estas vão partir... e eu também.

Adeus, até...

Se voltar, muita Saudade mais trarei além da que já levo e então te direi d'Ela por atacado...

Kuango, 1915.

F I M

NOTAS EXPLICATIVAS

(TRADUÇÕES E EXPLICAÇÕES DE ALGUNS TERMOS E PASSAGENS DO TEXTO)

NOTAS

Ladrar língua de cão...

São geralmente chamados pelos europeus aqui residentes, *línguas de cão,* os diversos idiômas falados pelo gentio; daí naturalmente o dever chamar-se *ladrar* o falar qualquer dêles.

Chinganja

Pequeno passarito todo preto, vulgar em todo o interior, comparável ao nosso melro e que é o mais madrugador de todos, com seu canto alegre.

Kalunga

Para o gentio, é tudo que por sobrenatural na Natureza, escapa à sua compreensão: é a chuva, o raio, o trovão, o mar, o tremor de terra e até a morte.

O gentio usa muito dizer de quem morreu: F... foi, partiu (Uênda). Se lhe preguntamos para onde, responde imediatamente: — Ko-kalunga (para o incompreensível).

Morreu, é *uáfa.*

Não deve confundir-se com Deus, Criador, porque em várias línguas há outra palavra que o significa: *Suku* e equivalentes.

Macáca (makáka)

Da palavra n'bunda *á-káka,* sinónimo de *t'chingue;* barraca de forma cónica, feita de paus toscos e ramos cobertos de capim (côlmo, ervas sêcas ou verdes).

Chirômbo

Sinónimo de t'chibango, reunião de makákas ou t'chingues, o acampamento em geral.

Libatas

Aglomerado de *cubatas* formando povoação de gentio.

Chiriba (t'chiriba)

Armadilha de apanhar ratos, pássaros, etc.

Tupa ri óbe, etc.

São expressões fortes de mais para serem traduzidas.

Bamby

Êste pequeno Bushman, cujo nome é o de uma gazela, morreu durante uma epidemia de varíola. Tinha-me sido dado de presente pelo soba do Kuangari, a quando da minha última estada ali.

Va muéne féca

Os donos da terra, os seus habitadores, os que nela teem a sua residência e plantações.

Uálua u an puka

Literalmente traduzido — t'chimbombo de abelha —, garapa de abelha, hidro-mel.

Tipóiâ

Ó-anda, rede de transportar passageiros.

Quessongo

Chefe de carregadores, capataz preto.

Mukánda

Carta, bilhete, qualquer coisa que contenha dístico escrito.

Quinda

Ó-umba, cesto de feitio cónico, usado pelo gentio e por êle feito; de feitio, pouco difere de terra para terra.

Chipandéka

Nome próprio do homem.

Caningue (kaningue)

Ningue-lobo; cá ou ká-ningue, diminutivo depreciativo, com que o gentio geralmente o mimoseia.

Angála

Ou *angána* — senhor, patrão ou senhora.

Mutála

Cama, prateleira ou tarimba tôsca, feita de paus amarrados entre si, sôbre quatro estacas espetadas no chão.

Chihuculo (t'chihukulu)

Grande espécie de môchos, maior que o nosso *bufo*. É do tamanho de uma águia grande, amarelo pintalgado de castanho, pelo peito; quási branco por debaixo das àsas e castanho escuro no lombo, cabeça e parte superior das àsas.

Andam quási sempre em grupos de três a cinco, passeando muito tempo durante a noite pelo chão. Tem um canto triste, espécie de grito gutural, que se respondem entre si, produzindo um efeito bastante desagradável. É considerado pelo gentio, como grande agoiro.

Cuhánhamas

Não é de estranhar o grito soltado pela gente de Caconda; naquela povoação se tremia constantemente, com a ideia que em alguma de suas freqüentes incursões em territórios *mu-nános,* os *mu-kuhánhamas,* certos de sua impunidade, viessem até ali, não atacar, mas simplesmente chacinar e saquear os habitantes, em situação indefensável. Inexplicável é que o não tenham já feito...

Étchi ó hanga...

Isto é feitiço...

Nocheira

Parinarium mabola — Utcha; gigantesca e bonita árvore frutífera do interior.

Chêndo (t'chêndo)

Ou *Héndo,* fila de carregadores, comitiva, grande fila de gente em marcha.

Bikuátas

Miudezas, preparos de cama, panelas, etc., pertença do carregador.

Sáhulu (o «H» é aspirado)

É o tempo antigo; os tempos idos que nenhum dos vivos conheceu senão por tradição.

Chíuvíra

Tanto se aplica ao acto de beber qualquer bebida feita de água engrossada com farinha ao calor do fogo, para alimento, como à própria bebida. Deve traduzir-se por «tomar» quando se refira ao acto em si e «caldo de farinha» (?) à bebida.

Papas, não são, porque essas são chamadas *átête.*

Beber um líquido pròpriamente dito, é *kunhua.*

Luto

Grande colhér de pau, de concha redonda, para tirar comida das panelas e pirão.

Tamina

E-tamina, cestinho de forma cónica com pé ou da forma das nossas saladeiras, para pôr comer.

Lúico

Espécie de remo de pau, comprido, para fazer pirão; são do feitio de certas pás que por aí usam para mecher os doces no tacho.

Dimbe

Prato fundo, de barro preto.

Á lupólo!

Não tem verdadeiramente tradução; é como que o nosso — peço a palavra — posso dizer, a que respondem — luia ou luié — que quer dizer traduzido à letra: venha! dá cá!

Chanas

T'chanas, grandes planuras cobertas de gramíneas, marginando rios ou no interior das mais densas florestas.

Chindembere

Passarinho que vive em grandes bandos nas proximidades dos rios. É conhecido também por *Kandimba*, noutras regiões onde se falam línguas diferentes e onde são muito apreciadas as penas da cauda dos machos, para penachos de guerreiros e curandeiros.

É só no inverno que o macho se veste de nova plu-

magem, crescendo-lhe longas penas de um lindo negro-aveludado, na cauda, cinco, seis vezes maiores que o seu corpinho, tamanho de um canário.

Massango (penisetum)

Gramínea, cujo grão do tamanho e feitio do painço é escuro, produzindo igualmente farinha escura bastante.

Anhára

Quási o mesmo significado de *t'chána,* com a diferença, porém, que êste último nome, significa mais pròpriamente a planura «intra-florestas» e anhára a que se estende pelas margens de muitos rios, por vezes sôbre quilómetros de largura e muitas milhas de extensão.

Beinges e kuámbos

Cabaças de maior tamanho para carregar água ou conter outros líquidos.

É-kuámbo ou *ka-nhôngue:* cabacinha pequena com cabo de madeira ou natural, para à laia de púcaro, colher água aos poucos para beber ou encher aquelas.

Étéras

Pedras ou pedaços de barro duro, que servem de calços às panelas, para cozinhar nas fogueiras.

Ondálo (fogo)

Além destas e doutras maneiras de fazer fogo, usamos em último recurso, quando tôdas falham ou faltam por

completo, do processo gentílico de produzir fogo pelo atrito de dois paus. Êste processo não é fábula de Júlio Verne, como por vezes se pensa: é real e à falta de melhor, pode considerar-se prático.

São utilizados dois paus com qualidades diametralmente opostas: um dos mais rijos (pau ferro), o outro, de miolo tenro, devendo ser ambos extremamente sêcos.

No mais tenro, e aberta uma pequena cavidade circular, de cêrca de 1,5 c/m de profundidade e fundo sensivelmente achatado; esta cavidade tem uma pequena fenda lateral. saindo para o exterior, na qual se introduz uma espécie de isca de lichens ressequidos, pulverizando-os, comunicando por sua vez com uma mecha sêca também e maior, colocada exteriormente. Sôbre a cavidade fixa-se a ponta bem arredondada e lisa do pau-ferro, que deve ser direito, ter uns 20 c/m de comprimento e diâmetro um pouco menor que o da cavidade feita no outro, que deve naturalmente ser largo e achatado para assentar bem no chão e comprido o bastante para poder ser seguro pelas duas pontas.

Emquanto alguém segura bem êste, outro faz girar o mais rápida e contìnuamente possível entre as duas mãos espalmadas o pau-ferro até que o aquecimento se produza, acabando por se incendiar o miolo tenro do outro que propaga a combustão à isca sua vizinha da fenda, por onde vai pegar à mexa exterior... e vá de soprar, que nasceu o fogo.

Posso garantir a veracidade do facto, porque já com êste fogo me vi servido e aquentado por mais de uma vez.

ÉNI ÁCAINO, etc.

Estas frases, traduzem-se assim, por sua ordem:
—Eh! Meninas! O conto de ontem, eh!?

—É verdade. Apoiado!
—Queremos o conto!...
—Conta já!...

Mombuêro (chéraquéra)

Gentio do baixo (kon-buêro) Cunéne, margem direita, lugar do Chéraquéra; pertencia aínda ao concelho de Caconda.

Makaranganga (béu)

Makaranganga é um nome composto de duas palavras: Máka—ronha, velhacaria, manha e ganga—feiticeiro.

Bem pronunciado devia dizer-se, Maka-ri-on-Ganga, manha de feiticeiro, por ser desta espécie de kágado (o pequenino da água) que os feiticeiros aproveitam a casca, para trazerem ao pescoço com seus bruxedos, que servem para... intrujar a humanidade.

E vão lá dizer que o gentio é tolo...

Pisar a própria sombra

Um dos modos usado pelo gentio, para indicar a hora do meio-dia: ku-riáta ó t'chirérembia.

Suku

Suku e não kalunga: o meu Criador; o Ente invisível que me castiga ou ajuda. De kalunga já vimos o significado.

Nonga

Significa não só o tição de fogo aceso, como o grande pau, embora apagado, próprio e cortado em tamanho de servir de lenha.

QUE DESTACAVA SOBREMODO...

Pode parecer estranho que se diga que a gibóia, por causa da sua côr esverdeada... «destacava sobremodo naquêle scenário... por destoante»; é que, realmente, o scenário em que ora se encontrava, «aquela gibóia», lhe não era «propício», porque sendo ela verdegosa, era gibóia da beira-rio e, portanto, na floresta de côres muito mais sombrias, não está evidentemente no seu meio.

Êste meio, pelo contrário, pertence à sua congénere *Pithon* que tem côres apropriadas a tal scenário, visto que são sombrias também como êle: castanho-escuro e verde-musgo amarelado.

DAMÁRA Ó LUSSÁPU LU ANGUI KÓ TEMPO Á NINGUIRI...

Acabei a minha história do tempo de Ninguiri. — Ninguiri, personagem fabulosa que significa os tempos que ninguém conheceu... aquêles em que os bichos falavam, por exemplo.

MUPA

Palavra n'bunda que geralmente empregamos como portuguesa, para significar qualquer queda de água; usamos também o diminutivo mupazinha ou mupazita.

ARIMBOS

As plantações e terrenos cultivados pelo gentio. Lavras. Os campos.

Chimungombe

Nome próprio de homem. Êste é o tal preto caçador... que por tal sinal nunca caçava nada, a que me referi já mais longe.

Era de seu ofício carpinteiro e assistia geralmente em Benguela.

Goma arábica

Acácia albida-arbusto bastante abundante nas regiões arenosas e áridas, cuja resina, que purgam abundantemente os seus ramos e troncos, é a — goma-arábica — nossa conhecida para dissolver e fazer cola e que, como se sabe, é perfeitamente comível.

... Dois frutos ...

Não me recordo que frutos eram e na ocasião com certeza nem os conhecia. Talvez o *kassiki* vermelho? Tanto podiam ser inofensivos, como realmente sucedeu, como venenosos...

Obrigados a viver só da caça...

Viver só da caça é o mesmo que dizer: sujeitar-se a passar muitos dias sem comer... pois fácil é de compreender, que por muito abundante que ela seja, nem sempre o caçador a encontra e mesmo encontrando-a... nem sempre adrega de a matar.

No caso apontado deve aínda notar-se, que sendo uns quarenta homens a comer, apenas havia um que caçava verdadeiramente... matando.

Sem desprimor para o meu companheiro europeu, dêsses cento e sessenta e dois dias de abstinência forçada,

mas apenas para dar mais perfeita ideia, das incalculáveis privações que êsses quarenta homens foram obrigados a passar, devo dizer que, àparte a caça abatida por mim, que foi em quantidade e muita de vulto (eu caçava constantemente, dormindo quási diàriamente só, pelos matos), só foram mortos, um pato bravo e uma gazela pequena, pelo meu companheiro; dois *bambys*, três pintadas e dezassete passarecos diversos, pelo resto do pessoal, sem falar em bastantes... ratos de várias qualidades, como mápekes, óhumbis, ássubis, etc.

Pode acrescentar-se, que entre a caça grossa foram mortas duas leôas, um macho grande e dois leopardos, cuja carne não deixou de ser aproveitada...

Cacimba

Espécie de poço ou nascente funda, formando pequena lagôa; únicos sítios em que nestas regiões tôdas, onde não há um só ribeirito de água corrente, se encontra água, que, embora má quási sempre e mesmo salobra, porca e verde-negra muitas vezes, o viandante que é obrigado a percorrer esta «via-dolorosa», acha magnífica... quási Lombadas.

Patrulha

Estas patrulhas são sempre compostas de quatro soldados montados (infantaria montada ou cavalaria) com quatro cavalos de muda e comandados por um cabo ou idêntica entidade subalterna.

Raro os comanda o *feld-qualquer coisa* (sargento) e só quando se trata de patrulha encarregada de qualquer missão especial, é que dela toma o comando qualquer oficial de patente. Nêsse caso, porém, a patrulha deixa de ser patrulha para se chamar «escolta».

Para se fazer o elogio de todos êstes serviços militares, que afinal são todos os que aqui há, basta dizer que a sua organização é... alemã.

Isto sem qualquer paixão: é unicamente a verdade.

Cabo

Cabo da Boa Esperança e não Cabo Verde, como poderia pensar-se à primeira vista.

É desta nossa colónia, como é por demais sabido, que nós aqui em Angola importamos a maior parte das pilecas e garranos que nos servem de montadas. São realmente aqui os mais resistentes e baratos, sendo também os menos sujeitos à *horse-sikness* que junta com os «laparões», sarna e alguma mais rara pneumonia, liquidam quási todos os solípedes, não os deixando morrer de velhos, salvo raríssimas excepções.

Êste Cabo a que me refiro, é, como disse, a colónia inglesa da África do Sul, donde veem animais criados ali, de qualidades muito mais apuradas, mais possantes e maiores (quási marca, na sua maior parte e alguns mesmo de marca).

Êstes são cavalos e não garranos.

Ériamba

Ériamba ou Épangué, que nós chamamos *Kangônha*, não sei porque razão; desconheço mesmo a origem do termo, brasileiro talvez, porque nas línguas daqui nunca encontrei aínda, qualquer nome que assimilhando-se-lhe, pudesse dar-lhe orígem, aportuguesando-o.

A *kangônha* é uma planta, pequeno arbusto de fôlhas lanceoladas, parecidas com as do pessegueiro, que o gentio cultiva para aproveitar as fôlhas, que fumam em cachim-

bos especiais (narguilé) chamados *mutompas*, fazendo passar o fumo através de um depósito de água, contido no interior.

Estas fôlhas são fortemente opiáceas, produzindo no fumador os efeitos mais estupificantes e inconcebíveis, levando-o o seu uso constante ou abuso, até um estado de quási loucura, que o faz conceber e executar actos da maior desorientação e inconsciência.

O fumador de *kangônha*, chega com a continuação do seu uso, a um estado que só acho comparável com propriedade, por muito semelhante, ao do alcoólico, candidato a *delirium tremens*.

Onhi (môsca)

O l'ónhi, van-dzinzi (as môscas em geral), de qualquer qualidade que sejam.

Embora haja em África variedade enorme dêstes insectos, são quási tôdas conhecidas pelo mesmo nome genérico, como acima indicamos, conforme as línguas em que são ditos, n'bundo ou t'chiouko.

A própria tzé-tzé, não conheço nenhum nome especial, talvez por ser pouco conhecida de quási todo o gentio, que creio mesmo, lhe não atribue os malefícios de que realmente é autora.

Só de duas qualidades conheço nomes especiais: é o moscardo e outra môsca que entre nós não existe.

Ao moscardo, chamam — épupulo — e à outra, — cipa an gombe.

Êste último nome significa «chupa ou suga-boi».

É uma môsca enorme, maior que as grandes varejeiras, atingindo normalmente 2 c/m de comprido por largura proporcional.

É de côr clara-mosqueada e de grande cabeça aver-

melhada, munida de um fortíssimo ferrão cuja picada faz imediatamente sair o sangue, seja êle através do mais grosso couro de búfalo.

Onde aparece uma pequena nuvem desta especialidade, tôda a caça e manadas de gado ficam doidas, tresmalhando desorientadas sem haver quem as possa segurar.

As diversas varejeiras distinguem pelo nome genérico de: — *Ónhi i óssito* — môsca da carne.

Fumbeiros

Funantes (termo de importação brasileira?) pretos ou mulatos a quem forneciamos pacotilhas, para irem por êsse interior fora permutá-las por marfim, cêra, escravos, bois e outros géneros da terra e mais tarde por borracha.

Fumbêro, palavra n'bunda, deve derivar da palavra também da mesma língua — ku-funa — ir para o interior, a outros povos, fazer permuta de géneros; palavra que aportuguesamos (?) dizendo *funar,* ir à permuta pelo interior (náno), quer falando de europeus quer de mulatos ou pretos, filhotes da terra.

T'chitacaia

T'chita quer dizer Cento (100); káia — ou — ákáia — tabaco.

Mata

Pode ser deturpação da palavra *muata,* — chefe maioral.

Bissônde

T'chissonde — formiga vermelha; é uma palavra composta do prefixo *t'chi* e da palavra *sônde* (sangue), que

deve traduzir-se por: o de sangue ou o da côr do sangue.

Bissônde é um aportuguesamento da mesma palavra.

T'CHIHÚBI

Espécie de cêsto grande, redondo ou hexagonal, alto de cêrca de 50 c/m, que é transportado pelas mulheres de diversas regiões, às costas, suspenso da cabeça por meio de uma corda larga.

É dentro dêle que levam as cabaças cheias de água, lenha e tudo o mais que lhes aprás ou precisam carregar.

NHÁ OU NÃN

Esta partícula, que significa — mãe — só se emprega anteposta ao nome próprio.

O nome de mãe, como por exemplo, em minha mãe, a tua mãe, a mãe fulana, etc., diz-se por forma diversa.

Assim, em n'bundu, empregam correntemente a palavra mãe, com quási nenhuma diferença da nossa pronúncia:

— Mãe iangui — minha mãe.
— Mãe iôbe — vossa, tua mãe.
— Mãe iêto — nossa mãe.

Em lutchaze, amboela, etc., diz-se:

— Nána iandgi — minha mãe, etc.

Em t'chiouko:

— Máma iámi — minha mãe, etc.

E respectivamente — pai — nas mesmas línguas:

— Pai, taté ou tata, papá, etc.

Kuháhála

Nas palavras que escrevemos com — H — intercalado ou no princípio, é esta letra aspirada.

Tákula

Espécie de madeira vermelha, cujo cosimento dá uma bonita côr encarnada aos objectos a êle sujeitos.

A mulher denuncía

Quando isso se dá, é sempre fingindo que para bem servir a ganância e inveja (t'chipurulo) do marido o faz...

Má pangála

An-bass (amigo, amante, m. f.) tem o plural «va-pangála» e «van-bass», amantes, amigos.

Salgueirais

Não garanto que sejam salgueiros, sendo mesmo mais fácil garantir... que o não são, mas dão perfeitamente a ilusão dos nossos salgueiros na beira-rio.

Um grande estafermo...

Deve notar-se que o crocodilo, ferido dentro da água com menos gravidade, nela desaparece sem que o atirador possa perceber se o feriu ou não.

Porém, quando ferido de morte, dá acima da superfície da água uma verdadeira cambalhota, voltando completamente o enorme corpo por cima da cabeça, para cair

de costas com grande estrondo, desaparecendo ràpidamente nas águas.

Só cêrca de 24 horas depois, aparece já morto a flutuar.

Código ou regras...

Há regras destas, embora com pequenas diferenças entre si, nos povos de tôdas as raças.

Lobisomem

Ákissi-kissi, trundumba, birulu.

Lômbe

É-rômbe, qué-rômbe — o lômbe, no lômbe. Nas libatas onde assiste um soba (embála), há no centro uma palissada, geralmente circular, dentro da qual são construidas as cubatas onde êle vive.

A esta verdadeira *libata* dentro da outra *libata*, chamam o *lômbe*.

Ao contrário de *embala* (libata onde vive um soba), chamam-se seus *bicandjos* as outras libatas suas dependentes ou apaniguadas.

A *embala* é a cidade-côrte, as outras são as aldeias, a província...

Felisberto Guedes

Êste ilustre africanista, com cuja leal amizade nos honravamos, morreu ùltimamente em Lisboa. (N. do C.).

Fulo

Itira (vermelho) é uma côr que em algumas raças é vulgar nos homens e mulheres.

São geralmente bonitos tipos; a sua côr não é preta, nem tão pouco baça como em algumas raças, principalmente hottentotes, mas bronze-avermelhado, claro.

Entre si dizem-se *itiras* ou *ikussukas* (vermelhos) e nós chamamos-lhes *pretos-fulos*.

Alguns indivíduos são bastante claros, chegando a parecer mulatqs.

Kaniambaré

Era o nome gentílico porque o autor das «cartas» era conhecido no sul de Angola e parte do interior; a palavra é da língua kuhánhama, por cujo gentio fôra baptizado. (N. do C.).

T'chipa chon gandu

Nome de guerra que significa pele de crocodilo.

Mukanda

Êste nome, perfeitamente igual a *mukanda*—carta, escrito, dístico,—tem nêste mesmo a sua origem; quer significar que ali está escrito tudo que os rapazes devem aprender, para serem homens: ou por outra, que por ali devem passar todos, para *lerem* tudo que está escrito no grande livro da tradição, que é a memória de cada um que os há de ensinar e que por sua vez a ouviram de seus maiores.

MUXITO

É mata especialmente densa, formando geralmente *ilha* em meio de descampados, composta por árvores e arbustos que lhe são peculiares e em que predominam as acácias.

São tão enleiadas de trepadeiras e liames e tão eriçadas de espinhos, que dificilmente se deixam penetrar.

FIM DAS NOTAS

ÍNDICE

	Pág.
Dedicatórias e carta	1 a 10
Poucas palavras	13
Um gatuno... — (Triste fim de um leão) . .	15
Morto de susto? — (A peste)	27
Pelos acampamentos — (Casos, coisas e contos).	39
Ao acaso... — (Aspectos, curiosidades e... surprezas)	99
Uma espera — (Ir buscar lã...)	125
Maus dias! — Væ sóli!... (Ecl. IV-10) . .	139
Anchieta — (Algumas notas)	157
Os grandes inimigos miúdos — (África anónima)	175
I — Tzé-Tzé (Zimb)	182
II — O «Banho».	197
III — A Bitacaia — (Sarcopsyla ou pulex penetrans)	208
IV — O Bissonde.	217
Ellen... — (História triste).	229
Bons dias!...	247
Usos e costumes — (Através da vida gentílica).	253
A mulher	255
O cóio	285
Muéne-Gongóla.	293
Lindinho — (História de um avestruz) . .	319
Ingenuidade — (Última carta)	343
Notas explicativas — (Traduções e explicações de alguns termos e passagens do texto) .	361

UNIVERSITY OF N.C. AT CHAPEL HILL
00033373956